



INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

---

Sexualidades invisíveis: Cidadania íntima e bem-estar psicossocial na bissexualidade

Ana Mafalda Gayou Lima Reis Esteves

Doutoramento em Psicologia

Orientadoras:

Doutora Carla Marina de Matos Moleiro, Professora Associada,  
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Doutora Ana Cristina Alvarez Caiano da Silva Santos, Investigadora  
Principal com Habilitação no Centro de Estudos Sociais da  
Universidade de Coimbra

Dezembro, 2025



CIÊNCIAS SOCIAIS  
E HUMANAS

---

Departamento de Psicologia

Sexualidades invisíveis: Cidadania íntima e bem-estar psicossocial  
na bissexualidade

Ana Mafalda Gayou Lima Reis Esteves

Doutoramento em Psicologia

Orientadoras:

Doutora Carla Marina de Matos Moleiro, Professora Associada,  
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Doutora Ana Cristina Alvarez Caiano da Silva Santos, Investigadora  
Principal com Habilitação no Centro de Estudos Sociais da  
Universidade de Coimbra

Dezembro, 2025



Departamento de Psicologia

Sexualidades invisíveis: Cidadania íntima e bem-estar psicossocial na  
bissexualidade

Ana Mafalda Gayou Lima Reis Esteves

Doutoramento em Psicologia

Jurí:

Doutora Joana Isabel Soares Baptista, Professora Auxiliar do Iscte-  
Instituto Universitário de Lisboa (Presidente)

Doutora Maria Eduarda Pereira da Costa Ferreira, Professora Auxiliar  
da Universidade Nova de Lisboa

Doutor Miguel Ángel López-Sáez, Professor Associado da Universidad  
Rey Juan Carlos (Espanha)

Doutor João Manuel Calhau de Oliveira, Professor Auxiliar Convidado  
com Agregação do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Doutora Carla Marina de Matos Moleiro, Professora Associada do Iscte  
– Instituto Universitário de Lisboa

Dezembro, 2025

**Sexualidades invisíveis: Cidadania íntima e bem-estar psicossocial na bissexualidade**

Ana Mafalda Gayou Lima Reis Esteves



*À minha família, pelo amor e apoio incondicional.*

*À minha avó Jacqueline por me mostrar que a determinação  
é parte do caminho....*



## Agradecimentos

A realização desta tese constituiu um percurso exigente, marcado por descobertas, dúvidas, encruzilhadas, desvios e aprendizagens profundas. Nada disso teria sido possível sem o apoio, a presença e a generosidade de muitas pessoas e instituições, a quem deixo aqui o meu sincero agradecimento.

Em primeiro lugar, agradeço à minha família de origem. Ao meu pai, por ter acreditado sempre em mim e pelo orgulho no meu percurso; à minha mãe, por ser um espaço seguro, uma âncora a que posso regressar em dias de tempestade; e à minha irmã, pelo apoio constante, por ter sido uma guia mesmo sem o escolher pelo amor e pela confiança inabalável ao longo deste caminho. Ao Richard, agradeço o apoio e a celebração das minhas vitórias. Mesmo nos momentos mais desafiantes, a vossa presença foi um ponto de estabilidade e de força. Agradeço também, com enorme carinho, à família que veio depois. Ao Ricardo, meu companheiro de vida, pelo apoio, pela liberdade na união e por me ter dado uma nova família. À Violeta, ao Mateus e ao Gaspar: esta tese é também vossa. Obrigada por serem casa, por caminharem comigo mesmo quando tropeço, por compreenderem ausências, cansaços e silêncios, e por tornarem este percurso mais leve, mais humano e mais pleno de sentido. Ricardo, obrigada.

Às minhas orientadoras deixo um agradecimento muito especial. À Professora Carla Moleiro, pela orientação rigorosa, pelo acompanhamento atento e pela confiança no meu trabalho académico, fundamentais para a construção desta tese. À minha coorientadora, Ana Cristina Santos, agradeço não só o apoio académico e a orientação cuidadosa, mas também a amizade que construímos e que tornou esta caminhada mais leve e inspiradora. Obrigada por confiarem no meu trabalho. O vosso acompanhamento, tanto na dimensão profissional como pessoal, foi decisivo para me ajudar a encontrar direção nos momentos de dúvida e a crescer enquanto investigadora.

Gostaria de expressar a minha sincera gratidão às pessoas amigas, cuja amizade, apoio incondicional e palavras de encorajamento foram fundamentais ao longo de toda esta jornada. A vossa presença, nos momentos de celebração e nos de desafios, fez toda a diferença, oferecendo-me força e motivação para seguir em frente. Obrigada por estarem ao meu lado e caminharem comigo. Um agradecimento muito especial à Tânia, à Sandra, à Maria, à Sara, à

Filipa, à Jô, à Ana, à Mara e à Rute. A verdadeira revolução é a amizade, uma família que escolhemos.

Aos meus colegas de doutoramento, Catarina e Ross, expresse minha profunda gratidão pelas conversas enriquecedoras, pelos cafés, pelas partilhas informais e pelos momentos de apoio mútuo, que tornaram este percurso mais leve e menos solitário. Agradeço sinceramente a todas as pessoas que, ao longo desta jornada, me deram a força necessária para continuar, especialmente ao Josan, à Núria, à Zowie, Nivi e Nerina. Às minhas colegas do Centro de Estudos Sociais, que tenho a sorte de considerar também amigas, o meu agradecimento profundo. Ao Grupo de Investigação em Sexualidades (GPS-CES) e ao Grupo de Investigação *Health for All* (H4A), sou grata pela troca constante e pelo companheirismo académico. Sem esses espaços coletivos, este percurso teria sido muito mais solitário. As trocas, os debates e os questionamentos foram fundamentais para aprimorar ideias, aprofundar análises e construir um caminho científico mais sólido. Também agradeço ao Centro de Investigação *Sex, Gender and Sexualities Research* da Universidade de Surrey, por me oferecer novas perspetivas no campo da psicologia sobre sexualidade e género, o que enriqueceu imensamente o meu olhar académico.

Às pessoas participantes deixo o meu mais sincero agradecimento. Sem a vossa participação, esta tese não teria sido possível. Agradeço a generosidade da partilha, por terem confiado as vossas histórias e experiências, um contributo essencial para a produção de conhecimento sobre esta temática. O vosso envolvimento é tratado com o respeito e a responsabilidade que merece.

Agradeço ainda às instituições que apoiaram o meu percurso académico e tornaram possível o desenvolvimento deste doutoramento: ao CIS-ISCTE, ao CES-UC e à Universidade de Surrey. Um agradecimento especial ao Nuno Ramos e ao Pedro Simão Mendes por todo o apoio institucional oferecido ao longo deste percurso.

Por último, agradeço à Fundação para a Ciência e a Tecnologia pelo apoio financeiro que possibilitou a realização deste trabalho e a concretização deste projeto académico.

A todas as pessoas e instituições aqui mencionadas e também àquelas que, não estando nomeadas, contribuíram direta ou indiretamente para este percurso, deixo a minha profunda gratidão. Este trabalho é também vosso.



Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito da bolsa de doutoramento (BD/02975/2023) com o doi:

<https://doi.org/10.54499/2023.02975.BD>



## Resumo

Esta tese examina as experiências de pessoas bissexuais em Portugal, respondendo à invisibilidade científica, social e política que caracteriza esta população. Apesar dos avanços formais nos direitos LGBTQI+, a bissexualidade permanece marcada por marginalização simbólica, epistémica e relacional, colocando em causa as condições de exercício pleno da cidadania. Adotando uma abordagem qualitativa, esta investigação articula contributos da psicologia crítica da saúde, psicologia social da cidadania e psicologia LGBTQI+, conceptualizando a bissexualidade como uma experiência relacional, culturalmente situada e moldada por estruturas de poder como o monossexismo. Empiricamente, desenvolveu-se uma *scoping review* sobre experiências bissexuais no Sul da Europa, evidenciando padrões persistentes de invisibilidade e lacunas teóricas significativas (Estudo 1); explorou-se a participação pública e a construção de cidadania através de entrevistas com ativistas bissexuais, revelando práticas de resistência e agência coletiva (Estudo 2); e analisou-se a forma como as experiências de binegatividade afetam o bem-estar, e como daí surgem estratégias quotidianas de resistência nas relações de intimidade (Estudo 3). Os estudos revelam que a cidadania bissexual se configura como parcial e ambígua: juridicamente incluída no espaço LGBTQI+, mas cultural, política e relacionalmente limitada. As pessoas bissexuais mobilizam estratégias de visibilidade, afirmação identitária e resistência em contextos institucionais, comunitários e íntimos, negociando estigmas, deslegitimação e tensões estruturais. Esta tese contribui teoricamente para o desenvolvimento do conceito de cidadania bissexual, metodologicamente para abordagens qualitativas e, ao nível das implicações práticas para a formulação de políticas públicas, práticas comunitárias e intervenções profissionais sensíveis às necessidades desta população, no contexto da Europa do Sul.

*Palavras-chave:* relações de intimidade, ativismo LGBTQI+, psicologia crítica da saúde, bissexualidade, investigação qualitativa.

### **PsycINFO Classification Categories and Codes:**

2900 Processos Sociais e Assuntos Sociais

2980 Comportamento Sexual e Orientação Sexual



## **Abstract**

This thesis examines the experiences of bisexual people in Portugal, addressing the scientific, social, and political invisibility that characterises this population. Despite formal advances in LGBTQI+ rights, bisexuality remains marked by symbolic, epistemic, and relational marginalisation, calling into question the conditions for the full exercise of citizenship. Adopting a qualitative approach, this research brings together contributions from critical health psychology, social psychology of citizenship, and LGBTQI+ psychology, conceptualising bisexuality as a relational experience that is culturally situated and shaped by power structures such as monosexism.

Empirically, the thesis comprises three studies. Study 1 consists of a scoping review of bisexual experiences in Southern Europe, highlighting persistent patterns of invisibility and significant theoretical gaps. Study 2 explores public participation and the construction of citizenship through interviews with bisexual activists, revealing practices of resistance and collective agency. Study 3 analyses how experiences of binegativity affect well-being and how everyday strategies of resistance emerge within intimate relationships.

The findings show that bisexual citizenship is configured as partial and ambiguous: legally included within the LGBTQI+ space, yet culturally, politically, and relationally constrained. Bisexual people mobilise strategies of visibility, identity affirmation, and resistance across institutional, community, and intimate contexts, negotiating stigma, delegitimation, and structural tensions.

This thesis contributes theoretically to the development of the concept of bisexual citizenship, methodologically to qualitative approaches, and, in terms of practical implications, to the formulation of public policies, community practices, and professional interventions sensitive to the needs of this population within the Southern European context.

*Keywords:* bisexuality, intimate relationships, LGBTQI+ activism, critical health psychology, qualitative research.

### **PsycINFO Classification Categories and Codes:**

2900 Social Processes and Social Issues

2980 Sexual Behavior and Sexual Orientation

# Índice

<b>Agradecimentos</b> .....	<b>i</b>
<b>Resumo</b> .....	<b>v</b>
<b>Abstract</b> .....	<b>vii</b>
<b>Índice</b> .....	<b>viii</b>
<b>Índice de Tabelas</b> .....	<b>xii</b>
<b>Índice de Figuras</b> .....	<b>xii</b>
<b>Introdução Geral</b> .....	<b>1</b>
1.1. Estado da Arte e Problema de Investigação .....	4
1.2. Abordagem teórico-metodológica e perguntas de investigação .....	9
1.2.1. Problema de investigação e pergunta central .....	9
1.2.2. Abordagem de investigação .....	10
1.3. Estrutura da Tese e Relevância Teórica, Metodológica e Social .....	13
<b>SECÇÃO I. SECÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>17</b>
<b>Capítulo 2 -Experiências de pessoas bissexuais e construção de significados</b> .....	<b>19</b>
2.1. A bissexualidade na história da psicologia.....	19
2.2. Investigação atual: tendências na investigação contemporânea psicológica da bissexualidade.	22
2.3. Lacunas na investigação sobre bissexualidade.....	28
2.3.1. Particularidades do contexto português.....	29
2.4. Definição de Bissexualidade e Debates Contemporâneos.....	30
2.4.1. O guarda-chuva bissexual.....	36
2.4.2. Discussão sobre Debates Terminológicos em Torno da Bissexualidade.....	37
2.4.3. Posicionamento teórico e justificação do uso do termo “bissexual” .....	39
<b>Capítulo 3 - Cidadania bissexual: Um conceito analítico</b> .....	<b>41</b>
3.1. Introdução.....	41
3.2. Enquadramento da cidadania sexual e íntima .....	41
3.3. Enquadramento da psicologia social da cidadania .....	44
3.4. Conceptualização multidimensional da cidadania bissexual.....	45
3.5. Cidadania bissexual em Portugal .....	48
3.5.1. O Enquadramento sociocultural e legal para a igualdade e anti-discriminação em Portugal .....	48
3.5.2. Relevância da cidadania bissexual em Portugal.....	50
<b>SECÇÃO II. SECÇÃO EMPÍRICA</b> .....	<b>53</b>

<b>Capítulo 4 - Enquadramento epistemológico e visão geral da abordagem de investigação</b>	<b>55</b>
4.1. Desenho e Estratégia Metodológica	58
4.1.2. Fases de Recolha de Informação	59
4.1.3. Procedimentos, Análise de Dados e Considerações Éticas	62
4.1.4. Integridade metodológica, rigor e credibilidade	63
4.2. Posicionalidade e Reflexividade da Investigadora	64
4.2.1. Em relação ao objeto de estudo	64
4.2.2. Em relação à prática de investigação	66
<b>Capítulo 5 - Behind Monosexual Norms: A Scoping Review of Bisexual Experiences in Southern Europe [ESTUDO 1]</b>	<b>69</b>
5.1. Introduction	70
5.2. Method	73
5.2.1. Scoping Review	73
5.2.2. Defining and Aligning the Objective(s) and Question(s)	74
5.2.3. Eligibility Criteria	74
5.2.4. Data Charting Process	75
5.2.5. Analysis of the Evidence	78
5.3. Results	78
5.3.1. Study Design	79
5.3.2. Participants	79
5.3.3. Terminology and Definitions	80
5.3.4. Main Thematic Research Areas	81
5.4. Discussion	86
5.4.1. Naming and Framing Bisexuality	87
5.4.2. Intersectional Dimensions of Marginalization	88
5.4.3. The Impact of Monosexism and Binegativity	89
5.5. Concluding Remarks	90
5.5.1. Limitations and Future Directions	91
<b>Capítulo 6 - Estudo 2 - LGBTQI+ Pride Politics? Experiences of bisexual citizenship among activists in Portugal</b>	<b>92</b>
6.1. Introduction	92
6.1.1. The evolution and consideration of intimate citizenship	92
6.1.2. Bisexual citizenship: bridging the private and public spaces	93

6.1.3. The Sociocultural and Legal Framework for Equality and Anti-Discrimination in Portugal .....	94
6.1.4. Bisexual Community and Bi+ Activism.....	95
6.2. Empirical Study: “Bisexual Activism in Portugal through the Lens of Bisexual Activists”.....	95
6.2.1 Methods and Methodology.....	96
6.3. Results .....	97
6.3.1 Bisexual activism and participation in public sphere .....	97
6.4. Discussion .....	102
6.4.1 Trajectories of bisexual public participation .....	102
6.4.2 Obstacles to Bisexual Activism and Communities .....	103
<b>Capítulo 7 - Binegativity Within Intimate Relationships: A Qualitative Analysis Based On Bisexual Experiences In Portugal.....</b>	<b>108</b>
7.1. Introduction .....	109
7.1.1. Sexual prejudice and discrimination against bisexual people .....	110
7.2. The current study.....	112
7.2.1. Material and methods .....	112
7.2.2. Participants .....	114
7.2.3. Positionality statement .....	116
7.3. Results .....	116
7.4. Discussion .....	122
7.4.1. “Is it safe?”: the public visibility of bisexual identity .....	122
7.4.2. Gender intersections in bisexual experiences.....	124
7.5. Conclusion, limitations, and directions for future research.....	126
<b>SECÇÃO III. DISCUSSÃO GERAL .....</b>	<b>129</b>
8.1. Síntese e principais Resultados .....	131
8.2. Contributos teóricos .....	144
8.3. Contributos metodológicos.....	146
8.4. Contribuições práticas .....	147
8.5. Limitações .....	148
8.6. Investigação futura .....	150
8.7. Considerações Finais.....	151
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>156</b>
<b>ANEXO A: GUIÃO DE ENTREVISTA PARA CAPÍTULO 6.....</b>	<b>194</b>
<b>ANEXO B: GUIÃO DE ENTREVISTA PARA CAPÍTULO 7 .....</b>	<b>198</b>

<b>ANEXO C: CONSENTIMIENTO INFORMADO PARA CAPÍTULOS 6 e 7 .....</b>	<b>200</b>
<b>ANEXO D: MATERIAL SUPLEMENTAR para CAPÍTULO 5 .....</b>	<b>202</b>

## **Índice de Tabelas**

Table 1. Participants profile by age, gender identity, civil status, nationality, and ethnic data.....	115
--	-----

## **Índice de Figuras**

Figure 1. PRISMA flow diagram of the study selection process .....	77
--	----



## Introdução Geral

*Understanding marginality as position and place of resistance is crucial for oppressed, exploited, colonized people. If we only view the margin as sign marking the despair, a deep nihilism penetrates in a destructive way the very ground of our being – bell hooks, 1990, p. 207.*

Conforme sugere bell hooks<sup>1</sup> (1990), quando nos encontramos em posições marginalizadas, podemos optar por compreender essa marginalização como um espaço de resistência ou, alternativamente, como um marcador da dor que nos conduz ao desespero e intensifica o sofrimento. Esta perspectiva sublinha a importância de resistir às mensagens sociais que nos oprimem ou silenciam, uma vez que não o fazer pode contribuir para o agravamento do sofrimento e da desigualdade. Tal leitura da marginalização, ou seja, enquanto um lugar social ou experiência simultaneamente de dor e de possibilidade, tem sido amplamente discutida por teóricas feministas e *queer* que mostram que é, por vezes, no desconforto que reside a emancipação. O desconforto não deve ser apenas evitado ou ultrapassado, mas habitado e interrogado (Ahmed, 2014). A autora convida-nos a pensar o desconforto como uma forma de resposta legítima a estruturas que nos empurram para fora dos lugares de pertença. Quando sentimos desconforto é porque algo não se ajusta, seja nas instituições, nas normas, ou nas relações e essa fricção revela como o poder funciona. Assim, aprender a escutar o desconforto torna-se uma prática ética e política de atenção ao modo como o mundo é organizado, e de resistência à naturalização da exclusão. Transpondo agora esta ideia para a prática de investigação, exige-se assim assumir uma relação comprometida com as desigualdades que estudamos, reconhecendo que a produção de conhecimento é sempre afetiva, situada e relacional. É, pois, a partir deste posicionamento que construo esta tese, procurando pensar como certas formas de invisibilidade e marginalização se inscrevem nas experiências das pessoas que vivem para lá das normas de género e sexualidade.

A minha trajetória de investigação e ativismo tem revelado o meu compromisso para com a justiça social. Desenvolvi o meu interesse pelas comunidades “nas margens” desde cedo.

---

<sup>1</sup> A autora utiliza *bell hooks* em minúsculas por escolha da própria, conforme se explica em entrevista citada no *Washington Post* (info aqui: <https://www.washingtonpost.com/lifestyle/2021/12/15/bell-hooks-real-name/>)

Enquanto estudante de Psicologia, tive a oportunidade de contactar com a Psicologia Social, área que alimentou o meu interesse pelos processos grupais, género e sexualidade. Mais tarde, veio o interesse pela ação comunitária e organização coletiva, e pelo modo como estas dimensões contribuían para a promoção de *empowerment* individual e coletivo e, por conseguinte, a redução das desigualdades. Durante este percurso, o pluralismo metodológico também marcou profundamente a minha formação, primeiro na licenciatura e, mais tarde, no mestrado onde os intensos debates em torno da investigação quantitativa vs. investigação qualitativa na disciplina constituíram uma oportunidade para que pudesse contactar com a possibilidade da existência de um pluralismo metodológico na disciplina.

Em 2015, transporte esse conhecimento para um novo contexto e apliquei-o num contexto de um projeto de investigação europeu<sup>2</sup> que visava estudar a intimidade a partir das experiências de pessoas que se identificam como LGBTQI+. O projeto INTIMATE, inscrito teoricamente nos estudos queer e na sociologia das sexualidades, procurou compreender as vivências de intimidade que desafiavam as normas da cis/heterossexualidade compulsória num dado contexto sociocultural e político. Centrado na Europa do Sul, este projeto revelou como populações tantas vezes marginalizadas contribuem e inovam no modo de “fazer” relações de intimidade e pensar a igualdade e justiça social. Esta experiência constituiu o meu primeiro contacto direto com a produção académica sobre populações LGBTQI+ e intimidade, e revelou-se uma oportunidade para experimentar a interdisciplinaridade na investigação.

Até então, o meu envolvimento tinha sido sobretudo pessoal e mediado por experiências em projetos de intervenção psicossocial e comunitários, nomeadamente recorrendo ao Teatro do Oprimido, enquanto ferramenta de transformação social. Desses contextos emergiram reflexões e práticas feministas transformadoras que orientaram e continuam a orientar o modo como penso a investigação sobre género e sexualidade nos dias de hoje. O projeto INTIMATE teve um impacto profundo na forma como esta tese se desenvolveu, pois permitiu-me perceber, desde cedo, que as experiências de intimidade das pessoas bissexuais estavam profundamente subexploradas na academia e recebiam pouca ou nenhuma atenção, inclusive nos contextos de investigação LGBTQI+ em Portugal. Foi também nesse contexto que, em 2016, iniciei este percurso. Destaco aqui o contributo de Christian Klesse por

---

<sup>2</sup> INTIMATE - Citizenship, Care and Choice: The micropolitics of intimacy in Southern Europe (ERC/Starting Grant n. 338452).

representar uma exceção notável neste campo e que alimentou a minha vontade de aprofundar este tema na presente tese.

Simultaneamente, a minha experiência como ativista LGBTQI+ começou nesse mesmo ano, quando participei numa bicicletada pela visibilidade bissexual, organizada pela associação *Não Te Prives* em Coimbra, em 2016. A baixa adesão, resumida a um pequeno grupo de colegas, revelou como a bandeira bissexual era, à época, praticamente desconhecida. Quase uma década depois, assistimos a desenvolvimentos e a um notável progresso em matéria de visibilidade bissexual, mas este ainda assim, permanece limitado.

Contudo, na atualidade, algumas organizações internacionais LGBTQI+ têm procurado reverter essa situação e têm destacado as necessidades específicas desta população, mostrando como o seu quotidiano é atravessado por desigualdades. É o caso da *Bisexual Resource Center* que, com vista a sensibilizar e alterar para os impactos da invisibilidade bissexual, organiza a campanha *#BiHealthMonth2025* (Gonzalez et al., 2017).

Enquanto psicóloga social interessada em explorar a desigualdade no campo da saúde, esta constatação motivou as principais inquietações que orientam esta tese. Nas últimas décadas, registaram-se avanços formais significativos nos direitos das pessoas LGBTQI+ (Fundamental Rights Agency, 2020, 2024). No entanto, estes progressos coexistem com sinais preocupantes de estagnação e retrocesso. O mais recente relatório da FRA (2024) evidencia de forma clara este paradoxo: por um lado, anos de esforços políticos, legislativos e de sensibilização têm contribuído para melhorias reais, tornando as pessoas mais abertas quanto à sua orientação sexual, identidade e expressão de género e características sexuais, e promovendo mudanças positivas em instituições como a escola. Por outro lado, a discriminação, o assédio e a violência continuam a níveis alarmantes, e em alguns casos até se intensificaram. O aumento do bullying escolar, do discurso de ódio, especialmente dirigido a pessoas jovens, e das campanhas de desinformação anti-LGBTQI+ revela que estes avanços permanecem frágeis e constantemente ameaçados.

Este cenário europeu insere-se num contexto global mais amplo marcado por investidas anti-direitos, incluindo tentativas de reversão de direitos sexuais e reprodutivos e mobilizações transnacionais que visam restringir liberdades e reforçar fronteiras identitárias (Kuhar & Paternotte, 2017). Estas ofensivas produzem efeitos materiais e simbólicos, penalizando quem desafia os “regimes de verdade” (Foucault, 1979) e fortalecendo a matriz cisheteronormativa (Butler, 1990). Simultaneamente, importa destacar que persiste um movimento LGBTQI+ ativo, dinâmico e resiliente (Santos, 2013; 2018b), cuja capacidade de

mobilização tem sido central para a afirmação de direitos e para a construção de espaços de cidadania (Cascais, 2006; Ferreira, 2015, 2018).

No caso português e, de forma mais ampla, no contexto da Europa do Sul esta coexistência entre progressos formais e desigualdades persistentes torna-se particularmente visível. Apesar das conquistas legais, mantêm-se assimetrias simbólicas e culturais que limitam a vivência plena desses direitos (Cascais, 2020; Oliveira, 2013; Santos, 2018a). Estas dinâmicas revelam a tensão estrutural entre inclusão jurídica e marginalização quotidiana, mostrando que a obtenção de direitos não se traduz automaticamente na sua concretização social. Compreender este quadro exige, portanto, reconhecer a simultaneidade de avanços e vulnerabilidades: um campo onde a igualdade se expande, mas permanece frágil; e onde a violência, explícita ou subtil, continua a moldar as condições de vida das pessoas LGBTQI+.

Esta viragem política, tanto a nível internacional como nacional, tem mostrado que as lutas sociais e a mobilização da sociedade civil continuam a ser instrumentos poderosos e caminhos essenciais para reduzir a desigualdade e garantir valores democráticos. É, contudo, importante reconhecer que algumas dessas desigualdades persistem, por exemplo, na área da saúde (Pitman et al., 2020; Zeeman et al, 2019), podendo afetar de forma particular aqueles que se situam fora da matriz heteronormativa (Pitman et al., 2020). É sobre essas experiências que esta tese se centra. Irei concentrar-me num grupo que tem recebido menor atenção académica, mediática e ativista: as pessoas bissexuais. Assim, esta tese procura centrar-se nas suas vozes e experiências, reconhecendo que outras identidades sexuais não heterossexuais apresentam trajetórias específicas que também merecem ser teorizadas e estudadas empiricamente.

Em suma, este trabalho nasce do cruzamento entre um compromisso pessoal e político com a justiça social e uma inquietação académica face às ausências no conhecimento sobre bissexualidade na psicologia. Ao centrar as experiências das pessoas bissexuais, esta tese procura preencher um vazio empírico e teórico, mas também contribuir para uma psicologia crítica da saúde comprometida com a justiça social.

## **1.1. Estado da Arte e Problema de Investigação**

A investigação sobre bissexualidade tem revelado, de forma consistente, uma persistente invisibilidade e marginalização desta identidade sexual, expressa tanto no campo académico (Barker, 2007; Davenport-Pleasance, 2024; Monro et al., 2017) como em diferentes contextos sociais (Hayfield, 2020; Maliepaard & Baumgartner, 2021), revelando aquilo que se tem designado como apagamento bissexual (*bi-erasure*) (Yoshino, 2000). A maioria dos estudos

existentes sobre experiências de pessoas bissexuais/bi+<sup>3</sup> tem examinado as atitudes de pessoas heterossexuais, lésbicas e *gays* em relação a indivíduos bissexuais (Anderson & Maugeri, 2022; Israel & Mohr, 2004), negligenciando frequentemente as perspectivas e vivências das próprias pessoas bissexuais (McCann, 2021). Este enfoque limitado na aproximação às experiências da população bissexual reduz a compreensão da bissexualidade e perpetua representações associadas a estereótipos, como por exemplo de confusão, indecisão ou promiscuidade (Hayfield et al., 2014; Klesse, 2011; Watson et al., 2021), contribuindo para a exclusão das pessoas bissexuais quer em contextos heteronormativos, quer dentro das comunidades LGBTQ+ (McCormick & Barthelemy, 2020; Sanders et al., 2023; Weiss, 2004). Já em 1992, Bennett observava que “as pessoas bissexuais são simultaneamente criticadas pela sociedade heterossexual por serem demasiado *queer* e pela sociedade *gay* por serem demasiado heterossexuais” (p. 207), destacando a complexidade do estigma enfrentado por esta população e denunciando a presença de processos de dupla discriminação (Mulick & Wright, 2002). Os processos de marginalização associados à bissexualidade têm sido explorados considerando desde o nível estrutural e social (Hatzenbuehler & Pachankis, 2016; Israel, 2018) ao individual (Dodge et al., 2016), incluindo a binegatividade internalizada (Doan et al., 2019; Sarno et al., 2020). Conceitos como *bifobia* (Bennett, 1992) e *binegatividade* (Eliason, 2001) têm sido utilizados de forma consistente para descrever estas experiências. Enquanto a bifobia tem sido geralmente entendida como um conjunto de atitudes e crenças negativas dirigidas a pessoas bissexuais que remete para a ideia de “fobia” (Obradors-Campos, 2011), o termo binegatividade enfatiza a dimensão estrutural e normativa do estigma (Bishop & Pynoo, 2022; Klesse, 2011), evidenciando como normas sociais e mecanismos culturais moldam a experiência bissexual (Obradors-Campos, 2011, Santos & Craig, 2024).

Este conceito tem sido medido e escalas como a *Attitudes Regarding Bisexuality Scale* [ARBS] (Mohr & Rochlen, 1999) e a *Biphobia Scale* [BS] (Mulick & Wright, 2002) têm surgido bem como adaptações (González Robles et al., 2024), contudo, embora relevantes, apresentam algumas limitações conceptuais e metodológicas (Bishop & Pynoo, 2022; Dodge

---

<sup>3</sup> Neste trabalho, utiliza-se o termo *bissexual* para designar experiências de pessoas que correspondem ao “potencial de sentir atração romântica e/ou sexual por pessoas de mais de um sexo e/ou género, não necessariamente de forma simultânea nem com a mesma intensidade” (Ochs, 1996). Atendendo a que a literatura internacional recorre igualmente ao termo *bi+* de forma equivalente, este será também adotado ao longo do trabalho. Trata-se, contudo, de um debate conceptual em curso (Hayfield, 2021; Nelson, 2023).

et al., 2016). Esta última, por exemplo, tende a avaliar predominantemente atitudes face a homens bissexuais, refletindo viés de gênero e a ausência de uma linguagem verdadeiramente inclusiva (González Robles et al., 2024). De modo mais amplo, a literatura tem negligenciado dimensões relacionais e contextuais da experiência das pessoas bissexuais, perpetuando uma visão individualizada da bissexualidade (Firestein, 2007, Todd et al., 2016). Tais contextos são particularmente relevantes pois as relações íntimas podem constituir simultaneamente espaços de vulnerabilidade e resistência face a estruturas monossexistas e heteronormativas (Formby, 2020; Heath, 2013; Robertson et al., 2015). Na verdade, as experiências de binegatividade manifestam-se também nas relações íntimas e afetivas (Hayfield et al., 2018; Li et al., 2013), assumindo formas subtis de invalidação, desconfiança ou questionamento da legitimidade da identidade bissexual (Osalas, 2020; Turell et al., 2018). O termo *monossexismo* tem sido utilizado para descrever estruturas sociais e culturais que partem do pressuposto de que todos os indivíduos experienciam atração por apenas um gênero (Eisner, 2013; Meyer, 2019; Roberts et al., 2015). Assim, pessoas bissexuais, pansexuais e outras pessoas plurissexuais experienciam formas específicas de opressão enraizadas numa normatividade assente na monossexualidade, enquanto heterossexuais, lésbicas e homens *gays*, que cumprem essa norma, tendem a beneficiar de privilégios sociais e simbólicos.

A binegatividade, contudo, ultrapassa a esfera dos relacionamentos de intimidade manifestando-se também no domínio público (Hura, 2016; McLean, 2016, Nutter- Pridgen, 2015; Tavares, 2024) e institucional (van Lisdonk & Keuzenkamp, 2017; Marcus, 2018) como, por exemplo, nos cuidados de saúde (Williams et al., 2020), contextos educativos (Elia, 2014), e até terapêuticos (DiBartolomeo, 2021; Pitt et al., 2024), refletindo dinâmicas mais amplas de exclusão e desigualdade, que põem em destaque, fatores contextuais. Por outro lado, atravessa o ativismo LGBTQI+ (Formby, 2017) e, conseqüentemente, a participação no movimento LGBTQI+ (McLean, 2008), influenciando o modo como a população bissexual se envolve a nível comunitário (Hung & Chan, 2025; Pollit & Roberts, 2021). Estes processos têm efeitos diretos na saúde mental, bem-estar e sentido de pertença social das pessoas bissexuais (McLaren & Castillo, 2020; McInnis, 2022). Deste modo, estudos internacionais têm mostrado que, as pessoas bissexuais apresentam níveis mais elevados de sofrimento psicológico e menor bem-estar do que outras populações LGBTQI+ (Chan et al., 2020; Clark et al., 2025; Jorm et al., 2002), revelando o impacto negativo da invisibilidade e da discriminação dupla que, muitas vezes, caracteriza esta população (Mulick & Wright, 2002).

As desigualdades que impactam na saúde tem sido o foco de interesse da psicologia crítica da saúde (Igarashi, 2015; Lyons & Chamberlain, 2017; Stephen, 2009), onde as

questões associadas à saúde da população LGBTQI+ têm sido exploradas (Jowett, 2011; Mustanki & Macapagal, 2023; Usser, 2009). Um olhar atento para a saúde da população bissexual em particular, reforça a importância de compreender como o preconceito e a marginalização se inscrevem nas experiências quotidianas desta população (Feinstein et al., 2017; Matsick et al., 2024). Por isso, a saúde desta população não pode ser entendida de forma isolada ou individualizada, mas deve considerar os contextos sociopolíticos em que as pessoas se inserem bem como as normas dominantes em torno de género e sexualidade (Formby, 2011; Rohleder & Flowers, 2018). É por isso, essencial enquadrar a saúde e o bem-estar (bissexual) como dimensões da cidadania (Bonvin, 2016; Jauho & Helén, 2022; Obrebska, 2025; Redden, 2002), reconhecendo que a saúde não se limita à ausência de doença ou sofrimento (Jowett, 2011; Lyons & Chamberlain, 2017), mas relaciona-se com a possibilidade de viver de forma segura, reconhecida e com acesso a recursos simbólicos e materiais que sustentem a autodeterminação (Hepworth, 2006ab; Ussher, 2009). Portanto, a psicologia crítica da saúde oferece um enquadramento útil para compreender como desigualdades estruturais baseadas em género e sexualidade produzem efeitos psicossociais e limitam as condições de cidadania plena (Gahagan & Colpitts, 2017; Obrebska, 2025).

Nos debates teóricos sobre cidadania sexual (Richardson, 2000; 2018; Weeks, 1998) e cidadania íntima (Plummer, 2001), os contributos da sociologia e dos estudos *queer* são centrais para debater e compreender as fronteiras entre o público e o privado (Plummer, 2003, 2011; Reynolds, 2003). Deste modo, estes debates permitem analisar como as escolhas pessoais e relacionais sobre identidade, afeto e desejo estão imersas em relações de poder e regimes normativos.

Por outro lado, a abordagem da psicologia social ao estudo da cidadania (Andreouli, 2019; Stevenson et al., 2015ab) salienta a importância de explorar as dinâmicas complexas das lutas políticas, tal como são vividas pelos próprios cidadãos, que atuam dentro dos limites, e contra as restrições, de um campo político existente. Esta abordagem reconhece aliás, o estudo de questões políticas no campo da psicologia social (Andreouli & Figgou, 2019) e explora como a politização da vida quotidiana também se relaciona com o facto de que, sob o neoliberalismo, os cidadãos individuais são chamados a autogerir-se, enquanto o Estado se torna cada vez menos envolvido no seu bem-estar.

Uma proposta de desenvolvimento do conceito de cidadania bissexual emerge precisamente dessa interseção de contributos teóricos, enfatizando o potencial disruptivo da bissexualidade face aos binarismos hétero/homossexual e mono/plurisexual (Maliepaard, 2015; Monro, 2005, 2015). Ao desafiar as fronteiras monossexistas e as normas da intimidade

(Matheson & Blair, 2023; Monro, 2015; Santos & Craig, 2024), a cidadania bissexual convida a pensar o que conta como pertença, agência e reconhecimento, tanto no espaço privado ou da intimidade, como no espaço público (Maliepaard & Baumgartner, 2021; Monro, 2015). Deste modo, a bissexualidade afigura-se como força disruptiva das fronteiras monossexistas, ampliando o entendimento de agência e pertença ao reconhecer a legitimidade da identidade bissexual, a fluidez sexual e a multiplicidade relacional (Maliepaard & Baumgartner, 2021; Monro, 2015). A natureza disruptiva da bissexualidade torna-se ainda mais clara, quando analisada em contraste com o que tem sido conceptualizado como monossexualidade hegemónica, ou seja, um regime que organiza e hierarquiza as sexualidades através de fronteiras sociais rigidamente definidas (Bollas, 2023). Fuller e Hovland (2022) descreve a monossexualidade como a atração dirigida a um, e apenas um, género, seja cis ou trans (p.64). McCann (2022) aprofunda esta definição ao sublinhar que a monossexualidade opera como um princípio estruturante que delimita quais formas de desejo são reconhecidas como legítimas no espaço social (p. 71). Esta perspetiva permite evidenciar que a monossexualidade não é apenas um padrão descritivo, mas parte de uma lógica regulatória mais ampla. Recuperando o contributo de Rich (1980) sobre a heterossexualidade compulsória, autoras como James (1996) utilizam o termo monossexualidade compulsória para mostrar como as pessoas são presumidas como exclusivamente atraídas por membros do mesmo género ou do género oposto. Para James (1996), esta noção não se limita a identificar um simples viés cognitivo que considera improvável o desejo plurissexual; pelo contrário, evidencia que tais formas de desejo são entendidas e tratadas como ilegítimas ou desviantes. Esta distinção conceptual permite compreender de forma mais fina como a monossexualidade se configura enquanto força hegemónica que molda, disciplina e restringe a inteligibilidade das sexualidades.

Neste quadro, saúde, bem-estar e cidadania não são dimensões separadas, mas campos interligados de luta e afirmação (individual e coletiva) (Wright & Burkholders, 2025). A bissexualidade, enquanto categoria fluída e relacional (Callis, 2016; Mereish et al., 2018), expõe as tensões entre visibilidade e invisibilidade, pertença e exclusão, vulnerabilidade e resistência.

Apesar de progressos significativos na investigação internacional no campo da psicologia, particularmente na psicologia LGBTQI+ (Barker & Richards, 2015; Ellis et al., 2020; Meyer, 2014) e na psicologia crítica da saúde (Hepworth, 2006ab; Ussher, 2009), a disciplina continua a apresentar lacunas importantes, especialmente no contexto da Europa do Sul (López-Saez, 2021; Moreno et al., 2020; Oliveira, 2010) e, de forma particular em

Portugal, onde fatores culturais e políticos específicos (Cascais, 2020; Lopes et al., 2017; Santos, 2013) tornam a compreensão psicológica da invisibilidade bissexual particularmente relevante (Oliveira et al., 2010). A produção científica permanece escassa e as experiências bissexuais, frequentemente diluídas em categorias mais amplas como “LGB” ou “LGBTQ+”, o que contribui para o apagamento da especificidade desta população (Baiocco et al., 2020; Ross et al., 2021).

A presente investigação propõe-se analisar as experiências bissexuais em Portugal, um contexto marcado por dinâmicas socioculturais e políticas específicas (Ferrera, 2005; Tavora, 2012), explorando como a binegatividade, a invisibilidade e a discriminação dupla influenciam não apenas a saúde e o bem-estar, mas também as possibilidades de exercício de cidadania (sexual/íntima) junto da população bissexual. Ao articular saúde, intimidade e cidadania, este estudo procura contribuir para uma compreensão mais situada e transformadora da bissexualidade, centrada nos recursos e estratégias das próprias pessoas bissexuais para explorar saúde bissexual.

Considerando as lacunas na investigação sobre experiências das pessoas bissexuais que se verificam no contexto português (Oliveira, 2010; Pereira et al., 2017), bem como os efeitos persistentes do estigma e marginalização bissexual, torna-se crucial explorar de forma crítica a saúde e o bem-estar bissexual, entendendo como as experiências de exclusão, invisibilidade e marginalização influenciando não apenas os resultados ao nível psicológico, mas também as oportunidades de participação e de exercício de direitos, em contextos privados e públicos.

Este enfoque caracteriza o presente plano de investigação, que se propõe a analisar como a binegatividade e os mecanismos estruturais de exclusão social afetam a saúde e o bem-estar e a cidadania bissexual, permitindo não apenas descrever desigualdades, mas também identificar oportunidades de transformação e intervenção em contextos de saúde.

## **1.2. Abordagem teórico-metodológica e perguntas de investigação**

### ***1.2.1. Problema de investigação e pergunta central***

Apesar dos avanços conceptuais em torno da cidadania íntima e da cidadania sexual, a bissexualidade continua marginalizada desses debates bem como das esferas pública e privada em Portugal. Pouco se sabe sobre como pessoas bissexuais experienciam e negociam a sua cidadania em múltiplos contextos, incluindo o espaço público e comunidades LGBTQ+ e relações de intimidade. A pergunta central desta investigação é, portanto:

- Como se manifestam os mecanismos sociais e culturais da binegatividade nas vidas de pessoas bissexuais em contextos de relações íntimas, comunidades LGBTQ+ e participação no espaço público? De que modo estes mecanismos influenciam as possibilidades de cidadania bissexual e de reconhecimento social? E como se expressa a agência bissexual mesmo perante tais mecanismos?

Os objetivos gerais deste estudo são:

- Compreender como as pessoas bissexuais constroem e atribuem significado às suas experiências quotidiana e, de que forma estas se articulam com processos de cidadania bissexual, saúde e bem-estar;
- Examinar de que modo os mecanismos estruturais de género e sexualidade, especialmente o monossexismo e a binegatividade, condicionam o exercício da cidadania sexual e íntima em diferentes esferas.

Ao abordar estes objetivos, a investigação procura aprofundar o conhecimento empírico sobre as experiências de pessoas bissexuais em Portugal, num campo ainda pouco explorado no contexto nacional.

### ***1.2.2. Abordagem de investigação***

O presente plano de investigação situa-se no campo da Psicologia Crítica da Saúde, perspetiva que reconhece que o bem-estar e a saúde não se explicam apenas por fatores individuais, mas emergem de contextos sociais, culturais e políticos mais amplos, nos quais normas, ideologias e estruturas de poder moldam experiências de vulnerabilidade ou de resiliência (Hepworth, 2006ab; Lyons e Chamberlain, 2025). Este enquadramento permite analisar as complexidades das experiências quotidianas da população bissexual, incluindo o direito a “ser/fazer” cidadania íntima, a agência individual e coletiva e as estratégias de resistência face à exclusão social. Para além de uma descrição empírica das experiências de discriminação, invisibilidade e exclusão, esta abordagem possibilita a identificação e problematização dos mecanismos estruturais e normativos que configuram a vivência de pessoas bissexuais, como a binegatividade, a heteronormatividade institucionalizada e o monossexismo (Roberts et al., 2015; McCann, 2022), bem como a análise do modo como estes mecanismos influenciam a saúde, o bem-estar e a cidadania (Barker et al., 2012; Flanders et al., 2015).

Neste sentido, a Psicologia Crítica da Saúde oferece não apenas um enquadramento analítico, mas também uma orientação epistemológica que problematiza abordagens individualistas, enfatiza as relações de poder e as desigualdades estruturais e contribui para o desenvolvimento crítico da prática de investigação. Ao incentivar a problematização de

pressupostos individualistas e a incorporação de análises sensíveis às relações de poder e às desigualdades estruturais, promove avanços teóricos e metodológicos no estudo da saúde e do bem-estar (Hepworth, 2006ab; Lyons & Chamberlain, 2025). Aplicada à população bissexual, esta abordagem reconhece a pessoa como agente ativo, capaz de resistir e transformar as condições que afetam o seu bem-estar (Gooding et al., 2023; Robinson & Schmitz, 2021; Sotevik, 2024). Assim, é possível compreender não apenas os efeitos negativos do estigma, mas também estratégias de resistência e atos de afirmação identitária que contribuem para a participação social e empoderamento (Kagan & Burton, 2000; Morrison et al., 2019; Murray, 2017).

Por outro lado, o presente trabalho adota o Realismo Crítico (RC) como enquadramento epistemológico e ontológico (Bhaskar, 1975, 1978). O RC parte do princípio de que a realidade social existe independentemente da percepção humana, ao mesmo tempo que reconhece que o conhecimento dessa realidade é produzido socialmente e, por isso, situado e falível. Esta abordagem oferece um enquadramento particularmente útil para compreender as experiências de pessoas bissexuais em Portugal, ao conceber a realidade social como estratificada, aberta e transformável, permitindo interpretá-la a partir das condições históricas, culturais, políticas e institucionais que a moldam (Pilgrim, 2019; Willis, 2023).

No RC, a ontologia e a epistemologia constituem dimensões distintas mas interdependentes. A ontologia refere-se à natureza da realidade, enquanto a epistemologia aborda os modos pelos quais a conhecemos. Bhaskar (1975) distingue entre o “domínio intransitivo do real”, composto por mecanismos e estruturas que existem, independentemente da ação humana, e o “domínio transitivo do conhecimento”, resultante das práticas sociais de investigação, linguagem e interpretação. Esta perspetiva rejeita tanto o positivismo, que reduz a realidade ao observável, como o construtivismo radical, que a limita ao discurso (Denzin & Lincoln, 2011; Pilgrim, 2019). Em alternativa, propõe uma via intermédia que assume a existência de estruturas causais reais, acessíveis apenas através de processos interpretativos historicamente situados (Fletcher, 2017; Pilgrim, 2014, 2019).

A nível ontológico, o RC organiza a realidade em três domínios interdependentes:

- a) *Real* (ou domínio estrutural): relativo a estruturas, mecanismos e condições causais que existem independentemente da percepção individual e que moldam eventos e experiências, incluindo normas, processos culturais e dispositivos institucionais.

- b) *Actual* (de facto<sup>4</sup> ou domínio eventual): entendido como o conjunto de eventos e práticas que ocorrem quando esses mecanismos são ativados, produzindo efeitos nas interações sociais.
- c) *Empírico*: relativo às percepções e interpretações através das quais os indivíduos experienciam os eventos.

Esta ontologia estratificada permite compreender a interação entre estrutura e agência, evidenciando como as condições sociais condicionam experiências individuais e coletivas e, simultaneamente, como estas podem contribuir para a reprodução ou transformação dessas condições (Clegg, 2006; Gooding et al., 2023). Tal perspectiva revela-se particularmente relevante para a análise de fenômenos associados à sexualidade, marginalização e cidadania, nos quais mecanismos estruturais de poder se articulam com processos subjetivos de significação, negociação e resistência (Fletcher, 2017; Gooding et al., 2023).

Neste enquadramento sustenta-se a análise das experiências bissexuais como processos simultaneamente estruturados e estruturantes, permitindo desta forma, explorar de que modo mecanismos sociais, culturais e institucionais produzem efeitos concretos nas vidas das pessoas bissexuais e como estas, através de estratégias de resistência, reinterpretção e ação, podem reconfigurar tais estruturas. Ao articular os três níveis do R - real, de facto e empírico — este trabalho mobiliza um instrumento analítico que integra condições estruturais e agência individual e coletiva, sublinhando a sua relação dinâmica e relacional (Archer, 1995; Giddens, 1984). Esta articulação será aprofundada em maior detalhe no Capítulo 4.

A articulação entre o Realismo Crítico (RC) e a Psicologia Crítica da Saúde revela-se particularmente adequada para este trabalho, oferecendo ferramentas analíticas que permitem compreender como a binegatividade estrutural afeta a cidadania sexual e íntima, saúde e bem-estar (Doan Van et al., 2019; Roberts et al., 2015); identificar estratégias de resistência e formas de agência, individuais e coletivas, que produzem efeitos concretos na vida das pessoas (Harper, 2011; Stenzel, 2025; Willig, 1999); e integrar a experiência subjetiva com estruturas sociais e institucionais, evitando leituras reducionistas centradas no indivíduo (Bhaskar, 1978; Parker, 1992).

---

<sup>4</sup> Na obra de Bhaskar, na versão original em inglês (1975; 1998), os domínios do realismo crítico designam-se de *Real*, *Actual* e *Empirical*. Neste trabalho, procede-se à tradução para português do termo *Actual* como domínio de *facto* ou eventual. Esta opção não corresponde a uma tradução literal, mas visa refletir de forma mais precisa o significado ontológico atribuído ao conceito no versão original.

O conceito de cidadania bissexual constitui um espaço analítico privilegiado para compreender a interseção entre direitos formais, reconhecimento social, participação política e experiências subjetivas, permitindo analisar como as pessoas bissexuais experienciam e reivindicam pertença, reconhecimento e legitimidade nas esferas íntima e pública (Plummer, 2011; Richardson, 2000; Weeks, 2007). A perspectiva da psicologia social da cidadania (Andreouli, 2019; Condor, 2011; Stevenson et al., 2015) complementa este enquadramento ao destacar a dimensão performativa, relacional e coletiva da agência, mostrando como indivíduos e grupos constroem práticas de resistência que desafiam normas monossexistas e promovem transformações sociais concretas.

Partindo deste enquadramento, a investigação centra-se em compreender como pessoas bissexuais em Portugal constroem e significam suas experiências quotidianas em contextos de monossexismo e invisibilidade.

A pergunta central pode ser reformulada de forma sintética como:

–De que forma pessoas bissexuais em Portugal constroem e significam suas experiências quotidianas em contextos de monossexismo e invisibilidade, refletindo a interação entre mecanismos estruturais e processos de agência, resistência e cidadania bissexual nas esferas pública e privada?

Para responder a esta questão, a tese desenvolve três estudos interligados: uma revisão da produção científica sobre experiências bissexuais na Europa do Sul (Estudo 1), uma análise das formas de cidadania e participação pública de ativistas bissexuais (Estudo 2) e um estudo das dinâmicas de binegatividade e agência em relações íntimas (Estudo 3). Mais detalhes sobre cada estudo são apresentados no Capítulo 4.

### **1.3. Estrutura da Tese e Relevância Teórica, Metodológica e Social**

O presente trabalho está organizado em três grandes secções: teórica, empírica e de discussão geral. Na Secção Teórica, o Capítulo 2 centra-se na construção de significados em torno da bissexualidade, apresentando os fundamentos conceptuais que orientam esta investigação. São abordadas a evolução histórica da investigação sobre bissexualidade e experiências de pessoas bissexuais na Psicologia e outras ciências sociais, as tendências contemporâneas na investigação e as lacunas persistentes na literatura. Este capítulo inclui também uma apresentação terminológica detalhada, estabelecendo os conceitos centrais que servirão de referência para a análise empírica subsequente. No Capítulo 3, é apresentado o conceito que orienta a análise deste trabalho: a cidadania bissexual. Este conceito articula abordagens

sociológicas e de política sexual de cidadania íntima e psicologia social da cidadania, constituindo uma lente analítica para interpretar experiências de participação pública e relações íntimas nos capítulos empíricos. A articulação conceptual desenvolvida neste capítulo está diretamente relacionada com a pergunta geral de investigação, que procura compreender como pessoas bissexuais constroem e significam as suas experiências quotidianas em contextos marcados pelo monossexismo e pela invisibilidade, bem como de que forma essas experiências se articulam com processos de agência, resistência e cidadania bissexual, atravessando esferas públicas e privadas. Na Seção Empírica, o Capítulo 4 detalha a estratégia de investigação, destacando a abordagem teórico-metodológica adotada para analisar simultaneamente mecanismos estruturais, práticas de agência e resistência. Este capítulo descreve a pluralidade metodológica adotada, garantindo que os três estudos empíricos exploram as experiências de pessoas bissexuais a partir de diferentes perspetivas, articulando perguntas de investigação e métodos qualitativos. Segue-se a parte empírica, onde no Capítulo 5 é apresentada uma *Scoping Review* sobre experiências de pessoas bissexuais na Europa do Sul, evidenciando padrões persistentes de invisibilidade e lacunas teóricas significativas. O Capítulo 6 analisa entrevistas com ativistas bissexuais, explorando como a cidadania bissexual é construída e exercida em contextos marcados pelo monossexismo, revelando práticas de resistência e agência coletiva. O Capítulo 7 centra-se na binegatividade em relações íntimas, mostrando como normas heteronormativas e monossexuais afetam a intimidade e o bem-estar, e como surgem estratégias de resistência e transformação das relações afetivas. Por último, apresentamos a secção da Discussão Geral onde no Capítulo 8 que integra e sintetiza os resultados empíricos, discute as contribuições teóricas, metodológicas e práticas da investigação, assim como as limitações do estudo e as implicações para políticas públicas, prática psicológica e investigações futuras. A relevância do presente trabalho manifesta-se em três níveis interdependentes, articulando teoria, evidência empírica e implicações sociais. No plano científico-teórico, a tese contribui para o aprofundamento da compreensão crítica da bissexualidade, ao articular o Realismo Crítico e a Psicologia Crítica da Saúde como enquadramentos complementares. Esta abordagem permite analisar a interação entre estruturas sociais, mecanismos normativos e agência subjetiva, e oferece uma perspetiva que integra dimensões estruturais, culturais e políticas das experiências bissexuais. Além disso, o presente trabalho procura preencher lacunas ainda presentes na Psicologia LGBTQI+, onde estudos sobre bissexualidade são escassos ou englobados em pesquisas genéricas centradas experiências de pessoas lésbicas e *gays* e desta forma contribuir para, o desenvolvimento dos *Bisexual Studies*.

No plano empírico, o presente trabalho produz evidência qualitativa inédita sobre experiências de pessoas bissexuais em Portugal, explorando dimensões pouco estudadas, como os domínios público e privado. Esta produção de dados fortalece a análise teórica, preenchendo lacunas da literatura em psicologia e permitindo uma compreensão mais robusta e contextualizada da bissexualidade.

No plano social e político, o presente trabalho contribui para a promoção de políticas, práticas institucionais e iniciativas comunitárias mais inclusivas, evidenciando os mecanismos estruturais que reforçam a invisibilidade e marginalização das pessoas bissexuais. Ao destacar a cidadania bissexual e as estratégias de resistência e agência, a investigação sugere caminhos para criar condições que favoreçam a participação plena e significativa das pessoas bissexuais na esfera pública e privada, promotoras de saúde e bem-estar. Esta dimensão de relevância evidencia a importância de considerar, tanto o impacto das estruturas sociais como as ações individuais e coletivas, na construção de contextos sociais mais justos e inclusivos.

De seguida, na próxima secção (Secção Teórica), será apresentada a fundamentação teórica e conceptual que informa a presente tese. Esta secção não é concebida como um enquadramento fechado, mas como um referencial analítico que orienta e informa a interpretação dos dados empíricos ao longo da tese. Deste modo, os capítulos teóricos fornecem a base conceptual necessária à análise dos três estudos empíricos subsequentes, permitindo examinar tanto os mecanismos estruturais quanto as experiências subjetivas de pessoas bissexuais, e contribuindo para uma compreensão integrada das experiências bissexuais em Portugal. Esta secção organiza-se em torno de dois grandes eixos analíticos que irão, posteriormente, articular os estudos empíricos apresentados nos Capítulos 5, 6 e 7 (Secção Empírica). O próximo capítulo, Capítulo 2, centra-se nas experiências de pessoas bissexuais e nos processos de construção de significado que lhes estão associados. O seguinte, Capítulo 3, introduz os enquadramentos analíticos que permitem articular experiências individuais com estruturas sociais, explorando as relações entre agência, resistência e bem-estar. Para tal, serão mobilizadas duas abordagens teóricas que aprofundam o debate em torno do conceito de cidadania bissexual, entendido como um campo analítico em construção. Os contributos desenvolvidos nestes dois capítulos serão retomados posteriormente Discussão Geral, onde será estabelecido um diálogo com os principais resultados empíricos do presente trabalho.



# **SECÇÃO I. SECÇÃO TEÓRICA**



## **Capítulo 2 -Experiências de pessoas bissexuais e construção de significados**

### **2.1. A bissexualidade na história da psicologia**

Historicamente, a bissexualidade emergiu como objeto de estudo de forma incipiente e marcada por ambiguidades, silêncios e processos de patologização (Angelides, 2001; Storr, 1999). No final do século XIX, o termo *bissexualidade* passou a circular nos campos da anatomia e da fisiologia para descrever organismos sexualmente indiferenciados ou que combinavam características associadas a ambos os sexos (Hayfield, 2021; Shaw, 2022). Neste contexto, o conceito foi frequentemente confundido com a intersexualidade, então designada hermafroditismo, contribuindo para uma leitura biomédica e redutora da diversidade sexual (MacDowall, 2009; Rust, 2012).

As origens da bissexualidade humana enquanto categoria científica estão intimamente ligadas às transformações ocorridas no século XIX na conceptualização da diferença sexual e das relações entre corpos sexuados. Embora a bissexualidade em plantas fosse reconhecida desde o início desse século, a chamada “descoberta” da bissexualidade humana resultou, em parte, de experiências médicas que demonstraram que, nas primeiras semanas de concepção, “o sistema urogenital do embrião humano é indiferenciado quanto ao sexo” (Dynes, 1990). A partir desta constatação, a bissexualidade passou a ser interpretada como sinal de primitividade ou imaturidade sexual, em consonância com o modelo emergente de dois sexos, que contrastava com o anterior modelo de um só sexo (Laqueur, 1990; Storr, 1999).

O desenvolvimento da teoria evolutiva de Darwin (1858), nomeadamente os princípios de seleção natural e sexual, reforçou estas leituras. A bissexualidade foi entendida como uma fase precoce da evolução humana, caracterizada por uma insuficiente diferenciação sexual, sendo os mecanismos causais da diferenciação explicados em termos de adaptação e seleção (Walsh, 1995). Em paralelo, o médico francês Bénédict-Auguste Morel introduziu a noção de degenerescência, segundo a qual indivíduos com características sexuais ambíguas eram considerados biologicamente e socialmente defeituosos (Dean, 1995).

No início do século XX, o conceito de bissexualidade foi progressivamente apropriado pela psicologia e pela psicanálise para explicar traços físicos e psíquicos considerados ambíguos (Hirschfeld, 1868; von Krafft-Ebing, 1893 como citado em Storr, 1999). Embora

von Krafft-Ebing (1893) tenha descrito indivíduos com atração por múltiplos sexos, o seu trabalho manteve-se centrado sobretudo na homossexualidade e nos chamados “desvios sexuais”, contribuindo apenas para os inícios da teorização da bissexualidade. A teoria psicanalítica viria a consolidar a bissexualidade como parte do desenvolvimento psicosexual, ainda que introduzindo ambiguidades persistentes na sua conceptualização (Angelides, 2001; Bowes-Catton & Hayfield, 2015). Freud (1905/1962) defendia que todos os indivíduos possuíam potencial para desejos heterossexuais e homossexuais, manifestos ou latentes, enquanto autores como Stekel (1922/1946) e Wolff (1971) viam a bissexualidade como uma componente intrínseca do desenvolvimento humano (Fox, 1993, 2000). Em contraste, Bergler (1956) rejeitava a bissexualidade enquanto categoria descritiva legítima, associando-a à negação ou recusa da homossexualidade (Storr, 1999). Apesar de estas formulações terem permitido algum grau de reconhecimento teórico da bissexualidade, a heterossexualidade exclusiva manteve-se dominante como desfecho considerado “normal” na psicologia do século XX (Bowes-Catton & Hayfield, 2015).

Ao longo deste percurso histórico, a bissexualidade foi simultaneamente patologizada, confundida com a intersexualidade e instrumentalizada para sustentar modelos normativos de diferenciação sexual e hierarquias sociais. Esta visão só viria a ser questionada de forma mais sistemática a partir da década de 1970, nomeadamente com os contributos de Fritz Klein (1978), que defendeu que a consciência e a expressão de atrações por múltiplos géneros poderiam enriquecer tanto a intimidade quanto a identidade pessoal. Estes contributos abriram assim caminho a abordagens menos patologizantes da bissexualidade (1993). No seu livro, Shaw (2022) conta que, segundo a colega de Klein, Regina Reinhardt, quando Klein publica o seu livro em 1978, não existia nenhuma referência à bissexualidade. A pouca informação existente ia no sentido de negar a sua existência (p.17). A segunda metade do século XX marcou um ponto de viragem na compreensão psicológica da orientação sexual. A retirada da homossexualidade do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM) pela Associação Americana de Psicologia (APA) em 1973 constituiu um marco na despatologização das sexualidades héterodissidentes, abrindo caminho para modelos teóricos de desenvolvimento identitário mais afirmativos (Cass, 1979; Troiden, 1988). Estes primeiros modelos identitários centraram-se sobretudo em trajetórias de pessoas *gays* e *lésbicas*, deixando a bissexualidade numa posição ambígua (Fox, 1993, 2000). Inicialmente, modelos clássicos, como o de Cass (1979), focados no estudo do desenvolvimento da identidade sexual, interpretavam a bissexualidade como uma etapa transitória no caminho para a identidade *lésbica* e *gay*, apenas mais tarde reconhecendo-a como identidade legítima e com

percurso próprio (Cass, 1990). Este modelo foi amplamente utilizado para descrever trajetórias homossexuais, mas também criticado pelos estudos sobre bissexualidade e outras identidades não heterossexuais (Langdridge, 2014, 2018). Coleman (1982) e Troiden (1988) também integraram a bissexualidade nos seus modelos de desenvolvimento, embora sublinhando a invisibilidade e o estigma enfrentados por estas pessoas. Simultaneamente, surgiram abordagens contínuas iniciadas por Kinsey e colegas (1948, p. 195), que criticaram a dicotomia heterossexual/homossexual e propuseram a célebre escala de 0 a 6. Modelos subsequentes, como os de Storms (1980) e Klein (1978), expandiram essa perspectiva ao propor modelos multidimensionais, avaliando comportamento, atração emocional, fantasias, identificação, estilo de vida e mudanças ao longo do tempo. A *Klein Sexual Orientation Grid* [KSOG] operacionalizou esta perspectiva multivariável, oferecendo uma abordagem abrangente à experiência sexual e à identidade bissexual (Bowes-Catton & Hayfield, 2015). Nesta escala, os indivíduos avaliavam-se três vezes em cada dimensão da sexualidade, sendo que essas avaliações refletiam o eu-passado, o eu-presente e o eu- “ideal” (Klein, 1978). Estas abordagens permitiram superar algumas limitações da tradição psicanalítica e dos modelos identitários iniciais, reconhecendo que a bissexualidade não constitui necessariamente um estado transitório ou indicativo de imaturidade, mas sim uma orientação legítima e dinâmica.

É na década de 1980, num contexto de surgimento da crise do HIV/SIDA, que se desencadeia uma maior produção académica sobre bissexualidade, especialmente em contextos anglófonos, muitas vezes liderada por ativistas e redes críticas à mononormatividade (Bowes-Catton & Hayfield, 2015; Clarke et al., 2010; Monro et al., 2017) mas é também nessa época que se vulgarizam alguns estereótipos associados como o de serem pessoas “insatisfeitas”, que permanecem até hoje sobre as pessoas bissexuais (Fester & Zivony, 2024; Korinth, 2024; Zivony & Saguy, 2018).

Na viragem para os anos 1990, modelos identitários consolidam-se e multiplicam-se investigações que reconhecem a bissexualidade como identidade sexual legítima (Rust, 1992, 1993). Houve então um aumento significativo da literatura académica e ativista sobre bissexualidade, com contributos das ciências sociais e humanas (Morris & Storr, 1997 Rodríguez-Rust, 2000; Storr, 1999). No campo psicológico, surgiram estudos longitudinais sobre trajetórias de identidade sexual e ajustamento psicológico, revelando a fluidez identitária e a importância de fatores contextuais para o bem-estar (D’Augelli, 1994; Rosario et al., 2006). Ainda durante a mesma década, surge uma literatura científica ligada a contextos terapêuticos designada de “biafirmativa” (Firestein, 1996; Smiley, 1997; Weasel, 1996) que

passa a orientar profissionais de saúde mental para as necessidades específicas de clientes bissexuais (Guidry, 1999). Em paralelo, nesta altura aproximadamente, são criados o *American Institute of Bisexuality* (1998), a revista *Journal of Bisexuality* e a *BiUK*, (2004), uma organização focada na investigação em bissexualidade no Reino Unido que, possibilitou o fortalecimento de vínculos entre academia e ativismo bissexual e consolidou a bissexualidade enquanto objeto de investigação legítimo (Barker et al., 2012; Bowes-Catton & Hayfield, 2015).

## **2.2. Investigação atual: tendências na investigação contemporânea psicológica da bissexualidade**

Nas últimas duas décadas e, até ao presente, a investigação sobre a população designada de LGBTQI+ tem aumentado na área da Psicologia (Hegarty, 2020; Horn et al., 2014; Salvati & Koc, 2023). Contudo, nem é suficiente (Pollit et al., 2018) nem esse desenvolvimento se traduz necessariamente em investigação focada exclusivamente na bissexualidade (Barker, 2007; Davenport-Pleasance, 2024; Rust, 2002). Este campo de estudos tem permanecido fragmentado e de baixa visibilidade, em parte devido à publicação em múltiplas línguas e à ausência de redes académicas consolidadas (Maliapaard & Baumgartner, 2021, p. 3).

Embora a bissexualidade ainda não constitua uma subdisciplina consolidada na psicologia, verifica-se um crescimento do campo em diálogo com a sociologia, a antropologia e os estudos queer, configurando um campo emergente dos Estudos Bissexuais (Maliapaard & Baumgartner, 2021; Pollitt et al., 2018; Prieto, 2022). Entre os contributos mais significativos destacam-se *The Bisexuality Report* (Barker et al., 2012), o relatório *Complicated?* (Rankin et al., 2015) e, mais recentemente, o *Relatório do Inquérito Bi+ Equal 2024*, que recolheu experiências, necessidades e aspirações de grupos e ativistas bi+ em vários países europeus.

Assim, a investigação psicológica sobre bissexualidade tem avançado de forma modesta, evidenciando tendências específicas em torno de áreas ou temas de estudo (Firestein, 1996; Hayfield, 2022; Rust, 2002). A investigação tem-se concentrado sobretudo em temas como identidade sexual, padrões de atração, bem-estar psicológico e saúde mental (Hayfield, 2021; Maliapaard & Baumgartner, 2021). Observa-se a existência de padrões consistentes de disparidades em diversos domínios, experiências comuns de estigma e marginalização, e a exploração de perspetivas afirmativas e bpositivas, que em conjunto proporcionam uma compreensão psicológica mais abrangente das vivências bissexuais na atualidade. Deste modo, organizamos a investigação internacional existente em cinco grandes áreas principais:

### a) *Disparidades em saúde mental*

Os estudos mostram que pessoas bissexuais revelam um comprometimento maior da sua saúde quando comparadas com a população heterossexual, gay e lésbica (Colledge et al., 2015; Cross et al., 2024; Jorm et al, 2002). Até ao momento, a literatura científica tem mostrado que esta população apresenta taxas mais elevadas de depressão, ansiedade, ideação suicida e autoagressão do que pessoas heterossexuais, gays e lésbicas (Dunlop et al., 2022; Ross et al., 2018; Wittgens et al., 2022). Outros estudos confirmam estas diferenças. No estudo de Bostwick e al. (2014) encontraram níveis mais altos de sintomatologia depressiva e ansiedade entre adultos bissexuais nos EUA, enquanto Colledge et al., (2015) a partir do *UK Stonewall Women's Health Survey* (2007) verificaram que mulheres bissexuais no Reino Unido apresentam saúde mental mais pobre que mulheres lésbicas. Por outro lado, olhando para a população jovem, o estudo de Chang e colegas (2022) mostra que jovens bissexuais+ apresentam maior risco de ideação e comportamento suicida do que jovens gays/lésbicas. No que respeita às interseções com a categoria de género, Dyar, Feinstein e London (2014) demonstraram que a dimensão da identidade sexual e o género do/a parceiro/a influenciam a exposição a stressores minoritários, e Dyar e London (2018) confirmaram que estes processos persistem ao longo do tempo. Por último, a bifobia internalizada ou internalização da binegatividade, entendida aqui como um processo de auto-estigma decorrente da absorção de atitudes negativas sobre a bissexualidade, tem sido também explorada em estudos recentes (McInnis et al., 2022; Velasco et al., 2024).

Nesta área, o modelo psicológico da Teoria do Stress Minoritário tem sido amplamente reconhecido e utilizado (Feinstein & Dyar, 2017; Meyer, 2003). Este modelo conceptualiza o impacto do estigma, do preconceito e da discriminação estrutural na saúde mental das populações não heterossexuais, entendendo estes fatores como stressores sociais crónicos que se somam ao stress geral da vida (Meyer, 2003). Embora críticas mais recentes sublinhem que este modelo não presta atenção suficiente às estratégias que podem ajudar as pessoas a contrariar eficazmente os stressores relacionados com o estigma (Aybar et al., 2025; Frost & Meyer, 2023; Hoy-Ellis, 2023), continua a ser amplamente utilizado para explicar as disparidades observadas no campo da saúde mental. Estas disparidades são atribuídas a fatores de stress minoritário (Meyer, 2003), incluindo estigmatização, discriminação, invisibilidade da bissexualidade (Feinstein & Dyar, 2017; Ross et al., 2018) e ausência de redes de apoio biafirmativas (McCann et al., 2021; Persson & Pfaus, 2015). Estes fatores, que podem contribuir para as disparidades observadas na saúde de pessoas bissexuais, podem manifestar-se em múltiplos contextos e instituições. Mesmo com os avanços em visibilidade

social das experiências da população LGBTQI+ a nível internacional, os dados continuam a indicar vulnerabilidades específicas, particularmente entre jovens e mulheres bissexuais (Feinstein & Dyar, 2017; Hayfield, 2022; Taliaferro et al., 2018).

#### *b) Interseções identitárias*

A investigação recente sobre bissexualidade também evidencia a importância de considerar as interseções identitárias. Estudos recentes procuram integrar perspetivas interseccionais, reconhecendo o modo como raça (Israel, 2019; McCole & Anderson, 2025), género (Hayfield, 2022; Yost & Thomas, 2012), identidade de género (Katz-Wise et al., 2017; Scandurra et al., 2023) ou outras dimensões (Caldwell, 2010; Politt et al., 2017; Rodriguez et al., 2013) moldam as experiências bissexuais e a saúde mental (Salim et al., 2020). Há também uma abertura crescente para incluir identidades não binárias de género e sexualidade, como pansexualidade e plurissexualidade, explorando sobreposições e distinções conceptuais (Flanders et al., 2019; Hayfield, 2022). No que respeita à dimensão relacional e as experiências de intimidade na população bissexual, os estudos têm apontado para o facto de o género do/a parceiro/a também influenciar o bem-estar psicológico da população bissexual ou a qualidade da mesma (Feinstein et al., 2014; Manalastas et al., 2023). No seu estudo, Arriaga e Parent (2019) mostraram que mulheres bissexuais podem experienciar binegatividade distinta consoante o género do parceiro, apresentando impactos na sua saúde mental e nas suas relações interpessoais de forma distinta (Charley et al., 2023). Outro estudo (Dyar et al., 2014) indicou que mulheres bissexuais em relações com pessoas do mesmo sexo relatavam maior incerteza quanto à identidade bissexual, maior nível de visibilidade (*outness*) e maior frequência de serem percebidas como lésbicas, e menor frequência de experiências de exclusão e rejeição de binegatividade por parte de lésbicas e homens *gays*, em comparação com mulheres bissexuais em relações com pessoas de sexo/género diferente do seu.

#### *c) Preconceito sexual e discriminação dirigida a bissexualidades*

Outro eixo de investigação diz respeito à marginalização bissexual. O preconceito sexual contra a bissexualidade, doravante designado por binegatividade (Dyar & Feinstein, 2018; Eliason, 2001), apresenta características distintas de outras formas de preconceito sexual dirigidas à diversidade sexual e de género (Brewer & Moradi, 2010). A binegatividade é

---

<sup>5</sup> Parte desta subsecção baseia-se no paper *Binegativity within Intimate Relationships: A Qualitative Analysis Based on Bisexual Experiences in Portugal*, com adaptações e ampliações para fins de enquadramento teórico.

expressa tanto por pessoas heterossexuais (Hertlein et al., 2016; Pennasilico & Amodeo, 2019), como por pessoas *gays* e lésbicas (Roberts et al., 2015; Welzer-Lang, 2008), evidenciando o seu carácter transversal.

Os estudos mostram que a binegatividade envolve atitudes negativas em relação à bissexualidade e crenças baseadas em estereótipos que se manifestam sob a forma de discriminação interpessoal, institucional e cultural (Dyar & Feinstein, 2018; Friedemann 2014; Pollitt & Roberts, 2021), bem como de apagamento epistémico e social (Yoshino, 2000). A persistência deste fenómeno tem sido explicada a partir de enquadramentos heteronormativos e monossexistas (Eisner, 2013; Nelson, 2023; Santos & Craig, 2024) que limitam a compreensão social de identidades fora das categorias dicotómicas de género e sexualidade (Berlin, 1990). Mais recentemente, têm sido distinguidas diferentes formas de binegatividade - explícita, implícita, internalizada e estrutural-, que operam em níveis distintos e interligados (Feinstein & Dyar, 2024; Ghabrial & Mitchell, 2024).

A maioria da investigação sobre binegatividade tem-se centrado nas atitudes de pessoas heterossexuais, *gays* e lésbicas (Armstrong & Reissing, 2014; Barker et al., 2012), que frequentemente questionam a lealdade, estabilidade e confiabilidade percebida das pessoas bissexuais (Israel & Mohr, 2004; Mohr & Rochlen, 1999), e menos sobre as experiências bissexuais na primeira pessoa (Maliepaard & Baumgartner, 2021). Este preconceito específico contra as pessoas bissexuais contribui para a invisibilidade persistente das pessoas bissexuais em vários domínios sociais, como a educação (McAllum, 2017; Odenbring, 2021), a saúde (Williams et al., 2020) e a psicoterapia (DiBartolomeo, 2021; Scherrer, 2013).

Embora a literatura tenha enfatizado as percepções externas da bissexualidade, há evidência crescente de que a invalidação e a negação da identidade funcionam como fontes de stress específicas, moldando as dinâmicas interpessoais, os processos de revelação da identidade sexual e as relações íntimas (Maimon et al., 2021; Thöni et al., 2022). No contexto das relações íntimas, a binegatividade manifesta-se frequentemente através do questionamento da identidade sexual ou da fidelidade do/a parceiro/a, gerando tensão emocional e dificultando a divulgação da identidade (Callis, 2013; Armstrong & Reissing, 2014). Estudos empíricos indicam por um lado que, tanto pessoas heterossexuais como pessoas atraídas por pessoas do mesmo sexo/género demonstram relutância em envolver-se romanticamente com parceiros/as bissexuais, sobretudo em relações que envolvam compromisso (Ess et al., 2022; Feinstein et al., 2023). No entanto, o modo como género e identidade sexual moldam estas atitudes e a negociação da intimidade com parceiros bissexuais permanece ainda, pouco explorado. Por outro lado, os estudos mostram que as

peças bissexuais apresentam maior probabilidade para ocultar a sua identidade sexual quando comparadas com outras populações (Feinstein et al., 2020), podendo sentir-se pressionadas para validar repetidamente a sua identidade, por vezes através de comportamentos sexuais com múltiplos géneros, refletindo os stressores específicos de viver numa cultura mononormativa (Flanders et al., 2016; Dyar & Feinstein, 2018; Maimon et al., 2021). Nestes processos relacionados com a visibilidade ou ocultação bissexual, as diferenças de género parecem ser também relevantes (McGorray & Petsko, 2023), com os homens bissexuais a relatarem níveis maiores de stress durante a revelação do que mulheres bissexuais. Uma das explicações passa pelo enfrentamento de atitudes sociais mais negativas e maior suspeição em relação à sua sexualidade (Pollitt et al., 2017; Morgenroth et al., 2022).

Porém, se a divulgação de uma identidade estigmatizada e ocultável pode fomentar autenticidade e proximidade relacional, também pode implicar maior risco de rejeição (Cipollina et al., 2022; 2024). As reações à revelação variam amplamente, desde validação explícita até formas subtis de desvalorização ou apagamento (Cipollina et al., 2022; Sarno et al., 2020). Apesar do crescente interesse pela bissexualidade, poucos estudos compararam as experiências de revelação entre pessoas bissexuais e parceiros/as *gays* e lésbicas, ou examinaram o modo como a invalidação da identidade bissexual influencia por um lado a qualidade da relação de intimidade e por outro, o desenvolvimento pleno da identidade sexual (DeCapua, 2017; Rust, 2002; Thöni et al., 2024).

A binegatividade opera em múltiplos níveis. Ao nível individual, a binegatividade internalizada pode comprometer a autoaceitação e o bem-estar psicológico (Ross et al., 2018; Feinstein et al., 2019). Ao nível relacional, experiências de invalidação e preconceito aumentam o stress, reduzem o apoio social e comprometem a satisfação relacional (Bermea et al., 2018; Turell et al., 2018). Ao nível social e estrutural, estigma e exclusão reforçam estes padrões, agravando as desigualdades em saúde mental entre pessoas bissexuais (Mitchell et al., 2023).

Além disso, a discriminação e as atitudes sociais negativas em relação à bissexualidade são influenciadas pela idade, género, religião e orientação política, entre outras dimensões, como têm mostrado estudos recentes (Anderson & Maugeri, 2024; Feinstein & Dyar, 2024; Manalastas et al., 2023). Quanto aos contextos onde se manifesta, por exemplo, no acesso a serviços de saúde, estudos recentes revelam que muitas pessoas evitam revelar a sua identidade bissexual em contextos clínicos, devido ao receio de invalidação ou incompreensão (Pollitt et al., 2023; McCann et al., 2021). Estes dados revelam as dificuldades em aceder a

cuidados de saúde mental afirmativos salientando-se, a necessidade de criar serviços especializados e culturalmente competentes (McCann et al., 2020; Salim, 2022).

*d) Perspetivas afirmativas e bipoisitivas*

Nos últimos anos, têm-se consolidado abordagens que procuram valorizar as dimensões positivas da identidade bissexual (Hayfield, 2022), dando continuidade ao contributo pioneiro de Scales Rostosky et al. (2010), que implementaram um inquérito no qual pessoas que se identificam como bissexuais responderam a uma pergunta aberta sobre os aspetos positivos da identidade bissexual. Desde então, a investigação tem vindo a expandir o foco das experiências de discriminação para dimensões de bem-estar, orgulho e pertença, evidenciando um movimento de valorização da experiência bissexual. Estudos subsequentes exploraram experiências positivas de mulheres bissexuais (Dyar & London, 2018; Fuller & Hovland, 2022), incluindo as interseções com outros eixos de opressão (Galupo et al., 2019), bem como de homens bi+ (Wang & Feinstein, 2022). As perspetivas bipoisitivas, emergentes no âmbito das abordagens afirmativas, centram-se precisamente na valorização da experiência bissexual, destacando dimensões de orgulho, pertença e autoaceitação.

Este movimento teórico traduziu-se também em desenvolvimentos metodológicos, como a criação Escala de Identidade Bissexual Positiva (Positive Bisexual Identity Scale [PBIS]), concebida para avaliar dimensões associadas a uma vivência bissexual afirmada e integrada (de Barros & Morrison, 2022). Note-se que, embora o foco em aspetos positivos possa contribuir para a promoção da saúde mental e para o apoio clínico (Dyar & London, 2018; de Barros & Morrison, 2022), é importante evitar a criação de uma dicotomia simplista entre experiências positivas e negativas (Hayfield, 2022), reconhecendo a complexidade e a coexistência de ambas.

A participação em comunidades LGBTQI+ e, em contextos de ativismo bissexual, tem sido identificada como um fator que promove o bem-estar, o apoio social e o sentido de pertença (Craney et al., 2018; Gonzalez et al., 2021). Estes espaços funcionam como contextos de validação social e reconhecimento, contrabalançando a binegatividade e fortalecendo narrativas afirmativas da identidade bissexual. Estudos indicam associações com menor solidão, maior autoestima e maior resiliência (Gates & Hughes, 2023; Zajac & Godshall, 2020). Contudo, para muitas pessoas bissexuais, a binegatividade presente dentro da própria comunidade LGBTQI+ continua a gerar invisibilidade e exclusão (Lambe et al., 2017; Pollitt & Roberts, 2021; Price et al., 2020), revelando que a busca por pertença pode coexistir com experiências de marginalização.

### e) *Tendências metodológicas e contribuições longitudinais*

Também ao nível metodológico têm ocorrido desenvolvimentos relevantes. Em primeiro lugar, abordagens construcionistas e críticas têm enfatizado estudos qualitativos e longitudinais sobre identidade e fluidez sexual (Barker et al., 2012; Bowes-Catton, 2015). Em segundo lugar, investigações recentes têm sublinhado a necessidade de abordagens centradas nas experiências das pessoas bissexuais, reforçando o sentido de pertença e a importância da sua participação ativa (Beach & Xavier Hall, 2020). Um exemplo é o projeto *Bi+ Equal*<sup>6</sup>, uma investigação liderada pelos Países Baixos e financiada pela Comissão Europeia. Este projeto tem como objetivo identificar experiências e necessidades de grupos bissexuais e ativistas na Europa e organizou uma conferência em 2025. Além disso, a criação do grupo de investigação *The Bisexual Research Group*<sup>7</sup>, da *European Bisexual Conference*<sup>8</sup> tem ajudado a consolidar a investigação bissexual e a aproximar a academia e o ativismo. Em terceiro lugar, observa-se que, grande parte da investigação sobre bissexualidade continua concentrada nos Estados Unidos, na Austrália e no Reino Unido (Barker et al., 2012; Maliepaard & Baumgartner, 2021), enquanto as produções na Europa do Sul permanecem dispersas (Castillo-Mayén et al., 2024; Esteves, 2023; Gusmano, 2018).

### **2.3. Lacunas na investigação sobre bissexualidade**

A investigação psicológica sobre bissexualidade revela um quadro complexo, marcado tanto por disparidades em saúde mental, mediadas pelo stress minoritário, interseções identitárias, estigma e barreiras no acesso a serviço, quanto por perspetivas afirmativas e bipoitivas, que enfatizam resiliência, agência e apoio comunitário.

Apesar dos progressos registados na última década, a investigação sobre bissexualidade continua a apresentar lacunas significativas que limitam uma compreensão abrangente das experiências de pessoas bissexuais. Persistem desafios relacionados com inclusão, interseccionalidade e diversidade metodológica, refletindo a marginalização histórica desta população nos estudos da sexualidade (Barker, 2007; Clarke et al., 2010; Davenport-Pleasant, 2024).

---

6 Mais informação sobre a Bi+ Equal acessível em: <https://www.biplusequal.org/conference>

7 Bi+ Research Group disponível em: <https://www.biplusequal.org/conference>

8 Mais informação acessível em <https://www.eurobicon.org/category/eurobicon/>

Historicamente, a psicologia oscilou entre abordagens patologizantes e invisibilizadoras (Garnets & Peplau, 2006; López-Sáez, 2021; Hubbard & Griffiths, 2019), reconhecendo apenas recentemente a diversidade sexual e de gênero como uma dimensão constitutiva da experiência humana (Barker et al., 2012). Grande parte da investigação estrutura-se em torno de modelos centrados em indicadores de saúde mental, explorando de forma insuficiente dimensões sociopolíticas, estruturais e comunitárias, como propõe o modelo do stress minoritário (Meyer, 2003). Embora este modelo seja útil para identificar riscos e vulnerabilidades, tende frequentemente a reduzir a bissexualidade a uma variável de sofrimento psicológico, obscurecendo dinâmicas de resistência, pertença e agência (Frost & Meyer, 2023; Robinson & Schmitz, 2021). Por outro lado, estudos clássicos de Diamond (1998, 2008), que exploram sobretudo a fluidez da orientação sexual, com particular ênfase nas experiências de mulheres, assim como trabalhos de outros/as autores/as (Barker & Langdridge, 2008; Jones, 2011), de grande relevância para o desenvolvimento da investigação sobre bissexualidade, exemplificam também a concentração da pesquisa em populações brancas, urbanas e de classe média, contribuindo para a invisibilização de pessoas racializadas, trans e não binárias (Ghabrial & Ross, 2018).

Em suma, observa-se uma escassez de análises interseccionais, contextuais e longitudinais, capazes não só de avaliar o impacto do contexto sociocultural no bem-estar psicológico, mas também de fazê-lo ao longo do tempo, de modo a acompanhar as trajetórias identitárias da bissexualidade (Caldwell, 2010; Martos et al., 2015; Pallotta-Chiarolli, 2017). E também persiste um déficit de investigação sobre saúde bissexual que ultrapasse perspectivas estritamente individualistas e integre de forma mais robusta dimensões sociocomunitárias, de bem-estar e resistência (Barker, 2015; Frost & Meyer, 2023; Hepworth, 2006a). O foco excessivo nas variáveis individuais de saúde mental resulta na pouca atenção às dimensões afirmativas, como resiliência, apoio social e pertença comunitária (Dunlop et al., 2022; McCann & Bown, 2020; Ross et al., 2018).

De uma forma geral, as lacunas deste campo de estudos são reveladoras das ausências da bissexualidade nos currículos académicos, perpetuando representações redutoras da identidade bissexuais (Alldred & Fox, 2015; Bowes-Catton & Hayfield, 2015; Israel, 2018).

### ***2.3.1. Particularidades do contexto português***

No Sul da Europa e, particularmente em Portugal, as limitações na investigação sobre a bissexualidade são ainda mais pronunciadas. A psicologia feminista e crítica emergiu em Portugal de forma tardia, condicionada por restrições estruturais e políticas que retardaram o

avanço dos estudos de género e LGBTQI+ nas universidades (Amâncio & Oliveira, 2014; Oliveira et al., 2009; Oliveira et al., 2013). Apenas a partir do final da década de 1990 começaram a consolidar-se teses e projetos de investigação que integram perspetivas feministas, *queer* e críticas na análise da cidadania sexual, masculinidades, violência de género, e representações sociais do feminino e do masculino (Neves, 2005; Oliveira, 2009). Trabalhos como os de Nogueira (2001), Nogueira e Oliveira (2010), Oliveira e Amâncio, 2006 ou Pinto e Moleiro (2012) têm sublinhado a importância de abordagens qualitativas, mistas e críticas que integrem fatores sociais, culturais e políticos, estabelecendo pontes entre a psicologia e o estudo das normas heteronormativas, relações não monogâmicas e bem-estar psicológico.

Ainda assim, a investigação portuguesa permanece marcada por persistente invisibilização académica da bissexualidade, mesmo no campo da psicologia da saúde e da psicologia LGBTQI+; sub-representação de pessoas bissexuais, agravada quando se trata de pessoas racializadas, trans ou não-binárias; escassez de estudos interseccionais e longitudinais centrados nas experiências da população bissexual e ausência de análises históricas, culturais e políticas que permitam compreender de forma aprofundada as vivências da população LGBTQI+ no contexto nacional, em particular da população bissexual.

Estas lacunas evidenciam a necessidade de desenvolver estudos empíricos que adotem uma abordagem crítica e contextualizada da psicologia, capazes de mapear as experiências bissexuais em Portugal de modo situado, integrando dimensões históricas, sociais e institucionais. Em síntese, apesar dos avanços, a investigação sobre bissexualidade permanece geograficamente concentrada, metodologicamente limitada e epistemologicamente parcial, sobretudo fora dos contextos anglófonos. A incorporação de perspetivas interseccionais, críticas e colaborativas revela-se, por isso, essencial para compreender as experiências de pessoas bissexuais de forma abrangente, situada e socialmente relevante (Barker et al., 2012; Eisner, 2013; Israel, 2018). Estes princípios orientam o desenvolvimento dos estudos empíricos apresentados na secção seguinte desta tese.

## **2.4. Definição de Bissexualidade e Debates Contemporâneos**

Na Conferência Internacional de Geografia das Sexualidades (EGS, 2024), realizada em Brighton, Bordas e colegas (2024) sugeriram que o estudo historicamente limitado da bissexualidade se deve, em grande parte, a questões terminológicas. Isto evidencia que a forma como os termos são definidos e aplicados influencia não apenas a investigação

acadêmica, mas também as percepções sociais sobre a bissexualidade (Galupo et al., 2018; Pollit e Roberts, 2021). Atualmente, observa-se um conjunto de crenças, atitudes e comportamentos que refletem representações sociais acerca da bissexualidade enquanto sexualidade não heteronormativa (Giordano & Nolan, 2025). Estas representações podem interferir nas experiências quotidianas das pessoas bissexuais (bi+), moldando desde relações interpessoais até a forma como são reconhecidas enquanto cidadãs sexuais (Maliepaard & Baumgartner, 2020; Monro, 2023; Nelson, 2023). Tal processo decorre frequentemente da discrepância entre representações sociais e a forma como a comunidade bissexual se identifica e que, nem sempre coincidem. (Mathers, 2024; Nelson, 2023; Pollit & Roberts, 2021). Perceber esta desconexão é fundamental para contextualizar as discussões que se seguem sobre a bissexualidade e suas múltiplas dimensões, preparando o terreno para a apresentação das definições centrais adotadas neste projeto de investigação.

A bissexualidade tem sido definida de múltiplas formas ao longo do tempo, acompanhando transformações sociais, linguísticas e científicas na compreensão das sexualidades (Rust, 2000, 2002). Historicamente, foi frequentemente entendida como uma terceira identidade fixa (Angelides, 2001; Bowes-Catton & Hayfield, 2015), posicionada entre heterossexualidade e homossexualidade, envolvendo atração ou comportamentos sexuais com homens e mulheres (Hemmings, 2003, 2013). Com o tempo, passou a ser concebida como uma identidade fluida, permitindo que a orientação não fosse limitada pelo gênero e incorporando mudanças na atração e no comportamento ao longo da vida (Diamond, 2008), ou em um espectro contínuo (Savin-Williams, 2022). Com o surgimento da teoria *queer*, alguns autores passaram a ver a bissexualidade como uma posição radical e revolucionária, capaz de desafiar dicotomias e categorias de sexo e gênero (Bruril, 2009; Callis, 2009).

A bissexualidade tem sido operacionalizada de diferentes formas: em termos de atração, comportamento e autoidentificação, ou como uma combinação destas dimensões (Elia et al., 2018; Fox, 1995; Monro, 2015). Como já referido, no final da década de 1970, Klein desenvolveu a KSOG, concebendo, assim, a sexualidade como um processo multivariável. A KSOG inclui sete dimensões: atração, comportamento, fantasia, preferências sociais e emocionais, autoidentificação e estilo de vida, avaliadas no passado, presente e como ideal (Klein, 1978). Apesar da complexidade da escala e da sua limitada aplicação em estudos empíricos, a ideia de identidade baseada principalmente na atração tem sido central em pesquisas recentes, incluindo com jovens que se identificam como bissexuais ou pansexuais sem experiência sexual prévia (Flanders et al., 2017; Harrad, 2016).

A compreensão contemporânea da bissexualidade evoluiu em diálogo com a teoria de gênero (Grau-i-Muñoz & Faus-Bertomeu, 2025; Hayfield, 2022; Mendez-Grueso, 2025), incorporando contribuições de ativistas e acadêmicos que destacam a limitação do binário de gênero e a inclusão de pessoas trans e não-binárias (incluindo agênero, *genderfluid* e *genderqueer*) que se identificam como bissexuais e participam em comunidades bissexuais (Dingle, 2017; Monro, 2015). Esta evolução levou a que a atração fosse entendida não apenas em termos binários de homens/mulheres, uma simplificação recorrente na literatura, mas também como atração a pessoas como eu/diferentes de mim ou a pessoas com gênero semelhante e de gênero diferente (Dingle, 2017; Firestein, 2007).

A orientação sexual enquanto identidade, também designada por identidade sexual, é definida, cocriada e discutida socialmente, mas refere-se à autoidentificação de um indivíduo em relação à sua própria compreensão de si próprio (Hall et al., 2021; Nelson, 2023). A autocompreensão é um processo social e culturalmente específico através do qual a pessoa se localiza no espaço das identidades sexuais. Esta autoidentificação ocorre em interação dialética com a identificação externa, que pode ser relacional, uma vez que o indivíduo se posiciona numa rede ou categoria relacional (Nelson, 2023). A identidade sexual manifesta-se, portanto, na intersecção entre autocompreensão, identificação externa e dinâmicas relacionais, assumindo-se como autoidentificação com um rótulo de identidade sexual específico.

Quando a identidade sexual é socialmente utilizada, requer frequentemente um rótulo de identidade de gênero, tanto para o ‘eu’ quanto para os outros por quem o ‘eu’ se sente atraído, por exemplo, um homem gay é entendido como um homem atraído por homens. É nesta intersecção de gênero e orientação sexual que os rótulos de identidade sexual se manifestam como conceptualizações multidimensionais. Quando a orientação sexual e o gênero são observados a partir de uma lente dicotômica, a identidade sexual não implica uma compreensão complexa do ‘eu’ e dos outros. Por outro lado, identidades sexuais que não adotam entendimentos binários ou dicotômicos do gênero ou da orientação permitem conceptualizar interações complexas, envolvendo perceções ambíguas sobre o próprio gênero, o gênero por quem se sente atração e o tipo de atividade sexual que ocorre.

Porque as definições de identidade sexual são cocriadas e discutidas em contextos sociais específicos, vários fatores entram em jogo na definição dos rótulos de identidade sexual, incluindo fluidez, compreensão do binário sexo/gênero, comportamento e estereótipos. Mesmo rótulos diferentes podem sobrepor-se tanto na definição quanto na experiência vivida (Flanders et al., 2016). Experiências narradas por mulheres bissexuais demonstram ainda que

atitudes culturais, incluindo percepções sociais sobre bissexualidade e pessoas bissexuais, influenciam o desenvolvimento da auto-identidade, visibilidade e relações interpessoais (Diamond, 2008; Nelson, 2023), confirmando que os rótulos de identidade sexual são negociados e adotados em contextos sociais. Atualmente, a bissexualidade é compreendida como uma identidade complexa, multidimensional e fluida, que integra diferentes formas de desejo, experiências e posições de género (Callis, 2016; Diamond, 2008; Fahs & Koerth, 2018). A diversidade de definições e terminologias reflete tanto a evolução do conhecimento científico como as transformações socioculturais em torno da sexualidade e do género, preparando o terreno para os debates que se seguem sobre as múltiplas dimensões da bissexualidade.

A psicologia contemporânea tem vindo a distanciar-se das conceções reducionistas que confundiam género e sexualidade (Alldred & Fox, 2015; Shields & Dicicco, 2011). Por exemplo, atualmente, a *American Psychological Association* (APA) descreve a bissexualidade como uma orientação sexual que se aplica a pessoas que experienciam atração emocional, romântica e/ou sexual por mais de um sexo ou género, ou que se envolvem em relações românticas ou sexuais com mais de um sexo ou género. Esta formulação é relevante por deslocar a centralidade exclusiva do desejo sexual, incorporando dimensões emocionais e relacionais. Ainda assim, mantém-se um debate quanto à sua eventual ancoragem em conceções binárias de género, uma vez que a expressão “mais de um sexo ou género” pode ser interpretada como uma dualidade implícita, em vez de reconhecer explicitamente a pluralidade e fluidez de identidades de género (Cipriano et al., 2022; Monro, 2015). Assim, o Comité da Divisão 44 da APA para os assuntos bissexuais acrescenta à definição:

A nossa definição de bissexual/bissexual+ inclui pessoas que sentem atração romântica e/ou sexual por mais do que um sexo e/ou género. Isto pode incluir tanto pessoas cisgénero como transgénero que se autoidentificam como bissexuais, queer, pansexuais, omnissexuais, *two-spirited*<sup>1</sup>, fluídas, ou que optam por outro rótulo identitário não heterossexual” (APA, 2025, n.d).

No contexto nacional, o cenário é um pouco diferente. No documento *Guia Orientador da Intervenção Psicológica com Pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais e Trans (LGBT)*, a Ordem dos Psicólogos Portugueses (2020) descreve a orientação sexual como uma componente da identidade que inclui atração sexual e emocional, podendo traduzir-se em envolvimentos afetivos ou sexuais, embora não apresente uma definição autónoma de bissexualidade. O

documento organiza a orientação sexual em quatro dimensões: heterossexualidade, homossexualidade/lesbianismo, bissexualidade e assexualidade (Ordem dos Psicólogos Portugueses, 2020, p. 7). Ainda que relevante para a introdução da terminologia e aumento do conhecimento sobre a realidade da população LGBTQI+ em Portugal, esta categorização mantém uma lógica taxonómica pouco sensível à fluidez e pluralidade que as próprias comunidades reivindicam (Das, 2016; Katz-Wise, 2022).

Um dos problemas associados a estas definições e classificações taxonómicas é a ênfase colocada exclusivamente na dimensão sexual, frequentemente reduzida à ideia de “com quem se dorme”, desconsiderando as experiências afetivas e identitárias que compõem a orientação sexual (Callis, 2014; Fassinger & Arsenal, 2007; Michel, 2019). Além disso, estas formulações assentam no pressuposto incorreto de que a identidade bissexual implica atração igualitária por homens e mulheres (Lippa, 2013; Morgenroth *et al.*, 2022; Rust, 2000). Tal crença sustenta um estereótipo muito difundido de que pessoas bissexuais seriam “meio lésbicas/*gays* e meio heterossexuais”, o que apaga a bissexualidade enquanto identidade própria e independente (Monro, 2005; 2015). Nelson (2023) argumenta que, da mesma forma que uma pessoa heterossexual pode ser reconhecida como tal sem ter tido experiências sexuais, o mesmo se aplica às pessoas que se identificam como bissexuais, lésbicas ou *gays*. Assim, a identidade sexual não se define pela prática sexual efetiva, mas pelo modo como as pessoas se reconhecem e descrevem a sua experiência de atração (Hayfield, 2020; Mathers, 2024).

O dicionário português Priberam (2025) define *bissexual* como adjetivo para designar “hermafrodita, relativo à bissexualidade e quem tem atração ou interesse sexual pelos dois sexos”. De forma semelhante, a Infopédia (Porto Editora, 2025) descreve *bissexual* como um adjetivo referente a “quem se sente atraído por indivíduos de ambos os sexos”, acrescentando, enquanto substantivo, o significado de “hermafrodita” ou de “pessoa que se sente atraída por indivíduos de ambos os sexos”. Estas definições contrastam com a definição apresentada pela *American Psychological Association*. Para além de anacrónicas, revelam-se problemáticas por confundirem conceitos distintos, ao associarem a bissexualidade a características corporais, nomeadamente o intersexo, aqui designado de forma patologizante como “hermafroditismo” e, por reiterarem uma perspetiva binária e reducionista do género. Esta confusão tem raízes históricas no modo como a psicologia e a sexologia dos séculos XIX e XX, influenciadas por Freud e outros autores, conceptualizaram a bissexualidade como uma condição de “duplicidade sexual” inscrita na biologia (MacDowall, 1999; Storr, 2009, 2013).

Ao olhar para as definições produzidas pela comunidade bissexual, observa-se maior abertura e flexibilidade. Ochs (1996) descreve:

“Chamo-me bissexual porque reconheço que tenho em mim o potencial para me sentir atraída – romanticamente e/ou sexualmente – por pessoas de mais do que um sexo e/ou género, não necessariamente ao mesmo tempo, não necessariamente da mesma forma e não necessariamente com a mesma intensidade” (p. 11).

Esta formulação desloca a centralidade da simetria ou da constância na experiência bissexual, reconhecendo a variabilidade e a subjetividade na forma como a atração é vivida. No recurso Bissexual Index (2009), um dos documentos produzidos por ativistas e membros da comunidade bissexual no Reino Unido, a definição de uma pessoa que se identifica como bissexual surge de modo igualmente inclusivo: “Uma pessoa bissexual é alguém que se sente atraída por mais do que um género. Além disso, as pessoas muitas vezes têm as suas próprias definições do que a bissexualidade significa para elas”. Quem estuda em profundidade a identidade bissexual têm, em boa medida, defendido a importância de usar estas definições comunitárias (Hayfield, 2021; Nelson, 2023). Além disso, sublinham a necessidade de compreender a bissexualidade não apenas em oposição à heterossexualidade ou homossexualidade, mas como uma identidade sexual própria, atravessada por contextos históricos, sociais e culturais (Barker et al., 2012; Monro, 2005, 2015). Neste sentido, a bissexualidade não deve ser concebida como uma “posição intermédia” ou “identidade transitória”, mas como uma orientação legítima que pode ou não manter vínculos com comunidades bissexuais ou LGBTQI+ mais amplas (Hayfield, 2021). A valorização destas definições produzidas pela comunidade permite, por um lado, corrigir equívocos e, por outro, visibilizar a diversidade das vivências bissexuais em toda a sua complexidade.

Assim, é de suma importância considerar estas definições especialmente num momento em que o número de pessoas a identificar-se como lésbicas, *gays* ou bissexuais (LGB) aumentou, com bissexuais a constituírem a maior proporção (Gates, 2011; Office for National Statistics [ONS], 2019). Com esse aumento, também aumentou o uso de termos emergentes, como pansexual, para expressar atração por mais de um género, assim como o maior reconhecimento de identidades assexuais (Belous & Bauman, 2017; Carrigan, 2011). A visibilidade crescente de identidades transgénero (ou trans) e comunidades pode ter contribuído para a popularidade da pansexualidade, usada por pessoas trans, *genderqueer*, *genderfluid* e cisgénero que reconhecem atração por diferentes géneros (Elizabeth, 2016;

Sprott & Benoit-Hadcock, 2018). Algumas comunidades pansexuais usam o lema *hearts not parts* para enfatizar a atração por pessoas, não órgãos genitais, embora este conceito seja contestado em algumas plataformas de ativistas pansexuais, por sugerir uma superioridade implícita (Belous & Bauman, 2017; Galupo *et al.*, 2016; Lapointe, 2017). A pansexualidade é frequentemente apresentada como resposta à diversidade, tolerância e como novo padrão social (Belous & Bauman, 2017).

#### **2.4.1. O guarda-chuva bissexual**

Com o surgimento de diversos termos para descrever a atração por múltiplos gêneros, a palavra bissexual tem sido frequentemente utilizada como um guarda-chuva, reunindo várias identidades sob uma mesma designação (Eisner, 2013; Belous & Bauman, 2017). As identidades incluídas neste espectro são variadas, refletindo diferentes formas de experienciar a atração e a identidade, mas partilham a característica comum de se relacionarem com múltiplos gêneros (Cipriano *et al.*, 2022; Hayfield, 2020). Entre elas destacam-se:

- Fluida: indica variação nos gêneros de atração ou na intensidade da atração ao longo do tempo (Brown & Lilton, 2019; Eisner, 2013);
- Omnisexual: atração por todos os gêneros do espectro, sendo por vezes usada como sinónimo de pansexual (Eisner, 2013; Okoli *et al.*, 2017);
- Pansexual: atração por todos os gêneros ou “independentemente do género” (Elizabeth, 2016; Gonel, 2013);
- Plurisexual: termo que captura a atração por mais de um género, de forma individual ou coletiva (Brown & Lilton, 2019);
- *Queer*: usado de formas variadas, incluindo a rejeição de categorias fixas ou a atração por múltiplos gêneros (Galupo *et al.*, 2018);
- Sapiosexual: atração baseada na inteligência, independentemente do género (Israel, 2018; Sage, 2019).

A metáfora do guarda-chuva bissexual funciona como um recurso para reunir pessoas com experiências semelhantes, criando espaços de ação coletiva e objetivos comuns (Eisner, 2013; Flanders, 2017; Galupo, 2018). Muitas pessoas identificam-se com mais de um termo (Callis, 2013, 2016) dentro deste guarda-chuva, como pansexual e bissexual, partilhando algumas

experiências, mas vivendo também experiências únicas (Flanders, 2017; Persson & Pfaus, 2015).

Apesar da sua utilidade, o conceito não está isento de críticas (Voss et al., 2014). Há quem alerte que o uso do guarda-chuva pode obscurecer diferenças importantes entre identidades, incluir pessoas sem consentimento ou até tornar invisíveis identidades como a bissexualidade (Hayfield, 2020; Nelson, 2023). Eisner (2013) enfatiza que apenas quem desejar estar incluído deve fazê-lo, sublinhando a importância do respeito pela agência individual.

Ainda assim, mesmo com estas limitações, o guarda-chuva bissexual continua a ser uma ferramenta valiosa, sobretudo em contextos de ativismo e *advocacy*, permitindo promover solidariedade e ação coletiva entre diferentes identidades plurissexuais (Nutter-Pridgen, 2015). Nesse sentido, Nelson (2023) explica que há quem prefira referir-se a bi+ e não bissexual (p. 5).

#### ***2.4.2. Discussão sobre Debates Terminológicos em Torno da Bissexualidade***

Os debates terminológicos em torno da bissexualidade têm-se centrado, sobretudo, na crítica à definição tradicional baseada na atração por “homens” e “mulheres”. Esta formulação, ancorada numa lógica binária de gênero, tem sido contestada pela academia e pelo ativismo por reforçar uma visão dicotômica que não contempla a diversidade contemporânea das identidades de gênero (Dingle, 2017; Eisner, 2013; Monro, 2015). À medida que identidades não binárias e expressões de gênero mais fluídas ganham visibilidade (Hayfield, 2020), intensifica-se a necessidade de compreender a bissexualidade como uma orientação sexual que não depende de categorias rígidas, mas que pode abranger múltiplas possibilidades relacionais e afetivas (Belous & Bauman, 2017; Cipriano, et al, 2022; Hayfield & Krizová, 2021).

Esta expansão conceptual, contudo, coloca um dilema central. Por um lado, amplia o alcance inclusivo da bissexualidade e aproxima-a das vivências reais de muitas pessoas bissexuais. Por outro, a ausência de definições socialmente estabilizadas pode contribuir para a fragilidade da bissexualidade enquanto categoria identitária, reforçando processos de invisibilidade social (McCann et al., 2021; Maliepaard & Baumgartner, 2021; Swan, 2018). Como argumentam Monro (2005, 2015) e Maliepaard e Baumgartner (2021), estas disputas não são meramente semânticas, mas refletem lutas por poder, legitimidade e reconhecimento. Definições excessivamente restritivas tendem a reforçar estigmas, apresentando a bissexualidade como transitória ou confusa, enquanto definições demasiado amplas podem

diluir a categoria e dificultar a sua afirmação no campo das políticas públicas, da investigação e do ativismo (Burrill, 2009; Callis, 2009; Yoshino, 2000).

Uma dificuldade adicional prende-se com a ideia amplamente difundida de que a bissexualidade exige uma atração equivalente por dois géneros, frequentemente interpretada como uma divisão de 50%-50%. A investigação empírica tem demonstrado, contudo, que as experiências bissexuais são frequentemente marcadas por atrações desiguais, situacionais ou flutuantes ao longo do tempo, desafiando expectativas normativas de simetria ou estabilidade (Anderson & McCormack, 2016; Diamond et al., 2017). Estas ambiguidades conceptuais têm implicações metodológicas relevantes. Estudos que definem a bissexualidade exclusivamente a partir do comportamento sexual tendem a excluir pessoas que se identificam como bissexuais sem terem tido experiências com mais de um género, ou cujas atrações se manifestam de forma variável ao longo do ciclo de vida (Diamond, 2008; Rust, 1992). De modo semelhante, abordagens que pressupõem uma atração equivalente reproduzem modelos normativos que não correspondem às trajetórias afetivas concretas de muitas pessoas bi+, frequentemente moldadas por contextos sociais, relacionais e históricos específicos (Anderson & McCormack, 2016; Diamond et al., 2017).

Adotar uma compreensão inclusiva e não essencialista da bissexualidade implica, assim, reconhecer as dinâmicas de poder e opressão que atravessam estas experiências, incluindo processos de bifobia e apagamento, tanto na sociedade em geral como em contextos LGBTQ+ mais amplos (Hayfield, 2021; Nelson, 2023). Os debates terminológicos constituem, portanto, um campo de disputa política e epistemológica que molda a forma como a bissexualidade é vivida, reconhecida e investigada.

Nesta tese, parte-se da compreensão de que a bissexualidade constitui simultaneamente uma experiência subjetiva e uma identidade política. A sua análise exige um enquadramento interseccional que considere como dimensões como classe, raça/etnia, género, religião ou estatuto migratório moldam as condições de possibilidade para viver, nomear e reivindicar identidades bi+ (Maliepaard & Baumgartner, 2021). Este posicionamento tem implicações diretas na forma como a bissexualidade é conceptualizada, investigada e interpretada no contexto português. Ao privilegiar uma abordagem fluida e dinâmica da bissexualidade, evita-se limitar a investigação à verificação de categorias sexuais estáticas ou mutuamente exclusivas. Em vez disso, valoriza-se a centralidade da autoidentificação e das narrativas situadas, reconhecendo a agência das pessoas bissexuais na construção das suas próprias identidades (Blumstein & Schwartz, 1977; Wagaman, 2016), bem como o impacto das pressões sociais, do estigma e da invisibilidade nos percursos identitários (Knous, 2006).

Este enquadramento orienta igualmente a leitura crítica das representações culturais e académicas da bissexualidade, questionando narrativas binárias, patologizantes ou redutoras, e permitindo dar visibilidade à pluralidade interna do guarda-chuva bissexual. Metodologicamente, traduz-se na valorização das experiências subjetivas, das trajetórias relacionais e da autoidentificação, integradas numa perspetiva interseccional sensível às desigualdades estruturais e às formas de resistência. A bissexualidade é, assim, entendida não apenas como uma categoria sexual, mas como uma posição identitária, relacional e política, cuja análise exige um compromisso epistemológico com a complexidade, a fluidez e a multiplicidade das experiências humanas.

#### ***2.4.3. Posicionamento teórico e justificação do uso do termo “bissexual”***

Ao abordar a bissexualidade neste trabalho de investigação, parte-se do reconhecimento de que se trata de um conceito marcado por dinâmicas de apagamento e estigmatização, frequentemente enquadradas pelos termos bifobia ou binegatividade (Nelson, 2023; Hayfield, 2021). Além disso, essa realidade evidencia a necessidade de um olhar interseccional, capaz de captar as múltiplas dimensões de poder que sustentam a marginalização de pessoas bissexuais (como será explorado no estudo sobre género, que compõe um dos estudos empíricos desta tese).

A decisão de utilizar o termo “bissexual” e não outros termos mais recentes, como plurisexual, responde igualmente a um compromisso político com as reivindicações históricas do movimento bissexual, tanto a nível internacional quanto nacional (Dau, 2021; Gomes, 2018; Holthaus, 2015). Esta escolha não implica a exclusão de outras designações, como pansexual, queer ou plurisexual; antes, reconhece-se a pluralidade de experiências e identidades, ao mesmo tempo em que se adota “bissexual” como termo central por razões políticas e práticas.

Duas razões principais justificam esta opção: em primeiro lugar o termo apresenta carácter inclusivo, permitindo abarcar uma diversidade de experiências e compreensões de género que ultrapassam a dicotomia homem/mulher (Eisner, 2013; Flanders, 2017; Israel, 2018). Em segundo lugar, funciona como um “termo guarda-chuva”, capaz de englobar pessoas que se identificam como pansexuais, pluri-sexuais ou não-monossexuais, entre outras. Embora não exista consenso universal sobre a terminologia, “bissexual” mantém-se amplamente inteligível e historicamente legitimado por ativistas (Holthaus, 2015; Nelson, 2023; Nutther-pridgen, 2015), proporcionando visibilidade e reconhecimento a indivíduos sujeitos a estigmas em razão de suas relações afetivas ou sexuais (Israel, 2018; Monro, 2015).

Nesta investigação, adota-se a definição de Robyn Ochs (2014), segundo a qual a bissexualidade corresponde ao “potencial de sentir atração romântica e/ou sexual por pessoas de mais de um sexo e/ou gênero, não necessariamente de forma simultânea nem na mesma intensidade” (p. 11).

## Capítulo 3 - Cidadania bissexual: Um conceito analítico<sup>9</sup>

*Queerness is not yet here. Queerness is an by b. [...] We must dream and enact new and better pleasures, other ways of being in the world, and ultimately new worlds. — Muñoz, J. E. (2019).*

### 3.1. Introdução

O presente capítulo tem como objetivo apresentar e desenvolver o conceito analítico central desta tese: o conceito de cidadania bissexual. Este conceito emerge como proposta integradora, partindo das abordagens tradicionais sobre cidadania sexual e íntima (Plummer, 2001, 2011; Richardson, 2000), articulando dimensões de reconhecimento, agência e performatividades oferecidas, nomeadamente, pela abordagem da psicologia social da cidadania (Andreouli, 2019).

Ao longo do capítulo anterior, foram discutidas as formas como a bissexualidade tem sido construída social, política e culturalmente até à atualidade, revelando tensões persistentes entre visibilidade e invisibilidade, inclusão e marginalização, legitimidade e desconfiança. A partir dessas construções, torna-se necessário dispor de uma ferramenta analítica que permita compreender não apenas as condições estruturais de (in)visibilidade e exclusão, mas também as formas de agência e resistência através das quais pessoas bissexuais reivindicam, negociam ou reconfiguram o seu lugar na cidadania contemporânea.

A opção por autonomizar este capítulo decorre assim da necessidade de dar centralidade conceptual à noção de cidadania bissexual, sublinhando o seu carácter propositivo e a sua relevância como eixo de leitura transversal aos estudos empíricos que compõem a presente investigação. O conceito de cidadania bissexual é neste trabalho entendido como um instrumento analítico capaz de captar as múltiplas formas de pertença, participação e reconhecimento que atravessam a experiência bissexual inserida no contexto português.

### 3.2. Enquadramento da cidadania sexual e íntima

---

<sup>9</sup> Este capítulo baseia-se parcialmente nos artigos publicados pela autora da tese: Esteves, M. (2023). Bisexual citizenship in Portugal. In A. C. Santos (Ed.), *LGBTQ+ intimacies in Southern Europe: Citizenship, gender and diversity* (pp. 35–56). Palgrave Macmillan. [https://doi.org/10.1007/978-3-031-13508-8\\_3](https://doi.org/10.1007/978-3-031-13508-8_3); Esteves, M., Moleiro, C. & Santos, AC (2026), LGBTQI+ Pride Politics? Experiences of bisexual citizenship among activists in Portugal. In Hellen Bowes-Catton & Kaye McLelland (Eds.). *Internacional Handbook of Bisexuality*. Routledge (*forthcoming*).

O modelo tradicional de cidadania (Marshall, 1950), historicamente centrado nas proteções, privilégios e obrigações pessoais (Monro & Richardson, 2014; Monro, 2015), tem sofrido evolução significativa em resposta às transformações socioculturais.

O conceito de cidadania sexual surge das críticas feministas às concepções clássicas de cidadania, historicamente centradas num indivíduo universal masculino, branco e heterossexual (Lister, 2007; Walby, 2009), bem como do ativismo LGBTQ+, que trouxe a sexualidade para o debate político ao problematizar o androcentrismo dessas formulações (Crawford, 2025; Weeks, 1998). Autores como Lister (2007) e Young (1989) destacam a necessidade de pluralizar a cidadania, incluindo reivindicações tradicionalmente tratadas como privadas ou apolíticas, nomeadamente aquelas relacionadas com o desejo, a intimidade e a organização das vidas afetivas.

A literatura sobre cidadania sexual desenvolveu-se em múltiplas disciplinas: sociologia (Evans, 1993), geografia (Bell & Binnie, 2000) e teoria política (Phelan, 2001), convergindo na crítica aos pressupostos heterossexuais que regulam quem é reconhecido como cidadão/ã pleno/a (Richardson, 2004, 2017, 2018). Richardson (2017) sublinha que normas heterossexuais definiram historicamente as expressões “aceitáveis” de sexualidade, produzindo formas de cidadania hierarquizada em que lésbicas e *gays* foram frequentemente colocados em posição secundária.

Os debates sobre reconhecimento legal e institucional, como o acesso ao casamento entre pessoas do mesmo sexo ou a uniões civis, ilustram estas tensões. Enquanto alguns veem o acesso ao casamento como caminho pragmático para direitos e proteções (Kitzinger & Wilkinson, 2004; Peel & Harding, 2004), críticos *queer* e feministas alertam para os riscos de assimilação a instituições patriarcais e para a reprodução de normas que estruturam exclusões (Brandzel, 2005). Estes debates evidenciam que a expansão formal de direitos nem sempre traduz transformações profundas nas normas sociais que estruturam a cidadania. O surgimento e consolidação do campo teórico da cidadania sexual permitiu uma lente interdisciplinar, reunindo trabalhos com diferentes orientações.

Em primeiro lugar, esta teorização centra-se no acesso a direitos (garantidos ou negados) a diferentes grupos sociais com base na sua sexualidade, nomeadamente direitos de expressão sexual e identidade (Richardson, 2000a; 2000b). Este campo considera ainda as responsabilidades sexuais e corporais, como a não exploração e a não opressão de outros, salientando os aspetos culturais, políticos e legais das atividades e expressões sexuais (Hearn et al., 2011). Em segundo lugar, a cidadania sexual é considerada enquanto conceito para

referir os direitos sexuais garantidos ou negados aos indivíduos e grupos, destacando o modo “como nos intitulamos para nos expressarmos sexualmente” (Richardson, 2000, p. 258)

Uma tensão central na cidadania sexual é o dilema entre universalismo e particularismo: direitos entendidos como universais *versus* a reivindicação pública de diferenças específicas (Monro, 2015). Considerar os direitos sexuais predominantemente como direitos à privacidade tende a deslocar estas questões para o âmbito privado, reduzindo a visibilidade política das desigualdades (Plummer, 2003, 2011; Richardson, 2000). Por outro lado, enfatizar a diferença para obter reconhecimento público pode levar à essencialização de grupo minorizados ou à percepção de “direitos especiais” (Richardson, 2000).

Monro (2015) contribui para este debate ao problematizar a dupla condição de exigência de reconhecimento e risco de marginalização: a luta por visibilidade e proteção pode, simultaneamente, reinscrever hierarquias e exclusões. Estes dilemas ideológicos aparecem também em análises que ligam direitos sexuais a estratégias geopolíticas. Por exemplo, Puar (2007) critica o homonacionalismo, demonstrando como o discurso sobre direitos LGBTQI+ pode ser instrumentalizado para construir dicotomias civilização/“atraso” e reforçar políticas xenófobas ou islamofóbicas (Mepschen, Duyvendak, & Tonkens, 2010).

O conceito de cidadania íntima (Plummer, 2001) enfatiza decisões individuais relativas a corpos, emoções e relações, examinando o acesso a representações, relações e espaços públicos, bem como as escolhas sociais disponíveis para construir identidades, expressões de gênero e experiências eróticas (Plummer 2001, 2011). Este conceito levanta questões críticas sobre o controle da própria vida pessoal e sexual, os direitos dos indivíduos sobre seus corpos, relações e desejos, e o papel do Estado, da sociedade ou da cultura na regulação da intimidade (Plummer, 2011; Weeks, 2003). Segundo Plummer (2011), a negociação de direitos e escolhas na vida íntima permite ultrapassar modelos prescritivos, valorizando narrativas diversas e discursos públicos sobre como navegar a intimidade num mundo pós-moderno caracterizado por opções ampliadas e desafios.

Consequentemente, os debates sobre cidadania íntima levam a reconsiderar quem está incluído ou excluído do conceito de cidadania, e sublinham as implicações públicas e políticas de assuntos pessoais e privados (Plummer, 2001; Roseneil et al., 2020). O trabalho de Evans (1993) um dos antecedentes para a formulação contemporânea de cidadania bissexual, aborda tensões entre as dimensões privada e pública da identidade bissexual e destaca como o discurso privado molda contextos sociais mais amplos. Mais tarde, Monro (2015), desenvolveu o conceito através da lente da cidadania íntima, enfatizando características distintivas da bissexualidade, “como multiplicidade relacional e fluidez sexual” (p. 142).

Apesar do seu potencial transformador no modo de pensar a cidadania íntima/sexual (Maliepaard, 2015; Monro, 2005, 2015), a cidadania bissexual permanece pouco explorada (Maliepaard & Baumgartner, 2020). Mesmo com maior visibilidade e aceitação social da diversidade sexual e de gênero, a bissexualidade continua a enfrentar ambivalência e preconceito (Velasco et al., 2024), refletindo não apenas a heteronormatividade, mas também o monossexismo e mononormatividade (Gordon-Orr, 2021).

### **3.3. Enquadramento da psicologia social da cidadania**

Abordagens da psicologia social (Howarth, 2014; Stevenson et al., 2015; Stevenson et al., 2023) deslocam o foco da cidadania de um estatuto formal para práticas quotidianas, discursos e relações. Andreouli (2019) propõe que o “fazer cidadania” ocorre quando indivíduos se posicionam em relação a normas coletivas, afirmando-se como agentes políticos. Esta cidadania é performativa, realizada através de atos simbólicos e linguísticos que reproduzem ou contestam normas, tornando o discurso espaço de negociação e resistência (Andreouli & Howarth, 2013; Condor, 2011). A psicologia social da cidadania permite analisar como pessoas bissexuais constroem espaços de visibilidade, resistem à mononormatividade e afirmam pertenças múltiplas através destes mecanismos discursivos de resistência.

A abordagem da psicologia social da cidadania (Andreouli, 2019; Stevenson et al., 2015) propõe a cidadania como um processo performativo e ativo de reivindicação de direitos e de envolvimento político para compreender como habitamos identidades, práticas e subjetividades (Isin, 2008, 2019). A cidadania é encarada não como um arranjo formal, institucional e normativo produzido por governos, mas como um processo ativo de fazer e negociar, desempenhado por grupos diversos que reivindicam o direito de participar (Cvejic & Vujanovic, 2015; Isin, 2017). Isin (2017) formula críticas às concepções tradicionais de cidadania como estatuto, enfatizando a cidadania como prática ou ato e, nesse sentido, a cidadania não pode ser vista apenas como um direito formal, mas envolve ações, performances e atos de reconhecimento e reivindicação. Para isso, Isin (2019) expande o conceito de atos de cidadania para incluir formas disruptivas e criativas de intervenção política, reconhecendo a agência de grupos tradicionalmente excluídos e centra-se em formas emergentes de participação políticas como protestos, ativismos e movimentos sociais reforçando a ideia de que a cidadania deve ser entendida como prática social, relacional e contingente. Atos como afirmar a própria identidade, apesar de estereótipos, promovem o

*empowerment* psicológico e a pertença coletiva. A participação cívica em instituições e o envolvimento comunitário suportam adicionalmente o *empowerment* pessoal e coletivo (Florin & Wandersman, 1990; Perone, 2024). Aplicada à bissexualidade, esta perspetiva permite compreender como os indivíduos negociam identidades, afirmam direitos e se envolvem em contextos sociopolíticos como agentes de mudança, destacando processos internos de pertença, reconhecimento e agência. Por exemplo, Stevenson e colegas (2015) exploram como sentimentos de inclusão ou exclusão influenciam a participação na sociedade, enquanto indivíduos bissexuais frequentemente navegam entre invisibilidade e invalidação (McLean, 2007; Nelson, 2023). Ao deslocar o foco da cidadania do estatuto formal para os atos performativos dos indivíduos, permite-se enfatizar que pessoas bissexuais podem *agir como cidadãos* mesmo em contextos onde o reconhecimento legal e/ou social ou institucional é limitado. Esta abordagem considera que práticas de visibilidade, autoidentificação, reivindicação de direitos e participação coletiva constituem formas legítimas de *fazer cidadania*, ultrapassando a ideia de cidadania enquanto mera condição de reconhecimento formal. Um enfoque na performatividade permite analisar como tais atos de cidadania bissexual se desenvolvem em espaços onde normas de género, orientação sexual e identidade ainda funcionam como barreiras, ou onde surgem lacunas institucionais que são criativamente exploradas pelos sujeitos para afirmar pertença, agência e reconhecimento social. Abordar a cidadania bissexual através de um enquadramento que complementa as abordagens que derivam da cidadania íntima (Maliepaard, 2015, 2020; Monro, 2015) enriquece a compreensão das experiências bissexuais, mostrando como a bissexualidade desafia binarismos e normas excludentes, expande a cidadania nas esferas pessoal e pública, e enquadra a cidadania através do reconhecimento, apoio e reivindicação de direitos na esfera pública.

### **3. 4. Conceptualização multidimensional da cidadania bissexual**

A literatura sobre cidadania sexual e íntima tem contribuído de forma decisiva para alargar a compreensão da cidadania para além dos seus enquadramentos formais e institucionais, integrando afetos, corpos, práticas relacionais e experiências quotidianas como dimensões centrais de pertença, reconhecimento e disputa (Plummer, 2011; Roseneil, 2013, 2020). Contudo, estes enquadramentos revelam limitações quando confrontados com as especificidades da bissexualidade, uma vez que tendem a reproduzir pressupostos

monossexuais que invisibilizam ou deslegitimam experiências não alinhadas com modelos de coerência sexual.

A bissexualidade exige, assim, instrumentos teóricos capazes de articular simultaneamente as condições estruturais que moldam a cidadania, nomeadamente o monossexismo e a heteronormatividade, e as formas de agência através das quais pessoas bissexuais produzem reconhecimento, resistência e pertença no quotidiano. Como Evans (1993) aponta, a bissexualidade coloca em causa a lógica binária da sexualidade (hétero/homo) que estrutura grande parte das teorias e das práticas de cidadania: obriga a revisitar as fronteiras entre público/privado e normal/desviante e a problematizar as hierarquias que organizam o campo da sexualidade (Bollas, 2023; McCann, 2022). Surya Monro amplia esta formulação ao conceptualizar a cidadania bissexual como um processo relacional, situado e interseccional: para Monro (2005; 2015), ser cidadã/o bissexual implica negociar simultaneamente múltiplas camadas de pertença e exclusão, no Estado, em movimentos LGBTQ+, em redes afetivas e em instituições sociais, pelo que o reconhecimento formal não pode ser lido isoladamente das práticas quotidianas de agência e resistência. A cidadania bissexual não reclama apenas inclusão legal: exige atenção às práticas relacionais, às performances de identidade, e às negociações de visibilidade que constituem a vida íntima das pessoas bissexuais.

Neste sentido, a noção de cidadania bissexual é aqui proposta como um conceito analítico situado, relacional e performativo, que articula o reconhecimento formal e institucional com práticas quotidianas de negociação, visibilidade e contestação.

A cidadania bissexual pode ser entendida como um processo multidimensional, estruturado em três dimensões interdependentes. A dimensão *normativa-estrutural* refere-se às condições institucionais, legais e discursivas que regulam a legitimidade das identidades sexuais e relacionais, privilegiando modelos monossexuais e heteronormativos e produzindo desigualdades simbólicas e jurídicas. A dimensão *performativa-agencial* centra-se nas práticas discursivas e corporizadas através das quais pessoas bissexuais produzem cidadania no quotidiano, incluindo estratégias de visibilidade, reivindicação e resistência ao apagamento, conceptualizando a cidadania como ato e performance (Isin, 2008, 2017). Por fim, a *dimensão relacional-íntima* destaca as práticas de intimidade, cuidado e desejo como arenas fundamentais de pertença e contestação, evidenciando como normas monossexistas são negociadas e desafiadas nas relações afetivas.

Enquanto ferramenta analítica, o conceito de cidadania bissexual permite compreender como pessoas bissexuais negociam o seu lugar no espaço público e nas esferas da

intimidade, resistindo à binegatividade e à invisibilidade estrutural (Monro, 2015; Prieto, 2023; Toft & Yip, 2018). Integra perspectivas político-sociais, centradas no reconhecimento e na participação, com abordagens sociopsicológicas que enfatizam agência, discurso e performatividade. A cidadania bissexual é, assim, produzida ativamente através de práticas de enunciação, resistência e reconfiguração de fronteiras simbólicas, incluindo formas quotidianas de visibilidade, cuidado coletivo e organização comunitária.

Esta conceptualização integrada permite ultrapassar abordagens restritas às dimensões formais da cidadania, oferecendo uma lente analítica sensível às interseções entre género, idade, classe, raça e outros eixos de desigualdade. No plano empírico desta investigação, o conceito de cidadania bissexual orienta a análise das formas de agência, resistência e participação pública das pessoas bissexuais em Portugal. Informa a compreensão das práticas de mobilização e visibilidade desenvolvidas por ativistas bissexuais, bem como a análise das experiências de binegatividade nas relações íntimas, evidenciando estratégias de negociação de legitimidade e pertença. De forma transversal, o conceito articula dimensões individuais, relacionais e coletivas, iluminando os modos como a cidadania bissexual se produz nos planos simbólico, político e afetivo.

Nesto projeto de investigação, o conceito de cidadania bissexual funciona como uma lente analítica transversal que estrutura a formulação das perguntas de investigação e orienta as opções analíticas adotadas nos diferentes estudos. Permite examinar, de forma integrada, as dinâmicas de agência, resistência e participação pública das pessoas bissexuais, bem como as formas através das quais estas são moldadas por enquadramentos normativos e relacionais específicos. Ao informar a análise das práticas de mobilização e visibilidade no ativismo bissexual e das experiências de binegatividade nas relações íntimas, o conceito oferece um quadro coerente para compreender processos de negociação de legitimidade, reconhecimento e pertença. De forma transversal, articula níveis individuais, relacionais e coletivos, possibilitando a análise dos modos como a cidadania bissexual se produz e é disputada nos planos simbólico, político e afetivo.

Esta conceptualização permite, assim, articular três planos de análise particularmente relevantes para o presente estudo. Em primeiro lugar, o plano do reconhecimento formal, que inclui direitos, políticas públicas e enquadramentos legais que regulam a legitimidade das identidades e relações sexuais. Em segundo lugar, o plano das experiências vividas, marcado por dinâmicas de invisibilidade, hipervisibilidade e binegatividade que atravessam o quotidiano das pessoas bissexuais. Em terceiro lugar, o plano das práticas de agência, que engloba a ação coletiva, as performances identitárias e as estratégias relacionais através das

quais estas pessoas produzem pertença, contestam normas dominantes e reclamam reconhecimento.

Em termos analíticos, a cidadania bissexual é simultaneamente situação, relação e prática. É uma situação porque se encontra enraizada em contextos históricos, jurídicos e culturais específicos que condicionam possibilidades de reconhecimento e participação. É uma relação porque envolve processos contínuos de negociação com normas sociais, instituições e comunidades, tanto no espaço público como nas esferas da intimidade. E é uma prática porque se manifesta em ações quotidianas, discursivas, afetivas e corporizadas, de reconhecimento, resistência e pertença, através das quais a cidadania é performativamente produzida.

Em suma, a articulação entre a psicologia social da cidadania, os estudos sobre cidadania íntima e as perspetivas performativas oferece um enquadramento teórico robusto para captar a especificidade da experiência bissexual. Em vez de apenas perguntar se as pessoas bissexuais têm acesso a direitos, este enquadramento permite compreender como fazem cidadania no quotidiano, que recursos ideológicos e relacionais mobilizam, e que dilemas enfrentam num contexto estruturado pela mononormatividade e pela heteronormatividade, como é o contexto português.

### **3.5. Cidadania bissexual em Portugal**

Esta secção analisa a cidadania bissexual em Portugal, situando-a nos enquadramentos socioculturais, legais e políticos que estruturam as experiências de reconhecimento, pertença e exclusão. A partir do percurso histórico do país em matéria de direitos LGBTQI+, explora-se como os avanços legislativos coexistem com dinâmicas persistentes de invisibilidade, monossexismo e heteronormatividade que afetam especificamente as pessoas bissexuais. A secção aborda ainda o papel do ativismo bissexual na produção de espaços de resistência e reivindicação, bem como a relevância da abordagem da cidadania desenvolvida neste capítulo para compreender a experiência vivida das pessoas bissexuais em Portugal.

#### ***3.5.1. O Enquadramento sociocultural e legal para a igualdade e anti-discriminação em Portugal***

O percurso de Portugal rumo à igualdade e anti-discriminação está enraizado na sua história sociopolítica. Durante grande parte do século XX, o país foi governado pelo repressivo regime do Estado Novo (1936–1974), um Estado autoritário que promovia valores morais nacionalistas e judaico-cristãos (Vale de Almeida, 2010). Estas normas criminalizavam a

homossexualidade e reforçavam um enquadramento heteronormativo rígido para a intimidade e as relações (Cascais, 2020; Santos, 2013).

Nos últimos anos, Portugal emergiu como um dos países mais progressistas em termos de direitos LGBTQI+, com avanços legais e legislativos significativos. Portugal ocupa atualmente o 11.º lugar no Índice de Igualdade LGBT (ILGA Europe, 2025). Apesar destes avanços, persistem lacunas (ILGA Europe, 202), incluindo a falta de reconhecimento de indivíduos não-binários e da diversidade relacional, bem como a ausência de dados sobre orientação sexual e identidade de género (Saleiro et al., 2022) ou insuficientes políticas para travar os crimes de ódio. Investigação focada exclusivamente nas experiências bissexuais é escassa (Esteves, 2023; Esteves & Pieri, 2023; Pereira et al., 2017), e a representação nos *media* é também limitada (Carvalheira, 2021; Gomes, 2018). As atitudes socioculturais em Portugal continuam a ser influenciadas pela tradição, com muitos a verem a orientação sexual através de enquadramentos monossexistas, reforçando expectativas heteronormativas (Cascais, 2020; Santos, 2018b). A violência e a discriminação com base na orientação sexual e identidade de género continuam a ser reportadas (Agência dos Direitos Fundamentais [FRA], 2024; ILGA Europe, 2025; Santos et al., 2023). No âmbito da saúde e da psicoterapia, persistem atitudes enviesadas e conhecimento limitado sobre as necessidades LGBTQI+ (Moleiro & Pinto, 2009; Gomes et al., 2023).

O progresso de Portugal deve-se, em grande parte, à resiliência do seu movimento LGBTQI+ (Santos, 2013; 2018a). Desde os anos 1990, organizações como a ILGA Portugal e o Clube Safo lideraram esforços de *advocacy*, enquanto coletivos como os Actibistas deram visibilidade à comunidade bissexual. Estes grupos pressionaram decisores políticos e moldaram o discurso público, impulsionando o país em direção a uma maior igualdade.

### *Comunidade Bissexual e Ativismo Bi+<sup>10</sup>*

As pessoas ativistas bissexuais têm feito parte do movimento LGBTQI+ há muito tempo, mas o termo “bissexual” só surgiu no ativismo português em 2003 através da Rede Ex Aequo. Em 2010, surgiram dois coletivos — Ponto Bi e Associação B VisiBilidades — representando os primeiros esforços organizados pela visibilidade pública. Em 2013, foi fundado em Lisboa o

---

<sup>10</sup> Como já referido, neste trabalho, o termo *bissexual* é utilizado para designar o potencial de sentir atração romântica e/ou sexual por pessoas de mais de um sexo e/ou género (Ochs, 1996). Contudo, a literatura internacional recente recorre também ao termo *bi+* de forma equivalente. Dado tratar-se de um debate conceptual ainda em curso, desenvolvido ao longo da realização desta tese, ambos os termos serão utilizados de forma articulada, refletindo o estado atual do campo (Nelson, 2023; Hayfield, 2021).

coletivo Actibistas, com o objetivo de combater a invisibilidade bissexual, ganhando destaque através da presença online e da participação no *Pride* (Actibistas, 2021). Em 2016, o coletivo Somos Blergh, no Porto, priorizou a consciencialização sobre questões bissexuais, incluindo um “bloco central bissexual” no *Pride*. Na mesma época, surgiu o coletivo Zanele Muholi de Lésbicas e Bissexuais Negras, para combater múltiplas formas de discriminação. Marcos importantes incluíram a celebração do “Dia do Orgulho Bissexual” e a organização de grupos de apoio mútuo, inclusivos de outras identidades sexuais.

Situar o ativismo bissexual em Portugal no enquadramento da cidadania bissexual destaca como as organizações procuram inclusão em agendas legais e políticas, desafiam os limites entre o público e o privado, e ilustram como as reivindicações por reconhecimento se cruzam com lutas mais amplas pela cidadania íntima. Isto fornece um contexto crucial para o presente estudo, que examina como os ativistas articulam estas tensões e possibilidades (Klesse, 2016; Monro, 2005; 2015).

### ***3.5.2. Relevância da cidadania bissexual em Portugal***

Como vimos, apesar de Portugal ter avançado significativamente em termos de direitos LGBTQI+, incluindo casamento, parentalidade e reconhecimento legal da identidade de género, as experiências bissexuais permanecem frequentemente invisíveis ou marginalizadas, tanto em espaços institucionais como comunitários (ILGA Portugal, 2019; FRA, 2020; Esteves 2023). Uma abordagem da psicologia social da cidadania permite estudar como as pessoas bissexuais lidam com estas tensões, identificando práticas de resistência, estratégias de ativismo e construção de comunidades seguras, ao mesmo tempo que evidencia a dimensão afetiva destas experiências (vergonha, constrangimento, orgulho) como parte constitutiva da cidadania quotidiana (Andreouli et al., 2025).

No contexto português, investigações sobre práticas relacionais e não-monogâmicas (Cardoso & Klesse, 2025; Reis et al., 2024; Rodrigues, 2024) e no contexto de cuidados médicos (Marques et al., 2015; Pieri & Brilhante, 2022) ilustram como as experiências de intimidade desafiam e ao mesmo tempo revelam os limites das estruturas de reconhecimento. João Manuel de Oliveira (2013) mostra como a cidadania sexual continua “sob suspeita”, condicionada por lógicas homonormativas e neoliberais que produzem uma cidadania de “consolação”, formalmente inclusiva, mas substantivamente limitada. Refere-se a uma experiência de cidadania sexual vivida no privado, mediada pelo consumo de produtos culturais LGBTQI+ que proporciona um “consolo” simbólico frente a discriminações do espaço público. Em trabalhos subsequentes com Marques e Nogueira (2015), Oliveira analisa

as interações de mulheres lésbicas em contextos de saúde, revelando como a heteronormatividade no contexto médico restringe o exercício pleno da cidadania sexual. Esse estudo demonstra a necessidade de reflexão e tomada de decisão para promover o reconhecimento da cidadania sexual das mulheres lésbicas. Estes estudos são particularmente úteis para compreender a condição bissexual: mostram que o reconhecimento formal de direitos não é suficiente para garantir cidadania vivida, ou seja, o exercício quotidiano de agência, segurança e autenticidade relacional. Acresce que o imaginário do “casal heterossexual reprodutivo, monogâmico e coabitante com descendência” continua a moldar as expectativas legais e sociais, produzindo abjeção e estigmatização em relação a formas relacionais alternativas (Santos, 2023; Santos & Santos, 2023).



# SECÇÃO II. SECÇÃO EMPÍRICA



## Capítulo 4 - Enquadramento epistemológico e visão geral da abordagem de investigação

A presente tese adota o Realismo Crítico como enquadramento ontológico e epistemológico central, partindo do pressuposto de que este paradigma oferece uma abordagem robusta para compreender fenómenos sociais complexos, politicamente situados e atravessados por relações de poder, como a bissexualidade, a binegatividade e os processos de invisibilidade estrutural. O Realismo Crítico (RC), fundado por Roy Bhaskar (1975; 1998), propõe uma síntese entre ontologia realista, epistemologia relativista e racionalismo julgamental<sup>11</sup>, formando aquilo que é designado por “Santíssima Trindade” necessária para uma ciência social crítica e emancipatória.

A arquitetura filosófica do RC assenta em três pilares interligados: ontologia realista, epistemologia relativista e racionalismo julgamental (Bhaskar, 1975, 1998; Pilgrim, 2019). O primeiro pilar é o realismo ontológico, segundo o qual o mundo existe independentemente das nossas crenças, teorias ou perceções. Esta afirmação, embora simples, tem implicações profundas: se a realidade material antecede a linguagem, então o conhecimento é sempre um esforço para captar, ainda que de forma imperfeita, propriedades, processos e mecanismos que operam para além da observação direta.

O segundo pilar é o relativismo epistemológico. Se o mundo existe independentemente de nós, o mesmo não se aplica ao conhecimento que produzimos sobre ele. Teorias, categorias, modelos e interpretações são sempre situados histórica e culturalmente, falíveis, contingentes e sujeitos a revisão. A coexistência de múltiplos regimes de verdade não significa que todas as explicações tenham o mesmo valor; esta distinção é enfatizada cuidadosamente pelo RC.

Daqui emerge o terceiro pilar: o racionalismo julgamental. Apesar da pluralidade de perspetivas, é possível e necessário avaliar criticamente diferentes interpretações. Bhaskar

---

<sup>11</sup> Tradução para português da autoria da autora. Em Bhaskar (1975, 1998), o termo de referência é *judgemental rationalism*, um conceito central do realismo crítico que sustenta a possibilidade de avaliar racionalmente teorias e explicações, sem recorrer nem ao relativismo nem ao positivismo. Pilgrim (2019) retoma explicitamente este conceito no âmbito da psicologia crítica.

(1998) utiliza o exemplo do Holocausto para demonstrar que certas descrições captam de forma mais completa os mecanismos implicados: “Foram assassinados” descreve de forma mais adequada o fenómeno, em contraste com formulações que ocultam agência, intencionalidade ou estrutura, como “Morreram” ou “Foram mortos”. A avaliação crítica das explicações é, portanto, uma exigência ética e epistemológica.

Aos princípios filosóficos acima referidos, junta-se uma conceção estratificada da realidade. Bhaskar distingue três níveis: o real (ou estrutural), o de facto ou o eventual (*actual*) e o empírico. O nível do real ou estrutural refere-se aos mecanismos causais subjacentes que tornam eventos e observações possíveis, como normas monossexistas e heteronormativas, leis, políticas públicas e práticas institucionais. O nível de facto ou eventual diz respeito aos eventos que ocorrem independentemente de serem observados, e o nível do empírico corresponde ao que podemos observar, como experiências percebidas e relatadas pelas pessoas, incluindo episódios de discriminação, reconhecimento e estratégias de resistência.

Pilgrim (2019) exemplifica este conceito com o canto de um pássaro: os mecanismos fisiológicos, ecológicos e evolutivos que permitem esse evento pertencem ao domínio do real ou estrutural, o ato de cantar é de facto ou eventual e o som que ouvimos é empírico. Esta estrutura ontológica evita dois erros clássicos: reduzir a realidade ao observável (empirismo) ou confundi-la com eventos isolados. A maior parte dos processos que moldam a vida social e psicológica, isto é, normas, emoções, desigualdades, ideologias, estruturas institucionais é real, ainda que não diretamente observável. Isso permite analisar experiências de discriminação, invisibilidade e desafios de saúde mental (Israel, 2018; Pollitt et al., 2021; Salway et al., 2019), relacionando-as com práticas de resistência e reivindicação de direitos (Francis et al., 2024; Robinson & Schimtz, 2021).

Outro conceito central no RC é a distinção entre dimensões transitiva e intransitiva. A dimensão intransitiva diz respeito ao mundo que existe independentemente de nós; a transitiva corresponde às descrições, teorias e significados que produzimos. O RC pressupõe que fazemos ciência navegando permanentemente entre estas dimensões: interpretamos o mundo através de categorias próprias, tentando compreender uma realidade que não controlamos.

Com esta base, torna-se possível analisar de forma articulada as condições estruturais que moldam experiências individuais, bem como as práticas de agência das pessoas e as formas de resistência que emergem em contextos de desigualdade (Archer, 1995; Bhaskar, 1975; Sayer, 2000). A psicologia crítica da saúde complementa o RC ao propor uma leitura relacional e política da saúde e do bem-estar (Barker & Richards, 2015). Esta abordagem rejeita

explicações individualistas, valorizando a análise de normas, relações de poder e instituições (Hepworth, 2006; Murray, 2017), sendo particularmente útil para estudar experiências complexas, como as vividas por pessoas bissexuais, em que fatores sociais, culturais e psicológicos se entrelaçam de maneira não imediatamente observável.

Na psicologia, o RC facilita a compreensão de fenômenos multifacetados, como discriminação, invisibilidade e estigmatização, integrando dimensões materiais, sociais e simbólicas da experiência (Botha, 2021; Cromby, 2005). Esta aproximação acompanha, em muitos aspectos, o percurso descrito por Pilgrim (2019), que relata o desconforto intelectual resultante da alternância entre psicologia e sociologia. Enquanto na psicologia predominam abordagens positivistas metodologicamente rigorosas (Guba & Lincoln, 1994) mas insuficientemente reflexivas sobre pressupostos filosóficos (Chirkov & Anderson, 2018), as abordagens pós-modernas oferecem uma crítica necessária ao empirismo ingênuo, mas correm o risco de negligenciar a materialidade das experiências e das estruturas sociais (Gorski, 2013; Parker, 1999; Pilgrim, 2019).

Ao contrário de abordagens puramente positivistas ou relativistas, o RC permite investigar fenômenos observáveis e mecanismos causais subjacentes, articulando análise de estruturas, discursos e agência (Bogna et al., 2020; Willis, 2023). Esta perspectiva evita a teoria empirista do conhecimento que fundamentou o positivismo, mantendo um compromisso com o realismo ontológico e adotando um relativismo epistemológico que reconhece que o nosso conhecimento da realidade é social e historicamente condicionado (Willis, 2023). Pilgrim (2019, 2021) sugere que o RC deve ser entendido não como dogma, mas como orientação para a prática científica, orientando trabalho conceptual, metodológico e ético, integrando diferentes níveis de realidade e modos de conhecer sem reduzir a complexidade da experiência humana.

A polarização entre reducionismo empiricista e relativismo discursivo também atravessa grande parte da produção científica sobre diversidade sexual (Eagly & Riger, 2014). O campo oscilou historicamente entre explicações essencialistas, que tentam localizar a orientação sexual em bases biológicas ou traços psicológicos estáveis, e perspectivas construtivistas, que tratam identidades sexuais como efeitos linguísticos ou posicionamentos discursivos (DeLamater & Hyde, 1998). Ambas captam aspectos importantes, mas deixam de fora uma dimensão mais profunda: as condições materiais, relacionais e institucionais que moldam a experiência vivida por pessoas bissexuais, condicionando desigualdades persistentes como invisibilidade, invalidação e binegatividade.

A escolha desta abordagem justifica-se pela sua capacidade de analisar mecanismos sociais e institucionais de discriminação e binegatividade, reconhecendo simultaneamente a agência, subjetividade e capacidade de resistência dos indivíduos. Ao combinar realismo ontológico e relativismo epistemológico, permite compreender como pessoas bissexuais em Portugal constroem significados para suas experiências, resistem à invisibilidade e ao estigma, e reivindicam cidadania e reconhecimento social (Elder-Vass, 2010; Houston, 2001; Pilgrim, 2019). Além disso, oferece ferramentas analíticas para identificar como normas monossexistas, práticas institucionais e relações de poder estruturam oportunidades e constrangimentos, possibilitando explorar estratégias individuais e coletivas de agência e resistência, fundamentais para entender a dinâmica da binegatividade e modos de afirmação bissexual.

O RC torna-se, assim, um pilar conceptual da psicologia crítica da saúde, ao integrar complexidade sem recorrer a reducionismos. Saúde e sofrimento psicológico emergem da interação entre diferentes estratos da realidade: processos corpóreos e neurofisiológicos; relações interpessoais; dinâmicas comunitárias; estruturas sociais; e sistemas históricos de poder (Archer, 2000; Sayer, 2000). Esta abordagem concebe sujeitos não como entidades isoladas, mas como agentes situados em sistemas de relações que moldam possibilidades de ação, reconhecimento e bem-estar.

Finalmente, a psicologia, quando vista a partir desta lente, torna-se necessariamente reflexiva. A produção de conhecimento é uma atividade eticamente implicada, exigindo atenção não apenas aos métodos, mas às condições sociais e políticas que estruturam as experiências estudadas. Este ponto é central para a investigação sobre sexualidades marginalizadas.

#### **4.1. Desenho e Estratégia Metodológica**

Como os métodos qualitativos tem sido utilizado para abordar questões de justiça social, como poder, privilégio e injustiça sistémica (Cadaret et al., 2018; Fine, 2013; Willig, 2013) eles alinham-se com os objetivos do presente trabalho. Assim, o desenho metodológico desta investigação é qualitativo, exploratório e multimétodo, permitindo uma compreensão integrada das experiências bissexuais (Flick, 2018; Levitt et al., 2018; Madill et al., 2000; Parker, 2004).

A adoção de um desenho qualitativo multi-método garante, por um lado, profundidade interpretativa, análise multinível e recurso a diversidade de fontes, assegurando coerência

epistemológica e integridade metodológica em toda a investigação (Flick, 2018; Willig, 2013). Por outro lado, essa abordagem permite captar práticas de resistência, formas de agência individual e coletiva e dimensões da cidadania bissexual. Ao combinar múltiplos métodos, a investigação consegue abranger simultaneamente experiências subjetivas, eventos concretos e mecanismos estruturais, mantendo consistência com a ontologia e epistemologia do realismo crítico (Fletcher, 2017; Willis, 2023).

A escolha desse desenho metodológico foi motivada por diversos razões: Primeiro, para captar a diversidade, fluidez e contradições das experiências de pessoas bissexuais, segundo, para articular os três domínios do realismo crítico — real, de facto ou eventual e empírico— conectando experiências vividas, eventos concretos e mecanismos estruturais subjacentes (Danermark et al., 2002; Fletcher, 2017); terceiro, para explorar narrativas, significados e práticas de agência, evitando reduzir a análise a explicações deterministas quarto, para integrar múltiplas fontes de dados, combinando revisão de literatura (Estudo 1) e entrevistas individuais semiestruturadas (Estudo 2 e Estudo 3), com o objetivo de produzir uma visão multidimensional das experiências bissexuais (Flick, 2018; Levitt et al., 2018); e, finalmente, para garantir a integridade metodológica da investigação por meio da triangulação teórica e metodológica e da reflexividade contínua (Braun & Clarke, 2022; Flick, 2018; Madill et al., 2000).

#### ***4.1.2. Fases de Recolha de Informação***

##### ***Fase exploratória (2016–2019)***

Antes do início formal da recolha de dados, foi desenvolvida uma fase exploratória que combinou análise documental e observação participante em contextos comunitários. A análise documental incidiu sobre materiais produzidos por organizações pelos direitos da população LGBTQI+ em Portugal e redes ativistas bissexuais em Portugal como relatórios, manifestos ou comunicados e publicações online, com o objetivo de identificar questões centrais, lacunas de conhecimento e padrões discursivos sobre bissexualidade e cidadania sexual.

Paralelamente, a participação em eventos comunitários (conferências, workshops e marchas do orgulho em Lisboa) possibilitou uma observação direta das dinâmicas de ativismo bissexual, das estratégias de resistência e das formas de agência coletiva

Embora não configurasse uma recolha formal de dados, esta fase teve papel epistemológico e reflexivo fundamental. Contribuiu para a construção dos guiões de entrevista utilizados em 2 dos estudos e fomentou uma reflexividade contínua sobre a posicionalidade da investigadora no campo. A proximidade com a comunidade LGBTQI+ facilitou o acesso aos participantes e

aprofundou a compreensão contextual dos fenômenos estudados, exigindo simultaneamente uma vigilância crítica quanto às possíveis influências na interpretação e produção de conhecimento.

### ***Fases empíricas formais***

O desenho metodológico integra três estudos empíricos complementares: Estudo 1 – *Scoping Review* da literatura, Estudo 2 – Estudo que incluiu entrevistas individuais com ativistas bissexuais e Estudo 3 que incluiu entrevistas individuais sobre relações de intimidade junto de participantes bissexuais.

### ***Estudo 1 – Scoping Review da literatura***

Este estudo tem como objetivo o mapeamento e análise crítica da literatura sobre experiências bissexuais, com o objetivo de identificar lacunas de investigação e evidenciar padrões de invisibilidade, monossexismo e estigmatização na literatura científica em psicologia, sociologia e estudos de gênero (Arksey & O'Malley, 2005; Levitt et al., 2018).

As perguntas de investigação específicas são as seguintes:

- a) Que padrões de invisibilidade, monossexismo e estigmatização emergem da literatura sobre experiências bissexuais no Sul da Europa?
- b) Que mecanismos estruturais são identificados como condicionantes dessas experiências?
- c) Que lacunas de investigação persistem e como estas limitam a compreensão crítica da bissexualidade neste contexto?

Este estudo fornece a base teórica e empírica que orienta os estudos subsequentes, permitindo identificar os enquadramentos predominantes e os vazios analíticos a preencher, delineando os eixos de análise subsequentes: cidadania bissexual, participação pública e relações de intimidade.

### ***Estudo 2 – Entrevistas individuais com ativistas bissexuais***

Este estudo tem como objetivo explorar os significados de cidadania, participação política e ativismo entre pessoas bissexuais, considerando as suas experiências no espaço público e nas comunidades LGBTQI+.

As perguntas de investigação específicas são as seguintes:

- a) Como ativistas bissexuais constroem significados sobre cidadania e participação pública em contextos de invisibilidade e monossexismo?
- b) Que mecanismos estruturais moldam as suas possibilidades de agência e participação política?
- c) Que estratégias de resistência e formas de agência coletiva emergem da sua atuação, e como estas reconfiguram a cidadania bissexual no espaço público?

Este estudo foca na esfera pública, permitindo compreender como o ativismo bissexual desafia normas monossexistas e regimes de invisibilidade, e como contribui para a transformação das noções de cidadania sexual. O objetivo foi explorar os significados atribuídos à cidadania e participação pública, identificar barreiras estruturais e normativas e analisar estratégias de resistência e agência coletiva no espaço público (Alldred & Fox, 2015; Pilgrim, 2019). Realizaram-se entrevistas individuais semiestruturadas (Kvale, 1996) com ativistas bissexuais, recrutados através de amostragem intencional e efeito “bola de neve” (Patton, 2015), garantindo diversidade em termos de género, idade, região e envolvimento comunitário.

### ***Estudo 3 – Entrevistas individuais sobre relações íntimas***

Este estudo foca na esfera privada, observando como normas monossexuais moldam as relações íntimas e como estas experiências se relacionam com conceções de cidadania bissexual. Apresenta como objetivo examinar as experiências de binegatividade e as estratégias de resistência em relações íntimas, analisando as interseções de género e sexualidade.

As perguntas de investigação específicas são as seguintes:

- a) Como as pessoas bissexuais experienciam e significam a binegatividade nas suas relações íntimas?
- b) Que mecanismos estruturais e normativos (por exemplo, pressupostos monossexuais) operam na esfera privada?
- c) Que estratégias de resistência e agência são mobilizadas, e como estas se relacionam com conceções de cidadania bissexual?

A sequência dos estudos segue uma progressão lógica, do mapeamento da literatura à análise das esferas pública e privada. Ao privilegiar o “como” em vez de explicações deterministas lineares, esta estratégia enfatiza processos, práticas e significados, permitindo identificar os mecanismos subjacentes que estruturam as experiências sem reduzir a análise a causalidades simplistas. No conjunto, a combinação destes três estudos não configura uma triangulação clássica (Flick, 2018), mas uma estratégia qualitativa integrativa, que articula diferentes níveis e fontes de análise. Esta integração reforça a credibilidade interpretativa (Flick, 2018; Levitt et al., 2018) e permite construir uma compreensão mais densa, situada e crítica das experiências bissexuais em Portugal.

#### ***4.1.3. Procedimentos, Análise de Dados e Considerações Éticas***

No Estudo 2 e no Estudo 3 foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas (ver Anexo A e Anexo B), seguindo procedimentos comuns a ambos os estudos. Para a sua condução, recorreu-se a guiões de entrevista elaborados a partir da literatura, dos resultados do estudo anterior (*Scoping Review*) e das aprendizagens decorrentes da fase exploratória. Estes guiões mantiveram flexibilidade temática, de modo a permitir a incorporação de tópicos emergentes e a assegurar coerência teórico-metodológica.

Todos os participantes assinaram um documento de consentimento informado (ver Anexo C), presencialmente ou em formato digital. As condições de anonimato, confidencialidade e autonomia das pessoas participantes foram rigorosamente garantidas em todas as fases da investigação, em conformidade com as normas éticas do Iscte-IUL e com os princípios internacionais da investigação psicológica e social (APA, 2017; Levitt et al., 2017; Veldhuis et al., 2024). A investigação foi devidamente submetida e aprovada pela Comissão de Ética do Iscte-IUL (09/2022).

No que respeita às estratégias de identificação e seleção de participantes, foi tido em consideração o enquadramento sociocultural apresentado no final do Capítulo 3, uma vez que este influenciou as decisões relativas aos contextos de recrutamento e às estratégias adotadas. Considerando que indivíduos pertencentes a grupos raciais e étnicos minoritários, bem como pessoas residentes fora dos centros urbanos, tendem a estar sub-representados em investigação científica (Carrol et al., 2011), procurou-se adotar uma estratégia de identificação e seleção de participantes ampla, com princípios comuns, que variou em função de cada estudo, de modo a garantir diversidade e possibilitar a captação de experiências plurais e situadas. Foram igualmente reconhecidas limitações práticas, nomeadamente o escopo geográfico restrito e potenciais enviesamentos de recrutamento, bem como a

necessidade de reflexividade constante relativamente à influência da proximidade da investigadora à comunidade bissexual.

A análise dos dados seguiu a análise temática reflexiva (Braun & Clarke, 2006) e foi conduzida de forma iterativa, reflexiva e teoricamente informada, articulando os níveis empírico, de facto (ou eventual) e real, propostos pelo realismo crítico (Archer, 1995; Bhaskar, 1975, 1998). Esta abordagem permitiu integrar a dimensão subjetiva das experiências, as práticas observáveis e os mecanismos estruturais subjacentes às dinâmicas de exclusão e resistência bissexual.

Após a realização das entrevistas, todos os áudios foram transcritos integralmente em modo verbatim, preservando hesitações, pausas e nuances discursivas relevantes. As transcrições foram inicialmente inseridas, geridas e codificadas no *software* NVivo, sendo posteriormente migradas para o *software* MAXQDA por razões de compatibilidade institucional, garantindo auditabilidade, rastreabilidade e consistência analítica. O processo analítico combinou movimentos indutivos, ancorados nos dados, e dedutivos, informados pela teoria, em conformidade com as orientações de Braun e Clarke (2006; 2014) e Willig (2013). Esta abordagem promoveu criatividade analítica e flexibilidade interpretativa, permitindo que as explicações emergissem de um diálogo constante entre dados e teoria, sem reduzir a complexidade das experiências a categorias pré-definidas. Esta combinação visou produzir interpretações que mantivessem o equilíbrio entre sensibilidade empírica e coerência teórica.

#### **4.1.4. Integridade metodológica, rigor e credibilidade**

A integridade metodológica foi assegurada pela coerência entre pressupostos epistemológicos, escolhas metodológicas e interpretações produzidas (Flick, 2018; Willig, 2013). O rigor qualitativo exige, mais do que replicabilidade, transparência, reflexividade e coerência teórico-metodológica. Para garantir credibilidade e utilidade analítica, adotámos quatro estratégias centrais:

a) *Triangulação teórica e metodológica*: combinação de referenciais teóricos (estudos queer e teorias críticas da sexualidade) com métodos complementares (*scoping review* e entrevistas individuais qualitativas), permitindo examinar o fenómeno a partir de múltiplos níveis e reduzir vieses de enquadramentos singulares.

b) *Rigor reflexivo*: manutenção de registos reflexivos e notas de campo, reconhecimento explícito da posição da investigadora e revisões iterativas de códigos e temas, de modo a gerir a influência das perspetivas da investigadora na recolha e análise da informação.

c) *Auditabilidade e documentação*: Descrição sistemática das decisões metodológicas e do percurso analítico, incluindo registos detalhados das codificações, revisões iterativas, diários de campo e *memos* reflexivos, bem como discussões regulares com a equipa de orientação. Esta documentação assegura auditabilidade, permitindo que outros investigadores acompanhem o percurso analítico e compreendam como as interpretações emergiram dos dados, reforçando a transparência e a consistência da análise. A validade foi abordada com base em critérios qualitativos de coerência teórica, plausibilidade e relevância, substituindo métricas positivistas e garantindo coerência teórico-metodológica e consistência interpretativa entre os níveis empírico, atual e real do realismo crítico (Braun & Clarke, 2022; Madill et al., 2000).

d) *Reconhecimento de limitações e enraizamento interpretativo*: explicitação das limitações inerentes ao desenho qualitativo e articulação clara entre dados ricos e interpretações, contextualizando os resultados historicamente e socioculturalmente. Em suma, a triangulação e os procedimentos reflexivos e registados consolidaram a integridade analítica deste estudo, garantindo que as interpretações permanecem ancoradas nos dados empíricos e sustentadas teoricamente.

## **4.2. Posicionalidade e Reflexividade da Investigadora**

A reflexividade constituiu um recurso epistemológico ativo ao longo de toda a investigação, influenciando o desenho metodológico, a recolha e a análise de dados (Levitt et al., 2017; Flick, 2018). O termo posicionalidade descreve tanto a visão de mundo de um indivíduo quanto a posição que ele adota em relação a uma tarefa de pesquisa e ao seu contexto social e político (Foote & Bartell, 2011; Rowe, 2014; Savin-Baden & Major, 2013), influenciando a condução da pesquisa e os resultados (Rowe, 2014). No contexto das metodologias qualitativas e do realismo crítico aplicado à psicologia crítica da sexualidade e da saúde LGBTQI+, a investigadora não é uma observadora neutra, mas um sujeito situado, cujas trajetórias pessoais, profissionais e académicas moldam a formulação das questões, a escolha dos métodos e a interpretação dos dados (Abreu et al., 2022; Holmes, 2020; Lund et al., 2025).

A explicitação da posicionalidade e a reflexividade contínua visam garantir transparência metodológica, reforçar o rigor interpretativo e fornecer ao leitor uma chave para compreender o lugar epistémico, social e político a partir do qual a investigação é produzida.

### **4.2.1. Em relação ao objeto de estudo**

A investigadora não se identifica como bissexual, o que inicialmente suscitou dúvidas quanto à legitimidade e à profundidade de compreensão necessárias para investigar experiências e cidadania de pessoas bissexuais. Durante o processo, surgiram questionamentos sobre o seu lugar, se de exterioridade, potencialmente incompatível com o compromisso ético exigido, ou de aliada, implicada criticamente na construção de conhecimento situado.

Para lidar com estas questões, a autora participou em múltiplas discussões com a equipa de orientação e com outras investigadoras no campo LGBTQI+ em Portugal, refletindo sobre possíveis vieses e pressupostos decorrentes das suas próprias experiências de vida. Este processo constituiu um sistema de revisão entre pares, crucial para decidir a melhor forma de conceber, organizar e apresentar os dados, bem como para fornecer recomendações relevantes para aperfeiçoamento.

Com o tempo, compreendeu-se que, embora não integre a comunidade bissexual, a investigadora partilha um compromisso político e ético com o ativismo LGBTQI+ e com a promoção da justiça social. Esse reconhecimento permitiu assumir uma posição de aliada crítica, com humildade epistémica e consciência de que o seu papel não é falar por, mas amplificar as vozes das pessoas bissexuais e questionar as estruturas que as silenciam (Streed et al., 2023; Veldhuis et al., 2024).

O envolvimento com redes de investigação e ativismo LGBTQI+, em Portugal e noutros contextos, consolidou relações de confiança e reconhecimento mútuo, fortalecendo a legitimidade e relevância social do projeto. Durante parte do processo, a investigadora colaborou com a Associação ILGA Portugal, dinamizando, de forma voluntária e a convite da organização, o grupo de mulheres lésbicas e bissexuais. Esta experiência foi profundamente formativa, permitindo observar, a partir de um espaço comunitário, dinâmicas de (in)visibilidade, pertença e resistência nas vivências de pessoas bissexuais em diferentes regiões do país. É importante sublinhar que nenhum dado proveniente deste grupo foi incluído na tese, nem qualquer participante esteve envolvido nos estudos, em respeito pelos princípios éticos da prática de investigação.

A posição da investigadora caracteriza-se por proximidade e distanciamento crítico. A proximidade com as comunidades e os temas investigados facilitou o acesso e promoveu sensibilidade a fenómenos como invisibilidade bissexual, *bi-erasure*, binegatividade e resistência coletiva. O distanciamento crítico, por sua vez, evitou a fusão entre experiência pessoal e experiência dos participantes, assegurando rigor e consistência reflexiva (Finlay, 2002).

A identidade de aliada bissexual operou simultaneamente como recurso e desafio: permitiu criar espaços de confiança, mas exigiu vigilância constante para evitar projeções pessoais nas narrativas dos participantes. A reflexão crítica sobre as relações de poder durante as entrevistas foi essencial, reconhecendo que a produção de conhecimento é relacional, situada e assimétrica (Murray, 2017).

Além disso, fatores como gênero, raça/dados étnico-raciais, idade, classe social e percurso acadêmico moldam a interpretação das experiências bissexuais e o acesso a determinados contextos. A investigadora reconhece que o seu olhar é parcial e situado, mas entende que tal condição é inerente à investigação qualitativa e constitui uma fonte de sensibilidade analítica, permitindo captar nuances e complexidade nas experiências estudadas.

#### ***4.2.2. Em relação à prática de investigação***

A reflexividade esteve presente em todas as fases do processo investigativo: concepção, recolha e análise de dados. Foram mantidos diários e memos reflexivos, que registaram dúvidas, tensões e decisões interpretativas. Estes registos, articulados com sessões regulares de supervisão e revisão cruzada de codificações, permitiram mitigar enviesamentos, garantindo transparência analítica, coerência teórico-metodológica e consistência interpretativa entre os níveis empírico, atual e real propostos pelo realismo crítico.

Nos Estudos 2 e 3, a recolha de informação e a realização de entrevistas foram orientadas por uma concepção dialógica, entendida como um processo no qual novas questões emergem organicamente da interação. A posição da investigadora influenciou a formulação de perguntas, a valorização de determinados temas e as interpretações subsequentes; essa influência foi tratada não como viés, mas como recurso epistemológico positivo, coerente com a natureza situada e relacional da produção de conhecimento (Burman, 1994; Gergen & McNamee, 1992).

A reflexividade prática orientou a elaboração dos guiões de entrevistas, garantindo linguagem inclusiva e reconhecimento da diversidade bissexual (identidades bissexuais, queer, pansexuais, negras, VIH+, latinas, entre outras). Considerou-se cuidadosamente o impacto da posição e identidade da investigadora na interação com os participantes; ao longo do processo, apenas uma entrevistada questionou diretamente a sua identidade sexual. As transcrições foram validadas pelas próprias participantes, reforçando credibilidade, transparência e rigor ético.

No Estudo 3, as entrevistas foram conduzidas em formatos presencial e online, ampliando a diversidade da amostra e assegurando acessibilidade geográfica. A análise de dados foi acompanhada de discussões reflexivas com a equipa de supervisão, exploração de pressupostos pessoais, interpretações alternativas e decisões analíticas (Gough & Madill, 2012; Willig, 2013).

Os procedimentos de rigor incluíram ainda auditoria interna das codificações, documentação sistemática das decisões metodológicas e do percurso analítico, assegurando auditabilidade, de modo que terceiros possam acompanhar o percurso analítico e compreender como as interpretações emergiram dos dados. A validade foi abordada com base em critérios qualitativos de coerência teórica, plausibilidade e relevância, substituindo métricas positivistas (Braun & Clarke, 2022; Madill et al., 2000).

No que diz respeito ao processo de recolha de informação, verificou-se um cenário distinto do frequentemente descrito na literatura, que aponta para saturação, cansaço ou até resistência em relação à investigação académica entre populações LGBTQI+ (Potter & Potter, 2020). Na presente investigação, observou-se precisamente o contrário: a quase totalidade das participantes demonstrou elevada disponibilidade e interesse em colaborar, reconhecendo a relevância do tema e, em muitos casos, felicitando a investigadora pela escolha do objeto de estudo. Diversas pessoas referiram ainda que esta foi a primeira oportunidade que tiveram para falar de forma aprofundada sobre as suas experiências e identidades, revelando não apenas abertura, mas também um desejo genuíno de contribuir para a visibilização e valorização das vivências bissexuais em Portugal.

Integrar posicionalidade e reflexividade não se limita a um exercício de transparência, mas constitui uma estratégia epistemológica que reconhece o carácter situado, relacional e interseccional da produção de conhecimento. Esta abordagem sustenta a coerência metodológica, reforça o rigor analítico e expressa um compromisso ético e político com a transformação social. Os procedimentos de rigor, incluindo registos reflexivos, auditoria interna das codificações, supervisão e validação das transcrições, asseguraram que as interpretações permanecessem ancoradas nas experiências das participantes, sem perder de vista a dimensão teórica e crítica.

A reflexividade atravessa todos os capítulos empíricos e a discussão geral, funcionando como uma chave interpretativa para compreender as escolhas teóricas, metodológicas e analíticas realizadas, situando o conhecimento produzido num horizonte de justiça epistémica e social. Em suma, a estratégia metodológica desta tese combina recolha diversificada,

flexibilidade do guião, análise iterativa e reflexividade, permitindo uma compreensão crítica, situada e detalhada das experiências bissexuais em Portugal.

Reconhecer a posição da investigadora num campo que interroga as fronteiras entre sexualidade, cidadania e conhecimento implica também situar o contexto em que o estudo se desenvolve. Esta base metodológica sólida prepara a transição para a seção empírica, na qual os três estudos subsequentes são apresentados de forma sequencial, permitindo responder às perguntas de investigação definidas.

Para concluir a seção de posicionalidade e reflexividade e encerrar o Capítulo 4, retomase de forma sintética os objetivos centrais de cada estudo, estabelecendo a ponte para os capítulos empíricos seguintes. O Estudo 1 explorou padrões de invisibilidade, monossexismo e estigmatização na literatura sobre experiências bissexuais na Europa do Sul, identificando lacunas de investigação. O Estudo 2 investigou como ativistas bissexuais constroem significados sobre cidadania e participação pública, bem como as estratégias de resistência e formas de agência coletiva que emergem da sua atuação. O Estudo 3 analisou como pessoas bissexuais experienciam a binegatividade em relações íntimas, os mecanismos estruturais e normativos na esfera privada, e as estratégias individuais e relacionais de resistência e agência.

Esta síntese consolida a coerência metodológica e epistemológica da investigação e introduz a apresentação detalhada dos estudos empíricos que se seguem nos Capítulos 5, 6 e 7, cumprindo a função de fechar o capítulo, reforçar o rigor da tese e fazer a transição suave para os estudos empíricos, sem repetir conteúdo nem revelar nada desnecessário.

## **Capítulo 5 - Behind Monosexual Norms: A Scoping Review of Bisexual Experiences in Southern Europe<sup>12</sup>**

### **[ESTUDO 1]**

Bisexual individuals remain significantly underrepresented in research, practice, and policy, particularly beyond Anglophone contexts. This scoping review aims to map and synthesize empirical studies on the lived experiences of bisexual (bi+) populations in Southern Europe. Our research goal was to examine what types of studies, main themes, and forms of evidence have been used between 2010 and 2024 to explore bi+ experiences within psychology, sociology, and gender studies. Following PRISMA-ScR guidelines, we conducted a systematic search across five databases (PsycINFO, PubMed, Web of Science, Scopus, ProQuest Dissertations & Theses) using terms such as bisexual, pansexual, plurisexual, and non-monosexual identifying 935 records. Grey literature was also reviewed (n = 12,433). After analysis, 16 studies met inclusion and quality criteria.

Findings reveal a sparse and uneven empirical landscape, with most studies conducted in Italy. There is a notable lack of research addressing how bi+ individuals experience their identities in everyday life, especially within cultural, religious, and socio-political contexts that may act as both stressors and sources of resilience. We conclude that the lack of consensus regarding terminology is a challenge for research on bisexual experiences. In addition, main areas of research addresses by studies included health and wellbeing (a.), intersectional bisexual experiences (b.) and monosexism and binegativity (c.).

This review underscores the need for context-sensitive intersectional research and calls for inclusive policies, competency-based education, and efforts to dismantle heteronormative and monosexist structures across health, education, and social services.

*Keywords: Bisexuality; Southern Europe; scoping review; LGBTQI+ population.*

---

<sup>12</sup> Este capítulo foi submetido para publicação na revista *Sexuality & Culture* como: Esteves, M; Morais, S., Santos, AC & Moleiro, C. (2025). Behind Monosexual Norms: A Scoping Review of Bisexual Experiences in Southern Europe.

## 5.1. Introduction

Unlike the research developed over the past decades on the experiences of lesbian and gay people and, more recently, on trans individuals, less attention has been given to the lived experiences of bi+ people (Barker, 2012; Bollas, 2023; Monro et al., 2017). Paradoxically, the number of studies focused on understanding bi+ identities remains limited (Clarke et al., 2010; Nelson, 2023), despite this population representing the majority within the LGBTQI+ community (Beach & Hall, 2020; Jones, 2022), especially amongst youths (Monto & Neuweiller, 2023; Office for National Statistics [ONS], 2025; Savin-Williams, 2021).

In recent years, efforts have been made to consolidate an interdisciplinary field of bisexual studies in Europe (Maliepaard & Baumgartner, 2020; Monro, 2015). Some steps have been taken even institutionally (Bi+ Equal, n.d.; Bisexual Research Group, 2024). This area has been advocating for a body of scientific work that goes beyond a reparative approach focused solely on the challenges associated with bi+ identification. Instead, it seeks to explore the potential of bisexuality as a key to thinking through intersections of sex, gender, sexuality, and desire, as well as to question the boundaries of socially constructed dichotomies (Hayfield, 2022; Monro, 2015). In other words, the aim is to promote research that is committed to the contemporary theorization of bisexuality, centered on the experiences of people who desire more than one sex or gender, through a positive approach (Galupo et al., 2019; Savin-Williams, 2021; Wang & Feinstein, 2022).

Despite this, it remains essential to acknowledge that, in many cases, research continues to focus on the negative aspects of bi+ identity, particularly due to the urgency of critical issues related to health and social justice within this population. Indeed, this emphasis is not unwarranted: available studies indicate that bisexual people are at higher risk in terms of physical and mental health, often exceeding that of monosexual population (e.g., lesbian and gay populations) (Chai, 2024; Jorm et al., 2002; Ross et al., 2018). Moreover, statistics show higher rates of mental health problems, greater exposure to sexual violence (Flanders et al., 2019), heightened levels of isolation (Martinez et al., 2024; Prell & Traeen, 2018), along with lower feelings of belonging (Gonzalez et al., 2021; McLaren & Castillo, 2021), a diminished sense of community and perceptions of exclusion within the LGBTQI+ community itself (Gonzalez et al., 2021; Pollitt & Roberts, 2021; Rust, 2000).

To address that, regarding public policies, there is a significant lack of measures specifically aimed at addressing the needs of the bi+ population, with few notable exceptions (Rankin et al., 2015; van Lisdonk & Keuzenkamp, 2017). This absence highlights a persistent

misalignment between the concrete needs of this population and institutional commitments to equality, particularly in the field of public health (Ford & Shefner, 2023; McCann et al., 2021). It is important to highlight that this evaluation does not intend to overlook the crucial role that social movements and states have played, since the 1960s, in the international struggle for LGBTQI+ rights and the achievements made toward equality and non-discrimination. However, it is equally important to recognize that, despite progress in social acceptance, education, and public policy, particularly in the so-called WEIRD countries, the LGBTQI+ population, and specifically bisexual people, continue to face significant challenges that have not yet been addressed (Maliepaard & Baumgartner, 2020; Monro, 2015). These challenges are linked to deeply embedded social norms that regulate and shape the everyday lives, well-being, and intimate and sexual citizenship of queer individuals (Monro, 2015; Warner, 1991). Beyond the persistence of cisheteronormativity, which affects all individuals who do not identify as cisgender and/or heterosexual, bi+ people face additional and specific challenges due to monosexism – a “regime of truth” (Foucault, 1979, p. 131) that permeates both heterosexual society and lesbian and gay spaces (Arriaga & Parent, 2019; Flanders et al., 2015) even outside Western societies (Chan & Leung, 2023).

*Monosexism*, rooted in the concept of monosexuality, refers to a belief system that privileges sexual orientations involving attraction to only one gender, typically heterosexuality or homosexuality, while marginalizing or invalidating non-monosexual identities such as bisexuality and pansexuality (Roberts et al., 2015; Santos & Craig, 2023). This framework operates within a broader historical and social construction of sexuality that upholds monosexuality as the normative standard, reinforcing a rigid heterosexual-homosexual binary, and contributing to the erasure, misrepresentation, and devaluation of individuals with more fluid or inclusive sexual orientations (Cassidy & Wong, 2018). Consequently, non-monosexual people often face distinct forms of marginalization including microaggressions, discrimination, and systemic biases embedded in social, cultural, and institutional contexts (Bauer, 2014). Challenging monosexism requires critically examining the societal norms, power relations, and exclusionary frameworks that sustain the invisibility and stigmatization of nonmonosexual identities. This form of oppression, often subtle and normalized, fuels specific forms of discrimination, and is frequently characterized as a pervasive yet invisible manifestation of biphobia or binegativity (Galupo, 2018; Janssen, 2024).

The international bisexual movement has also denounced these practices and called for the creation of more inclusive and informed spaces (Beach & Hall, 2020; Maliepaard, 2020;

Taylor & Bruckman, 2024). In practice, the presence of rigid norms that enforce compulsory monosexuality and mononormativity results in phenomena of double discrimination that permeate the everyday lives of bi+ individuals (Doan Van et al., 2019; Roberts et al., 2015; Velasco et al., 2024). These “regimes of truth”<sup>13</sup> operate in ways that silence and invalidate their experiences, both in heteronormative and LGBTQI+ contexts.

If we examine research on experiences of violence and support for bisexual people outside the dominant contexts of the U.S., U.K., Canada, and/or Australia (Taylor et al., 2019), we find that such data is absent or limited (Maliepaard & Baumgartner, 2020; Nogueira & Oliveira, 2010). This gap reinforces a tendency to universalize bi+ experiences, conceptualizing them through epistemologies rooted in those countries, while overlooking the specific sociocultural dimensions that shape such experiences (Maliepaard; 2018; 2020; Parker, 2009). Thus, despite increasing calls for research that addresses LGBTQI+ experiences across diverse sociocultural and political contexts, a significant limitation persists within the fields of sexualities and LGBTQI+ psychology (Clarke et al., 2010; Monro et al., 2017; Salvati & Koc, 2022). This need for more context-sensitive approaches has also been highlighted within bisexuality studies (Barker & Richards, 2015; Maliepaard & Baumgartner, 2020; Nelson, 2023), where similar demands for greater inclusivity and contextual awareness have gained visibility.

The political, cultural, and social specificities of Southern Europe, shaped by a historical legacy deeply influenced by Judeo-Christian traditions, right-wing authoritarian legacy, and persistent conservative values shaped, and continue to shape, how gender, sexuality, and desire are understood and lived (Santos, 2018; Alonso et al., 2023; Ferrera, 2005).

Considering Southern Europe as a geopolitical context in which the particularities of welfare regimes and “gender regimes” (Walby, 2001) reveal distinctive features when compared to other European countries (Ferrera, 2005; Trifletti, 1999), it becomes clear that scientific evidence on the experiences of bi+ individuals in this region is even more incipient (Breveglieri, 2008; Nogueira & Oliveira, 2010; Ponjoan et al., 2022). Research in this area is still a mirage and a desire, even though some work is already emerging.

In this study, we aim to address this gap by exploring bi+ experiences through a context-sensitive analysis that considers the historical, social, and cultural specificities influencing the forms of oppression, resistance, and recognition lived by this population. It is crucial to

---

<sup>13</sup> According to Foucault (1979), each society has its own "regime of truth" that determines what is accepted as true and who is authorized to say so (p. 131).

investigate bisexual experiences in Southern Europe, particularly nowadays in a historical moment marked by the gradual rise of rhetoric and social practices rooted in far right and anti-LGBTQI+ ideologies (Kuhar, 2025; Kuhar & Paternotte, 2017), which threaten main core principles of democracy such as equality and non-discrimination. Simultaneously, there is a notable increase in the identification with bi+ identities, especially among younger populations, a trend that reflects both formal and informal advances in visibility, LGBTQI+ rights, and community recognition (European Commission, 2023; European Union Agency for Fundamental Rights, 2012; 2019; 2023).

## **5.2. Method**

### ***5.2.1. Scoping Review***

To advance research on bisexuality in Southern Europe, we conducted a scoping review aimed at mapping existing empirical studies that can inform future research and policy. Scoping reviews are valuable tools for synthesizing scientific evidence, offering a comprehensive overview of what is currently known, identifying knowledge gaps (Munn et al., 2018), and helping clarify key concepts, working definitions, and conceptual boundaries within the field (Peters et al., 2015). That being said, this approach was particularly suited for addressing the experiences of bisexual individuals, an area where research remains limited, fragmented, or under-theorized especially when viewed through a psychological lens (Barker, 2007; Hayfield, 2022; Pollitt et al., 2018).

This scoping review followed the nine-stage framework by Peters et al. (2015, 2021), an extension of the original five-stage framework by Arksey and O'Malley (2005) and Levac et al. (2010). The approach is consistent with the methodological guidance of the Joanna Briggs Institute and the PRISMA-ScR reporting guidelines (Page et al., 2021), both of which informed the design and reporting of the present review. In accordance with these frameworks, we refined our research questions to ensure greater specificity and alignment with the existing literature. This methodological orientation enabled us to map a diverse range of studies related to bisexual experiences and everyday life in Southern Europe, encompassing various research approaches, target populations, and outcome measures, without restricting the review to a single analytical level.

In this study, the geographical context of Southern Europe was considered essential to better understand the nuances of bisexual individuals' experiences, shaped by specific sociocultural and political conditions. Drawing on literature on welfare regimes and gender

and sexual politics (Santos, 2018; Ferrera, 2005; Pichardo Galán, 2011), we defined Southern Europe not only as a geographical region but also as a socio-political context marked by shared characteristics, including familistic welfare models. The countries of Portugal, Spain, and Italy were taken as key examples of this framework.

### ***5.2.2. Defining and Aligning the Objective(s) and Question(s)***

The initial step when conducting the study involved defining the research question and objectives, carefully considering the scope and purpose of the review (Pollock et al., 2021). To guide our research methods, definitions (e.g., bisexual) were required to ensure our parameters were appropriate for our research question. We defined the research question using “PCC” (Population, Concept, and Context) mnemonic suggested by Page et al. (2021).

The “P” was bisexual population<sup>14</sup>, the “C” was the phenomenon of interest, for example, empirical studies conducted in Southern Europe (Italy, Spain, and Portugal) to address lived experiences of bi+ identities from 2010 to 2024, and the letter “C” corresponded to the psychology, sociology, and gender studies research fields. Accordingly, we answered the following research question: What types of studies, main themes, and forms of evidence have been produced between 2010 and 2024 to explore bisexual experiences and lives in Southern Europe within psychology, sociology, and gender studies?

### ***5.2.3. Eligibility Criteria***

Inclusion and exclusion criteria were established to produce accurate, meaningful, and evidenced results to ensure the literature considered in this scoping review was relevant to its purpose. The inclusion criteria were as follows: (a) be empirical studies (quantitative, qualitative, mixed-method) conducted in Portugal, Spain, and Italy<sup>15</sup>; (b) have participants who presented themselves as bisexuals using the multiplicity of terms presented in the search<sup>16</sup>; (c) be published in English, Portuguese or Spanish; (d) be published from 2010 until

---

<sup>14</sup> We adopted a broad definition of bisexuality, conceiving it as an identity situated within a spectrum and used as an umbrella term (Flanders et al., 2017). In this sense, we acknowledge that different terms have been employed in the literature to capture similar experiences. Accordingly, we included in our research designations such as pansexual, plurisexual, and non-monosexual, which collectively point to an understanding of bisexuality as the experience of emotional, romantic, and/or sexual attraction to more than one gender.

<sup>15</sup> Countries were not used as an inclusion/exclusion criterion in order to capture studies that might not specify the geographical context in the title/abstract.

<sup>16</sup> Key terms included in the search were: bisexual, plurisexual, non-monosexual and pansexual. The inclusion of multiple forms of describing bisexual identities and experiences. This broad understanding of bisexuality conceptualized as a bisexual umbrella allowed to provide contemporary understanding of bisexuality and reduce the subjectiveness of interpretation.

2024 (inclusive); and (e) to be a peer-reviewed journal article. The exclusion criteria included were: (a) manuscripts that were not empirical studies (e.g., theoretical studies); b) articles that did not focus on this population<sup>17</sup> or (c) studies that didn't highlight salient specific results for bisexual population; and (d) studies not conducted in Portugal, Spain, or Italy. Given the existence of relevant sources of evidence addressing the experiences of bisexual individuals beyond this specific context, we also included grey literature, particularly master's theses and doctoral dissertations.

Moreover, to encapsulate contemporary debates on bisexual terminology (Hayfield, 2020; Nelson, 2023; Savin-Williams, 2021) we included other terms such as non-monosexual, plurisexual and pansexual that provided a broader definition of the self-defined population under study. These terms were chosen for their commonality in previous studies (Cipriano et al., 2022; Olivo et al., 2024), and because they are claimed at political level (Ochs & Deihl, 1992). This aligns with our aim of capturing the patterns of knowledge production in the specific context of Southern Europe. The definition of bisexuality noted earlier was adopted in this review.

#### **5.2.4. Data Charting Process**

##### *5.2.4.1. Searching the Evidence*

The planned literature search was developed on January 27, 2025. The inclusion and exclusion criteria were further refined, along with electronic databases to identify psychological, sociological and gender studies scientific literature (e.g., PsycINFO), in a program for storing data (i.e., Rayyan accessed via <https://www.rayyan.ai/>). The first author used terms such as bisexual, plurisexual, bi+, non-monosexual, pansexual to capture the broad spectrum of language employed in the literature when relating to individuals whose experiment “emotional, romantic and/or sexual attractions to, or engages in romantic or sexual relationships with, more than one sex or gender” (American Psychological Association, n.d.). These terms were selected as they were deemed by all authors to be most appropriate to evaluate this study's research question. The entire electronic search strategy for the Web of Science and Scopus is presented in Table S1 in the online supplementary materials, following PRISMA-ScR and JBI guidelines to ensure transparency and reproducibility.

---

<sup>17</sup> Studies that focused exclusively on the bisexual population, or that, although not exclusively dedicated to this population, presented relevant differentiated results.

#### *5.2.4.2. Selection of the Evidence*

A total of 935 articles records were found in the databases: 161 in Web of Science, 1 in Medline/PubMed, 748 in Scopus, and 25 in PsycArticles (see Figure 1). All identified records were retrieved and uploaded into Rayyan. After removing 7 duplicates from the initial search, 928 were identified, and first author and second author reviewed. Terms “bi+” and “bisexual” produced a more significant number of articles that were irrelevant for the research question (i.e., studies outside our research scope, studies focused on sexual behavior, not focused on self-definition or inclusion of terms as MSM or broad definitions such as queer women). After removing these unrelated titles and titles that did not meet exclusively the inclusion criteria, 145 were deemed relevant to the research question and were selected for full-text review by the first author. After reviewing the 145 to clarify the research question, 9 records seemed to meet the inclusion criteria and were included in the scoping review. Disagreements were solved through discussion between the research team.

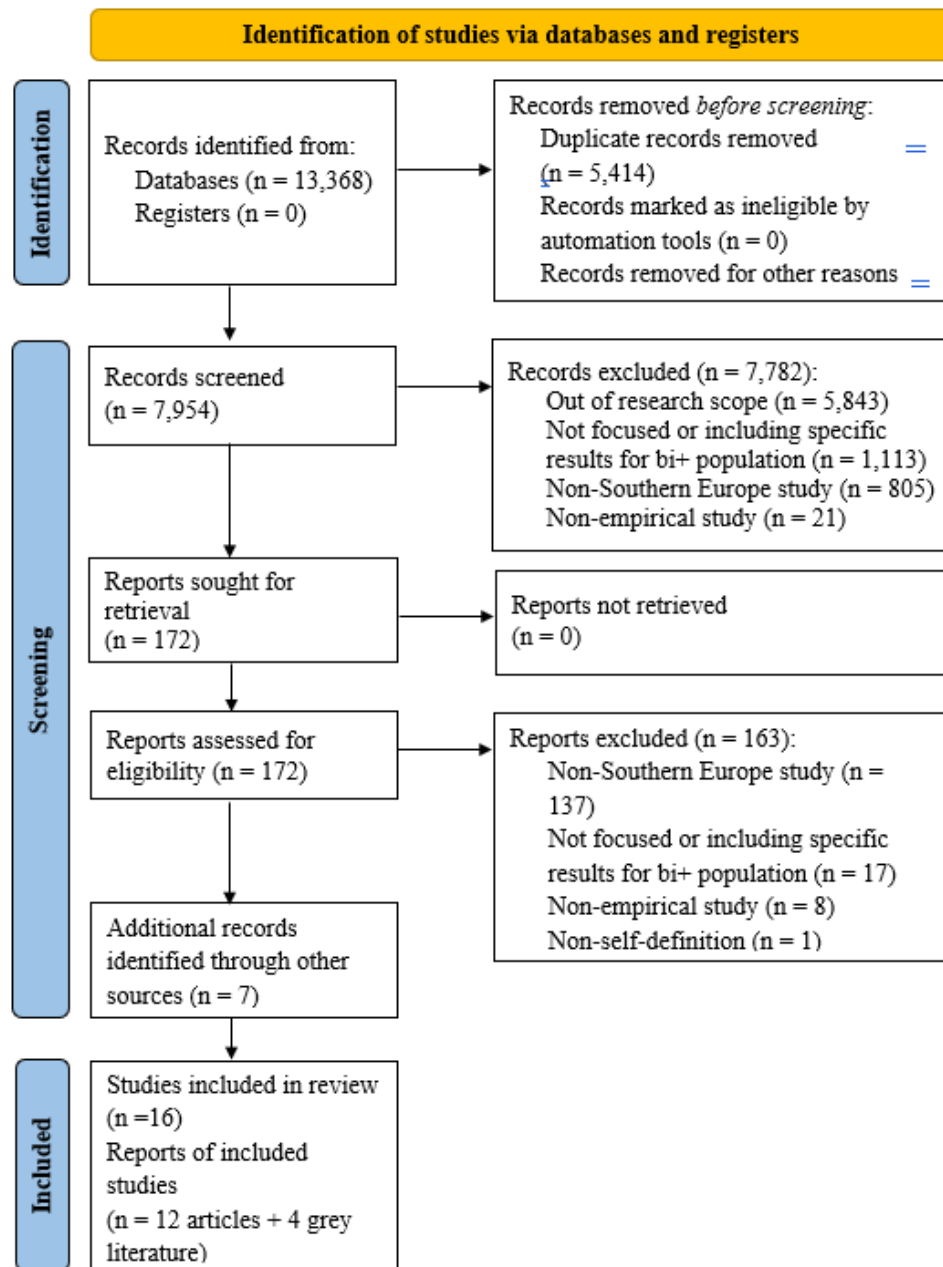


Figure 1. PRISMA flow diagram of the study selection process

Due to the very limited knowledge produced on bisexual experiences in Southern Europe, grey literature was also included<sup>18</sup>. Thus, we selected ProQuest Dissertations and Theses, and key terms were applied in the same way as well as inclusion criteria. The first author reviewed each article's title and abstract to assess inclusion criteria. To enhance research agreement, the second author was involved in the review process. Given the large

<sup>18</sup> PhD dissertations and master theses were included. Despite been considered grey literature, we acknowledge a process of peer-review increasing the sources credibility.

volume of documents, it was decided that the second author would review only one quarter of the records. After this stage, 6,999 records were excluded and 27 were selected for full-text review.

However, none of these 27 records were included as they failed to meet the inclusion criteria. Given the limited number of documents meeting our research question, we conducted a manual search using Google Scholar and the reference lists of peer-reviewed articles. This process yielded 7 additional sources that met the inclusion criteria and were included.

#### *5.2.4.3. Extracting the Evidence*

After the full-text review process for peer-reviewed articles (through databases and manual search) and grey literature (through databases and manual search), a total of 16 records were extracted, reread by the authors to ensure they fit the research question, and included in the analysis. The majority of documents were peer-reviewed articles (12); however, three master's theses and one doctoral dissertation were included. The first author extracted data using Rayyan (n.d.) and organized it in an Excel spreadsheet, to facilitate the data extraction phase. Main characteristics of the included studies are presented in Table S2 in the online supplementary materials (ver Anexo D). This document included the key characteristics of each study: author names, year of publication, study location, key aim(s) of the study, study design(s), methodology, sample and participants sociodemographic (e.g., gender, age range, gender identity) available, and main keywords used by authors to describe studies. Additional data that support the findings of this study are available from the corresponding author upon request.

#### *5.2.5. Analysis of the Evidence*

Analysis of the evidence was conducted by the first author and the senior researcher. For each study, data were charted and assessed descriptively once they were related to review questions and objectives. After this process, sources of evidence were clustered by the first author according to domains or main thematic areas, and the senior researcher revised the process. Some evidence regarding areas of study and gaps that allow for avenues for future research was identified.

### **5.3. Results**

All sources of evidence (16) were published between 2017 and 2024. Notably, most of them (11) were conducted from 2021 onwards, suggesting that bisexual experiences as a social

phenomenon have only recently begun to receive scholarly attention. This concentration of recent publications indicate that the literature on bisexuality in Southern Europe is still emerging and gradually gaining visibility. Most of the sources of evidence (12) were peer-reviewed articles, however, one doctoral dissertation (Sbrana & de Miguel, 2022) and three master's theses (Alberto, 2018; Cabral, 2023; Santos, 2024) were identified. Nine sources of evidence were conducted in Italy (Castro, 2021; Castro & Carnassale, 2019; Fantacci et al., 2023; Gusmano, 2018; Monaco, 2021; Pistella et al., 2023; Rucco et al., 2023; Scandurra et al., 2020; 2023), four were based in Portugal (Alberto, 2018; Cabral, 2023; Pereira et al., 2017; Santos, 2024), and three were carried out in Spain (González Robles et al., 2024; Sbrana & de Miguel, 2022; Velasco et al., 2024).

### ***5.3.1. Study Design***

Ten studies used quantitative research methodology (Alberto, 2018; Fantacci et al., 2023; González Robles et al., 2024; Pistella et al., 2023; Rucco et al., 2023; Santos, 2024; Sbrana & de Miguel, 2022; Scandurra et al., 2020; 2023; Velasco et al., 2024), five used nonexperimental qualitative methodology (Cabral, 2023; Castro, 2021; Castro & Carnassale, 2019; Gusmano, 2018; Pereira et al., 2017) and one applied a mixed methods approach (Monaco, 2021). Even if quantitative research methodology was more common, this evidence allowed us to show diversity in approaching the lived experiences of the population of interest. The use of nonexperimental research designs limits deductions of cause-and-effect relationships between the variables but, at same time, increases the in-depth understanding of the social phenomena regarding bisexual people in Southern Europe (Cabral, 2023; Castro, 2021; Castro & Carnassale, 2019; Gusmano, 2018; Pereira et al., 2017). Furthermore, in terms of type of research design (Methods) applied, all quantitative studies were cross-sectional, meaning that data was collected in a certain period and therefore could not capture changes, processes, or developments. All qualitative studies used interviews as a technique of data collection but, in three of them (Castro, 2021; Castro & Carnassale, 2019; Gusmano, 2018), narrative approaches were adopted, allowing to focus on how people made sense of their experiences by telling stories, highlighting lived experiences in their complexity rather than focusing on causality.

### ***5.3.2. Participants***

In the study samples, most of the studies focused exclusively on bisexual or bi+ populations, however a few of them included heterosexual participants (e.g., Alberto, 2018; Castro, 2021;

González Robles et al., 2024; Sbrana & de Miguel, 2022) or monosexual population (Alberto, 2018; González Robles et al., 2024; Pistella et al., 2023; Santos, 2024; Sbrana & de Miguel, 2022) as a comparison. They were included because findings were significant for the bisexual population, particularly regarding everyday life experiences (e.g., Castro, 2021; Pistella et al., 2023; Santos, 2024) and social attitudes toward bisexuality that influence that lived experiences (e.g., Alberto, 2018; González Robles et al., 2024; Sbrana & de Miguel, 2022). These contributions helped us capture the sociocultural landscape of bisexual lives in Southern European contexts. Other studies were included because, although their aim was to explore consensual non-monogamy, they highlighted bisexual experiences (Castro, 2021; Gusmano, 2018).

### **5.3.3. Terminology and Definitions**

When collecting data about participants, differences emerged in how sexual identity was described. Most studies (11) selected participants based on bisexual self-definition, however, they did not specify the meaning of the term bisexual (Alberto, 2018; Cabral, 2023; Castro & Carnassale, 2019; Fantacci et al., 2021; González Robles et al., 2024; Gusmano 2018; Monaco, 2021; Pistella et al., 2023; Rucco et al., 2023; Sbrana & de Miguel, 2022; Velasco et al., 2024). Only a few provided a clear definition (Castro, 2021; Castro & Carnassale, 2019; Santos, 2024). At the same time, some studies referred to participants as *bi+* (Castro, 2021; Rucco et al., 2023), others adopted the term *bisexual spectrum* (Scandurra et al., 2020; 2023), and one study used the term *plurisexual* (Santos, 2024). Those studies who employed the *bi+* terminology described participants that experience attraction to more than one gender (Castro, 2021) or explicitly mentioned identities such as “bisexual, pansexual, asexual, polysexual, omnisexual, demisexual, queer, among others” (Rucco et al., 2023). Studies using the term *bisexual spectrum* included individuals who identified as “bisexual, polysexual, pansexual, and related identities” (Scandurra et al., 2020; 2023). One study used *plurisexual* as a term that refers to participants who identified themselves as “bisexual, pansexual, demisexual, or queer” (Santos, 2024).

Regarding participants' age, 13 of the studies reported mean ages of up to 30 years (Alberto, 2018; Cabral, 2023; Castro, 2021; Fantacci et al., 2023; González Robles et al., 2024; Monaco, 2021; Pistella et al., 2023; Rucco et al., 2023; Santos, 2024; Sbrana & de Miguel, 2020; Scandurra et al., 2020; 2023; Velasco et al., 2024). This might suggest greater access to the younger population (e.g. Genz and Millenials), indicating that these generations

are more open to identifying as bisexual or, at least, to the public visibility of bisexuality as a sexual identity that exists or is possible.

#### ***5.3.4. Main Thematic Research Areas***

Sources of evidence addressed three key thematic areas of research: (a) Health and Well-Being, (b) Lived Experiences and Intersectional Dimensions of Bisexuality, and (c) Monosexism and Binegativity. All authors agreed that the presentation of results was in accordance with the aims and research questions of this analysis.

##### *5.3.4.1. Health and Well-Being*

This theme encompasses a body of research – much of it conducted in Italy – that explored the complex interplay between identity development, minority stressors, and broader social and structural contexts shaping the psychological well-being of bisexual individuals (Fantacci et al., 2023; Pistella et al., 2023; Pereira et al., 2017; Rucco et al., 2023; Santos, 2024; Scandurra et al., 2020; 2023; Velasco et al., 2024).

Drawing on Minority Stress Theory (Meyer, 2003), several studies highlighted how both distal (e.g., discrimination, stigma, anti-bisexual prejudice) and proximal stressors (e.g., internalized and anticipated binegativity) were closely associated with increased levels of anxiety, depression, and emotional distress in bisexual individuals (Rucco et al., 2023; Scandurra et al., 2020). For example, Scandurra et al. (2020) found that these stressors were strongly correlated with psychological distress. In addition, resilience emerged as a significant protective factor: participants who reported higher levels of anti-bisexual discrimination and internalized or anticipated binegativity also reported higher levels of anxiety and depression. In contrast, those with greater resilience and higher levels of outness experienced lower levels of binegativity and distress. Interestingly, while participation in LGBTQI+ activism fostered both resilience and visibility, it was also associated with increased exposure to discrimination like in previous studies (Feinstein et al., 2016) conducted abroad.

Differences in psychological outcomes among bisexual individuals also emerged across age, gender, and gender identity (Fantacci et al., 2023; Scandurra et al., 2020; 2023). Fantacci et al. (2023) reported moderate levels of anxiety and identity development challenges among bisexual individuals, with important demographic variations. Women experienced higher anxiety and more frequent emotional abuse than men, while younger participants (18–25 years) reported stronger identity affirmation and less motivation to conceal their sexual orientation compared to those over 35. In contrast, bisexual men reported greater uncertainty

and concern about their sexual orientation, higher levels of internalized homonegativity, and more difficulties in developing and accepting their LGB identity compared to bisexual women.

Pistella et al. (2023) found significant differences between lesbian and bisexual women in internalized sexual stigma, perceived safety, positive affect, identity self-awareness, and identity uncertainty. Their study also revealed that identity self-awareness and identity uncertainty played mediating roles in shaping psychological well-being. Non-binary participants reported lower levels of social support and worse psychological well-being than their cisgender peers but also demonstrated higher identity affirmation, possibly reflecting deeper engagement in identity reflection and self-definition (Monaco, 2021; Scandurra et al., 2023).

According to Pereira et al. (2017), fear of rejection by family and friends was a major source of anxiety for bisexual men. Shame, guilt, and identity invalidation were key factors negatively impacting their mental health. Participants reported using a variety of coping strategies to manage stigma, including limiting emotional involvement in sexual encounters, compartmentalizing aspects of their identity, or depersonalizing sexual experiences – all while striving to preserve a sense of personal freedom.

While concealing one's identity may offer short-term psychological protection, it was consistently linked to greater psychological distress. This distress was often driven by internalized stigma, anticipated discrimination, and the cognitive burden of maintaining a “divided self” across public and private spheres (Quinn & Earnshaw, 2013; Sedlovskaya et al., 2013), as well as by reduced access to affirming social networks.

Structural stigma, manifested through legal and political discrimination, also had a profound impact on bisexual mental health. Rucco et al. (2023) showed how the rejection of the Zan Bill, which aimed to combat anti-LGBT+ discrimination in Italy, had a detrimental effect on the psychological well-being of bisexual individuals, underscoring their structural vulnerability. The study reported increases in discrimination, internalized binegativity, anxiety, and depression in the emergence of the political backlash regarding equality and non-discrimination.

As mentioned earlier, protective factors such as identity affirmation and social support were consistently associated with better psychological outcomes. Scandurra et al. (2023) showed that identity affirmation mediated the relationship between social support and mental health, especially among non-binary bisexual individuals. Although this group often experienced heightened marginalization, they also reported stronger identity affirmation,

potentially due to more active identity work. Nevertheless, they remained particularly vulnerable due to limited social support and intersecting forms of exclusion.

Santos (2024) explored how anticipated stigma and expectations of social support differed between plurisexual and monosexual individuals, particularly regarding parenthood aspirations. Plurisexual individuals, especially men, expressed a stronger desire to become parents and anticipated less stigma around parenthood than their gay or lesbian peers. These findings underscore the nuanced intersections between sexuality, gender, and life goals, and highlight the unique psychosocial dynamics experienced by plurisexual populations.

#### *5.3.4.2. Lived Experiences and Intersectional Dimensions of Bisexuality*

Collectively, these studies offered a nuanced understanding of bisexual experiences through an intersectional lens, highlighting how bisexual individuals' lives are shaped by the interplay of multiple social identities and structural conditions. They focused on their lived experiences, often examining intersections with gender (Cabral, 2023; Fantacci et al., 2023; Santos, 2024), race and ethnicity (Castro & Carnassale, 2019), age (Fantacci et al., 2023; Scandurra et al., 2023), and relational structures (Castro, 2021; Gusmano, 2018).

Sexual fluidity, understood as an evolving and internally experienced characteristic, was explored by Sbrana and de Miguel (2022), who demonstrated how changes in sexual attraction were associated with specific cognitions and attitudes. Their findings supported the idea that bisexuality is not a fixed identity, but rather a fluid, context-dependent experience that varies across individuals and social settings.

Focusing on bisexual men, Pereira et al. (2017) illustrated how they negotiated their identities over time while navigating aggression and hostility across structural (macro), community (meso), and interpersonal (micro) levels. Notably, the most acute hostility was reported in interpersonal contexts, particularly within romantic and social relationships. Participants also described the emotional toll of identity invalidation and the protective strategies they adopted, including compartmentalization and emotional distancing.

Monaco (2021) added to this conversation by emphasizing the everyday practices through which bisexual identity was enacted, showing that identity was not only internal but also expressed through habits, behaviors, and social routines that foster a sense of belonging. This aligns with earlier work by Alberto (2018), who offered a foundational perspective on identity construction, underscoring how external perceptions shape self-understanding and identity stability. Notably, masculine bisexuality was often perceived as unstable and subjected to

high levels of discrimination, whereas feminine bisexuality was frequently dismissed as experimental or inauthentic, revealing the gendered double standards surrounding the recognition of bisexual identities.

The importance of relational structures and community support was strongly emphasized in Castro's (2021) work, which showed how bi+ men often find affirmation and belonging within networks of consensual non-monogamy. While not entirely free from binegativity and erasure, these spaces function as crucial affirming environments where desire can be expressed, and identity validated. Similarly, Gusmano (2018), using a structural and cultural approach, examined how bisexual and polyamorous identities are negotiated within Italy's familistic welfare regime, highlighting the influence of sociopolitical context on both identity expression and intimate life.

The influence of partner gender on bisexual experiences was further explored in studies by Santos (2024) and Cabral (2023), who demonstrated how the gender of intimate partners significantly shaped relationship dynamics, identity negotiation, and public perception. These findings underscored that bisexuality cannot be fully understood apart from gendered expectations and normative assumptions.

#### *5.3.4.3. Monosexism and Binegativity*

Adopting a complementary perspective, Sbrana and de Miguel (2022) examined the relationship between sexual fluidity and attitudes toward bisexuality. Their findings showed that sexually fluid individuals held more positive views of both male and female bisexuality compared to non-fluid individuals. Women were more likely than men to perceive bisexuality, particularly female bisexuality, as stable, while bisexual participants generally expressed more favorable attitudes than their heterosexual counterparts.

Despite growing awareness, bisexuality remained structurally marginalized in many social and political contexts. This marginalization was driven by monosexism and binegativity, which encompasses the stigma, erasure, and delegitimization of bisexual identities. These forms of oppression operate simultaneously across psychological, relational, spatial and political dimensions. The studies demonstrated that bisexual individuals often face multi-directional discrimination, encountering prejudice from both heterosexual and LGBTQI+ communities. Such hostility is particularly acute in interpersonal settings, especially within romantic and sexual relationships, where common stereotypes (e.g., confusion, promiscuity, indecisiveness) are frequently imposed.

Research by Pereira et al. (2017) and Velasco et al. (2024) confirmed that this bias was not limited to mainstream society; it was also manifested within the so called LGBTQI+ communities, revealing the internalization of monosexist logics even in supposedly inclusive spaces.

One of the most insidious consequences of monosexism is its capacity to render bisexuality invisible, either by denying its legitimacy outright or by misinterpreting a personal identity based on the gender of their current partner. Gusmano (2018) described this as “selective invisibility”, leading many bisexual individuals to adopt strategic forms of selfpresentation. In some contexts, choosing not to disclose one’s orientation became a form of agency and self-protection, particularly in familial or professional environments where visibility may carry social or emotional risk.

Gender plays a pivotal role in shaping how binegativity was experienced. For example, Cabral (2023) illustrated how bisexual women’s relational experiences differed markedly depending on the gender of their partners. Relationships with men were often characterized by objectification, power imbalances, and gendered expectations, whereas relationships with women tended to offer more emotional reciprocity, equality, and space for authentic identity expression. These findings underscored the ways in which monosexism is deeply entangled with heteronormative and patriarchal norms, generating distinct vulnerabilities across gender lines.

Geography plays a critical role in shaping bisexual individuals’ experiences, particularly in terms of safety, visibility, and sense of belonging. As Monaco (2021) observed, so called “rainbow cities”, urban areas known for their LGBTQI+ inclusivity, tend to offer greater opportunities for connection, community support, and social recognition. In contrast, rural or socially conservative regions are often associated with heightened isolation, stigma, and limited access to affirming spaces. For many bisexual people, internal migration or even international emigration becomes a strategy to seek more supportive and inclusive environments, underscoring how sociopolitical contexts and public policies can directly influence mental health, identity development, and overall well-being.

Recent research in Portugal (Alberto, 2018) and Spain (González Robles, 2024) has contributed to the conceptual and methodological advancement of binegativity studies. These works have developed validated instruments to measure binegativity and revealed strong correlations between binegativity, sexism, homophobia, and political conservatism. Such findings highlight the importance of intersectional approaches that account for gender, sexual orientation, political ideology, religiosity, and proximity to bisexual individuals.

Ultimately, binegativity is not merely a collection of stereotypes, it is a structural phenomenon, deeply rooted in binary gender norms, monosexual assumptions, and sociocultural frameworks that perpetuate marginalization (Alberto, 2018; Sbrana & de Miguel, 2020; Velasco et al., 2024). Its psychosocial consequences are profound, including heightened rates of depression, anxiety, low self-esteem, and identity concealment. However, the data also pointed to important forms of resistance (Castro, 2021; Gusmano, 2018; Pereira et al., 2017). From participation in non-normative communities such as polyamorous networks (Castro, 2021; Gusmano, 2018) to the creation of localized, supportive spaces that affirm sexual and gender diversity, bisexual individuals continue to challenge erasure and reclaim visibility through collective and personal strategies of resilience.

## **5.4. Discussion**

This scoping review aimed to map empirical research conducted between 2010 and 2024 in Southern Europe, specifically Portugal, Spain, and Italy, on bisexual experiences and identities. We focused on contributions from psychology, sociology, and gender studies, seeking to identify the types of evidence produced and the thematic areas explored within these fields. This approach allowed us to gain a comprehensive overview of the state of research on bisexuality in the region, while also identifying key gaps that may inform future research directions.

Our findings showed that existing studies on bisexual identities and experiences tend to highlight specific dimensions, particularly those involving the navigation of daily tensions between oppression and resistance, invisibility and affirmation, and marginalization and resilience. Across the results, bisexuality consistently emerged not only as a contested identity, but also as one that is structurally erased and epistemologically marginalized. These dynamics reflect the ongoing influence of cis-heteronormative and monosexist frameworks, which regulate not only the lived experiences of bisexual individuals but also the academic disciplines that seek to study them. This trend is unsurprising, as this population faces particular challenges that remain unresolved or which are only beginning to be explored (Bostwick & Hequembourg, 2013; Maimon et al., 2021; Tangeman, 2025).

Importantly, these dynamics can act as either adverse or beneficial factors, depending on the broader social context and on the individual's access to supportive networks, a sense of community belonging, and resources that affirm their identity. However, the studies consistently pointed to the persistent presence of negative factors shaping the experiences of

bisexual people, which compromise their health and well-being and impose additional challenges in navigating daily life in Southern Europe. These findings were consistent with a growing body of research that has consistently shown that bisexual individuals face additional stressors (Chan et al., 2020; Habibi & Stueck, 2018).

#### ***5.4.1. Naming and Framing Bisexuality***

A central issue identified across the reviewed studies was the role of terminology in shaping the (in)visibility of bisexuality. The lack of a shared, consistent framework generates conceptual ambiguity, with significant implications for research and everyday life. Without clear, agreed-upon definitions, bisexuality is often misclassified or erased in academic, clinical, and social contexts, undermining its recognition as a distinct and legitimate identity (Maliepaard, 2020; Turai, 2020).

Despite increasing attention to sexual diversity, bisexuality is frequently overlooked or subsumed under broad umbrella terms such as “non-heterosexual”, “LGBT,” or “queer.” This terminological imprecision limits the visibility of bisexual-specific experiences and needs, reinforcing epistemological gaps. Language thus plays a crucial role in either perpetuating or challenging bisexual (in)visibility. The proliferation of identity labels, including pansexual and queer, particularly among younger generations, reflects broader shifts toward fluid understandings of sexuality and gender. Individuals may define their identities in overlapping but distinct ways, shifting between labels depending on social context (Bian et al., 2017; González et al., 2016; Hayfield & Křížová, 2021). Bisexuality itself may be re-signified within these evolving frameworks. While this fluidity can foster inclusivity, it can also perpetuate bisexual invisibility when not explicitly named, theorized, or recognized in research and policy, thereby complicating clear representation, with implications for personal access to healthcare and support, as well as for political recognition and policy development.

These challenges underscore the need for a critical re-evaluation of language, categories, and epistemological frameworks in bisexuality research (Bordas et al., 2024). Studies from the U.S., U.K., Australia, and Belgium documented generational shifts toward more fluid identity labels (Dhoest, 2022; Grant et al., 2020; Katz-Wise & Hyde, 2015; Russell et al., 2009), yet empirical data from Southern Europe remain limited (Breveglieri, 2008; Maliepaard & Baumgartner, 2020). Addressing this gap is essential to produce knowledge accurately reflecting bisexual lives in diverse sociocultural contexts.

A second key issue is the scarcity of data on bisexual populations in this region. This gap is particularly significant given that bisexual+ individuals constitute one of the largest subgroups within the broader LGBTQI+ population (Copen et al., 2016; Gates, 2011; Kann et al., 2016). Filling this gap is crucial not only to understand how bisexual people perceive and articulate their experiences and sexual identity, but also to explore how legal and sociocultural changes over the past two decades in Southern Europe have influenced these experiences in terms of equality and non-discrimination. For example, Fantacci et al. (2023) found that younger bisexual adults (18–25) reported lower motivation to conceal their identity and higher levels of identity affirmation than older cohorts, suggesting a shift toward more open and affirming identity expressions – a trend echoed in Meyer et al. (2021) and Puckett et al. (2022), and partially mirrored in early Portuguese data (Pereira et al., 2017).

#### ***5.4.2. Intersectional Dimensions of Marginalization***

The results also highlighted the contributions of intersectional research (Castro, 2021; Castro & Carnassale, 2019; Gusmano, 2018; Rucco et al., 2023), which revealed how race, gender identity, non-monogamy, and cultural background intersect with bisexuality. For instance, bisexual people of color and non-monogamous individuals often report navigating multiple, overlapping stigmas, requiring continuous negotiation of their identities in relation to dominant cultural norms. These findings were consistent with international research (Chun & Singh, 2010; Feinstein et al., 2022; Rodriguez et al., 2013).

Further, Scandurra et al. (2023) found that non-binary bisexual individuals reported lower levels of social support and overall well-being compared to their cisgender counterparts, despite showing higher levels of identity affirmation. This suggests that identity affirmation may be insufficient to counterbalance the effects of unsupportive environments. Nonbinary bisexual people, in particular, often experience dual invalidation – of both their gender and sexual identities. The marginalization faced by bisexual individuals is thus further intensified for those occupying multiple minority positions, as confirmed by our findings and supported by other studies (Holm et al., 2022; Katz-Wise et al., 2017; Mitchell et al., 2023).

These findings also supported previous research suggesting that female sexuality is often perceived and experienced as more fluid than male sexuality. They further demonstrated how gender, sexual fluidity, and bisexual visibility intersect to shape both societal attitudes and individual self-perceptions. Furthermore, our results revealed clear gendered patterns of binegativity: bisexual men were more likely to experience internalized binegativity and

uncertainty regarding their sexual orientation, while bisexual women reported higher levels of emotional abuse and sexual objectification (Pistella et al., 2023; Santos, 2024). These patterns reflect broader gendered expectations around sexuality, whereby bisexual men are often met with suspicion, and bisexual women are either fetishized or dismissed – as also noted in other studies (Charley et al., 2023; Manalastas et al., 2023; Yost & Thomas, 2012).

#### ***5.4.3. The Impact of Monosexism and Binegativity***

One of the most salient findings was the pervasive influence of monosexism and binegativity on bisexual individuals' health and well-being. These forces manifest at various levels, shaping identity development and everyday experiences in Southern Europe. As noted, monosexism and binegativity operate both structurally and interpersonally. These dynamics, as highlighted by the reviewed studies, undermine psychological well-being, limit access to affirming communities, and delegitimize bisexual identities, often prompting individuals to adopt invisibility as a protective strategy.

Bisexual individuals are frequently portrayed as navigating complex identity trajectories, often pressured to conform to monosexual norms by “picking a side” or concealing their sexual orientation (Brownfield & Brow, 2022; Feinstein et al., 2020). Bisexuality is commonly positioned as unstable or transitional, which contributes to its marginalization within both heterosexual and queer spaces.

From an epistemological perspective, bisexuality is situated in a liminal or in-between space – between genders, sexes, and sexualities (Hemmings, 2002) - which challenges binary thinking, but is also frequently framed as ambiguity or confusion. Such positioning aligns with what Yoshino (2000) refers to as “epistemic erasure”, and what others have named “epistemic injustice” (Breetveld, 2020; Bostwick & Hequembourg, 2013). These conceptualizations help make sense of how bisexuality is rendered invisible and unintelligible within dominant cultural and academic discourses. An additional layer of concern highlighted in our findings was the internalization of this erasure. It is not only externally imposed, but also anticipated and internalized, leading to significant impacts on self-concept and mental health. These internal processes compound the stressors faced by bisexual people and are echoed in broader patterns of psychological vulnerability. Moreover, other serious consequences have been reported in literature, particularly in relation to gender. For example, bisexual women are found to be at greater risk of experiencing additional forms of violence, such as sexual violence and harassment (Coston, 2021; Flanders et al., 2019; Lambe et al.,

2017) and often report poorer physical health outcomes compared to their heterosexual and lesbian counterparts (Lambe et al., 2017). These intersecting experiences underscore how binegativity and gender-based violence can compound marginalization.

Paradoxically, despite facing widespread marginalization, in recent data, bisexual+ individuals seem to represent one of the largest groups within the LGBTQI+ population (Copen et al., 2016; Gates, 2011). This trend is also reflected in other national data sources (e.g., U.K.) where people with plurisexual orientations (here broadly referred to as bisexual) constitute the largest group among minority sexual identities (Jones, 2022; ONS, 2025). This visibility in numbers, however, does not translate into cultural or political recognition, further deepening the invisibility and invalidation they experience (Tangeman, 2025).

This evidence underscores the urgency of challenging dominant social norms, particularly monosexism and cisheteronormativity, which operate as regimes of truth (Foucault, 1979) by regulating how gender and sexuality are lived and embodied. By framing bisexuality as illegible or deviant, these norms perpetuate epistemic injustice and create vulnerabilities that compromise health, well-being, and social participation. Exposing and deconstructing them is therefore both a theoretical and ethical-political imperative.

## **5.5. Concluding Remarks**

This review maps studies published between 2010 and 2024 on bisexual experiences in Southern Europe, exposing significant gaps in both research and practice. Firstly, there is a need for more bisexual+ positive research rather than a predominant focus on negative experiences. This requires dismantling monosexist assumptions in academia, public policies, and mental health practices. For instance, while some national LGBTQI+ policies in other regions have been critiqued for neglecting bisexuality, no comparable analysis exists for Southern Europe, a gap that undermines inclusive policymaking. Secondly, bisexual individuals remain underrepresented in psychology, sociology, and gender studies. Greater attention should be given to processes of self-identification and to marginalized groups such as bisexual men, trans and non-binary people, bisexual people of color, and older bisexual adults. Thirdly, there is a lack of bi+ specific interventions. Culturally competent and structurally informed mental health practices are needed, explicitly recognizing binegativity as a distinct stressor. Such interventions should address systemic forms of exclusion at various levels, supported by robust theoretical frameworks on identity, community exclusion, and institutional discrimination. Finally, challenging monosexism and binegativity requires

research agendas, policies, and activism shaped by bisexual needs and leadership. Southern European contexts must be more fully integrated into international conversations on the structural marginalization of bisexuality.

This study underscores the urgency of enhancing bisexual visibility, community engagement, and social support in Southern Europe, where bisexuality remains largely invisible. Visibility and support are essential for belonging, identity development, and well-being, though unevenly distributed across axes such as race/ethnicity, gender identity, socioeconomic status, and geography.

While bisexual resilience, particularly among younger generations, demonstrates the importance of affirming spaces and rights-based progress, it must not be romanticized as a substitute for structural change. Bisexual lives remain vulnerable unless systemic transformations are achieved.

#### ***5.5.1. Limitations and Future Directions***

Despite offering a comprehensive overview of bisexuality studies in Southern Europe (2010–2024), this scoping review has limitations. Research often relies on small, non-representative, urban-centered samples, limiting generalizability. Terminological inconsistencies and the lack of bisexual-specific measures further constrain comparability. Moreover, few studies adopt intersectional frameworks or community-based participatory approaches, restricting the potential for inclusive and emancipatory knowledge production.

Future research should prioritize longitudinal, intersectional, mixed-methods, and community-led designs centering bisexual voices. It should also engage with structural and institutional dynamics, such as policy frameworks, healthcare systems, and community contexts, that shape bisexual lives. Advancing such research is essential to promoting equity, social justice, and the full recognition of bisexual experiences across diverse sociocultural and geopolitical contexts.

# Capítulo 6 - Estudo 2 - LGBTQI+ Pride Politics?

## Experiences of bisexual citizenship among activists in Portugal<sup>19</sup>

### [ESTUDO 2]

#### 6.1. Introduction

##### *6.1.1. The evolution and consideration of intimate citizenship*

The traditional model of citizenship (Marshall, 1950), historically centred on personal protections, privileges and obligations (Monro & Richardson, 2014), has undergone significant evolution in response to sociocultural transformations. These transformations include diversity policies and the rise of social identity movements, which have questioned and redefined the boundaries of citizenship (Cooper, 1993). Critiques of the limitations inherent in traditional models have sparked debates, leading to the emergence of new conceptualizations of citizenship (Lister, 1997; Richardson, 2000) and reimaginings of conventional frameworks of family and relationships (Roseneil, 2013; Roseneil et al., 2020). Movements advocating for sexual and gender equality have played a particularly transformative role in reshaping understandings of intimacy, family, and conjugality, thereby challenging the dominance of cisheteronormative norms (Warner, 1991).

These shifts have given rise to the concept of "sexual/intimate citizenship," which represents a significant innovation in discussions of identity and inclusion. This framework highlights the male, cisnormative, and heteronormative privileges embedded in traditional citizenship paradigms (Hines, 2009; Lister, 1997; Richardson, 2000, 2018).

The concept of intimate citizenship (Plummer, 2001) emphasizes the decisions individuals make regarding their bodies, emotions, and relationships. It examines access to representations, relationships, and public spaces, as well as the social choices available for constructing identities, gender expressions, and erotic experiences. It also raises critical questions about control over one's personal and sexual life, the rights individuals have over

---

<sup>19</sup> Este capítulo foi aprovado para publicação como Esteves, M; Moleiro, C & Santos, AC (2026). LGBTQI+ Pride Politics? Experiences of bisexual citizenship among activists in Portugal. In Hellen Bowes-Catton & Kate McLelland (Eds.). Handbook of Bisexual Research. Palgrave.

their bodies, relationships, and desires, and the role of the state, society, or culture in regulating intimacy (Plummer, 2001; Weeks, 2003). According to Plummer (2001), the negotiation of rights and choices in intimate life enables us to move beyond prescriptive models. This approach embraces diverse narratives and public discourses about navigating intimacy in a postmodern world characterized by expanded options and challenges (p. 26). Consequently, debates on intimate citizenship prompt a reconsideration of who is included or excluded from the concept of citizenship and also underline the significant public and political implications of personal and private matters (Plummer, 2001; Roseneil et al., 2020).

### ***6.1.2. Bisexual citizenship: bridging the private and public spaces***

Evans (1993) was the first to introduce the concept of bisexual citizenship and to address the tensions between the private and public dimensions of bisexual identity, highlighting how private discourse shapes broader societal contexts. Later, Monro (2015), drawing on feminist insights (Barker, 2007; Firestein, 1996; Hayfield, 2021), advanced the concept through the lens of intimate citizenship, foregrounding bisexuality's distinctive features such as relational multiplicity and sexual fluidity (p. 140). Despite its transformative potential, bisexual citizenship remains underexplored (Monro, 2015; Maliepaard, 2015; Maliepaard & Baumgartner, 2020). Although sexual and gender diversity have achieved greater visibility and social acceptance, even in the context of ongoing backlash (Kuhar & Paternotte, 2017), bisexuality continues to encounter ambivalence and prejudice (Barker et al., 2012; Dodge et al., 2016; Hayfield, 2021).

In parallel, a socio-psychological approach to citizenship (Andreouli, 2019; Condor, 2011; Stevenson et al., 2015) emerged, proposing citizenship as a performative, active process of claiming rights and political engagement (Isin, 2017, 2019). In this approach, acts such as affirming one's identity despite stereotypes serve to promote psychological empowerment and collective inclusion. Civic participation in institutions and environments further supports both personal and collective empowerment (Florin & Wandersman, 1990; Perone, 2024).

Applied to bisexuality, this perspective allows for an understanding of how individuals negotiate identities, assert rights, and engage in sociopolitical contexts as agents of change, highlighting internal processes of belonging, recognition, and agency. For instance, Stevenson et al. (2015) investigate how feelings of inclusion or exclusion influence participation in society, while bisexual individuals often navigate erasure and invalidation (McLean, 2007; Nelson, 2023).

Approaching bisexual citizenship through a complementary framework enriches understanding of bisexual experiences, showing how bisexuality challenges binaries and exclusionary norms, expands citizenship in both personal and public spheres, and frames citizenship through recognition, support, and the act of claiming rights in the public sphere. This chapter focuses on Portugal's legal context and LGBTQI+ activism, highlighting the role of bisexual and broader LGBTQI+ movements, as well as the state, in shaping bisexual citizenship (Plummer, 2003).

### ***6.1.3. The Sociocultural and Legal Framework for Equality and Anti-Discrimination in Portugal***

Portugal's journey toward equality and anti-discrimination is rooted in its sociopolitical history. For much of the 20th century, the country was governed by the repressive Estado Novo regime (1936–1974), an authoritarian state promoting nationalist and Judeo-Christian moral values (Vale de Almeida, 2010). These norms criminalized homosexuality and reinforced a rigid heteronormative framework for intimacy and relationships (Cascais, 2020; Santos, 2013).

In recent years, Portugal has emerged as one of the most progressive countries regarding LGBTQI+ rights, with significant legal and legislative advancements. Portugal now ranks 13th in the LGBT Equality Index (Santos et al., 2023). Despite these achievements, gaps remain (ILGA Europe, 2025), including lack of recognition for non-binary individuals and relational diversity, and the absence of census data on sexual orientation and gender identity (Saleiro et al., 2022). Research focusing exclusively on bisexual experiences is scarce (Esteves, 2022; Esteves & Pieri, 2023; Pereira et al., 2017), and media representation is also limited (Carvalheira, 2021; Gomes, 2018). Sociocultural attitudes in Portugal remain influenced by tradition, with many viewing sexual orientation through monosexist frameworks, reinforcing heteronormative expectations (Caldwell, 2010; Cascais, 2020; Santos, 2018b). Violence and discrimination based on sexual orientation and gender identity continue to be reported (Fundamental Rights Agency [FRA], 2024; Santos et al., 2023; Moleiro & Pinto, 2020). In healthcare and psychotherapy, biased attitudes and limited knowledge of LGBTQI+ needs persist (Gomes *et al.*, 2023; Moleiro & Pinto, 2009).

Portugal's progress owes much to the resilience of its LGBTQI+ movement (Santos, 2013). Since the 1990s, organizations like *ILGA Portugal* and *Clube Safo* have led advocacy efforts, while collectives such as *Actibistas* have brought visibility to the bisexual community. These

groups have pressured policymakers and shaped public discourse, driving the nation toward greater equality.

#### **6.1.4. Bisexual Community and Bi+ Activism**

Bisexual activists have long been part of the LGBTQI+ movement, but the term “bisexual” only appeared in Portuguese activism in 2003 via Rede Ex Aequo. In 2010, two collectives—*Ponto Bi* and *Associação B VisiBilidades*—emerged, representing the first organized efforts for public visibility. In 2013, Actibistas was established in Lisbon to combat bisexual invisibility, gaining prominence through online presence and Pride participation (Actibistas, 2021). In 2016, *Somos Blergh* in Porto prioritized raising awareness about bisexual issues, including a “bisexual central block” at Pride. Around the same time, *Zanele Muholi de Lésbicas e Bissexuais Negras* emerged to combat multiple forms of discrimination. Milestones included celebrating “Bisexual Pride Day” and organizing mutual support groups, inclusive of other sexual identities.

Situating bisexual activism in Portugal within the framework of bisexual citizenship highlights how organizations seek inclusion in legal and political agendas, challenge boundaries between public and private, and illustrate how claims for recognition intersect with broader struggles for intimate and bi+ citizenship. This provides a crucial backdrop for the present study, which examines how activists articulate these tensions and possibilities (Klesse, 2016; Monro, 2005, 2015).

## **6.2. Empirical Study: “Bisexual Activism in Portugal through the Lens of Bisexual Activists”**

This study aimed to examine how bisexual citizenship is constructed, negotiated, and contested—both at the macro level of citizenship regimes (Andreouli, 2019) and micro level, i.e., contexts where bisexual citizenship is “performed” (Isin, 2017). These micro-contexts include LGBTQI+ mainstream movement and bisexual communities, with an emphasis on the agency of bisexual individuals as political subjects that actively engage in public space (through social and political claims). Thus, our central research question was: “How is bisexual citizenship constructed within the public domain through activism and participation in the LGBTQI+ movement, and what challenges arise in ensuring full citizenship for bisexual individuals”? Furthermore, the chapter addressed two main aspects: (a) the perceptions of bisexual activists in Portugal, particularly regarding public participation and

the organization of a bisexual community and (b) the primary obstacles to consolidating bisexual citizenship.

### **6.2.1 Methods and Methodology**

This study employed a qualitative approach to explore the lived experiences of bisexual activists within the specific sociocultural context of Portugal. Being approved by Iscte-IUL Ethics Committee (09/2022) this study was disseminated through key LGBTQI+ associations<sup>20</sup>, and on social media. The eligibility criteria for interviewees required participants to self-identify as bisexual activists, be at least 18 years old, and to have been living in Portugal at the time of the interview. These criteria ensured a diverse range of experiences and perspectives and enriched the study's exploration of bisexual communities and their intersectional realities. At the time of interviews, there were 3 collectives in Portugal focusing on bisexual issues and we engaged with two of them: *Actibistas* and *Somos Blergh*. Participants were selected for diversity in age, gender, identity, and location to reflect varied activist trajectories, strategies, and challenges shaped by intersecting identities and contexts. Recruitment took place mainly in LGBTQI+ spaces, both institutional and informal. Semi-structured individual interviews were informed by existing literature on bisexual communities, participation, and well-being which allowed in-depth insights into participants' experiences and perspectives. Semi-structured interviews—mostly in person, some online—were conducted in Lisbon and Porto, exploring participants' perceptions of the constitution of bisexual activism, their position and relationships within LGBTQI+ activism, and the role of the State. The study sample comprised eight bisexual activists, aged between 23 and 59, representing diverse gender identities and with current or past involvement in bisexual and other LGBTQI+ collectives, organisations, or networks in Lisbon, Porto, and Braga. Participants gave informed consent, were fully briefed on the study's aims, procedures, potential risks, and benefits, and had the opportunity to ask questions. They were also assured of their right to withdraw at any time without consequences, ensuring voluntary and informed participation.

The interviews were transcribed verbatim, and all raw data was anonymized, with access managed in line with institutional guidelines. Thematic analysis (Braun & Clarke, 2006) was

---

<sup>20</sup> The entities involved included: Actibistas: Coletivo pela Visibilidade Bissexual, Somos Blergh, Rede Ex Aequo: Associação de Jovens LGBTI e Apoiantes, ILGA Portugal: Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual, Trans e Intersexo, Grupo de Ativistas em Tratamentos (GAT), Braga Fora do Armário, and Opus Diversidades.

used to examine the data and supported by the software MAXQDA, leading to the identification of several domains including (a) bisexual participation in the public sphere, (b) obstacles to bisexual citizenship, (c) resources and alliances and (d) coming out experiences. Although several domains emerged, for the purpose of this chapter we addressed the first two: bisexual participation in the public sphere and obstacles to bisexual citizenship.

## **6.3. Results**

### ***6.3.1 Bisexual activism and participation in public sphere***

The interviews highlight that the paths of bisexual activists are often shaped by previous involvement in LGBTQI+ activism, with many leadership roles held in LGBTQI+ organizations. Their personal journeys typically began with identifying as lesbian or gay, later evolving into a bisexual identity. This transition was often triggered by their engagement in LGBTQI+ spaces, fostering self-discovery and self-exploration and, therefore, a bisexual activist trajectory. As one bisexual activist from Porto noted:

"I started in LGBT activism and began to discover myself as bisexual. I knew I liked women; for a long time, I thought I was lesbian. When I started doing activism, I was still stuck in this small dilemma." (Trans man, 25-30, Porto)

This excerpt highlights the importance of space, particularly bisexual spaces, in fostering self-identity and a sense of community belonging. In line with this, results show that bisexual collectives emerged in Portugal to discuss bisexual issues, providing a space to share personal experiences, exchange information, and engage in political debates. According to participants, these spaces are vital for building community and offering support, especially for those questioning their bisexual identity. Bisexual informal groups operate, focusing on affirming bisexuality as a legitimate orientation within the broader LGBTQI+ movement, reinforcing the centrality of bisexual citizenship as a lens through which understand the needs and expectations of bisexuals as one activist shared:

"I use BLERGH as a platform for visibility. My colleagues and I are creating spaces for debate, pushing ourselves into that uncomfortable position of 'we're here

to be questioned,' showing we're united and proclaiming, 'I'm not a lesbian, I'm bisexual'". (Cis woman, 30-35, Porto)

The previous interviewee emphasized the importance of confrontation and discomfort as strategies to foster a collective platform for bisexual citizenship. Other platforms for this type of confrontational resistance, where bisexual activists made demands visible were also found in the study, and these include Pride marches. Notably, the 2018 Pride marches in Lisbon and Porto saw the first coordinated appearance of a "Bi Block," an initiative led by bisexual activists under a 6.5-meter-wide bisexual flag was considered a meaningful event. This action was pivotal as one activist shared:

"Just by being there with the bisexual flag, a stranger approached, so happy to see her identity represented—it made me realize how important this visibility is!" (Cis woman, 30-35, Lisbon)

Incremental advances in public visibility, exemplified by participation in national initiatives such as pride marches, have been central to enhancing the visibility of bisexual activism. The impact of this initiative meant it was regarded as a significant milestone by this participant, enhancing their motivation to participate and was seen as an important step towards gaining political and social recognition, as one interviewee explained:

"The first year, we were not involved, but in the following year, we joined the organizing team, and that was a huge step toward bisexual visibility in the Lisbon Pride march" (Cis woman, 30-35, Lisbon)

Such actions help develop both individual and collective agency among activists and are essential for the historical development of bisexual movements. The participant was very clear in emphasising how the growing participation of bisexual collective in national event, such a pride march. Through initially modest, such actions represent decisive milestones in the movement's historical development. As the interviews illustrate, these small but significant steps in public engagement help raise visibility and recognition of these activists' needs, affirming their rights to exist as political subjects without pressure to 'choose a side'.

### 6.3.1.1 Obstacles to Bisexual Citizenship

#### *Lack of internal resources*

However, results show that there are also notable challenges for bisexual communities. Bisexual activism is still in its early stages and faces difficulties in forming a cohesive political agenda. One activist from *Actibistas* discussed the challenge of defining priorities in terms of political and collective action:

“How do we define priorities? Is it about internal issues within the community, or external ones concerning the general population?” (Cis woman, 25-30, Lisbon)

The participant emphasizes an important point: without internal reflection within bisexual communities, it becomes difficult to foster agency and promote both individual and collective agency, essential for developing a bisexual clear agenda. The difficulty in organizing a unified bisexual agenda, primarily due to a lack of active participation. It also emerged from the interviews that the small number of bisexual activists involved in collectives limits the scope of action, as one participant expressed:

“I don’t see a structured bi+ movement; there are just a few individuals discussing it, but there’s no solid collective effort” (Cis man, 25-30, Braga)

Faced with this challenge, some participants questioned whether a cohesive bisexual community exists, describing it as fragmented and composed of individuals acting separately rather than collectively. Without a sustained, community-based collective effort, the prospects for implementing bisexual citizenship remain hindered, as the absence of such a structure was seen as a major barrier to collective action and sustained bisexual activism.

Mental health issues were also identified as significant obstacles linked with low numbers of bisexual activists and. In some cases, there seemed to be a causal link between lack of bisexual recognition and mental health, but pushing for a linear explanation would be oversimplifying what is notably a highly complex combination of factors. The key finding is that misrecognition, along with a lack of collective belonging and participation in bisexual activism, is linked to threats to individual well-being, including mental health challenges. One participant shared this concern as we can see in this quote:

“People involved with our collective experienced mental health struggles, which impacted our ability to maintain regular activities and move the collective forward” (Cis woman, 30–35, Lisbon)

This obstacle hinders bisexual agency at both individual and collective levels and was highlighted by participants as a concern due to insufficient attention within the broader LGBTQI+ movement. It represents a critical factor affecting both bisexual activism and the movement as a whole.

### *Binegativity within LGBTQI+ Communities*

The interviews revealed other obstacles, more directly related to binegativity within broader communities, especially regarding bisexual recognition and inclusion in the LGBTQI+ internal agenda. Results showed that bisexuality was often sidelined, with participants providing examples of times when it was overlooked in LGBTQI+ manifestos or ignored in discussions of LGBTQI+ issues, as illustrated by this interviewee:

“LGBTQI+ projects and educational campaigns mostly focus on lesbian and gay issues, without addressing the specific challenges of bisexuality.” (Cis woman, 30–35, Porto)

The feeling of devaluation was further reinforced when another interviewee described how bisexual visibility was minimized in Pride marches, where the bisexual block was placed by the coordination in a less prominent position:

“In a Lisbon Pride meeting, it was decided—without consulting us—to move the bisexual block to a less visible space, citing ‘visibility issues’.” (Cis woman, 30–35, Lisbon)

This dislocation in space which is for many the only public collective endeavour was, is felt as particularly harsh, symbolising the disregard with which bisexuality is treated. This circles back to the idea of an absent bisexual citizen who is always perceived as less in the broader acronym as shared by this interviewee:

“First of all, I find this super cynical, as we've had all the letters lumped together for years: LGBTQI+; but sometimes I think we count only as statistics; when it's time to embrace our scene, no one ever asks us, and we say ‘What are your needs? What are your struggles?’; I feel that no one ever asks us this; we have to step up and sign everyone's manifestos” (Cis woman, 30–35, Porto).

The participant expresses profound frustration with how bisexuality is often subsumed under the broader LGBTQI+ umbrella. She felt that bisexual individuals are largely invisible regarding their specific needs, and her comments reflected a sense of being used symbolically to support wider political agendas without genuine consultation in decision-making. Critiques of the LGBTQI+ movement also emerged, providing valuable insights for reflection on its future in Portugal, as illustrated by this participant, a young cisgender woman in her early twenties from Porto:

“We are at a point in our life where, if we don't all fight for something, we're going to start turning our backs on each other; and the worst thing we can do is turn against each other. We already have the rest of the world against us.” (Cis woman, 20–25, Porto)

These expressions of concern about internal divisions highlight the risks of fragmentation under strong external pressures and convey a call for cohesion, solidarity, and collective action.

#### *A shortfall in public policies*

Although some interviewees saw social attitudes rather than legislation as the main problem, the interviews highlighted obstacles in how the State recognizes and supports bisexual people. Legal advancements exist, but bisexuality is still rarely explicitly addressed in public policies, as one participant noted:

“Recent improvements benefit bi people, but they don't specifically mention us. They overlook us when making laws, either because they don't acknowledge our existence or deny it altogether”. (Cis woman, 20–25, Braga)

Most participants highlighted the poor visibility of bisexuality and the limited attention the State gives to their needs, reflected in public policies on healthcare and family affairs. In healthcare institutions, stigma and inadequate professional training were identified as barriers to appropriate care, as one participant explained:

“A bisexual person in a polyamorous relationship fears stigma when discussing their situation with a doctor. It prevents them from being honest about their identity”.

(Nonbinary person, 35-40, Lisbon)

The sense of invisibility reported by participants highlights gaps in current public policy. Another obstacle noted by most participants was the use of neutral terms like “same-sex couples” in legislation, which was seen as both inclusive and problematic for bisexual people:

“‘Same-sex couples’ may seem inclusive, but it erases bisexuality from the discourse. The term should include ‘bisexuality’ to normalize its use and public recognition”

(Cis woman; 30–35, Lisbon)

Although terminology may not seem central, its critical examination is essential. The critiques from the interviews focus on terms often stripped of political significance, prompting reflection on whom public policies truly serve and whether bisexuality is recognised. Terms such as “same-sex couples,” while seemingly neutral, reveal the ongoing exclusion of bisexual realities.

## **6.4. Discussion**

This study explored how bisexual communities assert their rights in public spaces, revealing persistent tensions between inclusion and exclusion within LGBTQI+ spaces and state policies. These findings underscore the complex interplay of recognition, visibility, and social constraints shaping bisexual citizenship.

### ***6.4.1 Trajectories of bisexual public participation***

This study traced the trajectories of individuals and collectives involved in bisexual activism in Portugal. The first theme—bisexual public participation—showed that activism often emerged from participants’ prior involvement in the LGBTQI+ movement and was intertwined with their personal journeys of sexual identity development. Most participants

began their activism within LGBTQI+ communities, gradually shifting their focus towards the specific needs of bisexual people and joining bisexual-led collectives. They highlighted the crucial role of these spaces in supporting, validating, and strengthening bisexual identities, aligning with international studies that emphasize the importance of LGBTQI+ communities in supporting non-heterosexual populations (Formby, 2017; Lambe et al., 2017; White et al., 2021).

However, the study also showed that the creation of informal bisexual groups in Portugal emerged as a response to the perceived marginalization of bisexuality within dominant LGBTQI+ spaces. Participants described these groups as attempts to increase bisexual visibility and build a more cohesive political presence, reflecting similar dynamics observed in other countries (Coll, 2023; Escobedo, 2023; Frente Bissexual Brasileira, 2021). These spaces function as “bubbles of resistance” (Bowes-Catton, 2016; 2021), offering binegativity-free environments where mutual support, care, dialogue, and political engagement can flourish, despite sexual prejudice (Bowes-Catton, 2021; Lambe et al., 2017). While amplifying activist voices it also addresses gaps in inclusion and representation (Bowes-Catton, 2016, 2021; Holthaus, 2015). As Eadie (1993) noted, such spaces allow the sharing of experiences, the definition of collective agendas, and serve as a refuge from institutionalized monosexuality.

These spaces highlight bisexual agency, expressed through both collective and individual performances of previously hidden identities, and illuminate the dynamics of Pride politics in Portugal (Liinason & Sasunkevich, 2023). Adopting a politics of visibility has been a central strategy for marginalized groups historically (Edenborg, 2020) and continues to be important for bisexual communities. While Portuguese bisexual activism faces challenges similar to other contexts (Baumgartner & Maliepaard, 2020), it is also shaped by sociocultural particularities. Strengthening spaces free from binegativity is thus essential to promote agency, belonging, and community cohesion, supporting a more organized activist base. Participation in Pride marches exemplifies this potential, serving as a symbolic and concrete act of affirming bisexual presence and citizenship. Engaging critically with the limits of Pride politics (Esteves & Pieri, 2023) and advocating for more inclusive approaches (Arik et al., 2023) further highlights the interplay of micro- and macro-political strategies.

#### ***6.4.2 Obstacles to Bisexual Activism and Communities***

The findings highlight significant challenges faced by bisexual activism and communities in Portugal. Three main obstacles were identified: lack of internal resources, binegativity within mainstream LGBTQI+ spaces, and the absence of bisexual-specific needs by the State.

#### *6.4.2.1 Lack of Internal Resources*

A key subtheme emerging from the interviews was the lack of internal resources within the bisexual community. In Portugal, this community remains small and fragmented, consisting of informal groups that are often unsustainable.

The absence of cohesion, political direction, and clearly defined agendas weakens activism, limiting visibility and representation. Without a structured advocacy framework, bisexual communities remain marginalised in both LGBTQI+ and heterosexual contexts (Esteves, 2023), a pattern reinforced internationally (Gardner, 2016; McLean, 2016; Monro, 2015; Nutter-Pridgen, 2015). Compared with Spain, where bisexual groups have grown (Escobedo, 2023), challenges in Portugal are particularly pronounced.

Strengthening bisexual communities enhances collective mobilisation and advocacy. Cohesive, well-organised communities provide internal support to affirm identities, amplify voices, increase visibility, and facilitate connections with the State and policymakers, enabling better public policies for bisexual needs such as mental health (Esteves & Pieri, 2023; Stevenson *et al.*, 2015). Possible alliances within LGBTQI+ communities (ace, trans) can also help rethink homonormative tendencies (Duggan, 2002; Nutter-Pridgen, 2015).

#### *6.4.2.2 Binegativity within LGBTQI+ Communities*

While mainstream LGBTQI+ spaces support identity formation, bisexual activists report ambivalence, discrimination, and the deprioritisation of bisexual issues, reflecting a persistent focus on monosexual concerns (Gardner, 2016; Holthaus, 2015; Monro, 2015). This aligns with the longstanding marginalisation of the “B” in LGBTQI+ communities globally (McLean, 2008; Monaco, 2021; Hura, 2016) and locally (Esteves & Pieri, 2023).

Binegativity manifests in exclusion and microaggressions at key events, such as Pride marches, intensifying minority stress, isolation, and identity erasure (Lambe *et al.*, 2017; McInnis, 2022). Bisexual people often feel unwelcome and unable to express their identities openly (Davila *et al.*, 2021; Schimanski, 2018), reducing inclusion in mainstream agendas. Portuguese bisexual men, for example, face persistent lack of attention regarding affirmation (Pereira *et al.*, 2017).

Insufficient knowledge of bisexual health disparities, combined with limited support from LGBTQI+ organisations, hampers targeted policy development (Arbeit et al., 2016; Feinstein et al., 2017). Organisations must prioritise bisexual-specific spaces, allocate resources to enhance visibility, and foster genuinely inclusive environments (Davila et al., 2021; Lambe et al., 2017; McInnis et al., 2022). Further research is needed, particularly as bisexual identification grows among young people (Hayfield, 2021; ONS, 2019).

Despite these obstacles, bisexual activists continue to demand better representation through confrontational repertoires and visibility initiatives, such as the “bisexual bloc” at Pride, affirming identity and agency with slogans like “We are here, we are queer” (Hung et al., 2024; Lambe et al., 2017; Udis-Klessner, 1995).

#### *6.4.2.3 Lack of Bi-specific Policies*

The relationship with the State poses another obstacle. Portuguese public policies often treat bisexual needs as equivalent to those of lesbian and gay populations, overlooking the specificities of bisexual citizenship. This monolithic approach reflects monosexist and mononormative assumptions, ignoring sexual fluidity, relational diversity, and intersectionality (Saleiro et al., 2022; Monro, 2005, 2015), contributing to invisibility and limiting attention to health disparities and social marginalisation (Salway et al., 2019; Friedman et al., 2014).

Lack of formal recognition has serious consequences in institutional settings like healthcare. Portugal’s National LGBTQI+ Health Strategy lacks an intersectional perspective addressing specific bisexual needs (Arbeit et al., 2016; Feinstein et al., 2017), a pattern also seen internationally (Monro, 2015). Terminology such as “same-sex couple” further erases bisexual identity, excluding single, non-monogamous, or non-cohabiting individuals (Alarie et al., 2024), distorting statistics and hindering recognition of discrimination and mental health needs. Yoshino’s (2000) “epistemic contract of bisexual erasure” shows how this invisibility benefits monosexual groups by confining bisexuals to private spheres and discouraging public participation, affecting health, well-being, social inclusion, and LGBTQI+ politics (Flanders et al., 2019; Ross et al., 2018). Evidence shows involving bisexual activists in policymaking improves inclusivity and representation (Hardikar, 2015; NIH, 2019; Beach & Xavier Hall, 2020). Affirmative, targeted policies informed by lived experience can reduce inequalities and promote bisexual citizenship. Partnerships between policymakers, healthcare providers, and bisexual communities could explicitly recognise bisexuality and implement intersectional strategies.

## 6.5 Final Remarks

This chapter, grounded in the perspectives of bisexual activists, advances the discussion of bisexual citizenship in Portugal by highlighting how communities assert political agency and navigate struggles for visibility, recognition, and equality within a sociopolitical landscape shaped by the limited bisexual public sphere, the broader LGBTQI+ movement, and the State.

Although bisexual activism in Portugal remains emergent and vulnerable, its resilience provides a foundation for greater inclusion. Sustained advocacy, supportive environments, and amplified bisexual voices are essential to fostering a more equitable society. Activists negotiate the tension between public advocacy and private recognition, challenging monosexism, mononormativity, and cisheteronormativity while fostering solidarity and intersectionality through Pride events.

Success for bisexual citizenship entails that bisexual people have both the agency and conditions to participate fully and openly in public life. At the individual level, this means being able to come out without fear of stigma, invisibility, or discrimination, and having identities recognised across social contexts. At the collective level, it involves a bisexual movement capable of organising, articulating a clear political agenda, preventing marginalisation within the broader LGBTQ movement, pressing for visibility, fostering dialogue with policymakers, and addressing concrete challenges such as disproportionate mental health risks. In short, achieving bisexual citizenship requires recognition, inclusion, and political engagement that translate into tangible changes in policies and social practices.

Persistent challenges—including limited representation, social and institutional marginalisation, and restricted mobilisation—underscore the need for more visible and consolidated activism. Future research should explore the diverse experiences within bisexual communities, the role of polyamorous spaces, alliances with other marginalised groups, and the impact of supportive legal frameworks. Strengthening collaboration among the State, LGBTQI+ organisations, and bisexual communities is essential for advancing bisexual citizenship.

Despite legal progress in LGBTQI+ rights, bisexuality in Portugal remains largely invisible and marginalised, revealing a gap between formal protections and lived realities. This erasure reflects a monolithic approach to sexual diversity that overlooks bisexual and other plurisexual identities. Addressing these challenges will enable future scholarship and

practice to advance the concept of bisexual citizenship and its critical role in fostering a more inclusive and just sociopolitical context, both in Portugal and beyond.

Ultimately, the resilience of bisexual activism offers hope for a more inclusive society—benefiting not only bisexual individuals but also broader movements for social justice, gender equality, and the recognition of diverse identities.

# **Capítulo 7 - Binegativity Within Intimate Relationships: A Qualitative Analysis Based On Bisexual Experiences In Portugal<sup>21</sup>**

## **[ESTUDO 3]**

Over the past decade, there has been a significant rise in individuals identifying as bisexual, reflecting a shift in perceptions of sexual and gender identity in Western societies. In Southern Europe, however, the unique historical and sociocultural context has meant that challenges faced by bisexual individuals have been underexplored. This study, grounded in the psychology of critical sexualities, investigates how bisexual people navigate their identity and the impact of binegativity in intimate relationships. The bisexual participants, aged 22–41, of all genders, were resident in Portugal. Sixteen semi-structured interviews were conducted in Portugal and analysed through reflexive thematic analysis. The findings highlight a regime of in/visibility and the complexity of relationships within this population, with implications for clinical practice, community intervention, and policy development.

*Keywords:* bisexual population, intimate relationships, binegativity, gender differences, Portugal

---

<sup>21</sup> Este capítulo foi aceite para publicação em *Journal of Bisexuality* como Esteves, M; Moleiro, C. & Santos, AC. Binegativity within Intimate Relationships: A Qualitative Analysis Based on Bisexual Experiences in Portugal.

## 7.1. Introduction

In so-called Western societies, there is evidence that the conception of sexual and gender identities has been changing (Hayfield, 2022; Lapointe, 2017), with more recent generations increasingly identifying as bisexual (Monto & Neuweiller, 2024; Office for National Statistics [ONS], 2019).

Although the growing scientific production on bisexuality is mostly produced in an Anglo-American context, efforts have been made to understand the research produced in Europe (Maliepaard & Baumgartner, 2020). Extant bisexuality research has focused on the negative experiences of the bisexual population and bi+<sup>22</sup> identities, despite residual but significant exceptions (Cipriano & Holland, 2024). This trend is unsurprising, as this population faces particular challenges that remain unresolved or which are only beginning to be explored (Israel & Mohr, 2004; Maimon et al., 2021). The repeated occurrence of prejudice and social discrimination against bisexuality as a sexual identity and against those who identify as bisexual has been a common element in studies conducted at an international level (Burke & LaFrance, 2016; Herek, 2002) and without exception in Portugal (Cabral, 2023; Esteves, 2021).

However, further studies are needed that address binegativity within Portuguese society and respond to the need to understand the experiences of bisexual people beyond Anglo-Saxon or North American contexts (Maliepaard & Baumgartner, 2020). Portugal is part of a specific geopolitical context in which the particularities of welfare regimes (Ferrera, 2005) and "gender regimes"<sup>23</sup> (Walby, 2009) display distinct characteristics compared to other European countries (Ferrera, 2005), particularly regarding the intersections between family structures, care responsibilities, and sexual citizenship (Walby, 2020). Historically shaped by nearly five decades of dictatorship, a strong Catholic heritage, and a familialist model,

---

<sup>22</sup> The term "bi+" is used intentionally to clarify that references to bisexual identities in this work include non-binary conceptions of gender. This acknowledges that bisexual people may hold multiple or fluid gender identities, not limited to binary categories of male/female or heterosexual/homosexual. This inclusive definition also encompasses those who identify within binary gender frameworks (Nelson, 2023; Hayfield, 2021).

<sup>23</sup> According to Sylvia Walby (2009; 2020), a *gender regime* is "a set of interconnected gender relations and institutions that constitutes a system." This means that it is not merely about individual practices or beliefs, but rather an articulated ensemble of institutions, relations, norms, and practices that, in interaction, structure gender inequality. Walby conceptualizes gender regimes across multiple levels of analysis — macro (societal or systemic structures such as the state, law, and economy), meso (institutional domains like welfare, labour markets, or family), and micro (everyday practices and interactions).

Portugal has developed a conservative political and moral culture that has profoundly influenced social representations of sexuality and difference (Cascais, 2020). Despite the democratic transformations since 1974 and the significant formal advances in LGBTQI rights achieved over recent decades through a resilient LGBTQI movement (Santos, 2013), heteronormative and binary understandings of gender and sexuality remain deeply embedded in both social and institutional life. These particularities, for example, make it harder for LGBTQI individuals to navigate their coming out processes (Costa et al., 2022; Fernandes et al., 2023). Consequently, the Portuguese context offers a particularly compelling setting for examining how bisexual people negotiate their sexual identities and experiences of binegativity, as bisexual visibility remains shaped by the persistent tension between progressive legal frameworks and conservative social norms (de Abreu et al., 2025).

The scarcity of empirical studies focused on the bisexual population in Portugal, in contrast with the growing research conducted in other Southern European countries (Castro & Carnassale, 2019; Velasco et al., 2024), underscores the need to understand how historical legacies, equality policies, and cultural norms interact in producing particular forms of (in)visibility and discrimination. The purpose of this paper is to fill this gap in knowledge by showing data based in empirical research conducted in Portugal amongst the bisexual population.

### ***7.1.1. Sexual prejudice and discrimination against bisexual people***

Sexual prejudice against bisexuality, hereafter referred to as *binegativity* (Eliason, 2001), possesses distinct features compared to other forms of sexual prejudice directed toward sexual and gender diversity (Katz-Wise, Mereish, & Woulfe, 2016). It is expressed both by heterosexual individuals and by gay and lesbian populations (Doan Van et al., 2019; Roberts et al., 2015). Binegativity encompasses negative attitudes and stereotypes toward bisexuality, manifesting as interpersonal, institutional, and cultural discrimination, epistemic erasure, and defamation (Arriaga & Parent, 2019; Dyar & Feinstein, 2018). Its persistence is reinforced by heteronormative, mononormative, and binary gender frameworks (Millet, 1970; Pieper & Bauer, 2005; Warner, 1993), within which monosexism operates (Caldwell, 2010; Roberts et al., 2015). These frameworks constrain societal understandings of identities that fall outside dichotomous categories of gender and sexuality (Berlin, 1990).

Most research on binegativity has focused on the attitudes of heterosexual, gay, and lesbian individuals (Armstrong & Reissing, 2014), often bringing bisexual people's loyalty, stability, and trustworthiness into question (Armstrong & Reissing, 2014; Israel & Mohr,

2004). This prejudice contributes to the persistent invisibility of bisexual individuals across social domains such as education (Odenbring, 2021), healthcare (William et al., 2020), and psychotherapy (DiBartolomeo, 2021). While this body of work has emphasized external perceptions of bisexuality, there is growing evidence that identity invalidation and denial operate as distinct stressors that deeply shape bisexual people's interpersonal dynamics, disclosure processes, and intimate relationships (Maimon et al., 2021; Thöni et al., 2024).

In the context of intimate relationships, binegativity often manifests through the questioning of a partner's sexual orientation or fidelity, creating emotional strain and complicating disclosure (Armstrong & Reissing, 2014). Empirical studies have shown that both heterosexual and same-sex attracted individuals express reluctance to engage romantically with bisexual partners (Ess et al., 2023), especially in committed relationships (Haas & Lannutti, 2022). Yet, the ways in which gender and sexual orientation shape these attitudes and the negotiation of intimacy with bisexual partners remains underexplored (Smith et al., 2022).

Intimate relationships play a crucial role in the lives of LGBTQI individuals, providing contexts in which stigmatized and concealable identities are often disclosed (Li et al., 2013). Bi+ individuals are more likely than gay and lesbian peers to conceal their sexual orientation (Feinstein et al., 2020, 2023) and may feel pressured to repeatedly validate their bisexuality – sometimes through sexual behaviour with multiple genders – reflecting the unique stressors of navigating identity in a mononormative culture (Maimon et al., 2021; Mereish et al., 2017). Gender differences also appear relevant: bisexual men report higher levels of stress during disclosure than bisexual women (Llorens -Miguel & Albiach Santos, 2025; Morgenroth et al., 202), as they face more negative social attitudes and greater suspicion about their sexuality (Page, 2004; Pollitt et al., 2017).

Disclosure of a concealable stigmatized identity can foster authenticity and relational closeness but also entails the risk of rejection (Brennan, 2021; Smith et al., 2023). Reactions to disclosure vary widely – from explicit validation to subtle forms of dismissal or erasure (Cipollina et al., 2024; Legate et al., 2012). Despite growing interest in bisexuality, few studies have compared disclosure experiences between bi+ individuals and their gay or lesbian peers (Chan et al., 2020), or examined how identity invalidation affects relationship quality, intimacy, and sexual self-coherence (Barringer & Sumerau, 2017; Feinstein et al., 2019; Hass & Lannutti, 2022).

Binegativity operates across multiple levels. At the individual level, internalized binegativity can undermine self-acceptance and psychological well-being (Feinstein et al.,

2019; Ross et al., 2018). At the relational level, experiences of invalidation and prejudice can heighten stress, reduce access to social support, and compromise relationship satisfaction (Smith et al., 2023; Turell et al., 2018). At the societal level, broader stigma and exclusion reinforce these patterns, exacerbating mental health disparities among bisexual people (Doan Van et al., 2019; Salim et al., 2020).

At the same time, emotionally fulfilling intimate relationships can mitigate these stressors by satisfying fundamental needs for connection and belonging, with important physical, emotional, and psychological benefits (Hass et al., 2022; Maliepaard, 2021). Research consistently finds that adults in supportive romantic relationships report lower levels of depression and greater well-being than those who are not romantically involved.

Nonetheless, limited public understanding of bisexuality continues to perpetuate inequality and marginalization, with tangible consequences for health and relational well-being (Ross et al., 2018;). Bisexual individuals face elevated risks of depression (Bermea et al., 2018), intimate partner violence (Turell et al., 2018), and sexual harassment (Johnson & Grove, 2017). While existing research has highlighted the mental health impacts of binegativity (Doan Van et al., 2019; Salim et al., 2020), much less attention has been devoted to its relational dimensions – particularly how binegativity shapes identity negotiation, disclosure, and intimacy within romantic and sexual partnerships (Feinstein et al., 2019).

Taken together, these findings underscore the complex intersection of societal, relational, and individual processes in shaping bisexual people's well-being and intimate experiences. They also highlight the need for further research on how bisexual individuals navigate binegativity and intimacy, particularly in cultural contexts such as Portugal, where legal progress coexists with persistent social conservatism.

## **7.2. The current study**

Based on the literature review, the following research questions were formulated: *How do bisexual people negotiate their sexual identity within intimate relationships and how is binegativity expressed in intimate contexts for bisexual people in Portugal?* Given the exploratory nature of our research question, a qualitative methodology was chosen with the aim of gathering the voices of this understudied population regarding bisexual identities in intimate relationships.

### **7.2.1. Material and methods**

Following approval from the University Ethics Committee (09/2022), we issued a call for participants that provided key details about the study, including our perspective on bisexuality<sup>24</sup> We sent the study details to different professional, personal, and activist networks to recruit participants. There was a focus on online dissemination due to the high level of participation of the LGBTQI+/bisexual community online, particularly due to the anonymity it affords (Willig et al., 2017). We also drew on the involvement of participants in a previous study that involved bisexual activists in Portugal, which made it possible to expand the scope of the present one.

Semi-structured individual interviews were carried out by the first author between June and October 2022 with 16 people who self-identified as bisexual. An interview script was used, based on the literature on bisexuality, LGBTQI+ populations, and well-being. The opening questions in the script gave participants the opportunity to present their definition and meanings of bisexuality and to make a generic reflection on the visibility of the theme of bisexuality/needs of bisexual people in the portuguese context. Further questions focused on experiences of intimate relationships<sup>25</sup> (marital relationships, relationships with family and friends) and other everyday contexts (work, healthcare provision). Finally, participants were invited to add any additional information related to their experiences as bisexual people that they considered relevant but which the researchers had not asked them about. There were questions on sociodemographic data at the beginning of each interview (age, gender identity, ethnic-racial data, marital status, place of residence). All participants provided written informed consent prior to participation. They were fully informed about the study's aims, procedures, and potential risks and benefits, had the opportunity to ask questions, and were assured of their right to withdraw at any time without consequences, ensuring voluntary participation. The consent procedure complied with the approved research protocol and was

---

<sup>24</sup> This definition was based on the current debate around the topic (Fahs, 2009; Maliepaard & Baumgartner, 2020). The definition used of bisexual people was people who feel emotional/affective and/or sexual attraction to people of different genders or whose attraction is based on characteristics beyond gender.

<sup>25</sup> We draw on Berlant's notion of intimacy as an aspiration for shared narratives situated within zones of familiarity – friendship, couple, and family – animated by expressive and emancipatory love (1998, p. 281). Intimate relationships, lacking a universal definition, are subjectively experienced and socially recognized as close (Jamieson, 2011, p. 1). Dominant sociological literature has centred on heterosexual, monogamous, and reproductive couples (Roseneil et al., 2020; Santos, 2023).

reviewed and approved by the institutional ethics committee. For online data collection, informed consent was obtained electronically.

Considering the paramount importance of intimate relationships for well-being, this article will be concerned only with issues related to bisexual disclosure in intimate relationships. The individual, semi-structured interviews had an average duration of 1h15m and were carried out either face to face or online according to the participants' preferences, which enabled us to apply criteria of accessibility and geographic diversity. This gave access to a vast range of discourses and experiences from bisexual people living in different areas of the country.

The interviews were recorded and transcribed *verbatim*, including pauses and relevant non-verbal expressions, in order to preserve the semantic richness of the participants' discourse. This level of detail was considered essential for reflexive thematic analysis (Braun & Clarke, 2006, 2022), as it enabled an iterative and reflexive dialogue between empirical material and theoretical frameworks throughout the analytic process. MAXQDA (version 2022) was used for coding and data management. This analytical strategy facilitated the identification of patterns and supported comparison of the findings with existing literature on binegativity, bisexual health frameworks, and intimate relationships among bisexual people, while also contributing to theoretical understandings in this area. Illustrative extracts were selected based on their representativeness of each theme and subtheme. Pseudonyms, created by the first author, were used to protect participants' identities, and ellipses [...] indicate the omission of sections within quotations.

### **7.2.2. Participants**

The participants involved in the study (n = 16) were at least 18 years of age and identified as bisexual. At the time of the interview, they were resident in Portugal. In terms of gender identity, the participants identified as cisgender women (n = 7), cisgender men (n = 6), non-binary (NB) persons (n = 2), and questioning (n = 1). Some added other terms throughout the interview regarding relational (non-monogamous) and romantic (asexual) orientation. Ages ranged between 22 and 41, with an average of 32 years. The majority of the participants were of Portuguese nationality and non-racialized. Detailed information can be found in the table below:

Table 1. Participants profile by age, gender identity, civil status, nationality, and ethnic data<sup>26</sup>.

**Table**

<b>Pseudonym</b>	<b>Age</b>	<b>Gender</b>	<b>Gender identity</b>	<b>Civil status</b>	<b>Nationality</b>	<b>Ethnicity</b>
Fabi	39	F	Cis	Single	PT	White
Tânia	41	F	Cis	Single	PT	White
Anita	33	F	Cis	Single	BR	White
Noah	37	M	Cis	De facto union	PT	White
Bea	30	NB	NB	Married	PT	White
Pedro	33	M	Cis	Single	BR	White
Tomás	39	M	Cis	De facto union	PT	White
Gaelle	29	NB	Cis	De facto union	PT	White
Cloe	27	Q	GNC	Single	PT	White
Marion	40	M	Cis	Married	MX	Latina
Andy	25	M	Cis	Single	PT	White
Luísa	22	F	Cis	Single	PT	White
René	22	NB	Trans	Single	PT	White
Luzia	22	F	Cis	Single	PT	Non-white
Tony	37	M	Cis	Single	PT	White
Lau	36	F	Cis	Single	BR	Afro-descendant

Gender: Female (F), Male (M), Nonbinary (NB), Questioning (Q).

<sup>26</sup> Idem.

---

Gender identity: Cisgender (Cis), Transgender (trans), Gender non-conforming (GNC).

Nationality: Portuguese (PT); Brazilian (BR); Mexican (MX).

Ethnicity: Presented according to self-definition

### **7.2.3. Positionality statement**

Following ethical guidelines for qualitative research with sexual and gender diverse populations (Levitt et al., 2018; Veldhuis et al., 2024), the researchers recognize that their social identities, experiences, and privileges shape the research process. The researchers are white, cisgender members, allies, and/or advocates of the bi+ community, which provides insight into phenomena such as binegativity. It is acknowledged, however, that bi+ identities are diverse and that the researchers' positionality may influence the interpretation of participants' experiences. Given the inherently subjective nature of qualitative inquiry and the analytical approach employed, the researchers' perspectives may have influenced the study design, data collection, and interpretation. Reflexivity was therefore maintained throughout the research process, including journalling, collaborative discussions of analytic decisions, and iterative review of emergent themes.

## **7.3. Results**

Qualitative research prioritized the perspectives of bisexual individuals, ensuring their narratives and lived experiences were accurately represented. The results are organized by themes and subthemes, each described in detail and illustrated with quotes. Two main themes emerged: *Theme 1 – “Is it safe?”: the public visibility of bisexual identity*, which captures how participants negotiate disclosure, concealment, and validation in intimate contexts; and *Theme 2 – “Damn gender!”: gendered experiences of binegativity*, which shows how prejudice and invalidation are shaped by the gender of both participants and partners. Together, these interlinked themes reveal how visibility, societal expectations, and gender norms intersect to shape intimacy, acceptance, and relational stress for bisexual people.

### ***Theme 1 – “Is it safe?”: the public visibility of bisexual identity.***

The first theme, “un/safe spaces for bisexual identity or the heterogeneity of experiences of bisexual coming-out” was characterized by participants' experiences of revealing their bisexual identity or its salience in intimate relationships, whether long-, medium-, or short-term or within sporadic dating relationships.

This theme was described by all participants, encompassing the diversity of positions regarding coming out/revealing bisexual identity and shedding light on aspects related to beliefs and meanings surrounding coming-out experiences with intimate partners. Personal motivations for doing so (or not) and the resulting reactions of intimate partners were highlighted. Anita, a 33-year-old bisexual woman, said that she tended to come out when there started to be emotional involvement in a relationship:

[...] I share because she is part of me... I don't jump in with "Hi, nice to meet you, my name is [name] and I'm bisexual", but from the moment I'm with someone and it becomes something more, it's not even dating, but rather a slightly deeper level of intimacy, where we talk about more personal things. I usually talk about it because I think it's part of me and I think it's important to share something that is part of who I am in some way.

In the same vein, René, a 22-year-old bisexual NB person, told us:

Yes, right away, initially even... not only in long-term relationships, but let's say in more occasional dating situations... It also comes up very naturally – it isn't necessary to make some kind of grand announcement.

This positive way of thinking about coming out in these contexts was not unanimous, however. We found contrasting positions regarding revealing bisexual identity, as can be seen in the discourse of Manu, a 40-year-old bisexual man, who told us that he had partners whom he felt he could tell this, but in other situations he could not:

I had both experiences: one in which, on the one hand, it was better not to say anything and on the other hand, it was accepted with no problem.

There were also those who recognized the difficulty of doing this with intimate partners. Gaele, a 29-year-old bisexual NB person, told us:

I don't think I've yet been able to have a conversation with a lesbian girl without knowing in advance what her opinion on bisexuality would be and say 'Look, I'm bisexual, how do you feel about that?' I still can't.

A second aspect identified within this theme was the circumstances of sharing one's bisexual identity. When the decision was taken to share in intimate relationships, the majority of participants expressed their preference for doing so at an early stage, even before any emotional involvement. Also, in several cases, the decision to tell seems to be influenced by the gender of the (potential) partner. Noah, a 37-year-old bisexual man, said he does not do so when in relationships with heterosexual women. He told us:

In the few cases where I have been with women, I think that I didn't share... (long silence). It's not something I say at the beginning or when I'm meeting someone, no. When asked directly, I share or, if that doesn't happen, if the relationship continues, yes, at that moment I share.

A third aspect emerging from the interviews was related to the way in which participants made sense of their reactions to experiences of revealing their bisexual identity. Similarly, in this aspect, there were also diverse reactions, ranging from prejudiced attitudes and/or behaviours directed towards bisexuality and bisexual people, such as the lack of recognition and invalidation of bisexuality, to positive reactions expressed in the form of acceptance of bisexual identity as valid. In cases where negative reactions were experienced, binegative behaviours were sometimes more evident or sometimes less so. It was even observed that participants were surprised by unexpected reactions from people/others when they expected a positive attitude towards bisexuality, as Bea, a 30-year-old bisexual NB person, told us:

“I had an experience with a boy who seemed like a really progressive person – one day he turned to me and said: “I think being bisexual is a joke because you clearly like being with boys [...]”.

The interviews revealed that reactions to sharing were accompanied by explicit expressions of specific prejudice against bisexual people. Cloe, a 27-year-old bisexual questioning person, told us about her experience with an ex-girlfriend who identified as a lesbian and, when Cloe decided to share that she identified as a bisexual, reacted with distrust. She told us:

She became a bit reluctant when she found out I was bisexual, because she was scared that I would cheat on her with a man [...].

In the same vein, she also recalled other episodes throughout her intimate journey and told us:

The worst thing that happened to me was people saying that I was just doing it to get attention. This was in like 10th or 11th grade, I think. [...] I thought she was being nice to me. We were having a nice chat and then she said something about a lesbian relationship she saw in a movie, and I said, “Oh, that's cool! You know, I'm bisexual!” And she laughed at me and said I was just doing it for attention, that I wanted to do it as a come-on to guys!

Tomás, a 39-year-old bisexual man, also told us about the negative outcome in the long-term relationship with his girlfriend, when he decided to share:

I first told a girlfriend of mine that I was bisexual a few years ago. We broke up because she became very uneasy, afraid that I might leave her for a man.

The most common forms of negative reaction reported by interviewees were questioning and discrediting. These reactions were observed when faced with the decision to share, especially in the experiences of the bisexual men interviewed, as reported by Pedro, a 33-year-old bisexual man:

So, when I'm in a relationship with straight women and I tell them that I'm bi, they always question it... It seems like they're always wary, you know? Some say: "Wow! I didn't even imagine that you liked men! [...]"

Regarding negative experiences in this context, there was also a cross-cutting element observed that showed how difficult it can be to create and maintain intimate relationships, whether with people of the same gender as the participants or different. Tânia, a 41-year-old bisexual woman, illustrated this idea:

Either I date a guy who always wants to be with me and a friend... Or I date girls who are completely obsessed and jealous and know that I'm bi, so it's always: "If you're going to do something, I want to know first!" ... It's very complicated to have a relationship like that. Very, very complicated [...].

## ***Theme 2 – “Damn gender!”: gendered experiences of binegativity***

Participants' narratives of binegativity highlighted the influence of gender on bisexual experiences in intimate relationships. This theme was raised in all interviews and focused on understanding binegativity according to the gender of both participant and partner. The data revealed differences in acceptance or rejection between bisexual women and men, with patterns often influenced by partner gender. Accordingly, we created subthemes: binegativity towards bisexual women and binegativity towards bisexual men, presented separately.

### *Experiences of binegativity in bisexual women*

Binegativity took various forms and often hindered positive intimate relationships, especially with heterosexual men. Two subthemes emerged: “fetishization as a strategy of binegativity” and “discrediting as a strategy of binegativity”. Fetishization involved hypersexualization and erasure of bisexual women, particularly in relationships with heterosexual men. Fabi, a 39-year-old bisexual woman, shared:

Sometimes I share with boyfriends and of course I can see the fetish thing a little, you know? I can see that for some men it is a plus and some are already thinking about a threesome.

Discrediting reflected questioning the legitimacy of bisexual identity. Anita, a 33-year-old bisexual woman, reported:

In some situations...especially with a man interested in me, the first thing they did was question it: 'You're kidding, right? What a joke!'

Participants described being devalued, under-validated, or delegitimized when sharing experiences, especially with heterosexual men. Lau, a 36-year-old bisexual woman, said:

No, I can't believe it... He says it like a joke, but it wasn't once or twice... What do you mean? Something there doesn't make sense.

Discrediting was less evident in relationships with lesbian women. Anita noted:

"With lesbian women whom I have been with, there wasn't the rejection that comes from straight men, this denial of possibility!"

In non-monogamous relationships, gendered attitudes persisted. Luísa, a 22-year-old bisexual woman, explained:

"Sometimes there are open relationships, in which the woman can only be with other women... Then, when we try to understand why this is... sometimes it's because it's not seen as real. If you have a relationship with a man, then the rest is less significant, it's less real!"

Binegativity among lesbian women was subtler, sometimes expressed as jealousy or distrust. Cloe, a 27-year-old bisexual questioning person, said:

"There is a kind of stigma that we're available to everyone... Like a whore, really..."

Feelings of insecurity, attempts at control, and jealousy often increased over time, making relationships difficult to maintain. Tânia, a 41-year-old bisexual woman, explained:

"At first everything is fine, but as the reasoning develops, the whole thing starts involving a lot of control and a lot of jealousy, so I always end up staying single because I won't give up my freedom."

#### *Experiences of binegativity in bisexual men*

All bisexual men reported episodes of binegativity, which varied according to the partner's gender. Two subthemes emerged: "Homosexualization of bisexual men", arising in relationships with

heterosexual partners, and “More performance, less identity”, reported in relationships with gay men. In relationships with heterosexual women, bisexual men experienced negative perceptions of their identity, often being labelled “undecided” or “homosexual”. Pedro, a 33-year-old bisexual man, explained:

So, when I'm in relationships with straight women and I tell them that I'm bi, they always question it... Thinking 'Oh, he's going to cheat on me with another man. Ugh, it's going to be so shameful for me!'.

Andy, a 25-year-old bisexual man, noted:

I don't know of any man who comes out as bisexual, has an open relationship with another man, and later an open and public relationship with a woman.

Interviewees attributed these beliefs to heterosexism embedded in Portuguese society. René, a 22-year-old bisexual NB person, reflected:

I feel that homosexuality is much more assumed in bisexual men... it may have to do with the norm of heterosexuality for men being much more rigid.

Social gender norms influenced both how bisexual men are perceived and how heterosexual women view them. Tomás, a 39-year-old bisexual man, remarked:

It never looks good for a woman to be with a man who is bisexual, you know?

Some participants avoided sharing their bisexual identity with potential partners, especially during casual encounters, anticipating negative outcomes. Noah, a 37-year-old bisexual man, said:

In the last few years that I have been on dates with women, the issue has not been addressed because I get the feeling that if it had been addressed, the date would have ended there.”Several interviewees preferred dating bisexual women, perceiving less stigma and greater comfort. Pedro explained:

“I feel more comfortable being around other bisexual girls... When a woman is bisexual, she can already understand and for me that makes the relationship easier.”

Gender expectations in society and intimacy shaped bisexual men's experiences broadly. Pedro added:

Sometimes there's that stereotype that you have to be feminine. But when I tell them, some women are surprised.

***More performance, less identity: experiences of binegativity with gay men***

All participants agreed that binegativity in relationships with gay men was subtler than in relationships with heterosexual women. When involved with other men, binegativity often appeared as “*More performance, less identity*”, reflecting a climate of relative indifference rather than overt hostility. Nonetheless, devaluation and lack of recognition persisted, with some gay men viewing bisexuality as a temporary or transitional stage, as described by Andy, a 25-year-old bisexual man:

In the case of gay men, they will be more accepting ...they will say “great”, but they will always think that you are gay, even so, but I don’t think they think about it too much, you know?

This idea was also affirmed by Tomás, a 39-year-old bisexual man:

They think that deep down you are gay – you just haven't had the courage to come out yet. I have heard this many times from other gay men.

## **7.4. Discussion**

The aim of this study was to explore the dynamics influencing how bisexual individuals negotiate and disclose their sexual identity in intimate relationships, as well as the challenges associated with these processes, including experiences of binegativity. In this section, we focus on two central themes: safety, reflecting concerns about the public visibility of bisexual identity, and gender intersections, highlighting how gender norms shape experiences of binegativity and intimacy.

### ***7.4.1. “Is it safe?”: the public visibility of bisexual identity***

The results revealed a wide range of experiences concerning bisexual disclosure. For some participants, sharing their bisexual identity was a positive experience, marked by acceptance and recognition of bisexuality as a legitimate sexual orientation. For others, binegativity emerged across long-, medium-, or short-term relationships, including casual encounters. Given the diversity of experiences in the context of intimacy and considering the positive experiences reported, we can conclude that, although bisexual stigma persists in intimate relationships in Portugal, it is not an inherent feature of these experiences. This also reflects the broader trend of evolving social attitudes toward the LGBTQ population (FRA, 2013, 2019). Individual, interpersonal, social, and legal factors can play a crucial role in supporting the positive and holistic development of bisexual identity and well-being, as demonstrated in

other contexts (Cipriano et al., 2024; Wang & Feinstein, 2022), with affirmative environments producing beneficial effects on both individual and relational well-being.

In Portugal, the experiences of recognition of the LGBTQI+ population in different spheres of public and private life have been supported by a legislative framework on sexual and reproductive rights with significant advances, particularly over recent decades, with growing recognition of sexual and reproductive rights. This seems extremely positive and allows us to believe that public policies in Portugal, especially those in force since 2010 in the area of sexual and reproductive rights, are having a positive impact on the lives of LGBTQI people in Portugal. However, as noted by Lopes et al. (2017), “the landscape of heterosexism in Portugal remains contradictory, with legal frameworks promoting equality coexisting alongside discriminatory practices in everyday life” (p. 58). This perspective is further supported by other national studies (Pereira & Costa, 2016). Conversely, the results show that experiences of opening up or revealing one’s bisexuality are still cause for apprehension and that the reactions to this sharing in intimacy are marked by turmoil. Simultaneously, it illustrates how normative expectations regarding gender and sexuality function, revealing how the gender regime upholds a strong patriarchal framework that shapes (or limits) the understanding of binegativity. Many participants adopted selective “coming out” strategies, carefully choosing whom to tell – a form of anticipatory stigma management also noted internationally (Huang & Chan, 2022; Oswald et al., 2024). Internalized binegativity persists, even amid legal and social progress.

Despite some participants’ efforts to avoid negative reactions from intimate partners, unpleasant or unexpected situations could not always be avoided. Several interviewees highlighted the use of negotiation strategies and managing these situations at both personal and interpersonal levels as mechanisms for self-protection, particularly to prevent real or hypothetical stigma. This was especially true when bisexual identity was visible in intimate contexts, leading some individuals to conceal their identity as a way to avoid anticipated stigma. While concealing one’s bisexual identity may serve as a protective strategy, studies show that it often comes with significant personal costs (Isolani et al., 2024; Ross et al., 2018). Feinstein and Dyar (2017) identified several unique stressors linked to bisexual stigma, including negative societal attitudes, microaggressions, victimization, and the complex process of navigating identity through concealment or disclosure. According to minority stress theory (Meyer, 2003), which accounts for health disparities in LGBTQI+ populations, bisexual individuals are consistently more likely to hide their sexual orientation compared to gay men and lesbians (Balsam & Mohr, 2007).

When negative reactions to bisexuality arise within intimate relationships, the quality of those relationships may suffer (Smith et al., 2023) showing that intimate relationships have both subjective and objective impacts on personal well-being, influencing not only emotional and mental health but also broader physical health (Chen & van Ours, 2018). Healthy, satisfying, and committed intimate relationships are consistently associated with improved mental health outcomes (Braithwaite & Holt-Lunstad, 2017), while low-quality, distressed relationships are significant predictors of depression (Sarno et al., 2022; Whisman et al., 2021).

Another important aspect that emerged from the interviews was the establishment and, notably, the maintenance of intimate relationships. Difficulties in this area are aligned with recent research (Feinstein et al., 2019), indicating that persistent negative beliefs about bisexuality can substantially undermine both the quality and longevity of romantic partnerships. Several participants reported that tensions within relationships often stem from a perceived fear of being replaced by a partner of a different gender. These findings underscore the importance of challenging harmful stereotypes and fostering a more inclusive and respectful understanding of sexual diversity in order to support healthier and more satisfying intimate relationships for individuals of all sexual orientations.

#### ***7.4.2. Gender intersections in bisexual experiences***

As shown in previous research, bisexuality is perceived differently by heterosexual, lesbian, and gay partners, which shapes the manifestations of binegativity (Arriaga & Parent, 2019; Beauparlant et al., 2025). Participants reported experiences of binegativity in all interviews, with these varying according to the gender of both the bisexual person and their partner.

The findings indicate that binegativity assumes distinct gendered forms: bisexual women and men experience it differently, with heterosexual partners more frequently cited as its source. Bisexual women described binegativity across several dimensions of their intimate lives, particularly in relationships with heterosexual men. The persistent fetishization and hypersexualization of bisexual women – well-documented in the literature (Serpe et al., 2020) – continue to shape these experiences. Such dynamics discredit bisexual women’s identities, reducing them to objects of male sexual gratification rather than legitimate sexual subjects.

In relationships with women, although less frequent, participants described jealousy and mistrust as recurring challenges, often linked to the “imaginary threat” that bisexual women cannot be trusted. This pattern mirrors the patriarchal gender regime operating in Portugal, where sexual and affective relationships are still framed by strong gender hierarchies that

influence the perception of bisexuality, shaping how bisexual individuals are perceived, valued, and validated in their intimate relationships. Men and women may experience binegativity differently, as societal norms dictate distinct expectations for sexual expression, fidelity, and emotional labour according to gender.

Regardless of their partner's gender, bisexual women were often perceived as heterosexual, particularly when partnered with men. This perception tends to activate binegative strategies rooted in hypersexualization and promiscuity, reinforcing heteronormative narratives. Bisexual women's behaviours are thus interpreted as conforming to male-centred heterosexual norms (Fahs, 2009; Oswald et al., 2024), particularly in contexts of pronounced gender inequality (Eisner, 2013; Johnson & Grove, 2017). These findings resonate with theories of objectification and stigma (Kahalon et al., 2024; Moradi, 2019;) and help explain the vulnerability of bisexual women to sexual violence, as shown elsewhere (Bermea et al., 2018; Salim et al., 2020).

Conversely, bisexual men's identities were more often discredited than women's, echoing previous findings (Dodge et al., 2016). The widespread belief that male bisexuality "does not exist" – that bisexual men are "closeted gay men" – emerged across interviews, manifesting differently in relationships with heterosexual women and gay men.

In relationships with heterosexual women, binegativity was linked to heterosexist assumptions that question bisexual men's masculinity and reliability. A "policing of bodies" appeared in these accounts, reflecting discomfort with ambiguity and gender fluidity. These dynamics align with what Kilianski (2003) described as an "intolerance of ambiguity", in which masculinity is defined by resistance to femininity. This intolerance is socialized early, tolerated only in girls, but rejected in boys as they reach puberty (Flanders & Hatfield, 2013; McCormack, 2023).

In relationships with gay men, explicit binegativity was less visible, yet bisexuality was often treated as a performative or experimental aspect rather than a stable identity. This interpretation risks devaluing bisexual men's sense of self and reinforces the perception of bisexuality as transitional.

Across all cases, bisexuality was frequently portrayed as a "phase" or "pathway" toward heterosexuality or homosexuality, echoing patterns of epistemic erasure (Yoshino, 2001). Participants' narratives revealed how binary understandings of gender and sexuality persist, making bisexuality appear unstable or illegitimate. This is in line with the notion of the "middle ground" (Hemmings, 2002), which challenges monosexual and binary frameworks

and invites new reflections on how bisexuality disrupts normative regimes of truth (Foucault, 1979).

These Portuguese findings confirm that bisexual people continue to face exclusion from both heterosexual and gay/lesbian communities, with gender shaping these experiences. Binegativity thus arises not only interpersonally but also as a structural outcome of Portugal's gender regime, rooted in patriarchal, heteronormative, and monogamous ideals (Santos, 2023). Despite progress in equality and non-discrimination policies, cultural emphasis on the married, monogamous, reproductive couple limits recognition of bisexuality, leaving little space for sexual fluidity or relational multiplicity (Monro, 2015). The “impossibility” of bisexual existence reflected in these interviews mirrors broader constraints on gender expression, showing how intersecting social norms sustain hierarchies. Binegativity affects relational well-being, sexual health, and vulnerability to intimate partner violence, highlighting the urgency of addressing bisexual-specific inequalities in this context. While international studies report higher risks of sexual violence among bisexual women (Salim et al., 2020; 2022), the lack of systematic data for Portugal highlights how persistent binegativity reflects enduring gendered norms and the need to address intersections of gender, sexuality, and health.

Overall, the findings of this study are largely consistent with previous research conducted in other sociocultural contexts, particularly regarding the relational negotiation of bisexual identity, disclosure dilemmas, and experiences of binegativity. However, the Portuguese context introduces specific constraints that add important layers of complexity. Notably, participants' accounts are shaped by the relative absence of sustained academic research on bisexuality and the lack of visible, long-term bisexual activism in Portugal. These structural and cultural conditions appear to intensify experiences of invisibility, limit access to affirmative narratives, and constrain collective resources for identity validation, thereby differentiating the Portuguese case from contexts where bisexuality has been more consistently studied and politically mobilized.

## **7.5. Conclusion, limitations, and directions for future research**

The aim of this study was to explore the specific factors influencing how bisexual individuals negotiate and disclose their sexual identity in intimate relationships, as well as the challenges associated with these processes, including experiences of binegativity. The findings indicate that sharing one's bisexual identity is not a homogeneous experience, as it can lead to a wide

range of positive and negative outcomes that vary according to both one's own and one's partner's gender and sexual orientation. This complexity is reflected not only in personal motivations for disclosure but also in the consequences of sharing one's identity with intimate partners. Moreover, participants' experiences of binegativity show that these dynamics are grounded in gender norms, while specific cultural assumptions in the Portuguese context shape the social representation of bisexuality and influence how intimacy is experienced and constructed.

Disclosing a bisexual identity in intimate contexts is shaped by the interaction between one's own and one's partner's gender and sexual orientation. In Portugal, bisexuality is frequently reframed through heteronormative and monosexual frameworks, with cultural expectations influencing relational dynamics. This positioning of bisexuality as a “middle ground” (Hemmings, 2002) between heterosexuality and homosexuality contributes to marginalization and constitutes a challenge to bisexual identity consolidation. Participants reported varied forms of binegativity: bisexual men often faced questioning from heterosexual women and invalidation from gay men, whereas bisexual women experienced hypersexualization by heterosexual men and occasional distrust from lesbian women. These dynamics may lead individuals to conceal their identity, restricting sexual expression and limiting access to LGBTQI+ support spaces specially when in heterosexual relationships. While the findings largely corroborate existing literature on bisexuality and intimate relationships, this study highlights how the Portuguese context—marked by limited academic visibility and a lack of sustained bisexual activism—shapes distinctive forms of constraint and negotiation, underscoring the importance of context-sensitive analyses of bisexual lives.

The persistence of heteronormativity and sexism in Portuguese society continues to shape intimate relationships and reinforce social hierarchies, despite legal advances in sexual rights. These cultural patterns contribute to health disparities and highlight the limitations of relying solely on legal protections to achieve social and relational equity.

Despite valuable contributions of this study, several limitations should be acknowledged. The study did not fully explore the intersectionality of participants' identities, such as race, class, and gender identity. Additionally, its operational definition of bisexuality may have excluded participants identifying with broader plurisexual categories.

Future research should adopt an intersectional framework that integrates sexuality, gender, and other identity dimensions. Using inclusive terminology such as plurisexual identities may enhance representativeness. Given the centrality of intimacy to LGBTQI+ well-being, clinical and community-based studies should investigate relational dynamics to promote healthy and

affirming intimate relationships. Longitudinal research examining the effects of binegativity, sexism, and social inequality on relationship satisfaction and mental health is warranted. Finally, studies addressing social support and positive bisexual identity development are crucial to strengthen well-being among bisexual individuals, who constitute the largest group within LGBTQI+ communities (Movement Advancement Project [MAP], 2016).

## **SECÇÃO III. DISCUSSÃO GERAL**



## 8.1. Síntese e principais Resultados

*To be oppressed ... one must first become intelligible. To find that one is fundamentally unintelligible (indeed, that the laws of culture and of language find one to be an impossibility) ... to find that one has not yet achieved access to the human. (Judith Butler, 2004, p. 30)*

Ao longo desta tese foram desenvolvidos diversos elementos que importa retomar para enquadrar a presente discussão. Depois de uma Introdução Geral, na qual foram definidas as coordenadas teóricas e os objetivos gerais, e apresentadas as perguntas de investigação, o Capítulo 2 ofereceu uma análise histórica da bissexualidade enquanto objeto de estudo. Mostrou-se como, nas ciências sociais e na psicologia, a bissexualidade foi construída de forma fragmentada, marcada por inconsistências conceptuais e processos de marginalização. No Capítulo 3, introduziu-se o enquadramento da cidadania sexual e íntima, proveniente da sociologia e dos estudos queer, articulando-o com contributos da psicologia social da cidadania. Este diálogo interdisciplinar possibilitou a proposta de uma reformulação do conceito de cidadania bissexual, concebendo-o como um constructo multidimensional que integra estatutos legais e sociais, práticas quotidianas, formas de participação e processos de reconhecimento. Este capítulo permitiu, assim, situar a bissexualidade como fenómeno estrutural, político e relacional e, e reconhecer a centralidade da agência (individual e coletiva). O Capítulo 4 aprofundou os fundamentos epistemológicos e ontológicos adotados, clarificando a abordagem do Realismo Crítico, o que permitiu examinar três níveis da realidade (empírico, de facto e real), aprofundando a compreensão e apoiando a explicação de como os mecanismos sociais e culturais de género e sexualidade como o monossexismo e a binegatividade atravessam as vivências da população bissexual em Portugal. Este enquadramento torna visíveis tanto os desafios como as oportunidades para repensar a cidadania bissexual e, de forma articulada, a saúde e o bem-estar. O presente trabalho analisa especificamente como o monossexismo e a binegatividade influenciam as experiências de vida das pessoas bissexuais, o exercício da sua cidadania e a sua capacidade de agência, ou seja, a possibilidade de resistir, negociar e afirmar a própria identidade sexual. Retomando o propósito original, os objetivos gerais desta investigação foram:

- a) Compreender como as pessoas bissexuais constroem e atribuem significado às suas experiências quotidianas, e de que forma estas se articulam com processos de cidadania bissexual, saúde e bem-estar;

- b) Examinar de que modo os mecanismos estruturais de género e sexualidade (especialmente o monossexismo e a binegatividade) influenciam o exercício da cidadania sexual e íntima.

Para responder a esses objetivos foi criado um plano de investigação que incluiu três estudos, complementares.

O Estudo 1 – *Behind Monosexual Norms: A Scoping Review of Bisexual Experiences in Southern Europe*, teve como propósito mapear a produção científica existente sobre as experiências bissexuais na Europa do Sul. Este estudo partiu da premissa de que o contexto sociocultural desempenha um papel determinante nas experiências e vivências de pessoas LGBTQI+, influenciando diretamente a sua saúde e bem-estar. Considerando que a investigação se desenvolve em Portugal, país localizado num espaço geopolítico marcado por dinâmicas específicas de género, sexualidade e cidadania, tornou-se fundamental compreender o que a literatura científica nas áreas da psicologia, sociologia e estudos de género revela sobre as experiências de pessoas bissexuais neste contexto.

Os resultados mostram, em primeiro lugar, que a investigação dedicada exclusivamente às experiências bissexuais permanece incipiente, com a maioria dos estudos publicados a partir de 2021 e recorrendo a amostras compostas predominantemente por pessoas jovens (i.e., com menos de 30 anos). Em segundo lugar, identificou-se uma ausência de consenso terminológico na investigação disponível: o conceito de bissexualidade é frequentemente utilizado como categoria de identificação sem definição clara e explícita, enquanto noutros estudos aparece de forma inconsistentes. Assim, evidenciam tanto a escassez de investigação científica como a falta de reconhecimento das populações bissexuais na academia portuguesa. A limitada produção de conhecimento sobre as necessidades e experiências de vida deste grupo, que constitui uma parte significativa das comunidades LGBTQI+ (Gates, 2011; ONH, 2019), revela uma lacuna persistente e problemática para o desenvolvimento do campo da psicologia LGBTQI+.

Esta *scoping review* contribui deste modo, não apenas para uma melhor compreensão do estado da produção científica nas disciplinas da psicologia, sociologia e estudos de género, mas, sobretudo, evidencia o que ainda falta conhecer. Nesse sentido, fornece pistas importantes para a formulação dos estudos subsequentes, que se orientaram para a compreensão das perceções individuais de pessoas bissexuais nos contextos público e privado.

O Estudo 2 - *LGBTI+ Pride Politics: Experiences of Bisexual Activists in Portugal* - oferece contribuições significativas para a compreensão da cidadania bissexual e das experiências de ativistas bissexuais em contextos de participação pública e movimentos LGBTQI+ *mainstream* em Portugal. Os resultados evidenciam que, embora as comunidades LGBTQI+ desempenhem um papel importante tanto no desenvolvimento identitário quanto na mobilização política, elas também reproduzem limitações estruturais que afetam diretamente a visibilidade, legitimidade e participação bissexual. Em particular, a binegatividade e o monossexismo persistem dentro destes espaços e comunidades, manifestando-se no questionamento contínuo da identidade bissexual e na ausência de agendas políticas explícitas que abordem as necessidades específicas da população bissexual. Esses resultados confirmam estudos internacionais que apontam que pessoas bissexuais tendem a experienciar um sentimento de pertença mais baixo às comunidades LGBTQI+ em comparação com outros grupos (Gonzalez et al., 2021; McLaren & Castillo, 2020).

A ambivalência destes espaços, como locais de apoio e simultaneamente de exclusão, evidencia que o exercício da cidadania bissexual não é linear, mas continuamente negociado e contestado. A pesquisa mostra que, mesmo num contexto nacional como o português, onde a bissexualidade é formalmente reconhecida nas políticas LGBTQI+, o Estado português ainda reproduz formas de monossexismo, falhando em atender às experiências diferenciadas e desafios específicos da população bissexual. Os resultados sugerem que estas limitações estruturais têm impactos concretos sobre a saúde e bem-estar de pessoas bissexuais, contribuindo para formas de exclusão e apagamento que atravessam múltiplos domínios da vida quotidiana. Ao mesmo tempo, os resultados evidenciam que ativistas bissexuais mobilizam práticas de resistência que desafiam normas monossexistas, revelando agência, criatividade política e estratégias coletivas que fortalecem a participação bissexual.

Dessa forma, o estudo contribui para a literatura sobre cidadania e inclusão LGBTQI+, destacando que políticas e intervenções devem reconhecer a população bissexual não apenas como parte de um coletivo LGBTQI+ homogêneo, mas como um grupo cujas experiências, desafios e necessidades merecem atenção diferenciada. Estes achados reforçam a importância de adotar abordagens interseccionais e sensíveis às especificidades da bissexualidade, tanto em contextos comunitários quanto institucionais, e apontam para a necessidade de ampliar agendas políticas que integrem explicitamente a letra “B” do acrónimo LGBTQI+.

O Estudo 3 - *Binegativity within Intimate Relationships - a qualitative analysis based on bisexual experiences in Portugal* - procura explorar como a identidade bissexual se negocia no contexto de relações de intimidade, junto de parceiras/os e, de que forma se apresenta o

monossexismo, procurando identificar alguns desafios. Os resultados revelam que muitas pessoas enfrentam dificuldades significativas estando relacionadas com experiência de antecipação de estigma e de rejeição. Os resultados também mostram a presença de manifestações genderizadas da binegatividade, revelando que, os contextos de intimidade, espaço associados à segurança, cuidado e autenticidade, são também caracterizados por ambivalências, tensões e negociações constantes. Os resultados indiciam que a presença de crenças sociais e culturais em torno sexualidade e género, regulam, de forma diferenciada, os corpos e identidades de pessoas bissexuais. Uma construção social distinta da bissexualidade feminina e da bissexualidade masculina emerge a partir das percepções individuais das/os participantes, ainda que estas diferenças convirjam numa experiência comum de binegatividade. Estes resultados estão por um lado alinhados com o que a literatura internacional tem apontado (Arraiga & Parent, 2019; DeCapua, 2017; Smith et al., 2023), mostrando a importância de considerar género e sexualidade como categorias indissociáveis no modo como concebemos as experiências de pessoas bissexuais neste contexto (Gustavson, 2014; Hemmings, 2013). Por outro lado, como o *coming out* das pessoas bissexuais e os seus efeitos negativos podem ser distintos dos seus pares monossexuais (Baumgartner, 2020; Isolani et al., 2024; Lawton, 2023). Por último, este estudo ressalta a capacidade de agência das pessoas bissexuais ao navegarem um contexto de intimidade marcado, por vezes, por desafios. Assim, fica mostrado que as pessoas desenvolvem estratégias diversas de negociação da visibilidade bissexual que passam pela ocultação, evitamento de relacionamentos com pessoas heterossexuais e a procura de estabelecimento de relações com pessoas que se identifiquem igualmente como bissexuais, aspeto destacado entre homens bissexuais entrevistados. Permanecer solteiro, isto é, sem acordos relacionais de compromisso é também uma estratégia identificada junto das/os participantes. Consideram-se estas estratégias como formas de resistência e de afirmação da identidade bissexual, permitindo às pessoas navegar a sua identidade em diferentes contextos e proteger-se contra episódios de deslegitimação, desconfiança ou estereótipos associados à bissexualidade. Estes resultados encontram eco na literatura internacional: Davila et al. (2019) destacam que muitas pessoas bissexuais+ procuram ativamente tornar a sua identidade visível, mas o fazem em situações relativamente “seguras”, mostrando que a visibilidade é frequentemente gerida de forma estratégica para minimizar riscos sociais. Tal como observado nesta investigação, essas estratégias funcionam como modos de resistência e de afirmação da identidade bissexual. No entanto, independentemente das estratégias utilizadas, torna-se evidente que a qualidade das relações íntimas pode ser afetada pela visibilidade da identidade bissexual. A predominância

de experiências de estigma e tensão em torno da bissexualidade nas relações de intimidade sugere que, para muitas pessoas bissexuais, as relações continuam a ser vividas sob condições estruturais adversas que moldam profundamente a forma como se constrói, experiencia e mantém a intimidade.

Portanto, considerados em conjunto, os três estudos realizados identificam padrões recorrentes de invisibilidade e binegatividade nas experiências bissexuais em Portugal. Em particular, evidenciam lacunas metodológicas e conceptuais na investigação produzida neste contexto disciplinar e geográfico (Capítulo 5 – Estudo 1), mostram como as práticas de resistência bissexual podem ser entendidas como formas de exercício de cidadania, apesar da marginalização persistente e da incompleta representação das pessoas bissexuais nas comunidades LGBTQI+ (Capítulo 6 – Estudo 2); e demonstram de que forma a experiência binegatividade é influenciada pelo sistema de género, na medida em que as identidades de género e as crenças de parceiras/os, sobre a bissexualidade feminina e masculina, moldam experiências de rejeição e negação, com impacto nas relações interpessoais e no bem-estar (Capítulo 7 – Estudo 3).

À luz desta análise integrativa, os resultados dos três estudos convergem na identificação de quatro macro-temas (MT) centrais que permitem compreender, de forma articulada, os mecanismos epistémicos, estruturais, relacionais e políticos que moldam as experiências bissexuais em Portugal.

- a) Silêncio epistémico e invisibilidade da bissexualidade (MT1)
- b) Binegatividade estrutural e monossexismo (MT2)
- c) Resistência e agência bissexual (MT3)
- d) Cidadania incompleta (MT4)

#### *MT1: Silêncio epistémico e invisibilidade da bissexualidade*

Este macro-tema articula sobretudo os resultados do Estudo 1 com os restantes estudos, permitindo compreender como o silêncio epistémico em torno da bissexualidade estrutura processos de invisibilidade e marginalização em múltiplos domínios. A escassez de produção científica sobre experiências bissexuais e a falta de consenso terminológico revelam uma negligência persistente no campo das ciências sociais e da psicologia (Flanders, 2017; Rust, 2002). O Estudo 1 ilustra precisamente este ponto: a atenção dedicada exclusivamente à

bissexualidade é reduzida e as definições utilizadas permanecem inconsistentes, contribuindo para a sua invisibilidade enquanto categoria sexual.

A ausência de consensos terminológicos tem implicações diretas para os estudos sobre bissexualidade e, mais amplamente, para a investigação LGBTQI+, uma vez que pessoas com enquadramentos identitários distintos são frequentemente agrupadas sob a mesma categoria, dificultando comparações e fragilizando inferências. Assim, mesmo quando a bissexualidade é objeto de investigação, tende a ser enquadrada de formas que reproduzem limitações estruturais, resultando numa compreensão parcial e, por vezes, distorcida do fenómeno. Mais do que um mero problema metodológico, esta inconsistência reflete tensões sociais e epistemológicas mais amplas, mantendo a bissexualidade num estado de invisibilidade enquanto objeto de estudo. Autores como Yoshino (2000, 2017) e Fricker (2007) têm sido fundamentais para conceptualizar o apagamento bissexual como expressão de injustiça epistémica. Para Fricker (2007), injustiça epistémica refere-se aos processos pelos quais determinados grupos são prejudicados enquanto sujeitos de conhecimento, manifestando-se na injustiça testemunhal, isto é, quando o testemunho de grupos marginalizados é sistematicamente desvalorizado, e na injustiça hermenêutica, que emerge quando faltam recursos interpretativos para compreender e comunicar determinadas experiências. Aplicada à bissexualidade, esta perspetiva evidencia que o apagamento não é apenas social ou discursivo, mas um mecanismo estruturado de marginalização cognitiva. Pessoas bissexuais enfrentam simultaneamente a desconfiança relativamente às suas narrativas, frequentemente interpretadas como sinais de confusão ou indecisão, e um défice de recursos culturais que permitam nomear e interpretar as suas vivências. Consequentemente, a própria possibilidade de compreender a bissexualidade como identidade legítima pode ser comprometida.

Este apagamento manifesta-se através de modalidades complementares (Breetveld, 2020): (a) apagamento de categoria, que invisibiliza a bissexualidade enquanto identidade distinta e válida, diluindo-a em categorias monossexuais ou tratando-a como transitória (James, 1996; MacDowall, 2009); (b) apagamento individual, no qual a categoria é reconhecida, mas as pessoas que nela se enquadram são invalidadas ou consideradas exceções (Ault, 1996; Brewster & Moradi, 2010); e (c) deslegitimação, que reconhece a categoria, mas lhe associa pressupostos negativos, como instabilidade ou promiscuidade (Erickson-Schroth & Mitchell, 2009; Yoshino, 2000). Entre estas modalidades, pessoas bissexuais experienciam simultaneamente injustiça testemunhal e hermenêutica, o que limita o reconhecimento público e a compreensão pessoal das experiências bissexuais.

A literatura académica identifica múltiplas razões para este apagamento, incluindo a persistência de concepções binárias da orientação sexual (Elia, 2014; Fairington, 2008; Souto Pereira *et al.*, 2017), o carácter heterossexista do campo das sexualidades (Monro *et al.*, 2017), a centralidade histórica de identidades *gays* e lésbicas na construção do campo (Clarke & Peel, 2007; Monro, 2005) e correntes *queer* desconstrutivistas que, em certos momentos, esvaziaram a relevância das categorias identitárias (Alexander & Anderlini-Onofrio, 2014; Callis, 2009; Richardson, 2000). Vários autores argumentam ainda que a utilidade sociopolítica de modelos binários e essencialistas contribuiu para o apagamento cultural da bissexualidade, resultando no que Yoshino (2000) designou como “contrato epistémico do apagamento bissexual”.

A marginalização epistémica decorre, assim, de estruturas de poder que privilegiam determinados saberes, produzindo exclusão com impacto direto na vida social, comunitária, íntima e política das pessoas bissexuais (Breetveld, 2020; Fricker, 2007). Bowes-Catton (2021) descreve o sujeito epistémico bissexual como “presente em todo o lado e em lado nenhum”, situado “em qualquer tempo exceto no agora” (Angelides, 2001) e “nalgum lugar a meio termo” (Hemmings, 2003) entre sexos, géneros e sexualidades.

No contexto académico português, esta realidade manifesta-se de forma particularmente acentuada. Apesar de apelos à investigação sobre bissexualidade (Oliveira & Nogueira, 2010; Pereira *et al.*, 2017), observa-se uma ausência notória de estudos, sobretudo no campo da psicologia LGBTQI+ e da saúde. Embora exista interesse crescente, este permanece insuficiente (Flanders, 2017; Hegarty, 2017; Rust, 2002), algo paradoxal considerando que pessoas bissexuais parecem constituir uma parte significativa da comunidade LGBTQI+ e que a identificação pública com a bissexualidade tem aumentado segundo estudos internacionais (Barker *et al.*, 2012; Monto & Neuweiler, 2024).

Ao contrário de contextos como o Reino Unido, onde a academia desempenhou um papel decisivo na consolidação dos estudos bissexuais (Eadie, 1993; Hemmings, 2003; Yoshino, 2000), o caso português permanece marcado pela exclusão da bissexualidade do “corpo principal” do conhecimento (hooks, 1984). Este apagamento epistémico repercute-se nos planos social, comunitário e íntimo, fragilizando reconhecimento, validação e desenvolvimento conceptual. Assim, as limitações epistémicas não são apenas sintomas, mas elementos estruturais da marginalização bissexual.

## *MT2 Binegatividade estrutural e monossexismo*

Este macro-tema integra resultados dos três estudos, com particular incidência nos Estudos 2 e 3, analisando como a binegatividade e o monossexismo operam enquanto estruturas normativas que atravessam contextos institucionais, comunitários e relacionais.

A investigação revela um paradoxo central nas comunidades LGBTQI+: embora historicamente constituam espaços mobilizadores de participação pública, acolhimento e solidariedade, essas mesmas comunidades podem reproduzir formas de exclusão que afetam significativamente a população bissexual. Coexistem, assim, duas dimensões: lugares de pertença, visibilidade e apoio; e contextos marcados por binegatividade, invalidação identitária e práticas de exclusão, implícitas ou explícitas. Este padrão também é identificado em outros contextos internacionais (Formby, 2017; Maliepaard, 2018; Monro, 2015).

O paradoxo torna-se particularmente evidente quando se observa que pessoas bissexuais relatam menor apoio comunitário e um frágil sentimento de pertença (Friedman et al., 2019; McCann et al., 2022). No contexto português, essa fragilidade é agravada pela dificuldade em manter espaços permanentes exclusivamente bissexuais, as chamadas “bolhas de resistência” (Bowes-Catton, 2007), que surgem de forma efêmera e rapidamente se dissipam. A presença de binegatividade dentro das próprias comunidades LGBTQI+ contribui para afastamento, potencial isolamento social, bifobia internalizada e desafios adicionais na afirmação identitária, com impactos negativos na saúde mental.

Mesmo com o crescimento da identificação com identidades não-monossexuais (ou plurissexuais) dentro das comunidades LGBTQI+, as necessidades específicas das pessoas bissexuais continuam pouco atendidas, raramente incorporadas em agendas políticas ou práticas de cuidado comunitário. Assim, redes que promovem engajamento e solidariedade podem, inadvertidamente, reproduzir exclusão e limitar a legitimidade da experiência bissexual (Formby, 2017; Monro, 2015; Tavares, 2022).

As consequências são significativas: o afastamento involuntário fragiliza redes de suporte fundamentais para a afirmação identitária, intensifica sintomas de stress minoritário e limita o acesso a recursos comunitários (Pistella et al., 2016; Smith & George, 2021). Esse processo compromete também o desenvolvimento sociopolítico das comunidades bissexuais, que permanecem sub-representadas e com recursos escassos.

A problematização dos espaços comunitários é ainda relevante diante das dificuldades de criar espaços de apoio para pessoas bissexuais, suscitando debates sobre o futuro das políticas do orgulho (*pride politics*) face às tendências homonormativas (Duggan, 2002), que podem

marginalizar subgrupos, como pessoas bissexuais e outras (Ferreira, 2015; Ferreira & Salvador, 2015).

No plano íntimo e relacional, o monossexismo manifesta-se por meio de estigmas, expectativas normativas de gênero e deslegitimação das identidades bissexuais. A binegatividade é profundamente genderizada, afetando de modo distinto pessoas bissexuais conforme o gênero. Surge aqui outro paradoxo: embora as relações íntimas possam constituir espaços de cuidado num contexto cis-heteronormativo, também reproduzem violência, insegurança e antecipação de estigma. Relações que não oferecem reconhecimento e bem-estar podem, simultaneamente, reforçar estereótipos associados à bissexualidade como instabilidade, promiscuidade ou incapacidade de manter relações monogâmicas (Hayfield et al., 2018; Turell et al., 2018).

Essa tensão gera vulnerabilidades específicas, incluindo bifobia internalizada, dificuldades de comunicação relacional e maior risco de isolamento emocional (McCormack, 2023). Estudos recentes apontam risco acrescido de violência íntima (IPV) e assédio sexual, sobretudo para mulheres bissexuais quando o relacionamento íntimo é com um homem (Corey et al., 2022; Coston, 2021).

A investigação sobre relações íntimas LGBTQI+ raramente se dedica exclusivamente às experiências bissexuais, deixando-as sub-teorizadas ou invisíveis. Essa invisibilidade reforça desigualdades simbólicas e impede o desenvolvimento de modelos relacionais que contemplem realidades bissexuais. O gênero do/a parceiro/a é frequentemente interpretado como indicador da orientação sexual, apagando a identidade bissexual independentemente da intenção da pessoa (Hayfield, 2020; Hayfield et al., 2018; See & Hunt, 2011). Relações que deveriam ser seguras podem inadvertidamente reproduzir invisibilidade, reforçando pressões normativas sobre identidades não monossexuais.

A visibilidade da bissexualidade continua a ser um desafio. O “coming out” é um processo contínuo, envolvendo múltiplas revelações ao longo do tempo, e pessoas bissexuais e pansexuais são menos propensas a se revelar do que pessoas lésbicas ou gays (McLean, 2007; See & Hunt, 2011). Muitas recorrem a identidades mais compreensíveis, como lésbica ou gay, para serem reconhecidas (Scherrer et al., 2015; Wandrey et al., 2015). A pressão social para se revelar, quando internalizada, reforça a invisibilidade estrutural da bissexualidade (Garvey et al., 2018; McLean, 2007; Rasmussen, 2004). Outros fatores, como relutância em adotar rótulos ou avaliar a relevância da sexualidade, também influenciam decisões sobre quando, como e para quem se revelar (Knous, 2006; Maliepaard, 2018; Robbins et al., 2016).

Os paradoxos identificados expressam tensões sistêmicas do monossexismo que atravessam múltiplos planos da vida bissexual. Reconhecê-los aponta para a necessidade de uma abordagem interseccional e multidimensional, capaz de compreender simultaneamente constrangimentos e possibilidades da bissexualidade enquanto experiência vivida, categoria política e lente epistemológica. Denunciar o monossexismo e a binegatividade é crucial para compreender barreiras à visibilidade, reconhecimento e participação, e também para abrir espaço para práticas de agência e resistência que redesenham relações íntimas, práticas comunitárias e formas de cidadania.

### ***MT 3: Resistência e Agência Bissexual***

Este macro-tema articula principalmente os resultados do Estudo 2 com evidências dos Estudos 1 e 3, explorando práticas de agência e resistência bissexual que emergem em resposta à invisibilidade, ao estigma e à exclusão. A investigação evidencia que as experiências de pessoas bissexuais são atravessadas por práticas de agência individual e coletiva, manifestando-se tanto nos domínios público quanto privado. Apesar de constrangimentos estruturais, da presença persistente de binegatividade e do apagamento epistêmico, pessoas bissexuais desenvolvem estratégias para negociar sua visibilidade e construir espaços de reconhecimento e pertença.

No domínio público, a agência bissexual materializa-se por meio da participação em comunidades LGBTQI+, redes de coletivos e eventos, bem como na criação de esferas de resistência (Bowes-Catton, 2007; Breetveld, 2020; Maliepaard, 2020). Esses espaços, livres de binegatividade, permitem organizar ações que respondem às necessidades da população bissexual e realizar atos simbólicos de resistência, como o uso de bandeiras, adesivos e outras formas de visibilidade, confrontando injustiças epistêmicas e políticas (Breetveld, 2020; Yoshino, 2000). A nomeação explícita da bissexualidade em espaços LGBTQI+ e a organização de eventos de conscientização fortalecem o reconhecimento social e político da bissexualidade (Maliepaard, 2018; Rust, 2000).

No Reino Unido, esses espaços foram denominados de bolhas de resistência (*bubbles of resistance*) (Bowes-Catton, 2007), oferecendo apoio emocional, social e validação identitária, ao mesmo tempo que contribuía para a construção de referenciais teóricos e empíricos sobre bissexualidade (George, 1993; Rust, 2000). No contexto português, a criação e manutenção de tais espaços enfrenta maiores desafios, surgindo de forma efêmera e com recursos escassos, mas ainda assim desempenhando papel central na visibilidade e agência bissexual.

No âmbito das relações íntimas, a agência bissexual manifesta-se através de práticas de negociação identitária que protegem saúde, bem-estar e relacionamentos. Entre essas práticas destacam-se: gestão seletiva da visibilidade sexual, revelação ou ocultação da bissexualidade para parceiros ou círculos sociais (Legate et al., 2011), e a escolha de parceiros bissexuais ou a evitação de relações heterossexuais, como forma de minimizar discriminação e criar intimidade afirmativa (Flanders, 2017). Algumas estratégias, especialmente a ocultação, apresentam efeitos ambíguos: embora protejam o indivíduo, também reforçam a invisibilidade estrutural da bissexualidade (Eisner, 2013; Monro, 2015). Estudos recentes questionam a ideia de *disclosure* como imperativo para o desenvolvimento de identidade, apontando efeitos negativos do *passing* e da ocultação (McLean, 2007).

Assim, a resistência e agência bissexual operam simultaneamente na esfera pública e íntima, permitindo reduzir o impacto do estigma e discriminação, criar e manter espaços seguros, inclusivos e afirmativos, e contribuir para a produção de conhecimento sobre a bissexualidade, promovendo visibilidade, legitimidade e cidadania (Breetveld, 2020; Monro, 2015). Mesmo em contextos de exclusão estrutural e apagamento epistémico, pessoas bissexuais tornam-se agentes de mudança social, articulando estratégias individuais e coletivas para expandir o reconhecimento de identidades e experiências de pessoas bissexuais, fortalecendo tanto a esfera íntima quanto a pública.

Essas práticas contribuem para reconfigurar políticas do orgulho, comunidades LGBTQI+ e práticas de intimidade, evidenciando que agência e resistência são dimensões centrais da experiência bissexual, como destacado em estudos internacionais (Hammack et al., 2019; Toft & Yip, 2018). Dessa forma, o macro-tema demonstra que, apesar das exclusões identificadas nos macro-temas anteriores, a população bissexual desenvolve estratégias contínuas de autoafirmação, mobilização e transformação social, apontando para a capacidade de resistência estruturada frente ao monossexismo.

#### ***MT 4: Cidadania incompleta***

No plano empírico desta investigação, o conceito de cidadania bissexual orienta a análise das formas de agência, resistência e participação pública das pessoas bissexuais em Portugal. Ele permite compreender as práticas de mobilização e visibilidade desenvolvidas por ativistas bissexuais, assim como analisar experiências de binegatividade em relações íntimas, evidenciando estratégias de negociação de legitimidade e pertença. De forma transversal, o conceito articula dimensões individuais, relacionais e coletivas, iluminando os modos como a cidadania bissexual se produz nos planos simbólico, político e afetivo.

Este macro-tema propõe uma leitura integrativa dos três estudos à luz do conceito de cidadania bissexual, evidenciando como o reconhecimento, a pertença e a participação permanecem condicionados por normas monossexistas, apesar das estratégias de agência identificadas. A análise integrada dos dados evidencia que a cidadania bissexual continua atravessada por um estatuto estruturalmente insuficiente. Embora as pessoas bissexuais estejam formalmente incluídas no enquadramento jurídico e político LGBTQI+, enfrentam formas persistentes de invisibilidade, deslegitimação e exclusão que se estendem pelos domínios público, íntimo e epistemológico. Esta condição, aqui conceptualizada como estatuto de cidadão parcial, revela limites profundos da cidadania sexual contemporânea, demonstrando a insuficiência de abordagens centradas exclusivamente na igualdade formal (Jones, 2011; Maliepaard & Baumgartner, 2020; Monro, 2015).

No domínio público, o estudo com ativistas bissexuais mostra que, embora os direitos formais estejam juridicamente garantidos, o movimento LGBTQI+ mainstream atende apenas parcialmente às necessidades da população bissexual. Mantêm-se hierarquias internas, mecanismos subtis de exclusão e formas explícitas e implícitas de binegatividade que reforçam uma cidadania política desigual. A participação comunitária bissexual ocorre sobretudo por meio de práticas de resistência e auto-organização, evidenciando que o acesso à esfera pública depende mais da agência individual e coletiva do que da existência de estruturas institucionais verdadeiramente inclusivas. Neste contexto, observa-se que a criação de grupos bissexuais, eventos de visibilidade e outras iniciativas simbólicas são fundamentais para afirmar a presença política e social da comunidade bissexual (Bowes-Catton, 2007; Breetveld, 2020; Maliepaard, 2020).

No domínio íntimo, a cidadania manifesta-se, e frequentemente se fragiliza, nas possibilidades de viver relações afetivas e sexuais livres de estigma. O Estudo 3 revela como a binegatividade genderizada molda a qualidade das relações, produz desgaste emocional e compromete o bem-estar psicológico. Mesmo relações assumidamente seguras ou progressistas podem reproduzir desigualdades, evidenciando o carácter profundamente político da intimidade. Estratégias de negociação identitária, gestão seletiva da visibilidade sexual e escolha de parceiros/as bissexuais ilustram práticas de agência que protegem saúde, bem-estar e intimidade afirmativa, ainda que, por vezes, reforcem a invisibilidade estrutural da bissexualidade (Eisner, 2013; Flanders, 2017; Legate *et al.*, 2011; Monro, 2015). Assim, a intimidade funciona simultaneamente como espaço de cuidado e de reprodução de estigmas, exigindo que as análises da cidadania bissexual considerem a dimensão relacional e afetiva de forma central.

O apagamento epistemológico permanece um fator crítico na reprodução do estatuto de cidadão parcial. O Estudo 1 evidencia que a bissexualidade continua marginalizada na produção científica, nos discursos acadêmicos e nas prioridades institucionais, gerando lacunas conceituais e políticas que limitam a formulação de respostas adequadas às necessidades específicas da população bissexual. Este domínio constitui, simultaneamente, um campo estratégico para transformar regimes de reconhecimento e reforçar práticas de cidadania mais equitativas.

No contexto português, marcado por progressos legislativos e retórica institucional de igualdade, a persistência da marginalização bissexual torna-se evidente: a sociedade civil oferece apoio desigual e, por vezes, contraditório; a binegatividade condiciona a participação comunitária e o acesso a espaços seguros; as experiências bissexuais permanecem invisibilizadas no debate público e científico; e muitos jovens enfrentam dificuldades em afirmar a sua identidade sem estigma ou deslegitimação. Portugal constitui, assim, um exemplo ilustrativo de como políticas formalmente inclusivas podem coexistir com regimes de reconhecimento estruturados por lógicas monossexistas.

Os paradoxos e tensões identificados nos três domínios (público, privado e epistemológico) indicam que a cidadania bissexual não é plena, mas vivida “entre espaços” ou concetualizado como “middle ground” tal como descrito por Hemmings (2003, 2013). A combinação de direitos formais, fragilidades relacionais, invisibilidade institucional e exclusão comunitária produz um estatuto de cidadania formalmente reconhecido, mas simbolicamente diminuído e afetivamente vulnerabilizado.

Apesar destes desafios, as estratégias de resistência e agência evidenciadas nos estudos apontam para possibilidades concretas de reconstrução: fortalecimento da agência individual e coletiva, ampliação da produção científica sobre bissexualidade, criação de espaços comunitários seguros e implementação de políticas públicas efetivamente inclusivas. Assim, a cidadania bissexual deve ser entendida como um projeto em curso, cuja consolidação depende da transformação coordenada dos regimes legais, sociais, comunitários, afetivos e epistemológicos que moldam a vida das pessoas bissexuais.

Recuperando a proposta apresentada no Capítulo 3, a cidadania bissexual é entendida como um processo multidimensional composto por três dimensões interdependentes: reconhecimento legal e social, participação comunitária e política, e visibilidade e validação no contexto da intimidade. Este enquadramento conceptual constitui o eixo central da análise integrativa dos resultados, permitindo articular os diferentes níveis empíricos explorados ao longo da investigação.

Os resultados integrados dos três estudos mostram que estas dimensões não convergem para produzir uma cidadania efetivamente plena. Pelo contrário, emergem tensões internas, desigualdades estruturais e fragilidades relacionais que configuram a experiência bissexual como uma cidadania vivida entre espaços, simultaneamente reconhecida e diminuída, formalmente incluída, mas sistematicamente secundarizada.

Neste sentido, o conceito de cidadania bissexual assume um papel central na análise integrativa dos resultados, orientando a compreensão das formas de agência, resistência e participação pública das pessoas bissexuais em Portugal. Este conceito informa, por um lado, a análise das práticas de mobilização e visibilidade desenvolvidas por ativistas bissexuais e, por outro, a interpretação das experiências de binegatividade nas relações íntimas, evidenciando estratégias de negociação de legitimidade, reconhecimento e pertença. De forma transversal, a cidadania bissexual articula dimensões individuais, relacionais e coletivas, permitindo iluminar os modos através dos quais se produz nos planos simbólico, político e afetivo ao longo dos diferentes contextos analisados.

Em conjunto, estes macro-temas permitem compreender como a experiência bissexual em Portugal é moldada por processos interligados de apagamento epistémico, exclusão comunitária, estigmatização e agência bissexual, configurando um regime de cidadania simultaneamente reconhecido e limitado. Esta análise integrada estabelece a base necessária para, em seguida, explicitar os contributos teóricos, metodológicos e práticos desta tese para os estudos sobre bissexualidade, cidadania sexual e experiências LGBTQI+ no contexto da Europa do Sul. Em síntese, os macro-temas analisados permitem compreender a cidadania bissexual como um processo marcado por reconhecimento formal, mas atravessado por desigualdades estruturais e tensões relacionais persistentes, que condicionam a participação, a visibilidade e a vivência da intimidade.

## **8.2. Contributos teóricos**

Esta tese representa um passo importante para o desenvolvimento e consolidação do campo de estudos bissexuais e da psicologia LGBTQI+ em Portugal, contribuindo simultaneamente para o avanço teórico, metodológico e aplicado da psicologia crítica da saúde. A investigação integra três estudos empíricos: uma *scoping review*, um estudo com ativistas e uma análise de relações íntimas que, em conjunto, permitem compreender a bissexualidade como experiência social, política, relacional e epistémica, situada culturalmente no contexto do Sul da Europa.

### *a) Desenvolvimento do conceito de cidadania bissexual*

A tese desenvolve e clarifica o conceito de cidadania bissexual, propondo uma abordagem multidimensional que articula reconhecimento formal e institucional, reconhecimento simbólico pela sociedade civil e agência individual, manifestada na capacidade de reivindicar direitos, afirmar identidade e produzir resistência. A investigação evidencia que a cidadania bissexual é, na prática, parcial: embora juridicamente incluída no guarda-chuva LGBTQI+, permanece cultural e politicamente limitada, refletindo o impacto do monossexismo e da cis/heteronormatividade como barreiras estruturais. Este conceito permite compreender a cidadania não apenas como um direito formal, mas como um processo performativo, relacional e situacional, produzido em práticas comunitárias, políticas, nas relações íntimas e na resistência quotidiana.

*b) Reflexão crítica sobre o movimento LGBTQI+ e políticas do orgulho*

A investigação contribui para pensar teoricamente sobre as políticas do orgulho em Portugal e tendências homonormativas, que podem reproduzir hierarquias internas privilegiando certas identidades em detrimento de outras. O aparente conforto gerado pelas mudanças legislativas recentes pode invisibilizar experiências que se afastam do sujeito branco, normativo e binário (Oliveira et al., 2013). Ao mesmo tempo, o impulso interseccional global nos movimentos LGBTQ+ evidencia a necessidade de incorporar novas vivências na agenda política, incluindo assexualidade e vozes de pessoas migrantes e racializadas.

*c) Apagamento epistémico e invisibilidade científica da bissexualidade*

Estas dinâmicas políticas e comunitárias articulam-se com um nível mais profundo de marginalização: a ausência de investigação sistemática legitima a marginalização cultural e política da população bissexual. Esta invisibilidade reforça barreiras ao reconhecimento social, político e íntimo, mantendo o estatuto de cidadania parcial. As tensões intra-comunitárias, incluindo a binegatividade no movimento LGBTQI+ mainstream português, evidenciam a importância de alianças estratégicas com outros coletivos *queer* para amplificar vozes e diversificar agendas políticas.

*d) Perspetiva ontológica e epistemológica*

Ao tomar as experiências de pessoas bissexuais como objeto central, a tese aproxima a psicologia de uma abordagem ontológica relacional e de uma epistemologia crítica, enriquecendo o campo da psicologia da saúde e da psicologia LGBTQI+. Esta perspetiva permite considerar a bissexualidade como experiência situada, relacional e historicamente contextualizada, em vez de uma categoria fixa ou universal.

*e) Contribuição interdisciplinar*

A integração de experiências de contextos público e privado demonstra que a cidadania bissexual não é apenas parcial, mas também reveladora de agência. Este enfoque permite compreender como as pessoas bissexuais constroem estratégias de visibilidade, pertença e participação, articulando dimensões individuais, relacionais e coletivas.

f) *Contextualização cultural*

A pesquisa evidencia que teorias dominantes, muitas vezes produzidas em contextos anglo-saxónicos, falham ao capturar a realidade portuguesa, marcada por catolicismo, legado da ditadura e regimes de género conservadores. Assim, a tese contribui teoricamente para modelos analíticos situados culturalmente e sensíveis às especificidades do Sul da Europa.

### **8.3. Contributos metodológicos**

Esta tese apresenta contributos metodológicos significativos, resultantes da articulação entre enquadramento teórico crítico e estudos empíricos qualitativos, permitindo compreender experiências bissexuais em múltiplos níveis e contextos.

a) *Modelo multinível de análise*

A investigação introduz um modelo que integra fatores epistémicos, macroestruturais, mesopolíticos e micro-individuais/interpessoais, permitindo compreender como a monossexualidade compulsória regula cidadania, bem-estar e agência. A combinação de *scoping review*, estudo com ativistas e análise de relações íntimas evidencia a necessidade de metodologias situadas culturalmente, capazes de captar experiências em diferentes contextos e dimensões da vida.

b) *Integração de metodologias qualitativas*

A tese articula abordagens qualitativas distintas: macro: panorama da investigação e lacunas científicas (*scoping review*), meso: práticas de cidadania, ativismo e participação pública (entrevistas com ativistas) e micro: processos relacionais, negociações identitárias e vivências de discriminação (relações íntimas).

Esta integração demonstra como metodologias distintas podem produzir conhecimento abrangente, situado e crítico, com modelo replicável para outras populações invisibilizadas.

c) *Operacionalização da bissexualidade como experiência fluida, relacional e situada*

A abordagem orientou decisões metodológicas concretas: privilegiar autoidentificação, evitar categorias fechadas, valorizar relações e contextos, e elaborar guias de entrevista que captassem ambiguidades e múltiplas camadas da experiência bissexual.

*d) Integração da interseccionalidade*

Princípios interseccionais foram incorporados no desenho e recolha de dados: amostragem diversificada, sensibilidade a experiências culturais e sociais diversas, evidenciando rigor reflexivo e apontando caminhos para futuras análises mais aprofundadas.

*e) Desenvolvimento de metodologias queer*

A tese adota postura epistemológica crítica, desafiando categorias normativas, reconhecendo relações de poder, utilizando linguagem inclusiva e estratégias que privilegiam experiências não lineares e ambiguidades, articulando rigor metodológico, sensibilidade ética e enquadramento queer.

*f) Ética e sensibilidade cultural*

O estudo valoriza a voz de participantes minorizados<sup>27</sup>, refletindo sobre impacto social, cultural e político da investigação, promovendo práticas afirmativas e reforçando relevância para Portugal e Sul da Europa.

## **8.4. Contribuições práticas**

No plano aplicado e social, esta tese evidencia a necessidade urgente de políticas públicas e estratégias de *advocacy* sensíveis às especificidades da população bissexual em Portugal, ainda ausentes ou insuficientemente desenvolvidas. A inexistência de medidas direcionadas compromete o acesso à saúde, à educação, à visibilidade estatística e ao reconhecimento simbólico desta população, contribuindo para a manutenção do apagamento da bissexualidade e do monossexismo estrutural. Paralelamente, a investigação evidencia que o fortalecimento da participação pública, o apoio a iniciativas comunitárias e a criação de alianças estratégicas são essenciais para ampliar e diversificar vozes e agendas políticas, reforçando práticas de agência coletiva e resistência observadas ao longo da presente tese.

No domínio da saúde e do bem-estar, os resultados mostram que a invisibilidade, a binegatividade e o estatuto de cidadania parcial afetam diretamente a saúde psicológica e relacional da população bissexual. Em contrapartida, relações íntimas de qualidade,

---

<sup>27</sup> Refere-se a pessoas cujas identidades e experiências são social e institucionalmente desvalorizadas ou marginalizadas, em resultado de processos históricos e estruturais de desigualdade.

participação comunitária e reconhecimento social funcionam como indicadores centrais de saúde, enquanto as práticas de resistência desenvolvidas pela comunidade bissexual constituem modelos de ação afirmativa que podem ser adaptados a outros contextos. Estes resultados reforçam a necessidade de práticas profissionais biafirmativas e de sensibilização específica de profissionais de saúde mental, particularmente no acompanhamento de relações íntimas e de contextos sociais que exigem negociação de identidade. Contudo, sendo que profissionais de saúde não estão isentos da influência do monossexismo é essencial reforçar práticas profissionais sensíveis e adequadas.

A experiência internacional oferece caminhos inspiradores, como os promovidos pela *Society for the Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity* (Div 44 da APA), através do *Bisexual Issues Committee* (BIC), que fomentam a discussão sobre apoio clínico a clientes bissexuais. Uma adaptação destas práticas ao contexto português poderia incluir formação especializada de profissionais de saúde mental e a disponibilização de recursos culturalmente sensíveis, contribuindo para a redução da invisibilidade e do apagamento epistémico da população bissexual.

Além disso, os resultados da tese apontam para implicações concretas em programas de intervenção social e estratégias de *advocacy*. O desenvolvimento de campanhas e iniciativas que promovam o reconhecimento simbólico, a solidariedade comunitária e a articulação entre diferentes públicos, no âmbito do ativismo e da sociedade em geral, é fundamental para reforçar o reconhecimento social e institucional da bissexualidade. Esta perspetiva prática está estreitamente relacionada com os contributos teóricos e metodológicos da tese, mostrando como o conhecimento produzido sobre cidadania bissexual, agência e resistência pode ser traduzido em ações concretas, alinhando ciência e transformação social.

Em síntese, a tese evidencia que o reconhecimento da bissexualidade como identidade legítima deve orientar práticas profissionais, políticas públicas e iniciativas de *advocacy*, assegurando atenção diferenciada às experiências e necessidades desta população. Ao integrar esta perspetiva ética e aplicada, o trabalho contribui para reduzir o apagamento epistémico, fortalecer práticas biafirmativas e ampliar o impacto social do conhecimento científico sobre bissexualidade, reforçando a relevância de intervenções que considerem simultaneamente as dimensões públicas, íntimas e epistemológicas da experiência de pessoas bissexuais.

## **8.5. Limitações**

Esta tese apresenta, naturalmente, limitações que importa reconhecer. Destacamos 3:

a) *Acesso e inclusão de participantes*

Apesar dos esforços para diversificar a amostra, alguns coletivos e potenciais participantes contactados não responderam ou não puderam participar no estudo. Esta ausência evidencia barreiras concretas relacionadas com fatores socioeconómicos, disponibilidade temporal e limitações de recursos pessoais ou organizacionais, que restringem a participação em processos de investigação científica. A dificuldade em aceder a determinados grupos revela que nem todas as vozes bissexuais são igualmente representadas, sobretudo aquelas em contextos de menor visibilidade ou com menor acesso a redes de apoio e informação. Esta limitação sublinha a importância de repensar as práticas de investigação, adotando estratégias metodológicas mais flexíveis e inclusivas, que considerem as desigualdades estruturais, promovam a acessibilidade e facilitem a participação de grupos historicamente marginalizados. Além disso, destaca a necessidade de desenvolver abordagens de recrutamento e comunicação sensíveis às condições de vida, ritmos e recursos dos participantes, garantindo que o conhecimento produzido reflita uma gama mais ampla de experiências bissexuais.

b) *Exploração parcial das dimensões interseccionais*

Apesar de a interseccionalidade ter sido considerada, especialmente no Estudo 3, não foi possível analisar de forma robusta a interseção entre género, identidade sexual, identidade de género e outras dimensões sociais. A recolha de dados incluiu participantes com perfis diversos, mas as análises não permitiram examinar sistematicamente como essas múltiplas identidades e categorias sociais se combinam para moldar experiências específicas de binegatividade, participação pública e bem-estar. Esta limitação implica que nuances importantes, por exemplo, como a identidade de género ou a posição socioeconómica amplificam ou mitigam a vulnerabilidade bissexual, possam não ter sido plenamente captadas. A análise não abrangeu de forma completa todas as intersecções possíveis entre identidade sexual, género, classe, raça ou outras categorias sociais, o que restringe a compreensão das experiências mais complexas de bissexuais com múltiplas marginalizações.

c) *Limitações na exploração da esfera institucional:*

Embora o estudo examine a cidadania bissexual e a participação pública, a análise das interações com instituições formais – como serviços de saúde, escolas, sistemas legais e políticas públicas – não foi explorada em profundidade. Esta limitação impede uma

compreensão detalhada de como mecanismos institucionais específicos podem reforçar ou mitigar a invisibilidade, exclusão ou discriminação enfrentada por pessoas bissexuais. Reconhecer esta lacuna evidencia a necessidade de estudos futuros que mapeiem de forma sistemática as barreiras e oportunidades institucionais, permitindo a formulação de recomendações mais concretas para políticas públicas inclusivas.

## 8.6. Investigação futura

Esta tese oferece direções promissoras para o desenvolvimento de investigações futuras sobre bissexualidade, cidadania e saúde em Portugal, contribuindo para o fortalecimento do campo da psicologia crítica da saúde LGBTQI+. As limitações identificadas não comprometem os resultados, mas ampliam o horizonte crítico da investigação, sinalizando oportunidades para aprofundar, diversificar e expandir os estudos sobre experiências bissexuais em múltiplos domínios.

- a) *Aprofundamento interseccional*: Futuras pesquisas devem explorar de forma sistemática como diferentes dimensões sociais — género, orientação sexual, identidade de género, classe social, raça/etnia, diversidade funcional e localização geográfica — se combinam para moldar experiências de binegatividade, participação comunitária e cidadania. Estudos que integrem abordagens interseccionais robustas permitirão compreender melhor como múltiplas marginalizações amplificam ou mitigam vulnerabilidades, produzindo um retrato mais completo das experiências bissexuais.
- b) *Inclusão ampliada de participantes*: É crucial desenvolver estratégias metodológicas que aumentem a acessibilidade e a participação de grupos historicamente marginalizados ou de difícil acesso. Pesquisas futuras devem considerar barreiras socioeconómicas, temporais e organizacionais, utilizando abordagens flexíveis, diversificadas e culturalmente sensíveis, incluindo espaços digitais, redes comunitárias e estratégias de recrutamento inovadoras. Dessa forma, será possível captar experiências mais variadas e representativas, fortalecendo a validade e a relevância social da investigação.
- c) *Exploração da esfera institucional e políticas públicas*: A investigação futura deve mapear detalhadamente a interação da população bissexual com instituições formais — serviços de saúde, escolas, sistemas legais e programas públicos — para compreender como políticas, práticas institucionais e estruturas organizacionais reforçam ou mitigam a invisibilidade e exclusão. Estudos comparativos e análises longitudinais podem contribuir

para identificar barreiras e oportunidades, oferecendo evidência empírica para recomendações de políticas inclusivas e práticas afirmativas.

Além destas direções diretamente ligadas às limitações da tese, pesquisas futuras podem expandir o campo em novas frentes:

- d) *Diversificação metodológica*: integrar abordagens quantitativas e mistas, estudos longitudinais e análises comparativas, complementando os dados qualitativos e permitindo mapear padrões de saúde, bem-estar, discriminação e participação comunitária.
- e) *Investigação de espaços de agência e pertença*: explorar ambientes online e redes digitais, fundamentais para construção de visibilidade, apoio social e resistência, especialmente em contextos com escassez de espaços físicos de encontro e organização comunitária.
- f) *Análise de representações sociais e movimento LGBTQI+*: examinar como atitudes sociais, políticas e práticas comunitárias moldam percepções sobre bissexuais, bem como estudar binegatividade interna e tensões intracomunitárias, produzindo instrumentos para mapear crenças, estigmas e barreiras sociais.
- g) *Saúde, intimidade e relações pessoais*: aprofundar investigações sobre experiências de violência, assédio e bem-estar psicológico em contextos íntimos, considerando o impacto na saúde emocional e relacional.

Em suma, estas direções de investigação futura visam não apenas superar lacunas empíricas, mas também consolidar abordagens teóricas, metodológicas e aplicadas que reconheçam a complexidade da bissexualidade como experiência social, política, afetiva e epistémica. Ao mesmo tempo, procuram transformar limitações em oportunidades de inovação, promovendo práticas de pesquisa mais inclusivas, críticas e interdisciplinares, alinhadas com os desafios contemporâneos da psicologia da saúde LGBTQI+.

## **8.7. Considerações Finais**

De forma global, os três estudos que compõem esta tese mostram como mecanismos sociais e culturais, como o monossexismo, a heteronormatividade e as múltiplas expressões de binegatividade, continuam a moldar profundamente as possibilidades de (in)visibilidade,

cidadania e bem-estar da população bissexual em Portugal. A invisibilidade bissexual não é apenas um discurso: é um mecanismo social que produz impactos materiais, emocionais e relacionais.

Os resultados evidenciam a persistência de desigualdades estruturais, manifestas no apagamento epistemológico, na marginalização institucional e nas tensões dentro das próprias comunidades LGBTQI+. Estas dinâmicas fazem-se sentir também nas relações de intimidade, no quotidiano e no acesso a recursos de saúde e participação cívica. Ao mesmo tempo, a tese mostra que pessoas bissexuais desenvolvem continuamente práticas de resistência e de reivindicação de reconhecimento, evidenciando a complexidade e diversidade das estratégias de agência que emergem face a essas estruturas.

Estas estratégias individuais e coletivas desafiam normas restritivas, negociam espaços de pertença e contribuem para transformar contextos sociais, políticos e íntimos. A agência bissexual revela-se não apenas como resposta à marginalização, mas como força criativa capaz de reconfigurar os limites do possível, abrindo caminhos para cidadania mais plena, relações mais afirmativas e comunidades mais inclusivas. Mesmo perante barreiras estruturais, como o fraco reconhecimento das necessidades específicas desta população nas políticas públicas ou as dificuldades de pertença comunitária, a produção de alianças, narrativas alternativas e micro-espços de reconhecimento mantém-se ativa e profundamente transformadora.

Os efeitos destas dinâmicas tornam-se também evidentes ao nível da saúde mental, do bem-estar e da participação pública. Embora a cidadania bissexual esteja formalmente assegurada pelo enquadramento legal português, continua a ser vivida como uma “cidadania parcial”, que condiciona o acesso ao reconhecimento institucional, comunitário e íntimo. Esta condição parcial torna ainda mais clara a importância das estratégias de afirmação, do apoio comunitário e da solidariedade intracomunitária como determinantes fundamentais de bem-estar. A análise integrada dos três estudos evidencia, portanto, que compreender a saúde bissexual implica considerar simultaneamente os mecanismos políticos, culturais e estruturais que moldam o quotidiano, bem como as formas de agência que contestam e transformam esses mecanismos.

Por fim, esta tese deixa uma mensagem positiva e mobilizadora. Apesar da invisibilização histórica e das múltiplas formas de binegatividade, a população bissexual demonstra resiliência, criatividade e uma notável capacidade de construir alianças a partir da margem. As

mudanças socioculturais e legais recentes, juntamente com a crescente identificação bissexual entre jovens, criam oportunidades únicas para políticas públicas mais inclusivas, práticas clínicas mais sensíveis e investigações mais interseccionais e participativas.

Ao articular análise estrutural e agência em consonância com o enquadramento do Realismo Crítico, esta tese oferece um contributo sólido para a psicologia crítica da saúde e para os estudos LGBTQI+, preenchendo uma lacuna importante na compreensão da cidadania e do bem-estar de pessoas bissexuais no contexto português e no Sul da Europa. Longe de ser apenas um objeto de estudo, a bissexualidade emerge aqui como lente crítica, força transformadora e terreno fértil para imaginar e construir futuros mais inclusivos, afirmativos e emancipatórios.





## Referências Bibliográficas

- Abreu, R. L., Townsend, D., Mitchell, Y. L., Ward, J., Audette, L., & Gonzalez, K. A. (2022). LGBTQ qualitative and mixed methods research in counseling psychology: A content analysis. *The Counseling Psychologist, 50*(5), 708–737.
- Ahmed, S. (2014). *Mixed orientations. Subjectivity, 7, 92–109.* <https://doi.org/10.1057/sub.2013.22>
- Alarie, M., Bosom, M. and Côté, I. (2024) ‘It’s someone who means a lot to me, and who means even more to mom’: Children’s views on the romantic partners of their polyamorous parents. *Journal of Social and Personal Relationships, 41*(12), 3525–3546. <https://doi.org/10.1177/02654075241268545>
- Alberto, J. (2018). *Bissexualidade(s): Crenças e opiniões* [Master’s Thesis, Universidade de Évora]. Repositório da Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/23426>
- Alexander, J., & Anderlini-D’Onofrio, S. (2012). *Bisexuality and Queer Theory: Intersections, Connections and Challenges*. Routledge.
- Allred, P., & Fox, N. (2015). From lesbian and gay psychology to a critical psychology of sexualities. In I. Parker (Ed.), *Handbook of Critical Psychology* (pp. 200–209). Routledge.
- Alonso, A., Ciccía, R., & Lombardo, E. (2023). A Southern European model? Gender regime change in Italy and Spain. *Women's Studies International Forum, 98*(3), 1-8. <https://doi.org/10.1016/j.wsif.2023.102737>
- Amâncio, L., & Oliveira, J. M. D. (2014). Ambivalências e desenvolvimentos dos estudos de género em Portugal. *Faces de Eva, (32)*, 23–42.
- Amâncio, L., & Oliveira, J. M. D. (2014). Ambivalências e desenvolvimentos dos estudos de género em Portugal. *Faces de Eva, (32)*, 23–42.
- American Psychological Association. (2017). *Ethical principles of psychologists and code of conduct*. <https://www.apa.org/ethics/code>
- American Psychological Association. (n.d.). *Bisexual*. Retrieved June 27, 2025, from <https://www.apa.org/pi/lgbt/resources/bisexual>
- Anderson, J., & Maugeri, J. (2022). Correlates of attitudes toward bisexuality: A systematic review and meta-analysis. *Journal of Homosexuality, 71*(1), 259–292. <https://doi.org/10.1080/00918369.2022.2112524>
- Anderson, J., & Maugeri, J. (2024). Correlates of attitudes toward bisexuality: A systematic review and meta-analysis. *Journal of Homosexuality, 71*(1), 259–292. <https://doi.org/10.1080/00918369.2022.2112524>
- Andreouli, E. (2019). Social psychology and citizenship: A critical perspective. *Social and Personality Psychology Compass, 13*(2), e12432. <https://doi.org/10.1111/spc3.12432>
- Andreouli, E., & Figgou, L. (2019). Citizenship and political psychology. In K. Kinnvall & T. Capelos (Eds.), *The Oxford Handbook of Political Psychology* (2nd ed., pp. 1–23). Oxford University Press.

- Andreouli, E., & Howarth, C. (2013). National identity, citizenship and immigration: Putting identity in context. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 43(3), 361–382.
- Andreouli, E., Figgou, L., & Kadianaki, I. (2025). Citizenship in social and political psychology: A relational and future-oriented framework for the study of everyday citizenship practice. *Political Psychology*, 0(0), 1-16. <https://doi.org/10.1111/pops.70064>
- Angelides, S. (2001). *A history of bisexuality*. University of Chicago Press.
- Arbeit, M. R., Fisher, C. B., Macapagal, K., & Mustanski, B. (2016). Bisexual invisibility and the sexual health needs of adolescent girls. *LGBT Health*, 3(5), 342–349.
- Archer, M. S. (1995). *Realist social theory: The morphogenetic approach*. Cambridge University Press.
- Archer, M. S. (2000). *Being human: The problem of agency*. Cambridge University Press.
- Arik, H., Çağatay, S., Liinason, M., & Sasunkevich, O. (2023). Unsettling the political: conceptualizing the political in feminist and LGBTI+ activism across Russia, the Scandinavian countries, and Turkey. *International Feminist Journal of Politics*, 25(4), 687–710.
- Arksey, H., & O'Malley, L. (2005). Scoping studies: Towards a methodological framework. *International Journal of Social Research Methodology*, 8(1), 19-32. <https://doi.org/10.1080/1364557032000119616>
- Armstrong, H. L., & Reissing, E. D. (2014). Attitudes toward casual sex, dating, and committed relationships with bisexual partners. *Journal of Bisexuality*, 14(2), 236–264.
- Arriaga, A. S., & Parent, M. C. (2019). Partners and prejudice: Bisexual partner gender and experiences of binegativity from heterosexual, lesbian, and gay people. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 6(3), 382-391. <https://doi.org/10.1037/sgd0000337>
- Aybar Camposano, G. A., Rodrigues, D. L., & Moleiro, C. (2025). A “social cure” for minority stress? Individual and collective identity strategies on the mental health outcomes of lesbian and gay people. *Psychology & Sexuality*, 16(1), 281–296. <https://doi.org/10.1080/19419899.2024.2383726>
- Ault, A. (1996). Ambiguous identity in an unambiguous sex/gender structure: The case of bisexual women. *The Sociological Quarterly*, 37(3), 449–463.
- Baiocco, R., Pistella, J., & Morelli, M. (2020). Coming out to parents in lesbian and bisexual women. *Frontiers in Psychology*, 11, 609885. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.609885>
- Balsam, K.F., & Mohr, J.J. (2007). Adaptation to sexual orientation stigma: A comparison of bisexual and lesbian/gay adults. *Journal of Counseling Psychology*, 54, 306–319.
- Barker, M. (2007). Heteronormativity and the exclusion of bisexuality in psychology. In V. Clarke & E. Peel (Eds.), *Out in Psychology: Lesbian, Gay, bisexual, trans and queer perspectives* (pp. 95-117). Wiley. <https://doi.org/10.1002/9780470713099.ch6>
- Barker, M. J. (2015). Depression and/or oppression? Bisexuality and mental health. *Journal of Bisexuality*, 15(3), 369–384. <https://doi.org/10.1080/15299716.2014.995853>

- Barker, M. J., & Richards, C. (2015). Further genders. In C. Richards & M. J. Barker (Eds.), *The Palgrave handbook of the psychology of sexuality and gender* (pp. 166–182). Palgrave Macmillan/Springer Nature. [https://doi.org/10.1057/9781137345899\\_11](https://doi.org/10.1057/9781137345899_11)
- Barker, M., Bowes-Catton, H., Iantaffi, A., Cassidy, A., & Brewer, L. (2008). British bisexuality: A snapshot of bisexual representations and identities in the United Kingdom. *Journal of Bisexuality*, 8(1-2), 141-162.
- Barker, M., Richards, C., Jones, R., Bowes-Catton, H., Plowman, T., Yockney, J., & Morgan, M. (2012). *The bisexuality report: Bisexual inclusion in LGBT equality and diversity*. Centre for Citizenship, Identity and Governance, The Open University. [https://oro.open.ac.uk/52881/1/The%20BisexualityReport%20Feb.2012\\_0.pdf](https://oro.open.ac.uk/52881/1/The%20BisexualityReport%20Feb.2012_0.pdf)
- Barringer, M. N., Sumerau, J. E., & Gay, D. A. (2017). Examining differences in identity disclosure between monosexuals and bisexuals. *Sociological Spectrum*, 37(5), 319-333.
- Bauer, R. (2014). *Queer BDSM intimacies: Critical consent and pushing boundaries*. Springer.
- Baumgartner, R. (2020). “I think that I’m not a relationship person”: Bisexual women’s accounts of (internalised) binegativity in non-monogamous relationship narratives. In E. Maliepaard & R. Baumgartner (Eds.), *Bisexuality in Europe: Sexual Citizenship, Romantic Relationships and Bi+ Identities* (pp. 115–130). Routledge.
- Beach, L., & Hall, C. (2020). Bi us, for us: Articulating foundational principles for research in partnership with bisexual communities. *Journal of Bisexuality*, 20(3), 251-272. <https://doi.org/10.1080/15299716.2020.1841478>
- Beach, S. R. H. (2014). The couple and family discord model of depression: Updates and future directions. In C. R. Agnew & S. C. South (Eds.), *Interpersonal relationships and health: Social and clinical psychological mechanisms* (pp. 133–155). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199936632.003.0007>
- Beauparlant, E. T., Machia, L. V., & Valen, B. M. (2025). Bi+ Identity and Relationship Quality: Examining the Role of Relationship Gender Composition. *Journal of Bisexuality*, 0(0) 1–18. <https://doi.org/10.1080/15299716.2025.2541161>
- Bell, D., & Binnie, J. (2000). *The sexual citizen: Queer politics and beyond*. Polity Press.
- Belous, C. K., & Bauman, M. L. (2017). What’s in a name? Exploring pansexuality online. *Journal of Bisexuality*, 17(1), 58–72. <https://doi.org/10.1080/15299716.2016.1224212>
- Bennett, K. (1992). *Bisexuality: The psychology and politics of an invisible minority*. Sage.
- Bergler, E. (1956). *Homosexuality: Disease or way of life?* Hill & Wang.
- Berlant, L., & Warner, M. (1998). Sex in public. *Critical inquiry*, 24(2), 547-566.
- Berlin, S. (1990). Dichotomous and complex thinking. *Social Service Review*, 64(1), 46–59. <https://doi.org/10.1086/603741>
- Bermea, A. M., van Eeden-Moorefield, B., & Khaw, L. (2018). A Systematic Review of Research on Intimate Partner Violence Among Bisexual Women. *Journal of Bisexuality*, 18(4), 399–424. <https://doi.org/10.1080/15299716.2018.1482485>

- Bhaskar, R. (1975). *A realist theory of science*. Leeds Books.
- Bhaskar, R. (1978). On the possibility of social scientific knowledge and the limits of naturalism. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 8(1), 1–28.
- Bhaskar, R. (1998). General introduction. In M. Archer, R. Bhaskar, A. Collier, T. Lawson, & A. Norrie (Eds.), *Critical realism: Essential readings* (pp. i–xxxiv). Routledge.
- Bi+ Equal. (n.d.). *Towards a European Bi+ organisation*. Retrieved July 13, 2025, from <https://www.biplusequal.org/>
- Bian, J., Caravaca-Morera, J., Robinson, M., Flanders, C., & LeBreton, M. (2017). Defining bisexuality: Young bisexual and pansexual people's voices. *Journal of Bisexuality*, 17, 39–57. <https://doi.org/10.1080/15299716.2016.1227016>.
- Bisexual Research Group. (2024). *2025 International Bisexuality+ Research Conference: Call for papers*. Retrieved July 13, 2025, from <https://www.bisexualresearch.com/ibrconference2025cfp>
- Bishop, C. J., & Pynoo, E. (2022). How well are outgroup attitudes and behaviours toward bisexual individuals measured? *Psychology & Sexuality*, 13(2), 182–200. <https://doi.org/10.1080/19419899.2020.1756390>
- Bogna, F., Raineri, A., & Dell, G. (2020). Critical realism and constructivism: Merging research paradigms for a deeper qualitative study. *Qualitative Research in Organizations and Management*, 15(4), 461–484.
- Bollas, A. (2023). Hegemonic monosexuality. *Journal of Bisexuality*, 23(4), 441–455. <https://doi.org/10.1080/15299716.2023.2248126>
- Bonvin, J.-M. (2016). The transformation of intimate citizenship. In J. Bonvin & D. P. Barbera (Eds.), *Transforming gendered well-being in Europe* (pp. 97–114). Routledge.
- Bordas, J., Rodó-Zárate, M., De Craene, V. & Luis de Souza, J. (2024). *The invisibility of bisexuality research: Looking for bisexual presences and absences in geographies of sexualities* [Call for papers for organized session]. 2024 EGS Conference. <https://2024.egsconference.com/organized-sessions/>
- Bostwick, W. B., Boyd, C. J., Hughes, T. L., West, B. T., & McCabe, S. E. (2014). Discrimination and mental health among lesbian, gay, and bisexual adults in the United States. *American Journal of Orthopsychiatry*, 84(1), 35–45.
- Botha, M. (2021). Academic, activist, or advocate? Angry, entangled, and emerging: A critical reflection on autism knowledge production. *Frontiers in Psychology*, 12, 727542.
- Bowes-Catton, H. (2007). Resisting the binary: Discourses of identity and diversity in bisexual politics 1988–1996. *Lesbian & Gay Psychology Review*, 8(1), 58–71.
- Bowes-Catton, H. (2016). Like a playground should be? Experiencing and producing bi subjectivities in bisexual space. [Doctoral dissertation, The Open University]. The Open University. <https://oro.open.ac.uk/50810/>
- Bowes-Catton, H. (2021). ‘This magical place’: Understanding BiCon 2008 as a heterotopic place-event. *Sexualities*, 24(7), 851–873. <https://doi.org/10.1177/13634607211035111>

- Bowes-Catton, H., & Hayfield, N. (2015). Bisexuality. In C. Richards & M. Barker (Eds.), *The Palgrave Handbook of the Psychology of Sexuality and Gender* (pp. 42–59). Palgrave Macmillan UK.
- Braithwaite, S., & Holt-Lunstad, J. (2017). Romantic relationships and mental health. *Current Opinion in Psychology*, *13*, 120–125. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2016.04.001>
- Brandzel, A. L. (2005). Queering citizenship? Same-sex marriage and the state. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*, *11*(2), 171–204.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, *3*(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Braun, V., & Clarke, V. (2014). What can “thematic analysis” offer health and wellbeing researchers? *International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being*, *9*(1), 26152.
- Braun, V., & Clarke, V. (2022a). Conceptual and design thinking for thematic analysis. *Qualitative Psychology*, *9*(1), 3–26.
- Braun, V., & Clarke, V. (2022b). Toward good practice in thematic analysis: Avoiding common problems and be(com)ing a knowing researcher. *International Journal of Transgender Health*, *24*(1), 1–6. <https://doi.org/10.1080/26895269.2022.2129597>
- Breetveld, R. R. (2020). Forms of bisexual injustice: Bi, being, and becoming a knower. In E. Maliepaard & R. Baumgartner (Eds.), *Bisexuality in Europe: Sexual citizenship, romantic relationships, and bi+ identities* (pp. 150-162). Routledge.
- Brennan, J. M. (2021). *Hiding the authentic self: Concealment of gender and sexual identity and its consequences for authenticity and psychological well-being* [Doctoral dissertation, University of Montana]. University of Montana.
- Breveglieri, M. (2008). Sessualità, liminalità e” lavoro di confine”: Il caso dell’esperienza bisessuale [Doctoral dissertation, Università Degli Studi di Padova]. Research Padua Archive. <https://www.research.unipd.it/handle/11577/3394917>
- Brewer, M., & Moradi, B. (2010). Perceived experiences of anti-bisexual prejudice. *Journal of Counseling Psychology*, *57*(4), 451–468. <https://doi.org/10.1037/a0021116>
- Brown, M. F., & Lilton, D. L. (2019). Finding the “B” in LGBTQ+: Collections and practices that support the bisexual and pansexual communities. In B. Mehra (Ed.), *LGBTQ+ Librarianship in the 21st century: Emerging directions of advocacy and community engagement in diverse information environments* (Vol. 45, pp. 143-165). Emerald.
- Brownfield, J. M., & Brown, C. (2022). The relations among outness, authenticity, and wellbeing for bisexual adults. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, *9*(1), 71-80. <https://doi.org/10.1037/sgd0000390>
- Burke S. E., LaFrance M. (2016). Lay conceptions of sexual minority groups. *Archives of Sexual Behavior*, *45*, 635–650.
- Burman, E. (1997). Minding the gap: Positivism, psychology, and the politics of qualitative methods. *Journal of Social Issues*, *53*(4), 785–801. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1997.tb02450.x>

- Burrill, K. G. (2009). Queering bisexuality. *Journal of Bisexuality*, 9(3–4), 491–499. <https://doi.org/10.1080/15299710903316737>
- Butler, J. (1990). *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. Routledge
- Butler, J. (2004). *Precarious life: The powers of mourning and violence*. Verso.
- Cabral, A. M. D. A. (2023). "É meio igual": Importância do género dos parceiros nas relações amorosas das jovens bissexuais portuguesas [Master's thesis, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/29895>
- Cadaret, M. C., Dykema, S. A., Ahmed, S., Jwayyed, J. S., Youker, A. C., & Knutson, D. (2018). A qualitative investigation of the experiences of people who panhandle. *The Counseling Psychologist*, 46(7), 870–898. <https://doi.org/10.1177/0011000018810774>
- Caldwell, K. (2010). We exist: Intersectional in/visibility in bisexuality & disability. *Disability Studies Quarterly*, 30(3/4). <https://doi.org/10.18061/dsq.v30i3/4.1273>
- Callis, A. S. (2009). Playing with Butler and Foucault: Bisexuality and queer theory. *Journal of Bisexuality*, 9(3–4), 213–233.
- Callis, A. S. (2013). The black sheep of the pink flock: Labels, stigma, and bisexual identity. *Journal of Bisexuality*, 13(1), 82–105. <https://doi.org/10.1080/15299716.2013.755730>
- Callis, A. S. (2014). Bisexual, pansexual, queer: Non-binary identities and the sexual borderlands. *Sexualities*, 17(1–2), 63–80.
- Callis, A. S. (2016). Beyond bi: Sexual fluidity and the post-bisexual revolution. In N. L. Fischer, S. Seidman & C. Meeks (Eds.), *Introducing the new sexuality studies* (pp. 215–224). Routledge. <https://doi.org/10.1080/15299716.2013.755730>
- Cardoso, D., & Klesse, C. (2025). Beyond equality—non-monogamy and the necropolitics of marriage. *Social Sciences*, 14(4), 233.
- Carrigan, M. (2011). There's more to life than sex? Difference and commonality within the asexual community. *Sexualities*, 14(4), 462–478.
- Carvalho, A. (2021, 17 May) 'Bissexualidade, monogamia e a arte do compromisso'. *Visão*. Available at: <https://visao.pt/opiniao/bolsa-de-especialistas/2021-05-17-bissexualidade-monogamia-e-a-arte-do-compromisso/>
- Cascais, A. F. (2020). Portugal 1974–2010: Da Revolução dos Cravos ao bouquet do casamento. *Melanges De La Casa De Velázquez*, 50(1), 163–187. <https://doi.org/10.4000/mcv.12442>
- Cass, V. C. (1979). Homosexual identity formation: A theoretical model. *Journal of Homosexuality*, 4(3), 219–235.
- Cass, V. C. (1990). The implications of homosexual identity formation for the Kinsey model. *Journal of Homosexuality*, 19(3), 31–58.
- Cassidy, T., & Wong, G. (2018). Consensually nonmonogamous clients and the impact of mononormativity in therapy. *Canadian Journal of Counselling and Psychotherapy*, 52(2), 119–139. <https://cjc-rcc.ucalgary.ca/article/view/61124>

- Castillo-Mayén, R., Vivas, S., García-Torres, F., Taberero, C., Santiago-Sillero, S., Onieva-Castón, L., & Luque, B. (2024). The Gender-Specific Binegativity Scale: Validation in a Spanish Sample of University Students and Proposal of a Brief Version. *Sexuality Research and Social Policy*, 21(1), 279-296.
- Castro, A. (2021). Stories told together: Male narratives of non-monogamous bi+ and heterosexual men. *Archives of Sexual Behavior*, 50(4), 1461–1477. <https://doi.org/10.1007/s10508-021-02008-6>
- Castro, A., & Carnassale, D. (2019). Loving more than one color: Bisexuals of color in Italy between stigma and resilience. *Journal of Bisexuality*, 19(2), 198–228. <https://doi.org/10.1080/15299716.2019.1617548>
- Chai, L. (2024). Perceived community belonging as a moderator of the association between sexual orientation and health and well-being. *American Journal of Health Promotion*, 38(9), 325-338. <https://doi.org/10.1177/08901171231204472>.
- Chan, R. C. H., & Leung, J. S. Y. (2023). Monosexism as an additional dimension of minority stress affecting mental health among bisexual and pansexual individuals in Hong Kong: The role of gender and sexual identity integration. *The Journal of Sex Research*, 60(5), 704-717. <https://doi.org/10.1080/00224499.2022.2119546>
- Chan, R. C. H., Operario, D., & Mak, W. W. S. (2020). Bisexual individuals are at greater risk of poor mental health than lesbians and gay men: The mediating role of sexual identity stress at multiple levels. *Journal of Affective Disorders*, 260, 292-301. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2019.09.020>.
- Chang, C. J., Feinstein, B. A., Chu, B. C., & Selby, E. A. (2022). Application of minority stress and the interpersonal theory of suicide in bisexual+ versus gay/lesbian young adults. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 52(4), 725–739.
- Chang, C. J., Feinstein, B. A., Meanley, S. P., & Mermelstein, R. J. (2022). Sexual identity disparities in suicidality. *Journal of Adolescent Health*, 70(3), 473–480.
- Charley, C., Feinstein, B. A., & Dyar, C. (2023). Partner gender and binegativity among bisexual women. *Journal of Bisexuality*, 23(2), 215–232.
- Charley, C., Manickas-Hill, O., Bartley, A., Bunting, A., & Mark, K. (2023). The Experience of Bi-Negativity in Mixed Gender Relationships. *Journal of Bisexuality*, 23(4), 374–402. <https://doi.org/10.1080/15299716.2023.2240325>
- Chen, S., & Van Ours, J. C. (2018). Subjective Well-being and Partnership Dynamics: are same-sex relationships different? *Demography*, 55(6), 2299–2320. <https://doi.org/10.1007/s13524-018-0725-0>
- Chirkov, V., & Anderson, J. (2018). Statistical positivism versus critical scientific realism. *Theory & Psychology*, 28(6), 737–756. <https://doi.org/10.1177/0959354318816829>
- Chun, K., & Singh, A. (2010). The bisexual youth of color intersecting identities development model: A contextual approach to understanding multiple marginalization experiences. *Journal of Bisexuality*, 10(4), 429-451. <https://doi.org/10.1080/15299716.2010.521059>.
- Cipollina, R., Eddy, Z., & Sanchez, D. T. (2024). Contested sexual identities and bi+ identity disclosure experiences. *Journal of Bisexuality*, 24(1), 1-25. <https://doi.org/10.1080/15299716.2023.2285065>

- Cipollina, R., Sanchez, D. T., Egert, A., Dominick, J. K., Albuja, A. F., & Maimon, M. R. (2022). Disclosure style and response engagement during disclosures of concealable stigmatized identities. *Social Psychological and Personality Science*, *13*(2), 466–475.
- Cipriano, A. E., Nguyen, D., & Holland, K. J. (2022). “Bisexuality isn’t exclusionary”: A qualitative examination of bisexual definitions and gender inclusivity concerns among plurisexual women. *Journal of Bisexuality*, *22*(4), 557–579. <https://doi.org/10.1080/15299716.2022.2060892>
- Cipriano, A.E., & Holland, K.J. (2024). The Nature and Perceived Effects of Bipositivity Among Plurisexual Women. *Journal of Bisexuality* *1*(39). <https://doi:10.1080/15299716.2024.2309406>
- Clark, K. A., Dyar, C., Bränström, R., & Pachankis, J. E. (2025). Psychosocial stressors explaining the monosexual–bisexual disparity in mental health. *Clinical Psychological Science*, *13*(3), 489–505. <https://doi.org/10.1177/21677026241234567>
- Clarke, V., Ellis, S. J., Peel, E., & Riggs, D. W. (2010). *Lesbian gay bisexual trans & queer psychology: An introduction*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511810121>
- Clegg, S. R. (2006). The problem of agency in critical social theory. *Organization Studies*, *27*(9), 1351–1370.
- Coll, E. (2023) *Actibismos: Una mirada bi sobre las luchas disidentes*. Pikara Magazine.
- Colledge, L., Hickson, F., Reid, D., & Weatherburn, P. (2015). Poorer mental health in bisexual women. *Journal of Public Health*, *37*(3), 427–437. <https://doi.org/10.1093/pubmed/fdu105>
- Condor, S. (2011). Towards a social psychology of citizenship? *Journal of Community & Applied Social Psychology*, *21*(3), 193–201. <https://doi.org/10.1002/casp.1089>
- Conferência Internacional de Geografia das Sexualidades. (2024). *European Geographies of Sexualities Conference (EGS 2024)*. Brighton, Reino Unido.
- Cooper, D. (1993). An engaged state: Sexuality, governance, and potential for change. In J. Bristow & A.R. Wilson (Eds.), *Activating theory: Lesbian, gay, bisexual politics* (pp. 190–218). Lawrence & Wishart.
- Copen, C. E., Chandra, A., & Febo-Vazquez, I. (2016). Sexual behavior, sexual attraction, and sexual orientation among adults aged 18-44 in the United States: Data from the 2011-2013 national survey of family growth. *National Health Statistics Report*, *88*, 1-14.
- Corey, J., Duggan, M., & Travers, Á. (2022). Risk and protective factors for intimate partner violence against bisexual victims: A systematic scoping review. *Trauma, Violence, & Abuse*, *24*(4), 2130–2142. <https://doi.org/10.1177/15248380221084749>
- Costa, P. A., Alberto Ribeiro-Gonçalves, J., Gomes, G., & Romeu, I. (2022). Coming out experiences and disclosure gap in three age cohorts of portuguese cisgender sexual minority men. *Sexuality Research and Social Policy*, *19*(4), 1662-1673.
- Coston, B. M. (2021). Power and inequality: Intimate partner violence against bisexual and non-monosexual women in the United States. *Journal of Interpersonal Violence*, *36*(1-2), 381-405. <https://doi.org/10.1177/0886260517726415>

- Craney, R. S., Watson, L. B., Brownfield, J., & Flores, M. J. (2018). Bisexual women's discriminatory experiences and psychological distress: Exploring the roles of coping and LGBTQ community connectedness. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 5(3), 324–337. <https://doi.org/10.1037/sgd0000276>.
- Crawford, C. (2025). *Gender, sexual citizenship and epistemic injustice in the Caribbean*. Palgrave Pivot. [https://doi.org/10.1007/978-3-031-83493-6\\_2](https://doi.org/10.1007/978-3-031-83493-6_2)
- Cromby, J. (2005). Theorizing embodied subjectivity. *International Journal of Critical Psychology*, 15, 133–150.
- Cross, H., Bremner, S., Meads, C., Pollard, A., & Llewellyn, C. (2024). Bisexual people experience worse health outcomes in England: Evidence from a cross-sectional survey in primary care. *The Journal of Sex Research*, 61(9), 1342-1350.
- Cvejić, B., & Vujanović, A. (2015). *Public sphere by performance*. b\_books.
- Danermark, B. (2002). Interdisciplinary research and critical realism. *Alethia*, 5(1), 56–64.
- D'Augelli, A. R. (1994). Identity development and sexual orientation: Toward a model of lesbian, gay, and bisexual development. In E. J. Trickett, R. J. Watts, & D. Birman (Eds.), *Human diversity: Perspectives on people in context* (pp. 312–333). Jossey-Bass/Wiley.
- Davenport-Pleasance, E. (2024). Bi-invisibility in academia; the intentional and accidental erasure of Bi+ parents in research and recommendations for future research. *Journal of Bisexuality*, 24(4), 534-573.
- Davila, J., Feinstein, B. A., Dyar, C. and Jabbour, J. (2021). How, when, and why do bisexual+ individuals attempt to make their identity visible? *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 8(1), 94–105. <https://doi.org/10.1037/sgd0000411>
- Davila, J., Jabbour, J., Dyar, C., & Feinstein, B. A. (2019). Bi+ visibility: Characteristics of those who attempt to make their bisexual+ identity visible and the strategies they use. *Archives of Sexual Behavior*, 48(1), 199–211.
- de Abreu, M. S., António, R., & Moleiro, C. (2025). Mind the gap! LGBTQ+ population's perceptions of discrimination and of legal innovation. *Sexuality Research and Social Policy*, 22(3), 1265-1279.
- de Barros, A. C., & Morrison, T. G. (2023). Development and validation of the Positive Bisexual Identity (PBI) scale. *Psychology & Sexuality*, 14(1), 73-93.
- Dean, C. (1995). *The self and its pleasures*. Cornell University Press.
- DeCapua, S. R. (2017). Bisexual women's experiences with binegativity in romantic relationships. *Journal of Bisexuality*, 17(4), 451–472.
- DeLamater, J. D., & Hyde, J. S. (1998). Essentialism vs. social constructionism. *Journal of Sex Research*, 35(1), 10–18.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (Eds.) (2011). *The SAGE Handbook of Qualitative Research* (4th ed.). Sage.
- Dhoest, A. (2022). Then and now: Formative experiences and generational perspectives among Flemish GBTQ Baby Boomers. *Journal of Men's Health*, 18(10), 1-9. <https://doi.org/10.31083/j.jomh1810203>

- Diamond, L. M. (1998). Development of sexual orientation among adolescent and young adult women. *Developmental Psychology*, 34(5), 1085–1095.
- Diamond, L. M. (2008). *Sexual fluidity: Understanding women's love and desire*. Harvard University Press
- Diamond, L. M., Dickenson, J. A., & Blair, K. L. (2017). Stability of sexual attractions across different timescales: The roles of bisexuality and gender. *Archives of Sexual Behavior*, 46(1), 193–204.
- DiBartolomeo, A. (2021). Bisexuality in psychotherapy. *Psychotherapy*, 58(4), 456–468.
- DiBartolomeo, J. (2021). *Bisexual Therapy Clients: Are Therapists Perpetuating Monosexism and Biphobia in the Therapy Room?* [Doctoral Dissertation, Widener University], ProQuest Dissertations Publishing.
- Dingle, C. (2017). *Pansexuality vs. bisexuality: The big debate: Does “bi” really mean an attraction to just two genders and “pan” an attraction to all genders?* Curve Mag
- Doan Van, E. E., Mereish, E. H., Woulfe, J. M., & Katz-Wise, S. L. (2019). Perceived discrimination, coping mechanisms, and effects on health in bisexual and other nonmonosexual adults. *Archives of Sexual Behavior*, 48(1), 159-174. <https://doi.org/10.1007/s10508-018-1254-z>
- Dodge, B., Herbenick, D., Friedman, M. R., Schick, V. & Fu, T.-C. (J.), Bostwick, W., Bartelt, E., Muñoz-Laboy, M., Pletta, D., Reece, M., & Sandfort, T. G. M. (2016). Attitudes toward bisexual men and women among a nationally representative probability sample of adults in the United States. *PLoS ONE*, 11(10). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0164430>
- Duggan, L. (2002). The new homonormativity: The sexual politics of neoliberalism. In R. Castronovo & D.D. Nelson (Eds.), *Materializing democracy: Toward a revitalized cultural politics* (pp. 175–194). Duke University Press.
- Dunlop, B. J., Hunter, C., Shafti, M., Coleman, S. E., Hartley, S., & Taylor, P. J. (2022). ‘Why is it so different now I’m bisexual?’: young bisexual people’s experiences of identity, belonging, self-injury, and COVID19. *Psychology & Sexuality*, 13(3), 756-773.
- Dyar, C., & Feinstein, B. A. (2018). Binegativity: Attitudes toward and stereotypes about bisexual individuals. In D. J. Swan & S. Habibi (Eds.), *Bisexuality: Theories, research, and recommendations for the invisible sexuality* (pp. 95–111). Springer International Publishing
- Dyar, C., & London, B. (2018). Longitudinal examination of a bisexual-specific minority stress process among bisexual cisgender women. *Psychology of Women Quarterly*, 42(3), 342-360.
- Dynes, W. R. (1990). *Encyclopedia of homosexuality*. Garland.
- Eadie, J. (1993). Activating bi/sexuality: Towards a bisexual politics. In J. Bristow & A. R. Wilson (eds.), *Activating theory: Lesbian, gay, bisexual politics* (pp. 139–155). Lawrence & Wishart.

Eagly, A. H., & Riger, S. (2014). Feminism and psychology. *American Psychologist*, 69(7), 685–702. <https://doi.org/10.1037/a0037372>

Edenborg, E. (2020). Visibility in global queer politics. In D. Paternotte & M. Tremblay (Eds.), *The Oxford Handbook of Global LGBT and Sexual Diversity Politics* (pp. 349–365). Oxford University Press.

Eisner, S. (2013). *Bi: Notes for a bisexual revolution*. Seal Press.

Elder-Vass, D. (2010). *The causal power of social structures*. Cambridge University Press.

Elia, J. P. (2014). Bisexuality and schooling: Erasure and implications for health. *Journal of Bisexuality*, 14(1), 36–52.

Elia, J. P., Eliason, M., & Beemyn, G. (2018). 1 Mapping Bisexual Studies: Past and Present, and Implications for the Future. In D. Swan & S. Habibi (Eds.), *Bisexuality: Theories, research, and recommendations for the invisible sexuality* (pp. 1-18). Springer.

Eliason, M. J. (2001). Bisexuality: The invisible minority. *Journal of Bisexuality*, 1(2–3), 3–17. [https://doi.org/10.1300/J159v01n02\\_02](https://doi.org/10.1300/J159v01n02_02)

Erickson-Schroth, L., & Mitchell, J. (2014). Queering queer theory, or why bisexuality matters. In J. Alexander & S. Anderlini-D’Onofrio (Eds.), *Bisexuality and Queer Theory: Intersections, Connections and Challenges* (pp. 105–123). Routledge.

Escobedo, D. M. (2023, 26 December) Eferescencia bi: El activismo bisexual eclosiona con nuevos colectivos en todo el Estado. *El Salto*. <https://www.elsaltodiario.com/lgtbiq/momento-bi-activismo-bisexual-efervescencia-colectivos-todo-estado>

Ess, M., Burke, S. E., & LaFrance, M. (2023). Gendered Anti-Bisexual Bias: Heterosexual, Bisexual, and Gay/Lesbian People's Willingness to Date Sexual Orientation Ingroup and Outgroup Members. *Journal of Homosexuality*, 70(8), 1461–1478. <https://doi.org/10.1080/00918369.2022.2030618>

Esteves, M. (2021). Bisexual Citizenship in Portugal. In A. C. Santos (Ed.). *LGBTQI+ intimacies in Southern Europe* (pp.35-56). Palgrave. [https://doi.org/10.1007/978-3-031-13508-8\\_3](https://doi.org/10.1007/978-3-031-13508-8_3)

Esteves, M., & Pieri, M. (2023). ‘At the fringes of pride politics: Experiences of bisexual and chronically ill LGBTQ+ people in Portugal’. *Lambda Nordica*, 28(2–3), 82–110. <https://doi.org/10.34041/ln.v28.897>

European Commission. (2023, December). *Eurobarometer on discrimination in the European Union 2023: Social acceptance of LGBTIQ people* (Standard Eurobarometer No. 100) [Press release]. Publications Office of the European Union. <https://op.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/9635acca-c3de-11ee-95d9-01aa75ed71a1>

European Union Agency for Fundamental Rights. (2012). *EU LGBT survey: European Union lesbian, gay, bisexual and transgender survey – Results at a glance*. Publications Office of the European Union. <https://fra.europa.eu/en/publication/2012/eu-lgbt-surveyresults-glance>

- European Union Agency for Fundamental Rights. (2019). *A long way to go for LGBTI equality*. Publications Office of the European Union. <https://fra.europa.eu/en/publication/2019/eu-lgbti-survey-results>
- European Union Agency for Fundamental Rights. (2023). *LGBTIQ equality: Still a long way to go*. Publications Office of the European Union. <https://fra.europa.eu/en/publication/2023/lgbtiq-equality>
- European Union Agency for Fundamental Rights (FRA) (2024) *Fundamental rights report 2024*. Luxembourg: Publications Office of the European Union. Available at: <https://data.europa.eu/doi/10.2811/999261>
- Evans, D. (1993). *Sexual citizenship: The material construction of sexualities*. Routledge.
- Fahs, B. (2009) Compulsory bisexuality? The challenges of modern sexual fluidity. *Journal of Bisexuality*, 9(3), 431–449.
- Fahs, B., & Koerth, K. M. (2018). 7 Female Bisexuality: Identity, Fluidity, and Cultural Expectations. In D. Swan & S. Habibi (Eds.) *Bisexuality: Theories, research, and recommendations for the invisible sexuality* (pp. 113-126). Springer.
- Fantacci, F., Fallani, G., Cetola, M., Antonelli, P., Giunti, D., Benucci, S. B., & Fioravanti, G. (2023). To be or not to be bi in Italy: Psychological well-being in a sample of bisexual individuals. *BPA-Applied Psychology Bulletin (Bollettino di Psicologia Applicata)*, 298, 1-13. <http://doi.org/10.26387/bpa.2023.00012>
- Feinstein, B. A., & Dyar, C. (2017). Bisexuality, minority stress, and health. *Current Sexual Health Reports*, 9(1), 42–49.
- Feinstein, B. A., Dyar, C., & London, B. (2016). Are outness and community involvement risk or protective factors for alcohol and drug abuse among sexual minority women? *Archives of Sexual Behavior*, 46(5), 1411–1423. <https://doi.org/10.1007/s10508-016-0790-7>
- Feinstein, B. A., Dyar, C., Bhatia, V., Latack, J. A., & Davila, J. (2014). Willingness to engage in romantic and sexual activities with bisexual partners: Gender and sexual orientation differences. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 1(3), 255-262.
- Feinstein, B. A., Ford, J. V., Lattanner, M. R., Bo, N., Tu, W., & Dodge, B. (2023). The role of partner gender in bisexual men’s stigma-related experiences and mental health: Results from a probability-based sample in the United States. *Stigma and Health*, 8(2), 179–186. <https://doi.org/10.1037/sah0000297>
- Feinstein, B. A., Franco, M., Henderson, R. F., Collins, L. K., & Davari, J. (2019). A Qualitative Examination of Bisexual Identity Invalidation and its Consequences for Wellbeing, Identity, and Relationships. *Journal of Bisexuality*, 19(4), 461–482. <https://doi.org/10.1080/15299716.2019.1671295>
- Feinstein, B. A., Hall, C. D. X., Dyar, C., & Davila, J. (2020). Motivations for sexual identity concealment and their associations with mental health among bisexual, pansexual, queer, and fluid (bi+) individuals. *Journal of Bisexuality*, 20(3), 324-341. <https://doi.org/10.1080/15299716.2020.1743402>
- Feinstein, B., Benjamin, I., Dorrell, K., Foley, S., Blumenau, H., Cragun, R., & Manalastas, E. (2022). An examination of attitudes toward bisexual people at the intersections of

- gender and race/ethnicity. *Journal of Bisexuality*, 22(4), 463-484. <https://doi.org/10.1080/15299716.2022.2084485>.
- Fereday, J., & Muir-Cochrane, E. (2006). Demonstrating rigor using thematic analysis: A hybrid approach of inductive and deductive coding and theme development. *International journal of qualitative methods*, 5(1), 80-92.
- Fernandes, M., Reis, E., & Moleiro, C. (2023). Conflict between religious/spiritual and LGB identities in Portugal: How is it related to coming out experiences, LGB identity dimensions and well-being?. *Psychology of Religion and Spirituality*, 15(3), 346.
- Ferreira, E. (2015). Movimento lésbico em Portugal: percursos e desafios. *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*, (34), 35-50. [http://scielo.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-68852015000200005&lng=pt&tlng=pt](http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-68852015000200005&lng=pt&tlng=pt)
- Ferreira, E. (2018). 'LES friendly': práticas geoespaciais participativas para a promoção de espaços públicos mais inclusivos. *Rlagg*, 9(2), 91-113. <https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.9.i2.0004>
- Ferreira, E., & Salvador, R. (2015). Lesbian collaborative web mapping: Disrupting heteronormativity in Portugal. *Gender, Place & Culture*, 22(7), 954-970. <https://doi.org/10.1080/0966369X.2014.917276>
- Ferrera, M. (2005). *Welfare state reform in Southern Europe: Fighting poverty and social exclusion in Italy, Spain, Portugal and Greece*. Routledge.
- Ferster, O., & Zivony, A. (2024). Bisexual stereotypes in clinical evaluation. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 11(4), 619.
- Fine, M. (2013). Echoes of Bedford. *American Psychologist*, 68(8), 687-698.
- Finlay, L. (2002). "Outing" the researcher. *Qualitative Health Research*, 12(4), 531-545.
- Firestein, B. A. (1996) *Bisexuality: The psychology and politics of an invisible minority*. Sage Publications.
- Firestein, B. A. (2007). Cultural and relational contexts of bisexual women. In B. Firestein (Ed.), *Becoming visible* (pp. 89-103). Columbia University Press.
- Flanders, C. E. (2016). Bisexuality, social identity, and well-being: An exploratory study. *Sexualities*, 19(5-6), 497-516. <https://doi.org/10.1177/1363460715609093>
- Flanders, C. E. (2017). Under the bisexual umbrella: Diversity of identity and experience. *Journal of Bisexuality*, 17(1), 1-6.
- Flanders, C. E., & Hatfield, E. (2013). Perceptions of Gender and Bisexuality: An Exploration of the Relationship Between Perceived Masculinity, Femininity, and Sexual Ambiguity. *Journal of Bisexuality*, 13(3), 374-389. <https://doi.org/10.1080/15299716.2013.813418>
- Flanders, C. E., Anderson, R. E., Tarasoff, L. A., & Robinson, M. (2019). Bisexual stigma, sexual violence, and sexual health among bisexual and other plurisexual women: A cross-sectional survey study. *The Journal of Sex Research*, 56(9), 1115-1127. <https://doi.org/10.1080/00224499.2018.1563042>

- Flanders, C. E., Dobinson, C., & Logie, C. (2015). "I'm never really my full self": Young bisexual women's perceptions of their mental health. *Journal of Bisexuality*, 15(4), 454-480. <https://doi.org/10.1080/15299716.2015.1079288>.
- Flanders, C. E., Dobinson, C., & Logie, C. (2017a). Young bisexual women's perspectives on the relationship between bisexual stigma, mental health, and sexual health: A qualitative study. *Critical Public Health*, 27(1), 75-85.
- Flanders, C. E., Tarasoff, L. A., Legge, M. M., Robinson, M., & Gos, G. (2017b). Positive identity experiences of young bisexual and other nonmonosexual people: A qualitative inquiry. *Journal of Homosexuality*, 64(8), 1014-1032.
- Fletcher, A. J. (2017). Applying critical realism in qualitative research. *International Journal of Social Research Methodology*, 20(2), 181-194.
- Flick, U. (2018). *Designing qualitative research*. Sage.
- Florin, P., & Wandersman, A. (1990). An introduction to citizen participation, voluntary organizations, and community development: Insights for empowerment through research. *American Journal of Community Psychology*, 18(1), 41-54.
- Foote, M. Q., & Gau Bartell, T. (2011). Pathways to equity in mathematics education. *Educational Studies in Mathematics*, 78(1), 45-68.
- Ford, J. V., & Shefner, R. (2023). A need for more research: How to understand elevated rates of sexual assault among bisexual college women. *Violence and Gender*, 10(3), 119-127. <https://doi.org/10.1089/vio.2022.0022>
- Formby, E. (2011). Lesbian and bisexual women's human rights, sexual rights and sexual citizenship. *Culture, Health & Sexuality*, 13(10), 1165-1179.
- Formby, E. (2017) *Exploring LGBT Spaces and Communities: Contrasting identities, Belongings and Wellbeing*. Routledge.
- Formby, E. (2020). LGBT 'Communities' and the shaping of Intimacy. *Sociological Research Online*, 27(1), 8-26.
- Foucault, M. (1977). *Histoire de la sexualité I: La volonté de savoir*. Gallimard.
- Foucault, M. (1979). *Discipline and punish: The birth of the prison*. Vintage.
- Fox, R. (1995). Bisexual identity and developmental models. *Journal of Bisexuality*, 1(1), 21-40.
- Fox, R. (2000). Bisexuality in perspective: A review of theory and research. In B. Greene & G. L. Croom (Eds.), *Education, research, and practice in lesbian, gay, bisexual, and transgendered psychology: A resource manual* (pp. 161-206). Sage Publications.
- Fox, R. C. (1993). *Coming out bisexual: Identity, behavior, and sexual orientation self-disclosure*. California Institute of Integral Studies.
- Francis, A., et al. (2024). Chronic kidney disease and the global public health agenda. *Nature Reviews Nephrology*, 20(7), 473-485.
- Frente Bissexual Brasileira (2021) *Manifesto bissexual brasileiro*. Available at: <https://www.frentebissexualbrasileira.org/manifesto-bissexual-brasileiro>

- Fricker, M. (2007). *Epistemic injustice: Power and the ethics of knowing*. Oxford University Press.
- Friedman, M. R., Dodge, B., Schick, V., Herbenick, D., Hubach, R. D., Bowling, J., Goncalves, G., Krier, S., & Reece, M. (2014). From bias to bisexual health disparities: Attitudes toward bisexual men and women in the United States. *LGBT Health, 1*(4), 309–318.
- Frost, D. M., & Meyer, I. H. (2023). Minority stress theory: Application, critique, and continued relevance. *Current Opinion in Psychology, 51*, 101579.
- Fuller, K. A., & Hovland, C. A. (2022). Bipositivity: Bisexual persons' narratives of acceptance and support from significant others. *Journal of Homosexuality, 69*(1), 1–13.
- Fundamental Right Agency (FRA). (2024). *A long way to go for LGBTI equality*. Luxembourg: Publications Office of the European Union.
- Fundamental Rights Agency (FRA). (2020). *A long way to go for LGBTI equality*. Luxembourg: Publications Office of the European Union.
- Gahagan, J., & Colpitts, E. (2017). Understanding and measuring LGBTQ pathways to health. *Journal of Homosexuality, 64*(1), 95–121.
- Galupo, M. P. (2018). Plurisexual identity labels and the marking of bisexual desire. In D. J. Swan & S. Habibi (Eds.), *Bisexuality: Theories, research, and recommendations for the invisible sexuality* (pp. 61-75). Springer International Publishing/Springer Nature. [https://doi.org/10.1007/978-3-319-71535-3\\_4](https://doi.org/10.1007/978-3-319-71535-3_4)
- Galupo, M. P., Ramirez, J. L., & Pulice-Farrow, L. (2018). “Regardless of their gender”: Descriptions of sexual identity among bisexual, pansexual, and queer identified individuals. In C. E. Flanders (Ed.), *Under the bisexual umbrella: Diversity of identity and experience* (pp. 108-124). Routledge.
- Galupo, M., Taylor, S. M., & Cole Jr, D. (2019). “I am double the bi”: Positive aspects of being both bisexual and biracial. *Journal of Bisexuality, 19*(2), 152-168.
- Gardner, S. R. (2016) *Assessing the needs of non-monosexual students related to campus LGBT services*. Culminating Projects in Higher Education Administration, 4. St. Cloud State University. Available at: [https://repository.stcloudstate.edu/hied\\_etds/4](https://repository.stcloudstate.edu/hied_etds/4)
- Gates, G. J. (2011). How many people are lesbian, gay, bisexual and transgender? *UCLA: The William Institute*. Retrieved from <https://escholarship.org/uc/item/09h684x2>
- Gates, T. G., & Hughes, M. (2023). Civic engagement and loneliness in lesbian, gay, bisexual, transgender, intersex, and queer+ Australian volunteers. *Australian Social Work, 76*(4), 575-588.
- Gergen, K. J., & McNamee, S. (1992). *Therapy as social construction*. Sage Publications
- Ghabrial, M. A., & Mitchell, J. W. (2024). Structural stigma and bisexual health. *American Journal of Orthopsychiatry, 94*(1), 34–45. <https://doi.org/10.1037/ort0000703>
- Ghabrial, M. A., & Ross, L. E. (2018). Representation and erasure of bisexual people of color. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity, 5*(2), 132–142. <https://doi.org/10.1037/sgd0000286>

- Giddens, A. (1984). *Elements of the theory of structuration*. In K. Jenkins (Ed.), *Practicing history: New directions in historical writing after the linguistic turn* (pp. 121–142). Routledge.
- Gomes, A., Saleiro, S. P., Pegado, E. and Barroso, M. M. (2023) ‘Social representations of sexual orientation and gender identity among nurses in Portugal’. *Sexuality Research and Social Policy*, 20(4), pp. 1498–1514. Available at: <https://doi.org/10.1007/s13178-023-00816-0>
- Gomes, M. (2018, 5 July) ‘Será que já se vê o B de LGBT? (Is the “B” in LGBT finally being seen?)’. *Público*. Available at: <https://www.publico.pt/2018/07/05/p3/cronica/sera-que-ja-se-ve-o-b-de-lgbt-1836757>
- Gomes, R., Toma, T. S., Silva, J. D. L. D., Domene, F. M., & Silva, A. D. (2023). A homoparentalidade como questão da saúde coletiva: Uma revisão de escopo. *Revista de Saúde Pública*, 57, Article 80.
- Gonel, A. H. (2013). Pansexual identification in online communities: Employing a collaborative queer method to study pansexuality. *Graduate Journal of Social Science*, 10(1), 36-59.
- González Robles, A., Roca, P., Sánchez-Fuentes, M. del M., Jiménez-Pérez, Y., & Ondé, D. (2024). Exploring biphobia among heterosexuals and LGBTQ+ individuals in Spain: Psychometric properties of the biphobia scale in a Spanish sample. *Journal of Bisexuality*, 24(2), 185–209. <https://doi.org/10.1080/15299716.2024.2309393>
- Gonzalez, K. A., Flanders, C. E., Pulice-Farrow, L., & Bartnik, A. (2021). “It’s almost like bis, pans kind of stick together”: Bi+ belonging and community connection. *Journal of Bisexuality*, 21(2), 194-224. <https://doi.org/10.1080/15299716.2021.1927282>.
- Gooding, A. R., et al. (2023). Situated agency. *Journal of LGBT Youth*, 20(3), 524–544.
- Gordon-Orr, R. (2021). Mononormativity and related normative bias in the UK immigration system: The experience of LGBTIQ+ asylum seekers. *Frontiers in Human Dynamics*, 3, Article 659003.
- Gorski, P. S. (2013). What is critical realism? *Contemporary Sociology*, 42(5), 658–670. <https://doi.org/10.1177/0094306113499533>
- Gough, B., & Madill, A. (2012). Subjectivity in psychological science. *Psychological Methods*, 17(3), 374–384.
- Graham, K. K. (2019). Erasure on all sides: A public health analysis of mental health disparities experienced by bisexual individuals. *The Hilltop Review*, 11(2), 12–24.
- Grant, R., Nash, M., & Hansen, E. (2020). What does inclusive sexual and reproductive healthcare look like for bisexual, pansexual and queer women? Findings from an exploratory study from Tasmania, Australia. *Culture, Health & Sexuality*, 22(3), 247-260. <https://doi.org/10.1080/13691058.2019.1584334>
- Grau-i-Muñoz, A., & Faus-Bertomeu, A. (2025). Re“BI”siting sexual categories: Ontologies and epistemologies of bisexual youth in Spain. *Sexualities*, 28(8), 2363–2381. <https://doi.org/10.1177/13634607251333828>
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.) *Handbook of qualitative research* (pp. 105–117). Sage

- Guidry, L. L. (1999). Clinical intervention with bisexuals: A contextualized understanding. *Professional Psychology: Research and Practice*, 30(1), 22–26.
- Gusmano, B. (2018). Coming out through an intersectional perspective: Narratives of bisexuality and polyamory in Italy. *Journal of Bisexuality*, 18(1), 15-34. <https://doi.org/10.1080/15299716.2017.1416510>
- Gustavson, M. (2014). Bisexuals in relationships: Uncoupling intimacy from gender ontology. In J. Alexander & S. Anderlini-D’Onofrio (Eds.), *Bisexuality and Queer Theory: Intersections, Connections and Challenges*. (pp. 215–237). Routledge.
- Haas, S. M., & Lannutti, P. J. (2022). Relationship maintenance behaviors, resilience, and relational quality in romantic relationships of LGBTQ+ people. *Couple and Family Psychology: Research and Practice*, 11(2), 117-131.
- Habibi, S., & Stueck, F. (2018). Well-being: Bisexuality and mental and physical health. In D. J. Swan & S. Habibi (Eds.), *Bisexuality: Theories, research, and recommendations for the invisible sexuality* (pp. 165-188). Springer International Publishing.
- Hall, W. J., Dawes, H. C., & Plocek, N. (2021). Sexual orientation identity development milestones among lesbian, gay, bisexual, and queer people: A systematic review and meta-analysis. *Frontiers in psychology*, 12, 753954.
- Hammack, P. L., Frost, D. M., & Hughes, S. D. (2019). Queer intimacies: A new paradigm for the study of relationship diversity. *The Journal of Sex Research*, 56(4–5), 556–592.
- Hardikar, A. (2015, 28 September) Recognizing the unique challenges in the bisexual community. *The White House Archives*. Available at: <https://obamawhitehouse.archives.gov/blog/2015/09/28/recognizing-unique-challenges-bisexual-community>
- Harper, D. (2011). *Qualitative Research Methods in Mental Health and Psychotherapy*. Wiley-Blackwell.
- Harrad, K. (Ed.). (2016). *Purple Prose: Bisexuality in Britain*. Thorntree Press LLC.
- Hatzenbuehler, M. L., & Pachankis, J. E. (2016). Stigma and minority stress. *American Journal of Public Health*, 106(5), 813–821.
- Hayfield N. (2022). Recent developments in research with bisexual women. *Current Opinion in Psychology*, 48, 101489. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2022.101489>
- Hayfield, N. (2020). *Bisexual and Pansexual Identities: Exploring and challenging Invisibility and Invalidation*. Routledge.
- Hayfield, N., & Křížová, K. (2021). It’s like bisexuality, but it isn’t: Pansexual and panromantic people’s understandings of their identities and experiences of becoming educated about gender and sexuality. *Journal of Bisexuality*, 21(2), 167-193. <https://doi.org/10.1080/15299716.2021.1911015>
- Hayfield, N., Campbell, C., & Reed, E. (2018). Misrecognition and managing marginalisation: Bisexual people’s experiences of bisexuality and relationships. *Psychology & Sexuality*, 9(3), 221–236.
- Hearn, J. (2011). Sexualities, work, organizations, and managements: Empirical, policy, and theoretical challenges. In E. L. Jeanes, D. Knights & P. Y. Martin (Eds.), *Handbook of Gender, Work and Organization* (pp. 299–314). Wiley

- Hegarty, P. (2017). *A recent history of lesbian and gay psychology: From homophobia to LGBT*. Routledge.
- Hegarty, P. (2020, July 30). LGBTQ psychology. *Oxford Research Encyclopedia of Psychology*. Retrieved December 24, 2025, from <https://oxfordre.com/psychology/view/10.1093/acrefore/9780190236557.001.0001/acrefore-9780190236557-e-666>
- Hemmings, C. (2002). *Bisexual spaces: A geography of sexuality and gender*. Routledge.
- Hemmings, C. (2003). Locating bisexual identities: Discourses of bisexuality and contemporary feminist theory. In D. Bell & G. Valentine (Eds.), *Mapping Desire; Geog Sexuality* (pp. 37–49). Routledge.
- Hepworth, J. (2006a). *Strengthening critical health psychology: A critical action orientation*. *Journal of Health Psychology*, 11(3), 401–408.
- Hepworth, J. (2006b). The emergence of critical health psychology: Can it contribute to promoting public health?. *Journal of Health Psychology*, 11(3), 331–341.
- Herek, G. M. (2002). Heterosexuals' Attitudes toward Bisexual Men and Women in the United States. *The Journal of Sex Research*, 39(4), 264–274. <http://www.jstor.org/stable/3813227>
- Hertlein, K. M., Hartwell, E. E., & Munns, M. E. (2016). Attitudes toward bisexuality according to sexual orientation and gender. *Journal of Bisexuality*, 16(3), 339–360.
- Hines, S. (2009). A pathway to diversity?: Human rights, citizenship and the politics of transgender. *Contemporary Politics*, 15(1), 87–102.
- Holm, A.K., Johnson, A. N., Clockston, R., Oselinsky, K., Lundeberg, P. J., Rand, K., & Graham, D. J. (2022). Intersectional health disparities: The relationships between sex, race/ethnicity, and sexual orientation and depressive symptoms. *Psychology & Sexuality*, 13(4), 1068–1089. <https://doi.org/10.1080/19419899.2021.1982756>
- Holmes, A. G. D. (2020). Researcher positionality. *Shanlax International Journal of Education*, 8(4), 1–10. <https://doi.org/10.34293/education.v8i4.3232>
- Holthaus, C. (2015). The future of bisexual activism. *QED: A Journal in GLBTQ Worldmaking*, 2(1), 22–36. <https://doi.org/10.14321/qed.2.1.002>
- Hubbard, K. A., & Griffiths, D. A. (2019). Sexual offence, diagnosis, and activism: A British history of LGBTIQ psychology. *American Psychologist*, 74(8), 940–953. <https://doi.org/10.1037/amp0000544>
- hooks, b. (1984). *Feminist theory: From margin to center*. South End Press.
- hooks, b. (1990). *Yearning: Race, gender, and cultural politics*. South End Press.
- Horne, S. G., Puckett, J. A., Apter, R., & Levitt, H. M. (2014). Positive psychology and LGBTQ populations. In J. Teramoto & L. Edwards (Eds.), *Perspectives on the intersection of multiculturalism and positive psychology* (pp. 189–202). Springer.
- Howarth, C., Andreouli, E., & Kessi, S. (2014). Social representations and the politics of participation. In P. Nesbitt-Larking, C. Kinnvall, T. Kapelos & H. Dekker (Eds.), *The Palgrave Handbook of Global Political Psychology* (pp. 19–38). Palgrave Macmillan.

- Huang, Y. T., & Chan, R. C. (2022). Effects of sexual orientation concealment on well-being among sexual minorities: How and when does concealment hurt?. *Journal of Counseling Psychology*, 69(5), 630–641.
- Hung, F. N., & Chan, R. C. (2024). Identity experiences, group consciousness, and collective action among bisexual individuals: An investigation of identity-based pathways that facilitate and constrain collective action through multiple levels of influence. *Sexuality Research and Social Policy*, 22, 1501–1515. <https://doi.org/10.1007/s13178-024-01057-5>
- Hura, R. (2016). Against Bisexual Erasure: The Beginnings of Bi Activism in Serbia. In B. Bilić & S. Kajinić (Eds.) *Intersectionality and LGBT Activist Politics*. Palgrave Macmillan. [https://doi.org/10.1057/978-1-137-59031-2\\_3](https://doi.org/10.1057/978-1-137-59031-2_3)
- ILGA-Europe (2024) *Annual review of the human rights situation of lesbian, gay, bisexual, trans and intersex people in Europe & Central Asia*. Available at: [https://www.ilga-europe.org/files/uploads/2024/02/2024\\_full\\_annual\\_review.pdf](https://www.ilga-europe.org/files/uploads/2024/02/2024_full_annual_review.pdf)
- ILGA-Europe. (2024). *Rainbow Europe*. <https://rainbowmap.ilga-europe.org/>
- ILGA-Europe. (n.d.). *Portugal*. Rainbow Europe. Retrieved December 12, 2025, from <https://rainbowmap.ilga-europe.org/countries/portugal/>
- Isin, E. (2017). Performative citizenship. In A. Shachar, R. Bauböch, I. Bloemraad & M. Vink (Eds.), *The Oxford Handbook of Citizenship* (pp. 500–523). Oxford University Press.
- Isin, E. (2019). Doing rights with things. In K. Evert, P. Hildebrandt, S. Peters, M. Schaub, K. Wildner, & G. Ziemer (Eds.), *Performing citizenship: Bodies, agencies, limitations* (pp. 45–56). Palgrave Macmillan.
- Isin, E. F. (2008). *Theorizing acts of citizenship*. Zed Books.
- Isolani, S., Pistella, J., Chiarolanza, C., Baldi, M., Masturzi, A., Randall, A. K., Lannutti, P. J., Gandhi, Y., Martos, T., Rosta-Filep, O., Basili, E., & Baiocco, R. (2024). Bisexual Women in a Romantic Relationship: Coming out and Internalized Binegativity in Same/Different Gender Couples. *Journal of Bisexuality*, 1–22. <https://doi.org/10.1080/15299716.2024.2321624>
- Israel, T. (2018). Bisexuality: From margin to center. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 5(2), 233.
- Israel, T. (2019). Conversations, not categories: The intersection of biracial and bisexual identities. In *Biracial women in therapy* (pp. 173–184). Routledge
- Israel, T., & Mohr, J. J. (2004). Attitudes toward bisexual women and men: Current research, future directions. *Journal of Bisexuality*, 4(1-2), 117-134.
- James, C. (1996). Denying complexity. In B. Beemyn & M. Eliason (Eds.), *Queer studies* (pp. 217–240). NYU Press.
- Jamieson, L. (2011). Intimacy as a concept: Explaining social change in the context of globalisation or another form of ethnocentrism?. *Sociological research online*, 16(4), 151-163.
- Janssen, D. F. (2024). Monosexual/plurisexual: A concise history. *Journal of Homosexuality*, 71(8), 1839-1862. <https://doi.org/10.1080/00918369.2023.2218957>

- Jauho, M., & Helén, I. (2022). Citizenship by vitality. *Distinktion*, 24(3), 467–487.
- Johnson N. L., Grove M. (2017). Why us? Toward an understanding of bisexual women's vulnerability for and negative consequences of sexual violence. *Journal of Bisexuality*, 17(4), 435–450. <https://doi.org/10.1080/15299716.2017.1364201>
- Jones, J. M. (2022, February 17). *LGBT identification in U.S. ticks up to 7.1%*. Gallup. <https://news.gallup.com/poll/389792/lgbt-identification-ticks-up.aspx>
- Jones, R. L. (2011). Imagining bisexual futures: Positive, non-normative later life. *Journal of Bisexuality*, 11(2–3), 245–270. <https://doi.org/10.1080/15299716.2011.571988>
- Jorm, A. F., Korten, A. E., Rodgers, B., Jacomb, P. A., & Christensen, H. (2002). Sexual orientation and mental health: results from a community survey of young and middle-aged adults. *The British Journal of Psychiatry* 180, 423–427. <https://doi.org/10.1192/bjp.180.5.423>
- Kagan, C., & Burton, M. (2001). *Critical community psychological praxis for the 21st century*. IOD Research Group, Manchester Metropolitan University.
- Kann, L., Olsen, E. O., McManus, T., Harris, W. A., Shanklin, S. L., Flint, K. H., Queen, B., Lowry, R., Chyen, D., Whittle, L., Thornton, J., Lim, C., Yamakawa, Y., Brener, N., & Zara, S. (2016). Sexual identity, sex of sexual contacts, and health-related behaviors among students in grades 9-12 - United States and selected sites, 2015. *MMWR Surveillance Summaries*, 65(9), 1-202. <https://doi.org/10.15585/mmwr.ss6509a1>
- Katz-Wise, S. L., & Hyde, J. S. (2015). Sexual fluidity and related attitudes and beliefs among young adults with a same-gender orientation. *Archives of Sexual Behavior*, 44(5), 1459-1470. <https://doi.org/10.1007/s10508-014-0420-1>
- Katz-Wise, S. L., Mereish, E. H., & Woulfe, J. (2017). Associations of bisexual-specific minority stress and health among cisgender and transgender adults with bisexual orientation. *The Journal of Sex Research*, 54(7), 899-910. <https://doi.org/10.1080/00224499.2016.1236181>
- Kilianski, S. E. (2003). Explaining heterosexual men's attitudes toward women and gay men: The theory of exclusively masculine identity. *Psychology of Men & Masculinity*, 4(1), 37–56. <https://doi.org/10.1037/1524-9220.4.1.37>
- Kinsey, A. C., Pomeroy, W. B., & Martin, C. E. (1948). *Sexual behavior in the human male*. W. B. Saunders.
- Kinsey, A. C., Pomeroy, W. B., Martin, C. E., & Gebhard, P. H. (1953). *Sexual behavior in the human female*. Saunders.
- Kitzinger, C., & Wilkinson, S. (2004). The re-branding of marriage. *Feminism & Psychology*, 14(1), 127–150.
- Klein, F. (1978). *The bisexual option*. Routledge.
- Klesse, C. (2011). Shady characters. *Journal of Bisexuality*, 11(2–3), 227–244.
- Klesse, C. (2016). *The spectre of promiscuity: Gay male and bisexual non-monogamies and polyamories*. Routledge.
- Knous, H. M. (2006). The coming out experience for bisexuals: Identity formation and stigma management. *Journal of Bisexuality*, 5(4), 37–59.

- Korinth, R. (2023). *Making the invisible visible: Experiences of identity (in)visibility in Bi+ individuals in Germany* (Doctoral dissertation, MSH Medical School Hamburg).
- Kuhar, R. (2025) Anti-gender movements: Implications for educational practices and student welfare. In L. Baams & T. M. L. Kaufman (Eds.), *Sexually and gender diverse adolescents: Critical perspectives on risk and resilience* (pp. 174-184). Routledge.
- Kuhar, R., & Paternotte, D. (Eds.) (2017) *Anti-gender campaigns in Europe: Mobilizing against equality*. London: Bloomsbury Publishing PLC.
- Kvale, S. (1996). *Interviews: An introduction to qualitative research interviewing*. Sage.
- Lambe, J., Cerezo, A., & O’Shaughnessy, T. (2017). Minority stress, community involvement, and mental health among bisexual women. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 4(2), 218-226. <https://doi.org/10.1037/sgd0000222>
- Langdrige, D. (2014). Are you angry or are you heterosexual?: A queer critique of lesbian and gay models of identity development. In L. Moon (Ed.), *Feeling queer or queer feelings?* (pp. 23-35). Routledge.
- Langdrige, D. (2018). Benevolent heterosexism and the “less-than-queer” citizen subject. In P. L. Hammack & B. J. Cohler (Eds.), *The Oxford Handbook of Social Psychology and Social Justice* (pp. 205–345). Oxford University Press..
- Lapointe, A. A. (2017). “It’s not pans, it’s people”: Student and teacher perspectives on bisexuality and pansexuality. *Journal of Bisexuality*, 17(1), 88–107. <https://doi.org/10.1080/15299716.2016.1196157>
- Laqueur, T. (1990). *Making sex*. Harvard University Press.
- Lawani, A. (2021). Critical realism. *Qualitative Research Journal*, 21(3), 320–333.
- Lawton, S. J. (2023). *Bi+ men and their intimate partners: Sexual identities, intimate relationships and binegativity* (Doctoral dissertation, University of Glasgow). University of Glasgow
- Legate, N., Ryan, R. M., & Weinstein, N. (2012). Is coming out always a “good thing”? Exploring the relations of autonomy support, outness, and wellness for lesbian, gay, and bisexual individuals. *Social Psychological and Personality Science*, 3(2), 145-152.
- Levac, D., Colquhoun, H. & O'Brien, K.K. (2010). Scoping studies: Advancing the methodology. *Implementation Science*, 5(69), 1-9. <https://doi.org/10.1186/1748-5908-5-69>
- Levitt, H. M., Bamberg, M., Creswell, J. W., Frost, D. M., Josselson, R., & Suárez-Orozco, C. (2018). Journal article reporting standards for qualitative primary, qualitative meta-analytic, and mixed methods research in psychology: The APA Publications and Communications Board task force report. *American Psychologist*, 73(1), 26.
- Levitt, H. M., Motulsky, S. L., Wertz, F. J., Morrow, S. L., & Ponterotto, J. G. (2017). Recommendations for designing and reviewing qualitative research in psychology: Promoting methodological integrity. *Qualitative Psychology*, 4(1), 2–22. <https://doi.org/10.1037/qup0000082>
- Li, T., Dobinson, C., Scheim, A. I., & Ross, L. E. (2013). Unique issues bisexual people face in intimate relationships: A descriptive exploration of lived experience. *Journal of Gay & Lesbian Mental Health*, 17(1), 21–39.

- Liinason, M., & Sasunkevich, O. (2023). Tensions and ambivalences of pride politics in uncertain times. *Lambda Nordica*, 28(2–3), 7–22.
- Lippa, R. A. (2013). Men and women with bisexual identities show bisexual patterns of sexual attraction to male and female “swimsuit models”. *Archives of Sexual Behavior*, 42(2), 187–196.
- Lister, R. (1997). Citizenship: Towards a feminist synthesis. *Feminist Review*, 57(1), 28–48.
- Lister, R. (2007). Inclusive citizenship: Realizing the potential. *Citizenship Studies*, 11(1), 49–61.
- Llorens-Miguel, E., & Albiach Santos, I. (2025). Aggression: Bisexual Males. In T.K. Shackelford, (Ed.), *Encyclopedia of Sexual Psychology and Behavior* (pp. 1–4). Springer [https://doi.org/10.1007/978-3-031-08956-5\\_413-1](https://doi.org/10.1007/978-3-031-08956-5_413-1)
- Lopes, D., de Oliveira, J.M., Nogueira, C. & Grave, R. (2017). The Social Determinants of Polymorphous Prejudice Against Lesbian and Gay Individuals: the Case of Portugal. *Sex Research Social Policy*. 14, 56–70. <https://doi.org/10.1007/s13178-016-0230-4>
- López-Sáez, M. Á. (2021). *Una aproximación histórica, teórica y empírica a las violencias heterosexistas en psicología* (Doctoral dissertation, Universidad Autónoma de Madrid).
- Lund, E. M., DeJesus, C. R., Carter, M. K. A., & Khazem, L. R. (2025). Positionality statements: Intersectional considerations for rehabilitation psychology. *Rehabilitation Psychology*, 70(1), 110–117. <https://doi.org/10.1037/rep0000569>
- Lyons, A. C., & Chamberlain, K. (2017). Critical health psychology. In B. Gough (Ed.), *The Palgrave Handbook of Critical Social Psychology* (pp. 533–555). Palgrave Macmillan. [https://doi.org/10.1057/978-1-137-51018-1\\_26](https://doi.org/10.1057/978-1-137-51018-1_26)
- MacDowall, L. (2009). Historicising contemporary bisexuality. *Journal of Bisexuality*, 9(1), 3–15.
- Madill, A., Jordan, A., & Shirley, C. (2000). Objectivity and reliability. *British Journal of Psychology*, 91(1), 1–20.
- Maimon, M. R., Sanchez, D. T., Albuja, A. F., & Howansky, K. (2021). Bisexual identity denial and health: Exploring the role of societal meta-perceptions and belonging threats among bisexual adults. *Self and Identity*, 20(4), 515–527.
- Maliepaard, E. (2015). Bisexual citizenship in the Netherlands: On homo-emancipation and bisexual representations in national emancipation policies. *Sexualities*, 18(4), 377–393. <https://doi.org/10.1177/1363460714550906>
- Maliepaard, E. (2018). Disclosing bisexuality or coming out? Two different realities for bisexual people in the Netherlands. *Journal of Bisexuality*, 18(2), 145–167. <https://doi.org/10.1080/15299716.2018.1452816>
- Maliepaard, E. (2020). The bisexual movement in the Netherlands: Developments and experiences of key bi activists since the 1990s. In E. Maliepaard & R. Baumgartner (Eds.), *Bisexuality in Europe: Sexual citizenship, romantic relationships, and bi+ identities* (pp. 36–50). Routledge.

- Maliepaard, E. (2021). Bisexuality/Plurisexuality in Romantic Relationships: Making Space for Bisexuality/Plurisexuality? *Journal of Bisexuality*, 21(4), 560–580. <https://doi.org/10.1080/15299716.2022.2031369>
- Maliepaard, E., & Baumgartner, R. (Eds.). (2020). *Bisexuality in Europe: Sexual Citizenship, Romantic Relationships, and Bi+ Identities*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780367809881>
- Manalastas, E. J., Blumenau, H. S., & Feinstein, B. A. (2023). Gender differences in attitudes toward bisexual people and bisexuality: A systematic review and meta-analysis. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 12(1), 42-55. <https://doi.org/10.1037/sgd0000624>
- Marques, A. M., Nogueira, C., & de Oliveira, J. M. (2015). Lesbians on medical encounters: Tales of heteronormativity, deception, and expectations. *Health Care for Women International*, 36(9), 988–1006.
- Marshall, T. H. (1950). *Citizenship and social class, and other essays*. Cambridge University Press.
- Martinez, M. E., Felner, J. K., Shen, J., McDaniels-Davidson, C., Nodora, J. N., Lacey, J. V., Savage, K. E., Duffy, C. N., Spielfogel, E. S., & Hong, S. (2024). Mental health and social connection among older lesbian and bisexual women. *International Psychogeriatrics*, 36(9), 808-817. <https://doi.org/10.1017/S1041610223004453>.
- Martos, A. J., Nezhad, S., & Meyer, I. H. (2015). Variations in sexual identity milestones among lesbians, gay men, and bisexuals. *Sexuality Research and Social Policy*, 12(1), 24–33.
- Matheson, L. P., & Blair, K. L. (2023). From continua to kaleidoscopes. *Canadian Journal of Human Sexuality*, 32(2), 151–163.
- Matsick, J. L., & Rubin, J. D. (2018). Bisexual prejudice among lesbian and gay people: Examining the roles of gender and perceived sexual orientation. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 5(2), 143–155. <https://doi.org/10.1037/sgd0000283>
- McAllum, K. (2017). Bisexual invisibility in education. *Sex Education*, 17(6), 615–630.
- McCann, E., & Brown, M. (2020). Psychosocial needs of bisexual people: findings from a mixed-methods research study. *Issues in Mental Health Nursing*, 41(8), 691-699.
- McCann, E., Brown, M. J., & Taylor, J. (2021). The views and experiences of bisexual people regarding their psychosocial support needs: A qualitative evidence synthesis. *Journal of Psychiatric and Mental Health Nursing*, 28(3), 430-443. <https://doi.org/10.1111/jpm.12680>
- McCann, H. (2022). The refusal to refuse. *Journal of Bisexuality*, 22(1), 71–89.
- McCole, A. R., & Anderson, J. R. (2025). “Not Queer Enough”: A Systematic Review of the Literature Exploring Experiences of Bi-Erasure. *Journal of Bisexuality*, 1-77. <https://doi.org/10.1080/15299716.2025.2498333>
- McCormack, M. (2023). Issues in Bisexual Men's Lives: Identity, health and relationships. *Current Opinion in Psychology*, 49, 101501.
- McGorray, E. L., & Petsko, C. D. (2024). Perceptions of bisexual individuals depend on target gender. *Social Psychological and Personality Science*, 15(5), 550–560.

- McInnis, M. K., Gauvin, S. E., Blair, K. L., & Pukall, C. F. (2022). Where does the “B” belong? Anti-bisexual experiences, self-stigma, and bisexual individuals’ sense of belonging. *Journal of Bisexuality*, 22(3), 355–384. <https://doi.org/10.1080/15299716.2022.2031368>
- McLaren, S., & Castillo, P. (2020). What about me? Sense of belonging and depressive symptoms among bisexual women. *Journal of Bisexuality*, 20(2), 166–182. <https://doi.org/10.1080/15299716.2020.1759174>
- McLaren, S., & Castillo, P. (2021). The relationship between a sense of belonging to the LGBTIQ + community, internalized heterosexism, and depressive symptoms among bisexual and lesbian women. *Journal of Bisexuality*, 21(1), 1–23. <https://doi.org/10.1080/15299716.2020.1862726>
- McLean, K. (2007). Hiding in the closet?: Bisexuals, coming out and the disclosure imperative. *Journal of Sociology*, 43(2), 151–166. <https://doi.org/10.1177/1440783307076893>
- McLean, K. (2008). Inside, outside, nowhere: Bisexual men and women in the gay and lesbian community. *Journal of Bisexuality*, 8(1–2), 63–80. <https://doi.org/10.1080/15299710802143174>
- McLean, K. (2016). Inside or outside? Bisexual activism and the LGBTI community. In D. Paternotte & M. Tremblay (Eds.) *The Ashgate research companion to lesbian and gay activism* (pp. 149–162). Routledge.
- Mepschen, P., Duyvendak, J. W., & Tonkens, E. H. (2010). Sexual politics, orientalism and multicultural citizenship. *Sociology*, 44(5), 962–979.
- Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, 129(5), 674–697. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.5.674>
- Meyer, I. H., Russell, S. T., Hammack, P. L., Frost, D. M., & Wilson, B. D. (2021). Minority stress, distress, and suicide attempts in three cohorts of sexual minority adults: A US probability sample. *Plos one*, 16(3), 1–19. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0246827>
- Millet, K. (1970). *Sexual Politics*. Equinox books.
- Mitchell, S. N., Ganong, L. H., & Coleman, M. (2023). “The in-between spaces of those labels”: Exploring the challenges and positives of being a bisexual woman of color. *Global Journal of Human-Social Science*, 23(3), 13–28.
- Mohr, J. J., & Rochlen, A. B. (1999). Measuring attitudes regarding bisexuality in lesbian, gay male, and heterosexual populations. *Journal of Counseling Psychology*, 46(3), 353–369.
- Moleiro, C., & Pinto, N. (2009). Diversidade e psicoterapia. *Ex aequo*, (20), 159–172.
- Moleiro, C., & Pinto, N. (2020). Legal gender recognition in Portugal: A path to self-determination. *International Journal of Gender, Sexuality and Law*, 1(1), 218–240.
- Monaco, S. (2020). Being bisexual in contemporary Italy: Between stigma and desire of visibility. *The International Journal of Sociology and Social Policy*, 41(5), 673–688. <https://doi.org/10.1108/IJSSP-05-2020-0157>

- Monaco, S. (2021). Being bisexual in contemporary Italy: Between stigma and desire for visibility. *International Journal of Sociology and Social Policy*, 41(5/6), 673–688. <https://doi.org/10.1108/IJSSP-05-2020-0157>
- Monro S. (2015). *Bisexuality: Identities, politics and theories*. Palgrave Macmillan.
- Monro, S. (2005). *Gender politics: Activism, citizenship and sexual diversity*. Pluto Press.
- Monro, S., & Richardson, D. (2014). Citizenship, gender and sexuality. In H. Van der Heijden (Ed.), *Handbook of Political Citizenship and Social Movements* (pp. 60–85). Edward Elgar Publishing. <https://doi.org/10.4337/9781781954706.00011>.
- Monro, S., Hines, S., & Osborne, A. (2017). Is bisexuality invisible? A review of sexualities scholarship 1970–2015. *The Sociological Review*, 65(4), 663–681.
- Monto, M. A., & Neuweiler, S. (2024). The rise of bisexuality: U.S. representative data show an increase over time in bisexual identity and persons reporting sex with both women and men. *The Journal of Sex Research*, 61(6), 974–987. <https://doi.org/10.1080/00224499.2023.2225176>
- Moradi, B., Tebbe, E. A., Connelly, K. E., Lenzen, A. L., & Flores, M. J. (2019). Objectification of sexual minority women: Responses, consequences, and resistance. *Journal of Counseling Psychology*, 66(5), 519.
- Morand, E., Blais, M., Côté, I., Chamberland, L., Baiocco, M., & Samoilenko, M. (2023). Disclosing one's non-heterosexual sexual orientation at work in 2020: A survey of Quebec LGBTQ workers. *Journal of Homosexuality*, 1–27. <https://doi.org/10.1080/00918369.2022.2160941>
- Moreno, A., Ardila, R., Zervoulis, K., Nel, J. A., Light, E., & Chamberland, L. (2020). Cross-cultural perspectives of LGBTQ psychology from five different countries: current state and recommendations. *Psychology & Sexuality*, 11(1–2), 5–31. <https://doi.org/10.1080/19419899.2019.1658125>
- Morgenroth, T., Kirby, T. A., Cuthbert, M. J., Evje, J., & Anderson, A. E. (2022). Bisexual erasure: Perceived attraction patterns of bisexual women and men. *European Journal of Social Psychology*, 52(2), 249–259
- Morison, T., Lyons, A. C., & Chamberlain, K. (2019). Critical Health Psychology. In K. C. O'Doherty & D. Hodgetts (Eds.). *The SAGE Handbook of Applied Social Psychology* (pp. 215–231). Sage.
- Morris, M., & Storr, M. (1997). *Bisexuality and the challenge to lesbian politics*. Onlywomen Press.
- Movement Advancement Project. (2016). *Invisible Majority: The Disparities Facing Bisexual People and How to Remedy Them*. Retrieved, 21 June, 2024, from: <https://www.lgbtmap.org/policy-and-issue-analysis/invisible-majority>.
- Munn, Z., Peters, M. D. J., Stern, C., Tufanaru, C., McArthur, A., & Aromataris, E. (2018). Systematic review or scoping review? Guidance for authors when choosing between a systematic or scoping review approach. *BMC Medical Research Methodology*, 18(1), 1–17. <https://doi.org/10.1186/s12874-018-0611-x>
- Muñoz, J. E. (2019). *Cruising Utopia: The then and there of queer futurity* (10th anniversary ed.). NYU Press.

- Murray, M. (2017). *Critical Health Psychology*. Bloomsbury Publishing.
- National Institutes of Health. (2019). *Bisexual health research workshop September 23, 2019: Identifying research opportunities in bisexual health research* (Summary). U.S. Department of Health and Human Services. [https://dpcpsi.nih.gov/sites/default/files/Summary\\_BisexualHealthResearchWorkshop\\_v2\\_508.pdf](https://dpcpsi.nih.gov/sites/default/files/Summary_BisexualHealthResearchWorkshop_v2_508.pdf)
- Nelson, R. (2023). *Making space for bi+ identities: Explorations of genders, identities, and relationships*. Routledge.
- Nelson, R. (2020). Here and Queer (?): Monosexism and the Bisexual Body. In B. Ashton, A. Bonsall, & J. Hay (Eds.), *Talking Bodies Volume II: Bodily Languages, Selfhood and Transgression* (pp. 67-92). Palgrave Macmillan.
- Neves, S., & Nogueira, C. (2005). Metodologias feministas: A reflexividade ao serviço da investigação nas ciências sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(3), 408–412.
- Nogueira, C. (2001). *Construccionismo social, discurso e género*. *Psicologia*, 15(1), 43–65.
- Nogueira, C., & Oliveira, J. M. (2010). *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*. Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- Nutter-Pridgen, K.L. (2015). The old, the new, and the redefined: Identifying the discourses in contemporary bisexual activism. *Journal of Bisexuality*, 15(3), 385–413. <https://doi.org/10.1080/15299716.2015.1033044>
- Obradors-Campos, M. (2011). Deconstructing biphobia. *Journal of Bisexuality*, 11(2–3), 207–226.
- Obrebska, M. (2025). Coping with a crisis. *Journal of Contemporary Central and Eastern Europe*, 33(1), 129–146.
- Ochs, R., & Deihl, M. (1992). Moving beyond binary thinking. In W. J. Blumenfeld (Ed.), *Homophobia: How we all pay the price* (pp. 67-75). Beacon Press.
- Odenbring, Y. (2021). Sexual diversity in education. *Gender and Education*, 33(4), 458–474.
- Odenbring, Ylva. (2021). Trapped Between: ‘Coming Out’ and Forced to Stay Closeted: Bisexuality, Secondary Schooling and Social Justice. *Journal of Bisexuality*. 21. 1–19. [10.1080/15299716.2021.1991544](https://doi.org/10.1080/15299716.2021.1991544)
- Office for National Statistics. (2025, January 29). Sexual orientation, UK: 2023. <https://www.ons.gov.uk/peoplepopulationandcommunity/culturalidentity/sexuality/bulletins/sexualidentityuk/2023>
- Okoli, O. H., Odumodu, N. C., Eze, J. E., & Emma-Echiegu, B. N. (2017). Role of sexual orientation on sexual-risk behaviour among at-risk young people in selected campus relaxation centres in Anambra state. *African Psychologist: An International Journal of Psychology and Allied Profession*, 7(1), 291-308.
- Oliveira, J. M. (2009). *Uma escolha que seja sua: Uma abordagem feminista ao debate sobre a interrupção voluntária da gravidez em Portugal* [Doctoral Dissertation, Iscte – Instituto Universitário de Lisboa] Iscte – Instituto Universitário de Lisboa..

- Oliveira, J. M. (2010). Orientação sexual e identidade de género na psicologia. In C. Nogueira & J.M. Oliveira, (Eds.) *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género* (pp. 19–44). Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- Oliveira, J. M. (2013). Cidadania sexual sob suspeita: Uma meditação sobre as fundações homonormativas e neo-liberais de uma cidadania de “consolação”. *Psicologia & Sociedade*, 25, 68–78.
- Oliveira, J. M. D., & Amâncio, L. (2006). *Teorias feministas e representações sociais: Desafios dos conhecimentos situados para a psicologia social*. *Revista Estudos Feministas*, 14(3), 597–615.
- Oliveira, J. M., Neves, S., Nogueira, C., & De Koning, M. (2009). *Present but un-named: Feminist liberation psychology in Portugal*. *Feminism & Psychology*, 19(3), 394–406.
- Oliveira, J. M., Saavedra, L., Neves, S., & Nogueira, C. N. (2013). *La psicología feminista crítica en el suroeste semiperiférico europeo: El intrigante caso de Portugal*. *Teoría y Crítica de la Psicología*, 3, 302–319.
- Olivo, V. B., Prieto, K., & Copeland, O. M. (2024). You can stand under my bi+ umbrella: Exploring students' chosen plurisexual identity labels. In K. Prieto & A. Herridge (Eds.), *LGBTQIA students in higher education: Approaches to student identity and policy* (pp. 90-110). IGI Global Scientific Publishing.
- Ordem dos Psicólogos Portugueses. (2020). *Guia Orientador da Intervenção Psicológica Com Pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais e Trans (LGBT) Com Pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais e Trans (LGBT)*. Ordem dos Psicólogos Portugueses.
- Oswald, F., Walton, K. A., Orlova, L., Ayad, J., Hooper, A., & Pedersen, C. L. (2024). “I Had Already Reconciled With Being a Slut When I Came out as Bisexual”: Experiences of Binormativity, Prototypicality, and Marginalization Within the Bisexual Community. *Journal of Bisexuality*, 24(2), 150–184. <https://doi.org/10.1080/15299716.2024.2310159>
- Oswald, F., Wood, J.M. & Matsick, J.L. (2024). Bisexual Women’s Meaning Making of Same-Sex Performativity: Orientation Towards a Heteropatriarchal Context. *Sex Roles*, 90, 960–979 <https://doi.org/10.1007/s11199-024-01487-w>
- Page, E. H. (2004). Mental health services experiences of bisexual women and bisexual men: An empirical study. In R. C. Fox (Ed.), *Current research on bisexuality* (pp. 24–47). Routledge.
- Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., Shamseer, L., Tetzlaff, J. M., Akl, E. A., Brennan, S. E., Chou, R., Glanville, J., Grimshaw, J. M., Hróbjartsson, A., Lalu, M. M., Li, T., Loder, E. W., Mayo-Wilson, E., McDonald, S. ... & Moher, D. (2021). The PRISMA 2020 statement: An updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ*, 372(71). <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>
- Parker, I. (1999). Critical psychology. *Annual Review of Critical Psychology*, 1(1), 3–18.
- Parker, I. (2004). Criteria for qualitative research. *Qualitative Research in Psychology*, 1(2), 95–106. <https://doi.org/10.1191/1478088704qp010oa>

- Parker, R. (2009). Sexuality, culture and society: Shifting paradigms in sexuality research. *Culture, Health & Sexuality*, 11(3), 251–266. <https://doi.org/10.1080/13691050701606941>
- Patton, M. Q. (2015). *Qualitative Research & Evaluation Methods* (4th ed.). Sage.
- Peel, E., & Harding, R. (2004). Divorcing romance, rights and radicalism. *Feminism & Psychology*, 14(4), 588–599.
- Pennasilico, A., & Amodeo, A. L. (2019). The Invisibles: Biphobia, Bisexual Erasure and Their Impact on Mental Health. *PuntOorg International Journal*, 4(1), 21–28. <https://doi.org/10.19245/25.05.pij.4.1.4>
- Pereira, H., & Costa, P. A. (2016). Modeling the impact of social discrimination on the physical and mental health of Portuguese gay, lesbian and bisexual people. *Innovation: The European Journal of Social Science Research*, 29(2), 205–217. <https://doi.org/10.1080/13511610.2016.1157683>
- Pereira, H., Aparício, B., Borges, M., & Nave, C. (2017). Identity perceptions and dynamics among self-identified Portuguese bisexual men: A qualitative study. *Journal of Bisexuality*, 17(3), 349–369.
- Perone, A. K. (2024). An historical case study of trans exclusion and empowerment: Implications for transgender older adults and aging. *Journal of Gerontological Social Work*, 67(5), 660–686. doi:10.1080/01634372.2024.2339987.
- Persson, T. J., & Pfaus, J. G. (2015). Bisexual behavior and stigma. *Archives of Sexual Behavior*, 44(8), 2241–2250. <https://doi.org/10.1007/s10508-014-0472-1>
- Peters, M. D. J., Godfrey, C. M., Khalil, H., McInerney, P., Parker, D., & Soares, C. B. (2015). Guidance for conducting systematic scoping reviews. *International Journal of Evidence-Based Healthcare*, 13(3), 141–146. <https://doi.org/10.1097/XEB.0000000000000050>
- Peters, M. D. J., Marnie, C., Colquhoun, H., Garritty, C. M., Hempel, S., Horsley, T., Langlois, E. V., Lillie, E., O'Brien, K. K., Tunçalp, O., Wilson, M. G., Zarin, W. & Tricco, A. C. (2021). Scoping reviews: Reinforcing and advancing the methodology and application. *Systematic reviews*, 10(263), 1–6. <https://doi.org/10.1186/s13643-021-01821-3>
- Phelan, S. (2001). *Sexual strangers: Gays, lesbians and dilemmas of citizenship*. Temple University Press.
- Pichardo Galán, J. I. (2011). Sex and the family: Intersections between family, gender, reproduction and same-sex sexuality in Spain. In J. Takács & R. Kuhar (Eds.), *Doing families: Gay and lesbian family practices* (pp. 17–35). Peace Institute.
- Pieper, M., & Bauer, R. (2005). Polyamory und Mono-Normativität. In L. Méritt, T. Bührmann, & N. Schefzig (Eds.), *Mehr als eine Liebe* (pp. 59–69). Polyamouröse Beziehungen.
- Pieri, M., & Brillhante, J. (2022). “The light at the end of the tunnel”: Experiences of LGBTQ+ adults in Portuguese healthcare. *Healthcare*, 10(1), 146. <https://doi.org/10.3390/healthcare10010146>

- Pilgrim, D. (2014). Some Implications of Critical Realism. *Social Theory & Health*, 12(1), 1–21.
- Pilgrim, D. (2019). *Critical Realism for Psychologists*. Routledge.
- Pistella, J., Rosati, F., & Baiocco, R. (2023). Feeling safe and content: Relationship to internalized sexual stigma, self-awareness, and identity uncertainty in Italian lesbian and bisexual women. *Journal of Lesbian Studies*, 27(1), 41–59. <https://doi.org/10.1080/10894160.2022.2087344>
- Pistella, J., Salvati, M., Ioverno, S., Laghi, F., & Baiocco, R. (2016). Coming-out to family members and internalized sexual stigma in bisexual, lesbian and gay people. *Journal of Child and Family Studies*, 25(12), 3694–3701.
- Pitt, M., Taylor, P., & Dunlop, B. J. (2024). Bisexual women’s experiences of receiving help for mental health difficulties through psychological therapy: A qualitative exploration. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 11(4), 641–652. <https://doi.org/10.1037/sgd0000638>
- Plummer, K. (2001). The square of intimate citizenship. *Citizenship Studies*, 5(3), 237–253.
- Plummer, K. (2003). Queers, bodies and postmodern sexualities: A note on revisiting the “sexual” in symbolic interactionism. *Qualitative sociology*, 26(4), 515-530.
- Plummer, K. (2011). *Intimate citizenship: Private decisions and public dialogues*. University of Washington Press.
- Pollitt, A. M., Brimhall, A. L., Brewster, M. E., & Ross, L. E. (2018). Improving the field of LGBTQ psychology: Strategies for amplifying bisexuality research. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 5(2), 129–131. <https://doi.org/10.1037/sgd0000276>
- Pollitt, A. M., Muraco, J. A., Grossman, A. H., & Russell, S. T. (2017b). Disclosure stress, social support, and depressive symptoms among cisgender bisexual youth. *Journal of Marriage and Family*, 79(5), 1278-1294.
- Pollitt, A. M., Reece, M., & Bimbi, D. S. (2017a). Disclosure stress, social support, and depressive symptoms among cisgender bisexual youth. *Journal of Marriage and Family*, 79(5), 1278–1294.
- Pollitt, A., & Roberts, T. (2021). Internalized binegativity, LGBQ+ community involvement, and definitions of bisexuality. *Journal of Bisexuality*, 21(3), 357-379. <https://doi.org/10.1080/15299716.2021.1984363>.
- Pollock, D., Davies, E., Peters, M. D. J., Tricco, A. C., Alexander, L., McInerney, P., Godfrey, C., Khalil, H., & Munn, Z. (2021). Undertaking a scoping review: A practical guide for nursing and midwifery students, clinicians, researchers, and academics. *Journal of Advanced Nursing*, 77(4), 2102-2113. <https://doi.org/10.1111/jan.14743>
- Ponjoan, A., García-Gil, M. M., Alves-Cabratos, L., Martí-Lluch, R., & Ramos, R. (2022). La financiación pública de la investigación en salud LGBTIQ+ en España. *Gaceta Sanitaria*, 36(2), 106-110. <https://doi.org/10.1016/j.gaceta.2020.12.034>
- Porto Editora. (2025). *Bissexual*. In *Infopédia – Dicionários Porto Editora*. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/bissexual>

- Potter, E. C., & Potter, D. J. (2020). Methods, recruitment, and sampling in research with LGBTQ-parent families. In A. E. Goldberg & K.R. Allen (Eds.) *LGBTQ-parent families: Innovations in research and implications for practice* (pp. 507-533). Springer International Publishing.
- Prell, E., & Traeen, B. (2018). Minority stress and mental health among bisexual and lesbian women in Norway. *Journal of Bisexuality*, 18(3), 278–298. <https://doi.org/10.1080/15299716.2018.1518180>
- Priberam. (2025). *Bissexual*. In *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. <https://dicionario.priberam.org/bissexual>
- Price, D. M., Gesselman, A. N., & Garcia, J. R. (2020). Single bisexual men's and women's perceptions of acceptance in the LGBTQ community. *Journal of Homosexuality*, 67(14), 1923-1947
- Prieto, K. (2022). Bisexuality and bisexuality studies. In K. K. Strunk & S. A. Shelton (Eds.), *Encyclopedia of queer studies in education* (pp. 58–63). Brill.
- Prieto, K. (2023). Strategic navigations of identity in the face of bi-erasure. *Journal of Bisexuality*, 23(4), 347–373. <https://doi.org/10.1080/15299716.2023.2254282>
- Puar, J. (2007). *Terrorist assemblages: Homonationalism in queer times*. Duke University Press.
- Puckett, J. A., Tornello, S., Mustanski, B., & Newcomb, M. E. (2022). Gender variations, generational effects, and mental health of transgender people in relation to timing and status of gender identity milestones. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 9(2), 165-178. <https://doi.org/10.1037/sgd0000391>
- Quinn, D. M., & Earnshaw, V. A. (2013). Concealable stigmatized identities and psychological well-being. *Social and Personality Psychology Compass*, 7(1), 40-51. <https://doi.org/10.1111/spc3.12005>
- Rankin, S., Morton, J., & Bell, M. (2015). *Complicated? Bisexual people's experiences of and ideas for improving services*. Equality Network: LGBTI Equality and Human Rights in Scotland. <https://www.equality-network.org/wp-content/uploads/2015/04/Complicated-Bisexual-Report.pdf>
- Rasmussen, M. L. (2004). The problem of coming out. *Theory Into Practice*, 43(2), 144–150.
- Redden, C. J. (2002). Health as Citizenship Narrative. *Polity*, 34(3), 355–370.
- Reis, E., Moleiro, C., & Arriaga, P. (2024). Intimate Partner violence directed at Men. *Sexuality & Culture*, 28(1), 21–40.
- Richards, C., & Barker, M. J. (Eds.). (2015). *The Palgrave Handbook of the Psychology of Sexuality and Gender*. Palgrave Macmillan.
- Richardson, D. (2000a) *Rethinking sexuality*. London: SAGE.
- Richardson, D. (2000b). Claiming citizenship? *Sexualities*, 3(2), 255–272.
- Richardson, D. (2000c). Constructing sexual citizenship: Theorizing sexual rights. *Critical Social Policy*, 20(1), 105–135.

- Richardson, D. (2004). Locating sexualities. *Sexualities*, 7(4), 391–411.
- Richardson, D. (2017). Rethinking sexual citizenship. *Sociology*, 51(2), 208–224.
- Richardson, D. (2018). Sexuality and citizenship. *Sexualities*, 21(8), 1256–1260.
- Richardson, L. D., & Monro, S. (2017). *Sexuality, equality and diversity*. Bloomsbury.
- Robbins, N. K., Low, K. G., & Query, A. N. (2016). A qualitative exploration of the “coming out” process for asexual individuals. *Archives of Sexual Behavior*, 45(3), 751–760.
- Roberts, T. S., Horne, S. G., & Hoyt, W. T. (2015). Between a gay and a straight place: Bisexual individuals’ experiences with monosexism. *Journal of Bisexuality*, 15(4), 554–569. <https://doi.org/10.1080/15299716.2015.1111183>
- Robinson, B. A., & Schmitz, R. M. (2021). Beyond resilience. *Sociology Compass*, 15(12), e12947.
- Rodrigues, D. L. (2024). A narrative review of non-monogamy. *Archives of Sexual Behavior*, 53(3), 931–940.
- Rodríguez Rust, P. C. (2000). Bisexuality: A contemporary paradox for women. *Journal of Social Issues*, 56(2), 205–221. <https://doi.org/10.1111/0022-4537.00161>
- Rodríguez, E., Lytle, M., & Vaughan, M. (2013). Exploring the intersectionality of bisexual, religious/spiritual, and political identities from a feminist perspective. *Journal of Bisexuality*, 13(3), 285–309. <https://doi.org/10.1080/15299716.2013.813001>.
- Rohleder, P., & Flowers, P. (2018). Towards a psychology of sexual health. *Journal of Health Psychology*, 23(2), 143–147.
- Rosario, M., Schrimshaw, E. W., Hunter, J., & Braun, L. (2006). Sexual identity development among lesbian, gay, and bisexual youths: Consistency and change over time. *Journal of sex research*, 43(1), 46–58.
- Roseneil, S. (2013). Beyond citizenship? *Sociology*, 47(5), 901–919.
- Roseneil, S., Crowhurst, I., Hellesund, T & Santos, A.C. (2020). *The tenacity of the couple norm*.: UCL Press. Retrieved June 18, 2024, from <https://repository.essex.ac.uk/28239/1/The-Tenacity-of-the-Couple-Norm.pdf>
- Ross, L. E., Salway, T., Tarasoff, L. A., MacKay, J. M., Hawkins, B. W., & Fehr, C. P. (2018). Prevalence of depression and anxiety among bisexual people compared to gay, lesbian, and heterosexual individuals: A systematic review and meta-analysis. *The Journal of Sex Research*, 55(4–5), 435–456. <https://doi.org/10.1080/00224499.2017.1387755>
- Rowe, W. E. (2014). Positionality. In D. Coghlan & M. Brydon-Miller (Eds.), *The SAGE Encyclopedia of Action Research*. Sage.
- Rucco, D., Anzani, A., Scandurra, C., Pennasilico, A., & Prunas, A. (2023). Structural stigma and bisexual+ people: Effects of the rejection of the Zan Bill in Italy on minority stress and mental health. *Journal of Bisexuality*, 23(1), 27–49. <https://doi.org/10.1080/15299716.2022.2119629>

- Russell, S. T., Muraco, A., Subramaniam, A., & Laub, C. (2009). Youth empowerment and high school gay-straight alliances. *Journal of Youth and Adolescence*, 38(7), 891-903. <https://doi.org/10.1007/s10964-008-9382-8>
- Rust, P. C. (2002). Bisexuality: The state of the union. *Annual Review of Sex Research*, 13(1), 180–240. <https://doi.org/10.1080/10532528.2002.10559805>
- Rust, P. C. (1992). The politics of sexual identity: Sexual attraction and behavior among lesbian and bisexual women. *Social Problems*, 39(4), 366-386.
- Rust, P. C. (1993). Neutralizing the political threat of the marginal woman: Lesbians' beliefs about bisexual women. *Journal of Sex Research*, 30(3), 214-228.
- Rust, P. R. (2000a). Criticisms of the scholarly literature on sexuality for its neglect of bisexuality. In P. R. Rust (Ed.), *Bisexuality in the United States: A social science reader* (pp. 5–10). Columbia University Press.
- Rust, P. C. (2000b). Make me a map: Bisexual men's images of bisexual community. *Journal of Bisexuality*, 1(2–3), 47–108. [https://doi.org/10.1300/J159v01n02\\_03](https://doi.org/10.1300/J159v01n02_03)
- Saleiro, S., Ramalho, N., Menezes, M. and Gato, J. (2022) *Estudo nacional sobre necessidades das pessoas LGBTI e sobre a discriminação em razão da orientação sexual, identidade e expressão de género e características sexuais*. Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- Salim, S. R. (2022). *Sexual violence, antibisexual stigma, perceived burdensomeness, and thwarted belongingness: Test of suicidal ideation among cisgender bisexual women* [Doctoral dissertation, Miami University]. Miami University. <https://www.proquest.com/dissertations-theses/sexual-violence-antibisexual-stigma-perceived/docview/2784788215/se-2>
- Salim, S. R., McConnell; A. A., & Messman-Moore, T. L. (2020). Bisexual women's experiences of stigma and verbal sexual coercion: The role of internalized heterosexism and outness. *Psychology of Women Quarterly*, 44(3), 362–376.
- Salvati, M., & Koc, Y. (2022). Advancing research into the social psychology of sexual orientations and gender identities: Current research and future directions. *European Journal of Social Psychology*, 52(2), 225-232. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2875>
- Salway, T., Ross, L. E., Fehr, C. P., Burley, J., Asadi, S., Hawkins, B., & Tarasoff, L. A. (2019). A systematic review and meta-analysis of disparities in the prevalence of suicide ideation and attempt among bisexual populations. *Archives of Sexual Behavior*, 48(1), 89-111.
- Santos, A. C. (2013). *Social movements and sexual citizenship in Southern Europe*. Palgrave Macmillan. <https://doi.org/10.1057/9781137296405>
- Santos, A. C. (2018a). Luta LGBTQ em Portugal: Duas décadas de histórias, memórias e resistências. *Revista TransVersos*, (14), 36–51.
- Santos, A.C. (2018b). Repronormativity and its others: Queering parental love in times of culturally compulsory reproduction, *Analyze – Journal of Gender and Feminist Studies*, 11, 199–215.
- Santos, A.C. (2023). *LGBTQ+ Intimacies in Southern Europe. Citizenship, Care and Choice*. Palgrave Macmillan.

- Santos, A.C., Esteves, M. and Santos, A. (2023). Who wants to be queer at school? Discussing gender and sexual diversity with children and staff in Portuguese schools. In J.A. Langarita, M. Montenegro, A.C. Santos & M. Urek (Eds.), *Child-friendly perspectives on gender and sexual diversity* (pp. 64–80). Routledge.
- Santos, I. (2024). *Exploring the uniqueness of plurisexual individuals' parenthood aspirations and perceptions* [Master's thesis, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/163145/2/696860.pdf>
- Santos, N. J., & Craig, A. (2024). Descriptive or divisive? *Journal of Bisexuality*, 24(1), 26–55.
- Sarno, E. L., Newcomb, M. E., Feinstein, B. A., & Mustanski, B. (2020). Bisexual men's experiences with discrimination, internalized binegativity, and identity affirmation: Differences by partner gender. *Archives of Sexual Behavior*, 49(5), 1783-1798.
- Savin-Baden, M., & Major, C. H. (2013). *Qualitative research*. Routledge.
- Savin-Williams, R. C. (1995). Lesbian, gay male, and bisexual adolescents. In A. R. D'Augelli & C. J. Patterson (Eds.), *Lesbian, gay, and bisexual identities over the lifespan: Psychological perspectives* (pp. 165–189). Oxford University Press.
- Savin-Williams, R. C. (2021). *Bi: Bisexual, pansexual, fluid, and nonbinary youth*. New York University Press.
- Sayer, A. (2000). System, lifeworld and gender. *Sociology*, 34(4), 707–725.
- Sbrana, S., & de Miguel, A.D. (2022). Sexual fluidity and attitudes towards bisexuality. *puntOorg International Journal*, 7(1), 29-41. <https://doi.org/10.19245/25.05.pij.7.1.4>
- Scales Rostosky, S., Riggle, E. D. B., Pascale-Hague, D., & McCants, L. E. (2010). The positive aspects of a bisexual self-identification. *Psychology & Sexuality*, 1(2), 131–144. <https://doi.org/10.1080/19419899.2010.484595>
- Scandurra, C., Esposito, C., Fantacci, F., Borrello, L., Bochicchio, V., Giunti, D., & Antonelli, P. (2023). Social support, identity affirmation, and psychological well-being: A developmental and intersectional comparison between Italian cisgender and nonbinary people with bisexual orientation. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 20(4), 1-16. <https://doi.org/10.3390/ijerph20043237>
- Scandurra, C., Pennasilico, A., Esposito, C., Mezza, F., Vitelli, R., Bochicchio, V., Maldonato, N. M., & Amodeo, A. L. (2020). Minority stress and mental health in Italian bisexual people. *Social Sciences*, 9(4), 1-17. <https://doi.org/10.3390/socsci9040046>
- Scherrer, K. (2013). Culturally competent practice with bisexual individuals. *Clinical Social Work Journal*, 41(3), 238-248.
- Scherrer, K. S., Kazyak, E., & Schmitz, R. (2015). Getting “bi” in the family: Bisexual people's disclosure experiences. *Journal of Marriage and Family*, 77(3), 680–696.
- Schimanski, I.D., & Treharne, G.J. (2018). “Extra marginalisation within the community”: Queer individuals' perspectives on suicidality, discrimination and gay pride events. *Psychology & Sexuality*, 10(1), 31–44. doi:10.1080/19419899.2018.1524394.

- Schneider, M. S. (1998). Psychotherapy with bisexual clients. *Journal of Gay & Lesbian Psychotherapy*, 2(3), 15–29.
- Schrimshaw, E. W., Downing, M. J., & Cohn, D. J. (2018). Reasons for non-disclosure of sexual orientation among behaviorally bisexual men. *Archives of Sexual Behavior*, 47(1), 219-233. <https://doi.org/10.1007/s10508-016-0762-y>
- Sedlovskaya, A., Purdie-Vaughns, V., Eibach, R. P., LaFrance, M., Romero-Canyas, R., & Camp, N. P. (2013). Internalizing the closet: Concealment heightens the cognitive distinction between public and private selves. *Journal of Personality and Social Psychology*, 104(4), 695-715. <https://doi.org/10.1037/a0031179>
- See, H., & Hunt, R. (2011). Bisexuality and identity: The double-edged sword. *Journal of Bisexuality*, 11(2–3), 290–299.
- Serpe, C., Brown, C., Criss, S., Lamkins, K., & Watson, L. (2020). Bisexual women: Experiencing and coping with objectification, prejudice, and erasure. *Journal of Bisexuality*, 20(4), 456-492.
- Shaw, J. (2022). *Bi: The hidden culture, history and science of bisexuality*. Canongate Books.
- Shields, S. A., & Diccico, E. C. (2011). The social psychology of sex and gender: From gender differences to doing gender. *Psychology of Women Quarterly*, 35(3), 491-499.
- Smiley, E. B. (1997). Counseling bisexual clients. *Journal of Mental Health Counseling*, 19(4), 373.
- Smith, M. S., Feinstein, B. A., Mustanski, B., & Newcomb, M. E. (2022). Partner Gender and Binegativity Uniquely Impact Relationship Quality among Bisexual Men. *The Journal of Sex Research*, 60(3), 359–367. <https://doi.org/10.1080/00224499.2022.2106350>
- Souto Pereira, S., Becker, S., & Gardiner, G. (2017). Sensitive sexualities: Dichotomised discourse in the erasure of bisexuality. *Psychology & Sexuality*, 8(1–2), 118–131.
- Sprott, R. A., & Benoit Hadcock, B. (2018). Bisexuality, pansexuality, queer identity, and kink identity. *Sexual and Relationship Therapy*, 33(1-2), 214-232
- Stenzel, H. (2025). Narratives of Bisexual College Students: Impacts of Emerging Adulthood, Minority Stress, and Forming Community.
- Stephens, C. (2009). Racism and inequalities in health. *Journal of Health Psychology*, 14(5), 655–659.
- Stevenson, C. (2015). Citizenship and collective action. In *The psychology of citizenship*. Palgrave Macmillan.
- Stevenson, C., Dixon, J., Hopkins, N., & Luyt, R. (2015). The social psychology of citizenship, participation and social exclusion: Introduction to the special thematic section. *Journal of Social and Political Psychology*, 3(2), 1–19. <https://doi.org/10.5964/jspp.v3i2.579>
- Stevenson, C., Hopkins, N., Luyt, R., & Dixon, J. (2015). The social psychology of citizenship: Engagement with citizenship studies and future research. *Journal of Social and Political Psychology*, 3(2), 192-210.

- Storms, M. D. (1980). Theories of sexual orientation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38(5), 783–792. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.38.5.783>
- Storr, M. (Ed.). (1999). *Bisexuality: A critical reader*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/978020302467>
- Streed Jr, C. G., Perlson, J. E., Abrams, M. P., & Lett, E. (2023). On, with, by—Advancing transgender health research and clinical practice. *Health Equity*, 7(1), 161-165.
- Swan, D. J. (2018). 3 Defining Bisexuality: Challenges and Importance of and Toward a Unifying Definition. In D. Swan & S. Habibi (Eds.), *Bisexuality: Theories, research, and recommendations for the invisible sexuality* (pp. 37-60). Springer
- Taliaferro, L. A., Gloppen, K. M., Muehlenkamp, J. J., & Eisenberg, M. E. (2018). Depression and suicidality among bisexual youth: A nationally representative sample. *Journal of LGBT Youth*, 15(1), 16–31.
- Tangeman, M. (2025). Fighting bisexual erasure with a double-edged sword: Experiences of successful and unsuccessful bisexual visibilities. *Sexualities*, 0(0), 1-19. <https://doi.org/10.1177/13634607251365505>
- Tavarez, J. (2022). “I can't quite be myself”: Bisexual-specific minority stress within LGBTQ campus spaces. *Journal of Diversity in Higher Education*, 15(2), 167–176.
- Távora, I. (2012). The southern European social model. *Journal of European Social Policy*, 22(1), 63–76.
- Taylor, J., & Bruckman, A. (2024). Mitigating epistemic injustice: The online construction of a bisexual culture. *ACM Transactions on Computer-Human Interaction*, 31(4), 1-34. <https://doi.org/10.1145/3648614>.
- Taylor, J., Power, J., Smith, E., & Rathbone, M. (2019). Bisexual mental health: Findings from the ‘Who I Am’ study. *Australian Journal of General Practice*, 48(3), 138–144. <https://search.informit.org/doi/10.3316/informit.247060270729060>
- Thompson, J. (2022). A Guide to Abductive Thematic Analysis. *The Qualitative Report*, 27(5), 1410–1421. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2022.5340>
- Thoni, A., et al. (2022). Relationship disclosure. *Journal of Social and Personal Relationships*, 39(7), 2067–2085.
- Thöni, C., Eisner, L., & Hässler, T. (2024). Not straight enough, nor queer enough: Identity denial, stigmatization, and negative affect among bisexual and pansexual people. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 11(2), 237–249. <https://doi.org/10.1037/sgd0000606>
- Toft, A., & Yip, A. K. T. (2018). Intimacy negotiated. *Sexualities*, 21(1–2), 233–250.
- Trifiletti, R. (1999). Southern European welfare regimes and the worsening position of women. *Journal of European Social Policy*, 9(1), 49-64. <https://doi.org/10.1177/095892879900900103>
- Troiden, R. R. (1988). *Homosexual identity development*. *Journal of Adolescent Health Care*, 9(2), 105–113.
- Turai, R. K. (2020). Gender and class tensions in Hungarian LGBTQ activism: The case of ambiguous bisexual representation. In R. Buyantueva & M. Shevtsova (Eds.),

- LGBTQ+ Activism in Central and Eastern Europe: Resistance, Representation and Identity* (pp. 341-368). Palgrave Macmillan.
- Turell, S. C., Brown, M., & Herrmann, M. (2018). Disproportionately high: An exploration of intimate partner violence prevalence rates for bisexual people. *Sexual and Relationship Therapy*, 33(1–2), 113–131. <https://doi.org/10.1080/14681994.2017.1347614>
- Udis-Kessler, A. (1995). Identity/Politics: A history of the bisexual movement. In Tucker, N. (Ed.) *Bisexual politics: Theories, queries, and visions* (pp. 17–30). Routledge.
- Ussher, J. M. (2009). Heterocentric practices. *Feminism & Psychology*, 19(4), 561–567.
- Vale de Almeida, M. (2010). O contexto LGBT em Portugal. In C. Nogueira & J.M. Oliveira, (Eds.) *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género* (pp. 45-92). Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- van Lisdonk, J., & Keuzenkamp, S. (2017). Towards bi-inclusive policies: Suggestions based on research on Dutch same-sex attracted young people. *Sexuality Research & Social Policy*, 14(2), 206–222. <https://doi.org/10.1007/s13178-016-0241-1>
- Velasco, J., Miranda-Tena, A., & Sanmartín, F. J. (2024). Bisexual discrimination, internalized binegativity and their impact on mental health. *Sexuality Research and Social Policy*, 21(3), 1100–1111.
- Veldhuis, C. B., Cascalheira, C. J., Delucio, K., Budge, S. L., Matsuno, E., Huynh, K., Puckett, J. A., Balsam, K. F., Velez, B. L., & Galupo, M. P. (2024). Sexual orientation and gender diversity research manuscript writing guide. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 11(3), 365–396. <https://doi.org/10.1037/sgd0000722>
- Voss, G., Browne, K., & Gupta, C. (2014). Embracing the “and”: Between queer and bisexual theory at Brighton BiFest. *Journal of Homosexuality*, 61(11), 1605-1625.
- Walby, S. (2001). Against epistemological chasms: The science question in feminism revisited. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 26(2), 485-509. <http://doi.org/10.1086/495601>
- Walby, S. (2009). Globalization and inequalities: Complexity and contested modernities. Sage.
- Walby, S. (2020). Varieties of gender regimes. *Social Politics: International Studies in Gender, State and Society*, 27(3), 414-431.
- Walsh, J. (1995). *Psychological aspects of sexual differentiation*. Routledge.
- Wandrey, R. L., Mosack, K. E., & Moore, E. M. (2015). Coming out to family and friends as bisexually identified young adult women. *Journal of Bisexuality*, 15(2), 204–229.
- Wang, A. Y., & Feinstein, B. A. (2022). The perks of being bi+: Positive sexual orientation–related experiences among bisexual, pansexual, and queer male youth. *Psychology of sexual orientation and gender diversity*, 9(1), 58-70. <https://doi.org/10.1037/sgd0000459>
- Warner, M. (1991). Introduction: Fear of a queer planet. *Social Text*, 29, 3–17. <http://www.jstor.org/stable/466295>
- Watson, L. B., Craney, R. S., Greenwalt, S. K., Beaumont, M., Whitney, C., & Flores, M. J. (2021). “I was a game or a fetish object”: Diverse bisexual women’s sexual assault experiences and effects on bisexual identity. *Journal of Bisexuality*, 21(2), 225-261.
- Weasel, L. H. (1996). Seeing between the lines: Bisexual women and therapy. *Women & Therapy*, 19(2), 5-16.
- Weeks, J. (1998). The sexual citizen. *Theory, Culture & Society*, 15(3–4), 35–52.
- Weeks, J. (2003) *Sexuality*. Routledge.
- Weeks, J. (2007). *The world we have won: The remaking of erotic and intimate life*. Routledge

- Welzer-Lang, D. (2008). Speaking out loud about bisexuality: Biphobia in the gay and lesbian community. *Journal of Bisexuality*, 8(1-2), 81-95.
- Whisman, M. A., Sbarra, D. A., & Beach, S. R. H. (2021). Intimate relationships and depression: Searching for causation in the sea of association. *Annual Review of Clinical Psychology*, 17, 233–258. <https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-081219-103323>
- White, J., Sepúlveda, M.J., & Patterson, C.J. (Eds.) (2021) *Understanding the well-being of LGBTQI+ populations*. National Academies Press.
- Williams, D., Dodge, B., Berger, B., Kimbrough, A., & Bostwick, W. B. (2020). Self-Reported Health Concerns and Healthcare Experiences among Diverse Bisexual Men: An Exploratory Qualitative Study. *Journal of Bisexuality*, 20(3), 301–323. <https://doi.org/10.1080/15299716.2020.1822256>
- Willig, C. (1999). Beyond appearances. *Theory & Psychology*, 9(6), 761–777.
- Willig, C. (2013). *Introducing qualitative research in psychology*. McGraw-Hill Education.
- Willig, C., Rogers, W. S., Terry, G., Hayfield, N., Clarke, V., & Braun, V. (2017). Thematic analysis. In *The SAGE Handbook of qualitative research in psychology*. Sage..
- Willis, M. E. (2023). Critical realism and qualitative research. *Qualitative Research in Psychology*, 20(2), 265–288.
- Wittgens, C., Fischer, M. M., Buspavanich, P., Theobald, S., Schweizer, K., & Trautmann, S. (2022). Mental health in people with minority sexual orientations: A meta-analysis of population-based studies. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 145(4), 357-372.
- Wright, J. J., & Burkholder, C. (2025). Mobilising queer joy. *Sexualities*, 28(3), 757–766.
- Yoshino, K. (2000). The epistemic contract of bisexual erasure. *Stanford Law Review*, 52(2), 353–461. <https://doi.org/10.2307/1229482>
- Yoshino, K. (2017). The epistemic contract of bisexual erasure. In S. B. Goldberg (Ed.) *Sexuality and equality law* (pp. 329–352). Routledge.
- Yost, M. R., & Thomas, G. D. (2012). Gender and binegativity: Men’s and women’s attitudes toward male and female bisexuals. *Archives of Sexual Behavior*, 41, 691–702. <https://doi.org/10.1007/s10508-011-9767-8>
- Young, I. M. (1989). Polity and group difference. *Ethics*, 99(2), 250–274.
- Zajac, C., & Godshall, K. C. (2020). Empowerment through accessibility: Community needs assessment data for LGBTQ communities. *Social Work in Public Health*, 35(6), 483-493.
- Zivony, A., & Saguy, T. (2018). Stereotype deduction about bisexual women. *The Journal of Sex Research*, 55(4–5), 666–678. <https://doi.org/10.1080/00224499.2018.1437116>



# ANEXO A: GUIÃO DE ENTREVISTA PARA

## CAPÍTULO 6

### **Introdução** (5 minutos)

- *Apresentação do estudo: o que é? O que pretendemos estudar? Qual o objetivo da entrevista?*

- *Referir aspetos operativos: duração (1h-1h30), gravação áudio.*

- *Recolha de dados biográficos: idade, coletivo a que pertence, género, identidade de género, etc. (Preparar folha informativa para entregar no final do estudo e folha para recolha de dados biográficos).*

### **Apresentação:**

**Estudo 1:** Integrado no projeto de doutoramento sobre bissexualidade em Portugal dando particular importância por um lado às trajetórias ativistas pela bissexualidade conhecendo principais reivindicações e dificuldades e oportunidades e alianças. Além disso, as implicações da bissexualidade enquanto orientação ou identidade sexual para o bem-estar psicossocial e principais estratégias de resiliência/resistência e potencialidades da organização coletiva como plataformas de cuidado.

**Ativismo:** sentido amplo da noção de ativismo e participação no espaço público, por diferentes protagonistas, individuais e coletivos, com diversidade de perfis e formas diferentes de envolvimento e participação.

**Perfil:** ativista bissexual/pela bissexualidade.

*Como sabe estou interessada em aprofundar a relação entre bissexualidade, cidadania sexual e íntima e bem-estar psicossocial e qualidade de vida...*

## **I. BISSEXUALIDADE: ATIVISMOS E DIMENSÃO COLETIVA DA BISSEXUALIDADE**

### **1. Trajetórias e percursos individuais**\_(dimensão individual)

1.1. Surgimento e trajeto percorrido no ativismo bissexual. Como surge este envolvimento?

1. 2. Que pessoas serviram referência nessa trajetória? Que pessoas foram marcantes para o seu percurso enquanto ativista bissexual?

## **2. Participação e mobilização coletiva** (dimensão coletiva)

2.1. Como surge o movimento pela bissexualidade em Portugal?

2.2. Que princípios e reivindicações são reclamados pelos ativistas bissexuais?

2.3. Que atividades e ações têm sido organizadas (exclusivamente pelos ativistas bissexuais e/ou em parceria) no sentido de responder às reivindicações/inquietações do movimento bissexual?

2.4. No caso particular da bissexualidade: que tipo de coletivos/grupos encontra ligações, eventualmente noutros campos (*Por exemplo, comunidades poliamorosas, BDSM, etc..*) Existem? São possíveis?

*(Explorar: Vantagens/desvantagens das alianças)*

2.5. Como se percebem a relação dos ativismos bissexuais no meio LGBT em Portugal?

## **II. ESTEREÓTIPOS, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO SOCIAL EM RELAÇÃO À BISSEXUALIDADE** (Categoria ampla)

1. Na tua experiência, quais os contextos/em que circunstâncias o preconceito contra a bissexualidade (“binegatividade”) se torna mais evidente?

*- Identificar episódios e exemplos.*

2. Na tua experiência quais as ideias que geralmente se encontram associadas às pessoas bissexuais?

3. Considera que o género marca a experiência de ser bissexual? ? O que achas?

4. Considera que o preconceito atravessa também os activismos LGBT (além da sociedade, no geral...)?

5. Quais te parecem ser as possíveis razões por trás do preconceito contra a bissexualidade?

6. No seu ponto de vista, até que ponto estas experiências de estigma social/preconceito contra a bissexualidade interferem no bem-estar das pessoas bissexuais? (ao nível da saúde física, na saúde mental, outras...). *Fale-me um pouco sobre isso...*

*- [Explorar]. Pode dar alguns exemplos?*

7. Como vimos a bissexualidade traz desafios no modo de entender a sexualidade contemporânea. A bissexualidade pode ser o “lugar” para pensar em algo de novo? O que pode trazer a bissexualidade que enriqueça a nossa compreensão da sexualidade humana?

### **III. Comunidades, e Redes Sociais de apoio (formal/informal) enquanto promotoras de *Empowerment***

Considera que é importante criar espaços de visibilidade bissexual? Se sim, podes explicar um pouco?

O que podem oferecer estes espaços para quem neles participa?

Que feitos ao nível do bem-estar? [*Fale-me um pouco sobre isso...*]

No teu caso, participas num grupo/coletivo/, etc., aquilo que retiras dessa experiência serviu para te sentires melhor contigo própria/o?

Participar no grupo favorece o teu bem-estar e qualidade de vida? Em que sentido?

E conhecer autointituladas pessoas bissexuais?

Fizeste amizades no grupo? Foram importantes essas amizades?

### **IV. ESTADO E POLÍTICAS PÚBLICAS**

1. O que falta fazer ao nível das políticas públicas em matéria de bissexualidade?

2. Que respostas consideras que o estado pode dar para contribuir para a melhoria do bem-estar e qualidade de vida das pessoas bissexuais?

3. O que destacarias como prioritário ou urgente?

Conclusão: Agradecer a colaboração e comentar que as transcrições serão enviadas para que a/o participante possa reler o texto e retirar algum excerto se assim entenderem e este não será incluído na análise da entrevista.



# ANEXO B: GUIÃO DE ENTREVISTA PARA

## CAPÍTULO 7

### Guião de entrevista<sup>1</sup>

#### Introdução:

- a. Questões sociodemográficas: *idade, local de residência, identidade de género, dados étnico-raciais, status civil (solteira, casada, divorciada, etc.)*.
  
1. Como sabe estou interessada em conhecer as experiências de pessoas que se identificam de alguma maneira com a bissexualidade. Por isso, gostaria de começar a entrevista por pedir-lhe que descreva qual o seu entendimento de bissexualidade?
2. Qual é a sua opinião sobre a visibilidade deste tema em Portugal?
3. Fale-me agora da sua experiência pessoal, do seu percurso na bissexualidade (enquanto pessoa bi+)
4. Enquanto pessoa que se identifica com a bissexualidade, gostaria agora de conhecer as suas experiências nas relações intimidade (se partilha ou não com as outras pessoa essa característica e porquê. Nas relações amorosas, junto da família, juntos d@ amig@s).
5. Pode por favor descrever a forma como as pessoas com quem se vai cruzando ao longo da vida nos contextos de maior intimidade olham para esta característica (relações amorosas/intimas, família, amigos)?
6. E noutros contextos, como o contexto laboral, nos serviços médicos, fora dessas relações de mais intimidade?
7. O que pensa sobre a forma como a sociedade portuguesa olha para a bissexualidade/pessoas que se identificam com a bissexualidade?
8. Fale-me mais sobre a relação com as outras pessoas. Da sua experiência enquanto bissexual que dificuldades encontra nesse campo?
9. Pode-me falar agora sobre a forma como o género/identidade de género influencia a sua experiência enquanto pessoa bissexual?
10. Já falámos de algumas dificuldades que enfrenta na sua vivência bissexual. Havendo também aspetos positivos, eu gostaria agora que falasse de como a bissexualidade terá

enriquecido a sua experiência pessoal ou até a experiência dos outros? (Pedir exemplos)

11. Muito obrigada por toda a informação valiosa, última questão: existe alguma mais que gostaria de acrescentar ao que já disse, antes de terminarmos?

Agradecer a participação!

# ANEXO C: CONSENTIMENTO INFORMADO PARA CAPÍTULOS 6 e 7

## CONSENTIMENTO INFORMADO

O presente estudo surge no âmbito de um projeto de investigação a decorrer no **Iscte – Instituto Universitário de Lisboa**, no Centro de investigação e intervenção social.

O estudo tem por objetivo estudar o modo como a bissexualidade é percebida nas diferentes esferas da vida em Portugal. Através deste trabalho procuramos dar visibilidade a múltiplas formas de diversidade sexual, afetiva e relacional e estudar as representações sociais da bissexualidade e aspetos ligados ao bem-estar social e individual. A sua participação no estudo, que será muito valorizada, irá contribuir para o avanço do conhecimento neste domínio da ciência, e consistirá na realização de uma entrevista com uma duração de 1h-1h30.

O Iscte é o responsável pelo tratamento dos seus dados pessoais, recolhidos e tratados exclusivamente para as finalidades do estudo, tendo como base legal o seu consentimento [art. 6º, nº1, alínea a).

O estudo é realizado por Mafalda Esteves ([amglr@iscte-iul.pt](mailto:amglr@iscte-iul.pt)) e Prof. Dra. Carla Moleiro ([Carla.Moleiro@iscte-iul.pt](mailto:Carla.Moleiro@iscte-iul.pt)), que poderá contactar caso pretenda esclarecer uma dúvida, partilhar algum comentário ou exercer os seus direitos relativos ao tratamento dos seus dados pessoais. Poderá utilizar o contacto indicado para solicitar o acesso, a retificação, o apagamento ou a limitação do tratamento dos seus dados pessoais.

A participação neste estudo é **confidencial**. Os seus dados pessoais serão sempre tratados por pessoal autorizado vinculado ao dever de sigilo e confidencialidade. O Iscte garante a utilização das técnicas, medidas organizativas e de segurança adequadas para proteger as informações pessoais. É exigido a todos as/os investigadoras/es que mantenham os dados pessoais confidenciais.

Além de confidencial, a participação no estudo é estritamente **voluntária**: pode escolher livremente participar ou não participar. Se tiver escolhido participar, pode interromper a participação e retirar o consentimento para o tratamento dos seus dados pessoais em qualquer momento, sem ter de prestar qualquer justificação. A retirada de consentimento não afeta a legalidade dos tratamentos anteriormente efetuados com base no consentimento prestado.

Os seus dados pessoais serão conservados durante a realização deste estudo e nos 3 anos seguintes à conclusão do mesmo para fins científicos. A partir daí todos os dados serão destruídos de forma permanente, eliminando quais dados pessoais. Todas as pessoas entrevistadas verão garantidas o seu anonimato nos resultados do estudo, apenas divulgados para efeitos estatísticos, de ensino, comunicação em encontros ou artigos científicos.

Não existem riscos significativos expectáveis associados à participação no estudo. Em todo o caso, fornecemos uma lista de recursos disponíveis em Portugal que oferecem apoio psicossocial.

O Iscte não divulga ou partilha com terceiros a informação relativa aos seus dados pessoais. Neste estudo, são divulgados dados pessoais às investigadoras Mafalda Esteves e Prof. Dra. Carla Moleiro.

O Iscte tem um Encarregado de Proteção de Dados, contactável através do email [dpo@iscte-iul.pt](mailto:dpo@iscte-iul.pt). Caso considere necessário tem ainda o direito de apresentar reclamação à autoridade de controlo competente – Comissão Nacional de Proteção de Dados.

**Declaro** ter compreendido os objetivos de quanto me foi proposto e explicado pelo/a investigador/a, ter-me sido dada oportunidade de fazer todas as perguntas sobre o presente estudo e para todas elas ter obtido resposta esclarecedora.

**Aceito** participar no estudo e consinto que os meus dados pessoais sejam utilizados de acordo com a informações que me foram disponibilizadas.

Sim  Não

\_\_\_\_\_ (local), \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_ (data)

**Nome:** \_\_\_\_\_

**Assinatura:** \_\_\_\_\_

## ANEXO D: MATERIAL SUPLEMENTAR para CAPÍTULO 5

**Tabela.**

*Full Search Strategy in Web of Science and Scopus*

Database	#	Search Terms	Results
Web of Science	1	ALL = (bisexuality or bisexuals* or bi+ or bisexual umbrella or parasexuality or pansexuals* or plurisectality or plurisexuals* or nonmonosexuality or nonmonosexuals*) AND = (psychology AND PY = (2010-2024)	163
Scopus	1	TITLE-ABS-KEY (bisexuality or bisexuals* or bi or "bisexual identity" or "plurisexual identity" or "monosexual identity"* or plurisexuals* or bi people or pansexuality* or "bisexual umbrella") AND PUBYEAR > 2009 AND PUBYEAR < 2024 AND (LIMIT-TO (SUBJAREA , "PSYC") ) AND (LIMIT-TO (DOCTYPE , "ar") ) AND (LIMIT-TO (LANGUAGE, "English") OR LIMIT-TO (LANGUAGE, "Spanish") OR LIMIT-TO (LANGUAGE, "Portuguese") )	741